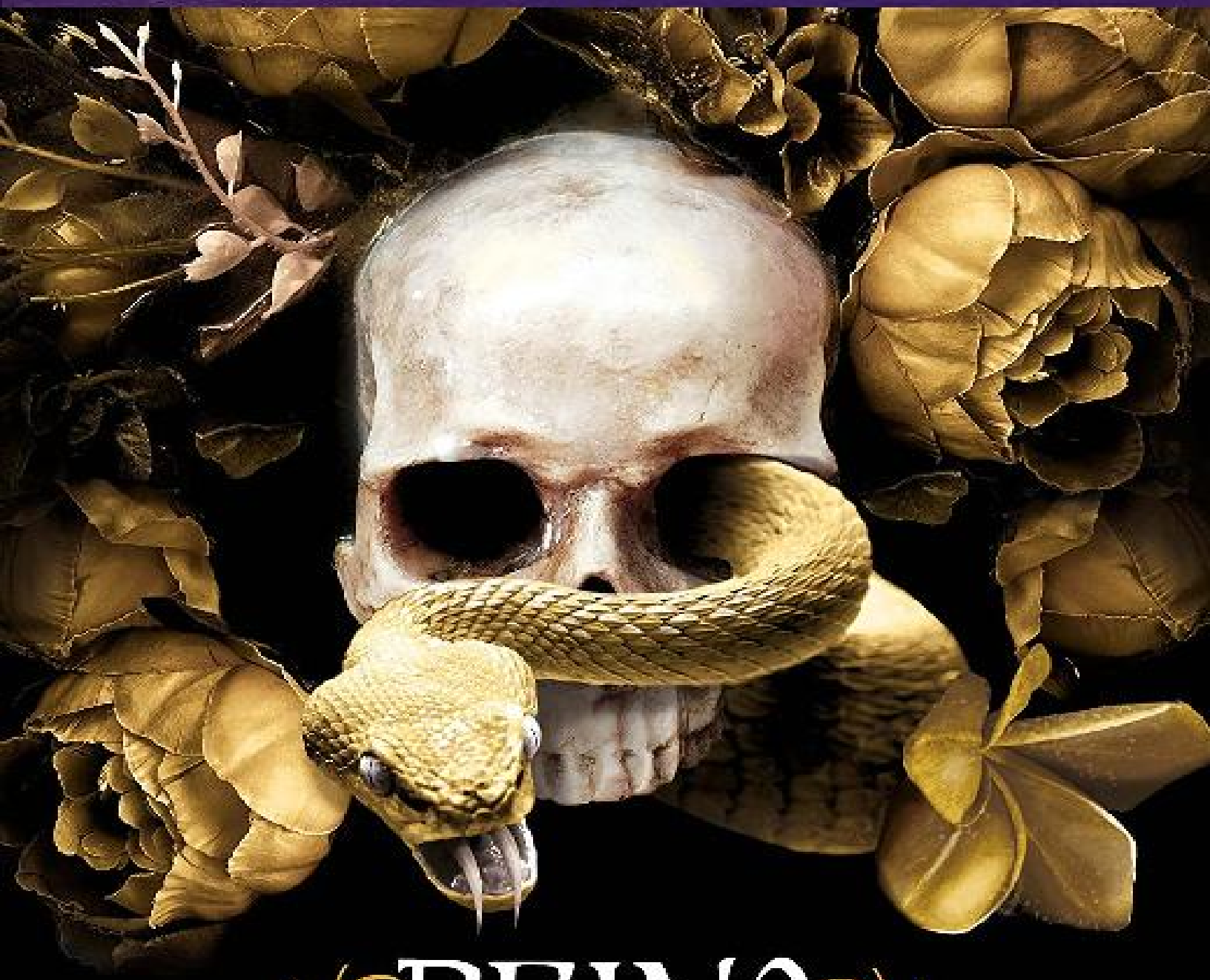
JAMES PATTERSON APRESENTA



REINO DAS BRUXAS

IRMANDADE MÍSTICA

DARKSIDE

KERRI MANISCALCO

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

Table of Contents

PRÓLOGO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO

QUARENTA E QUATRO

QUARENTA E SEIS

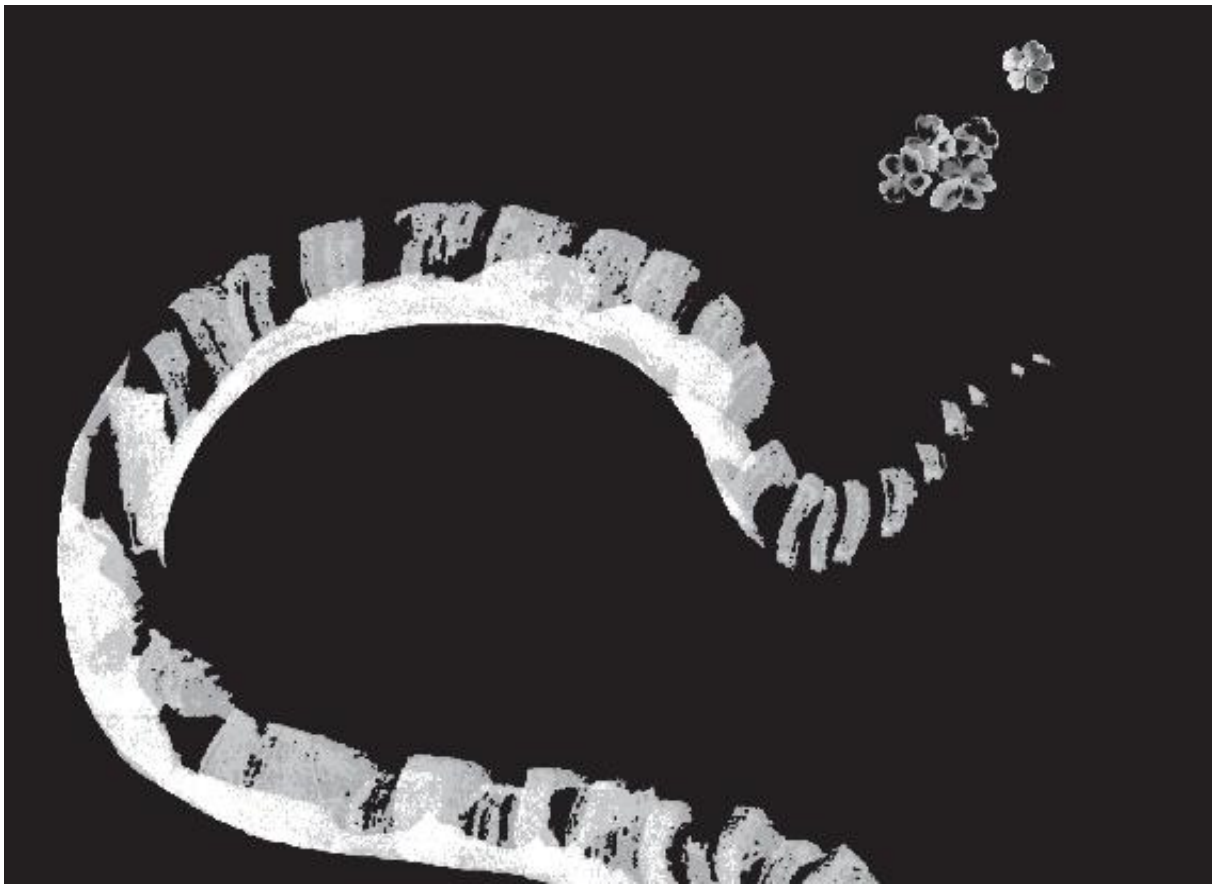
QUARENTA E SETE

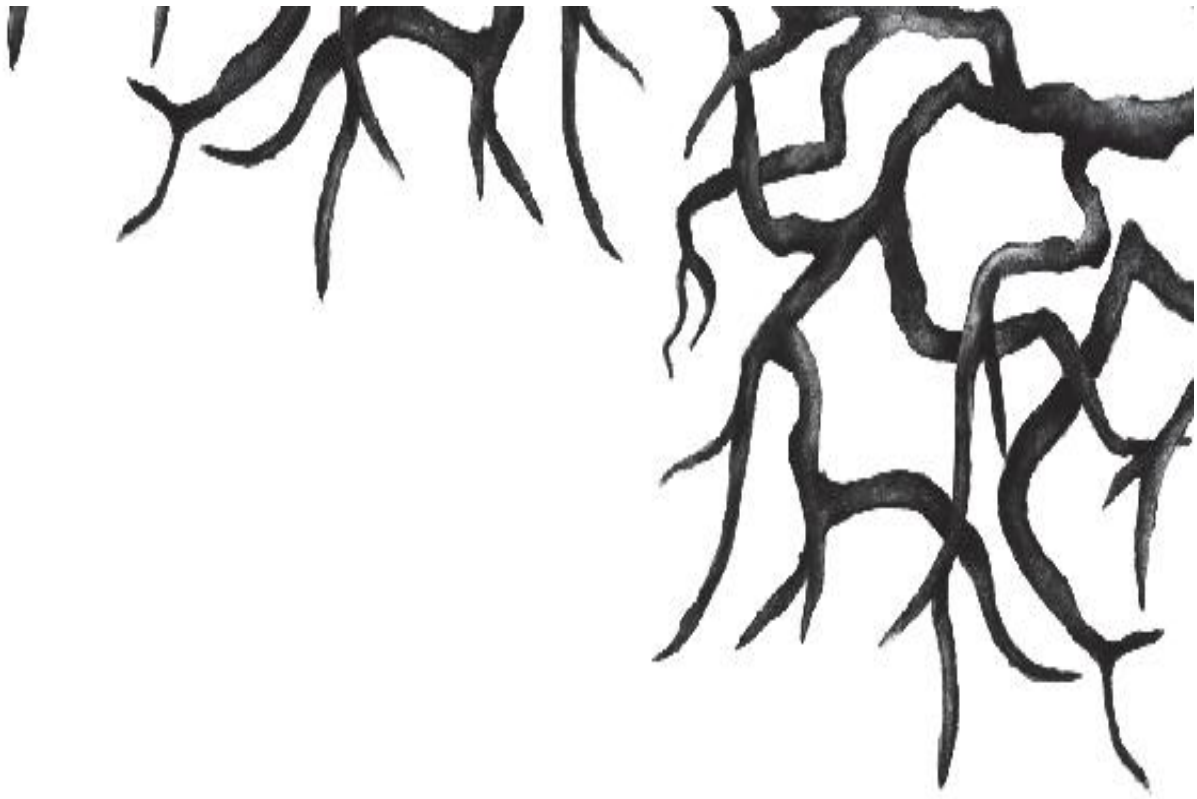
QUARENTA E OITO

Para a minha avó Victoria Marie Nucci e minha tia Caroline Nucci.

E para meus bisavós - que imigraram da Sciacca, Sicília, para os Estados Unidos - que o restaurante inspirou grande parte dessa história.

Isso pode ser uma fantasia, mas o amor de família encontrado nessas páginas é muito real.





PRÓLOGO

Do lado de fora, o vento sacudiu os sinos de madeira em aviso. À distância, ondas batiam contra a costa; os burburinhos frenéticos da água ficando mais altos, como se o mar fosse um mago convocando violência. Nesta data – por quase uma década agora – a tempestade seguia o mesmo padrão. Em seguida, o trovão chegaria mais rápido do que a maré, com raios estalando chicotes elétricos em um céu implacável. O diabo exigia retribuição. Um sacrifício de sangue pelo poder roubado.

Não era a primeira vez que ele tinha sido amaldiçoado por bruxas, nem seria a última.

De sua cadeira de balanço perto do fogo, Nonna Maria monitorava as gêmeas enquanto elas entoavam feitiços de proteção ensinados por ela, um *cornicello* firmemente preso em cada um de seus pequenos punhos. Empurrando as rajadas uivantes de sua mente, ela ouviu atentamente as palavras que Vittoria e Emilia sussurravam sobre os amuletos em forma de chifre, suas cabeças escuras iguais inclinadas em concentração.

— Pela terra, pedra e luar, abençoe esta lareira, abençoe este lar.

Era o início do oitavo ano de suas vidas e Nonna tentava não se preocupar com a rapidez com que estavam crescendo. Ela puxou o xale para mais perto, incapaz de evitar ter calafrios na pequena cozinha. Tinha pouco a ver com a temperatura lá fora. Por mais que ela tentasse ignorar, o enxofre se infiltrava pelas rachaduras junto com a familiar brisa com aroma de jasmim-manga e flores de laranjeira, levantando o cabelo grisalho que ela tinha prendido do pescoço. Se ela estivesse viva, sua própria avó humana teria chamado isso de mal agouro e passaria a noite de joelhos na catedral, com o rosário bem apertado entre as mãos, rezando aos santos.

O diabo estava à espreita. Ou um de seus irmãos perversos estava.

Um fragmento de preocupação deslizou tão rápida e suavemente quanto uma de suas facas de aparar,

alojando-se perto do coração de Nonna. Tinha sido uma eternidade desde a última vez que haviam avistado os Malvagi. Quase ninguém mais falava dos Perversos, exceto em histórias contadas para assustar as crianças para que ficassem em suas camas à noite.

Agora, os adultos riam das velhas lendas populares, quase se esquecendo dos sete príncipes governantes do Inferno. Nonna Maria nunca esqueceria; suas lendas estavam gravadas em sua mente, marcando-a com uma sensação profunda de pavor. A área entre seus ombros formigou como se seus olhos de meia noite estivessem sobre ela, observando das sombras. Era apenas uma questão de tempo até que viessem procurar.

Se eles já não tivessem começado. Ninguém roubava do diabo e saía impune.

Seu foco disparou de volta para as gêmeas. Como o agitado Mar Tirreno, havia uma inquietação sobre elas esta noite. Uma que dizia que problemas invisíveis viriam. Os encantos de Vittoria eram apressados e Emilia tropeçava nos dela, tentando acompanhar.

Um galho estalou no fogo, rapidamente seguido por outro. O som era como ossos da sorte sendo quebrados sobre seus livros de feitiço; um aviso por si só. Nonna agarrou os braços da sua cadeira de balanço, os nós dos dedos ficando da cor das amêndoas esbranquiçadas sobre o balcão.

— *Calmati!* Não tão rápido, Vittoria — ela repreende. — Você terá que começar de novo se não fizer direito. Você quer juntar terra de túmulo sozinha no escuro?

Para desânimo de Nonna, Vittoria não parecia tão assustada quanto deveria. A ideia de vagar por um cemitério sob a luz da lua cheia e no meio de uma tempestade violenta parecia atraente para a criança. Ela franziu os lábios antes de balançar levemente a cabeça.

Mas foi Emilia quem respondeu, lançando um olhar de advertência à irmã.

— Vamos ser mais cuidadosas, Nonna.

Para provar seu ponto, Emilia ergueu o frasco de água benta que elas conseguiram do mosteiro e o derrubou sobre seus amuletos, deixando uma gota chiar sobre cada um. Prata e ouro. Uma oferta de equilíbrio entre luz e trevas. Um presente pelo que foi roubado tantos anos atrás.

Assim como acima, também abaixo.

Pacificada, Nonna observou enquanto terminavam seu feitiço, ficando aliviada quando faíscas brancas subiram nas chamas antes de queimarem vermelhas novamente. Mais um ano, mais uma vitória. Elas enganaram o diabo mais uma vez. Eventualmente, chegaria o dia em que os feitiços não funcionariam, mas Nonna se recusava a pensar sobre isso agora. Ela olhou para o peitoril da janela,

satisfeita com as fatias de laranja secas dispostas em fileiras regulares.

Raminhos de lavanda estavam pendurados para secar sobre a lareira, e a pequena ilha de pedra da cozinha estava coberta com farinha e ervas aromáticas esperando para serem amarradas em cachos organizados. Verbena, manjericão, orégano, salsa e folhas de louro. Os aromas se misturavam agradavelmente. Algumas eram para o jantar de comemoração e outras para seus feitiços. Agora que o ritual de proteção tinha sido concluído, elas podiam desfrutar de sua refeição.

Nonna olhou para o relógio na lareira; sua filha e seu genro chegariam logo do restaurante da família, trazendo consigo risadas e calor.

Com tempestades e agouros ou não, tudo estaria bem na casa dos Di Carlo.

As chamas se acalmaram e Emilia recostou-se, roendo as unhas. Um hábito desagradável que Nonna estava determinada a quebrar. A criança cuspiu uma lasca de unha e foi jogá-la no chão.

— Emilia! — A voz de Nonna soou alta na pequena sala. A criança se sobressaltou, abaixando a mão e dando um olhar envergonhado. — No fogo! Você sabe que não deve deixar coisas para aqueles que praticam *le arti oscure.*

— Desculpe, Nonna. — Emilia murmurou. Ela mordeu o lábio, e sua avó esperou pela pergunta que ela sabia que estava vindo. — Você vai nos contar sobre as artes das trevas de novo?

— Ou sobre os Malvagi? — Vittoria acrescentou, sempre interessada em histórias sobre os Perversos. Mesmo nas noites em que elas eram proibidas de pronunciar tais nomes. — Por favor?

— Não devemos falar de coisas sombrias em voz alta. É um convite a problemas.

— São apenas histórias, Nonna. — Emilia disse baixinho.

Quem dera fossem apenas isso. Nonna Maria traçou um feitiço de proteção sobre seu coração, terminando com um beijo na ponta dos dedos, e exalou. As gêmeas trocaram sorrisos triunfantes. Era impossível esconder as lendas das garotas, por mais que enchessem suas cabeças de sonhos com os sete príncipes do Inferno. Nonna temia que elas romantizassem demais os demônios. Era melhor, ela decidiu, lembrá-las porque elas deveriam ser cautelosas com belas criaturas sem alma.

— Lavem suas mãos e me ajudem a enrolar a massa. Eu vou falar enquanto vocês fazem a *busiate.*

Seus sorrisos iguais aqueceram os calafrios que ainda persistiam em Nonna, provocados pela tempestade e seu aviso. O macarrão parafuso servido com pesto de tomate

era um dos pratos favoritos das meninas. Elas ficariam satisfeitas em encontrar a cassata já esperando na caixa de gelo. Embora o bolo esponja de ricota doce fosse uma especialidade da Páscoa, as garotas amavam em seu aniversário.

Mesmo com todas as precauções, Nonna não tinha certeza de quanta doçura permaneceria em suas vidas e as mimava com frequência. Não que ela precisasse de um incentivo extra para fazer isso. O amor de uma avó era seu próprio tipo de magia poderosa.

Emilia tirou o almofariz e o pilão da prateleira, o rosto tenso de concentração enquanto juntava azeite, alho, amêndoas, manjericão, pecorino e tomates cereja para o pesto ala Trapanese. Vittoria removeu o pano úmido do monte de massa e começou a enrolar a massa como Nonna havia lhe ensinado. Oito anos de idade e elas já sabiam como se virar na cozinha. Não era surpreendente. Entre sua casa e o restaurante, elas praticamente cresceram em uma. Ambas olharam para cima através dos cílios grossos, suas expressões idênticas máscaras de antecipação. Vittoria disse impaciente:

— Bem? Você vai nos contar uma história?

Nonna suspirou.

— Existem sete príncipes demônios, mas apenas quatro que os Di Carlo’s devem temer: Wrath, Greed, Envy

e Pride. Um vai ansiar por seu sangue. Um irá capturar seu coração. Um vai roubar sua alma. E um vai tirar sua vida.

— Os Perversos — Vittoria sussurrou, seu tom quase reverente.

— Os Malvagi são príncipes demônios que perseguem a noite, em busca de almas para roubarem para seu rei, o diabo, sua fome voraz e inflexível, até que o amanhecer os afugente — Nonna continuou, balançando-se lentamente na cadeira. A madeira rangia, cobrindo o som da tempestade. Ela acenou com a cabeça na direção de suas tarefas, certificando-se de que elas cumprissem com sua parte da barganha. As meninas fixaram-se em seu trabalho. — Os sete príncipes estão tão corrompidos pelo pecado que, quando entram em nosso mundo, não suportam estar na luz e são amaldiçoados a se aventurarem apenas quando está escuro. Foi um castigo dado pela La Prima Streghe, há muitos anos. Muito antes do homem vagar pela terra.

— Onde está a Primeira Bruxa agora? — Emilia perguntou, uma ponta de ceticismo rastejando em sua pequena voz. — Por que ela não foi vista?

Nonna pensou com cuidado.

— Ela tem suas razões. Devemos respeitá-las.

— Como são os príncipes demônios? — Vittoria perguntou, embora ela já devesse ter essa parte memorizada.

— Eles parecem humanos, mas seus olhos de ébano são tingidos de vermelho e sua pele é dura como pedra. Faça o que fizer, você nunca deve falar com um Perverso. Se você os vir, se esconda. Depois que você chama a atenção de um príncipe demônio, ele não vai parar por nada até te reivindicar. Eles são criaturas da meia noite, nascidos das trevas e do luar. E eles procuram apenas destruir. Protejam seus corações; se tiverem a chance, eles vão arrancá-los de seus peitos e tomar seu sangue enquanto evaporam na noite.

Não importava que eles eram criaturas sem alma que pertenciam ao diabo, ou que eles iriam matá-las à vista, as gêmeas estavam encantadas por esses príncipes do Inferno sombrios e misteriosos. Uma mais do que a outra, como o destino prescreveu.

— Mas *como* saberemos quando encontramos um? — Vittoria perguntou. — E se não pudermos ver seus olhos?

Nonna hesitou. Elas já tinham ouvido muito, e se a antiga profecia fosse verdadeira, ela temia que o pior ainda estivesse por vir.

— Vocês apenas saberão.

As envolvendo na tradição familiar, Nonna Maria ensinou-lhes maneiras mágicas de se esconderem tanto de humanos quanto das criaturas da meia-noite. Todos os anos, em seu aniversário, elas colhiam ervas do minúsculo jardim atrás de sua casa e faziam feitiços de proteção.

Elas usavam amuletos abençoados com água benta, terra de túmulo recém-removida e raios cintilantes de luar. Elas recitavam palavras de proteção e nunca falavam dos Malvagi quando a lua estava cheia. Mais importante, elas nunca ficavam sem seus amuletos.

O *cornicello* de Emilia era feito de prata e o de Vittoria, de ouro. As meninas não tinham permissão de juntá-los, ou algo terrível iria acontecer. De acordo com Nonna, seria como forçar o sol e a lua a compartilharem o céu, levando o mundo a um crepúsculo eterno. Então, os príncipes do Inferno poderiam escapar de sua prisão de fogo para sempre, assassinando e roubando almas de inocentes até que o mundo humano se transformasse em cinzas – como seu reino de pesadelos.

Depois que elas devoraram o jantar e o bolo, a mãe e o pai das gêmeas lhes deram um beijo de boa noite. Amanhã elas começariam a ajudar na cozinha movimentada do restaurante da família, seu primeiro serviço de jantar de verdade. Excitadas demais para dormir, Emilia e Vittoria riam no colchão compartilhado, apontando seus amuletos de chifre uma para a outra como pequenas espadas de fada, fingindo lutarem contra os Malvagi.

— Quando eu crescer, quero ser uma bruxa verde — disse Emilia mais tarde, aninhada nos braços da irmã. — Vou cultivar todos os tipos de ervas. E vou ter minha

própria trattoria. Meu menu será feito de magia e luz da lua. Como a Nonna.

— O seu será ainda melhor. — O aperto de Vittoria aumentou em conforto. — Até lá eu serei a Rainha, e vou me certificar de que você tenha o que quiser.

Uma noite elas decidiram ser corajosas. Quase um mês havia se passado desde seu oitavo aniversário e as terríveis advertências de Nonna Maria pareciam ter sido há uma vida inteira. Vittoria empurrou seu amuleto para a irmã, sua expressão determinada.

— Aqui — ela comandou —, pegue.

Emilia hesitou por apenas um minuto antes de apertar o chifre dourado na palma da mão.

Uma luz brilhante cor de lavanda explodiu de seus amuletos, assustando Emilia o suficiente para que ela deixasse cair o colar de sua irmã. Vittoria prendeu-o de volta no lugar a que pertencia, os olhos castanhos arregalados enquanto a luz brilhante desaparecia abruptamente. Ambas as meninas permaneceram em silêncio. Se por medo ou fascinação, elas não podiam ter certeza. Emilia flexionou a mão, tentando entender a sensação de formigamento sob sua pele. Vittoria observou; seu rosto escondido nas sombras.

Perto dali, um cão infernal uivou para a lua, embora mais tarde elas tivessem se convencido de que era apenas o vento rugindo nas ruas apertadas de seu bairro. Elas

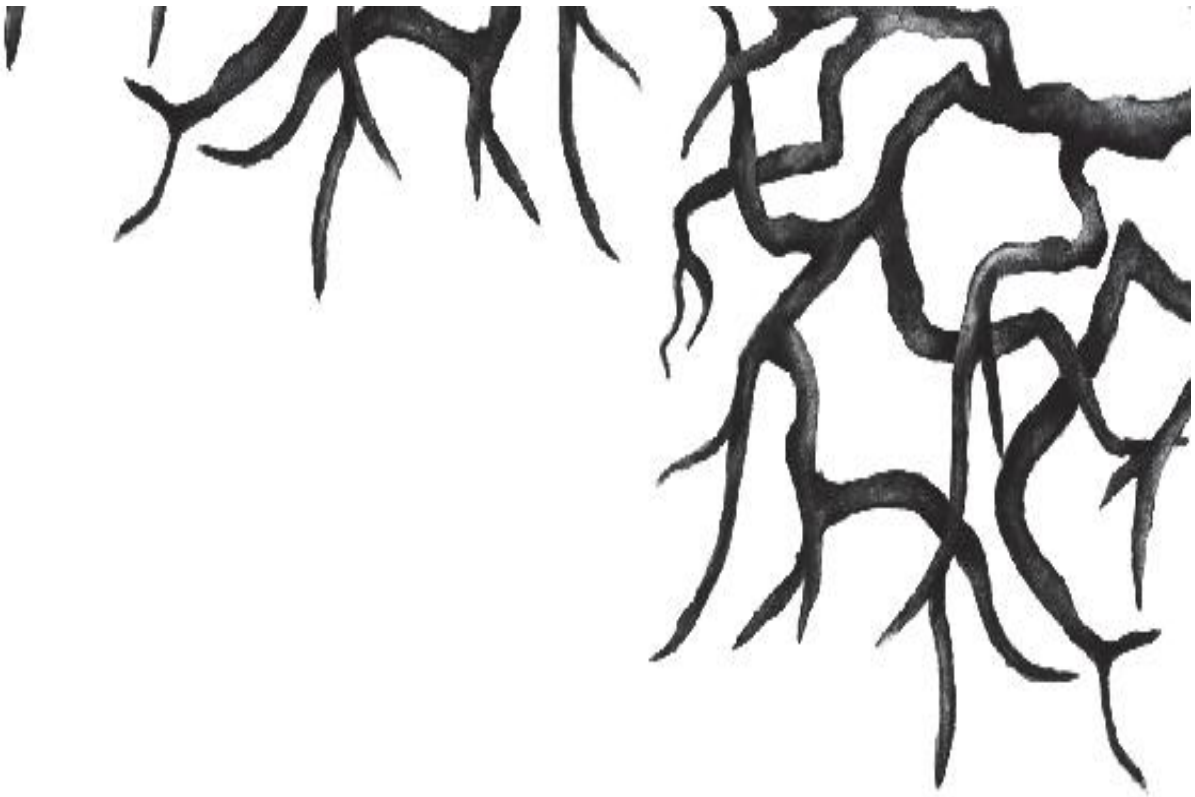
nunca contaram a ninguém o que tinham feito e nunca falaram da estranha luz púrpura.

Nem mesmo uma para a outra. E, especialmente, não para Nonna Maria.

Já que elas fingiram que o incidente nunca aconteceu, Emilia não disse à irmã que ela havia mudado irrevogavelmente – daquela noite em diante, sempre que segurava o *cornicello* e se concentrava, via o que chamava de *luccicare*. Um leve brilho ou aura em torno de uma pessoa.

As únicas exceções eram ela mesma e sua irmã gêmea.

Se Vittoria também possuía esse novo talento, ela nunca admitiu. Foi o primeiro dos muitos segredos que as gêmeas esconderiam uma da outra. E se provaria mortal para uma.



UM

Dez anos depois

Nonna Maria zunia pela cozinha como se tivesse bebido cada gota de café expresso do nosso restaurante. Seu humor estava completamente frenético. Minha gêmea estava atrasada para o serviço do jantar, e nossa avó viu isso como um presságio da desgraça, especialmente porque Vittoria estava fora na noite anterior a um dia sagrado. Que a deusa nos livre.

O fato da lua não estar apenas cheia, mas também de um tom pútrido de amarelo, fez Nonna murmurar o tipo de advertências que faziam meu pai trancar as portas. Felizmente, ele e o Tio Nino estavam na sala de jantar com uma garrafa gelada de limoncello, servindo bebidas após o jantar para nossos clientes. Ninguém saía do Mar & Vinha sem tomar um gole do licor de sobremesa e sentir a satisfação e o êxtase absolutos que seguem uma boa refeição.

— Zombe de mim o quanto quiser, mas não é seguro. Demônios estão rondando as ruas, em busca de almas para roubar. — Nonna picava dentes de alho para o scampi, a faca voando pela tábua de corte. Se ela não tomasse cuidado, perderia um dedo. — Sua irmã é uma tola por estar fora. — Ela parou, imediatamente mudando sua atenção para o pequeno amuleto em forma de chifre em

volta do meu pescoço. Linhas de preocupação abriram um caminho profundo ao redor de seus olhos e boca. — Você viu se ela estava usando o *cornicello,* Emilia?

Eu não me incomodei em responder. Nunca tirávamos nossos amuletos, nem mesmo durante o banho. Minha irmã quebrava todas as regras, exceto essa. Especialmente depois do que aconteceu quando tínhamos oito anos... Eu fechei meus olhos brevemente, desejando que a memória fosse embora. Nonna ainda não sabia sobre o *luccicare* que eu podia ver brilhando ao redor dos humanos enquanto segurava meu amuleto, e eu esperava que ela nunca soubesse.

— Mamma, por favor. — Minha mãe ergueu o olhar para o teto como se a deusa do céu pudesse enviar uma resposta às suas orações na forma de um raio. Eu não tinha certeza se o raio era para Nonna ou para minha mãe. — Vamos terminar o serviço de jantar antes de nos preocupar com os Perversos. Temos problemas mais urgentes no momento. — Ela acenou com a cabeça para a frigideira. — O alho está começando a queimar.

Nonna resmungou algo que suspeitamente se parecia como *"Assim como as almas no Inferno se não as salvarmos, Nicoletta"*, e eu mordi meu lábio para não sorrir.

— Algo está terrivelmente errado, eu sinto em meus ossos. Se Vittoria não chegar em casa logo, irei procurá-la eu mesma. Os Malvagi não ousarão roubar sua alma perto

de mim. — Nonna desceu o cutelo sobre uma cavala desavisada, sua cabeça caindo no chão de calcário.

Eu suspirei. Poderíamos tê-la usado para fazer caldo de peixe. Nonna estava realmente ficando nervosa. Foi ela quem nos ensinou o valor de usar cada parte de um animal.

Ossos, no entanto, só podiam ser usados para estoques, não para feitiços. Pelo menos essas eram as regras para nós Di Carlo's. *Le arti oscure* era estritamente proibida. Eu coloquei a cabeça do peixe em uma tigela para dar aos gatos do beco mais tarde, banindo os pensamentos sobre as artes das trevas.

Servi um pouco de vinho gelado para Nonna, adicionando fatias de laranja e cascas açucaradas para adoçar. Em alguns momentos, a condensação florescia como como o orvalho matinal no vidro. Estávamos no meio de Julho em Palermo, o que significava que o ar era abafado à noite, mesmo com as janelas abertas, soprando uma brisa.

Estava especialmente quente na cozinha agora, embora durante os meses mais frios, eu ainda usasse meu longo cabelo preso por causa das altas temperaturas criadas por nossos fogões.

Mar & Vinha, a trattoria da família Di Carlo, era conhecida em toda a Sicília por nossa comida pecaminosamente deliciosa. Todas as noites, nossas mesas

ficavam lotadas de clientes famintos, todos esperando para comer as receitas de Nonna. Filas se formavam no final da tarde, independentemente do tempo. Nonna dizia que ingredientes simples era seu segredo, junto com um toque de magia. Ambas as afirmações eram verdadeiras.

— Aqui, Nonna. — Não deveríamos usar magia fora de nossa casa, mas sussurrei um feitiço rápido e, usando a condensação gotejando na pedra, deslizei a bebida ao longo do balcão na frente dela. Ela fez uma pausa longa o suficiente em sua preocupação para tomar um gole do doce vinho tinto. Minha mãe agradeceu sem fazer som quando minha avó estava de costas, e eu sorri.

Eu não tinha certeza do porque Nonna estava tão agitada esta noite. Ao longo das últimas semanas – começando por volta do nosso aniversário de dezoito anos – minha irmã gêmea faltou a alguns serviços de jantar, e tinha escapado bem depois do pôr do sol, suas bochechas cor de bronze douradas e seus olhos escuros brilhantes. Havia algo diferente nela. E eu tinha uma forte suspeita de que era por causa de um certo jovem vendedor no mercado.

Domenico Nucci Junior.

Eu dei uma olhada em seu diário e vi o nome dele rabiscado nas margens antes que a culpa me dominasse e eu o enfiasse de volta sob o piso, onde ela o escondia. Nós ainda dividíamos o quarto no segundo andar de nossa casa

pequena e lotada, então felizmente ela não percebeu minha espionagem.

— Vittoria está bem, Nonna. — Entreguei a ela um pouco de salsa fresca para enfeitar o camarão. — Eu disse que ela está flertando com o garoto Nucci que vende aracini para sua família perto do castelo. Tenho certeza que ele está ocupado com todas as celebrações pré-festival esta noite. Aposto que ela está distribuindo bolinhos de arroz frito para todos que exageram. Eles precisam de algo para absorver todo aquele vinho sacramental. — Eu pisquei, mas o medo da minha avó não diminuiu. Eu abaixei o resto da salsa e a abracei. — Nenhum demônio está roubando a alma dela, ou comendo seu coração. Eu prometo. Ela estará aqui em breve.

— Um dia espero que você leve a sério os sinais da deusa, bambina.

Talvez um dia. Mas eu tinha ouvido histórias sobre príncipes demônios de olhos vermelhos minha vida inteira e não tinha conhecido um ainda. Eu não estava muito preocupada que as coisas fossem mudar de repente agora. Onde quer que os Perversos tivessem ido, parecia ser permanente. Eu os temia tanto quanto me preocupava com os dinossauros repentinamente voltando da extinção para dominar Palermo. Deixei a Nonna com o scampi e sorri enquanto a música se filtrava entre os sons de facas cortando e colheres mexendo. Era meu tipo favorito de

sinfonia – uma que me permitia focar inteiramente na alegria da criação.

Eu inalei o cheiro perfumado de alho e manteiga.

Cozinhar era magia e música combinadas. O estalo de conchas, o silvo de pancetta atingindo uma panela quente, o barulho metálico de um batedor de claras batendo na lateral de uma tigela, até mesmo o baque rítmico de um cutelo contra uma tábua de cortar de madeira. Eu adorava cada parte de estar em uma cozinha com minha família. Eu não podia imaginar uma maneira mais perfeita de passar uma noite.

Mar & Vinha era o meu futuro e prometia ser cheio de amor e luz. Especialmente se eu economizasse dinheiro o suficiente para comprar o prédio ao lado e expandir nosso negócio familiar. Eu estive experimentando novos sabores de toda a Itália e queria criar meu próprio cardápio um dia.

Minha mãe cantarolava enquanto moldava o marzipã em formas de frutas.

— Ele é um bom menino. Domenico. Ele seria uma boa combinação para Vittoria. A mãe dele é sempre simpática.

Nonna jogou a mão coberta de farinha no ar, acenando como se a ideia de um noivado com um Nucci fedesse pior do que as ruas perto do mercado de peixes.

— Bah! Ela é muito jovem para se preocupar com casamento. E ele não é Siciliano.

Minha mãe e eu balançamos a cabeça. Tive a sensação de que as raízes Toscanas dele tinham pouco a ver com a desaprovação de Nonna. Se as coisas fossem do jeito dela, viveríamos em nossa casa ancestral – em nosso pequeno quarteirão de Palermo – até que nossos ossos virassem pó. Nonna não acreditava que mais ninguém pudesse cuidar de nós tão bem quanto ela. Especialmente um mero garoto humano. Domenico não nasceu de uma bruxa como meu pai e, portanto, Nonna achava que ele nunca poderia saber totalmente de nosso segredo.

— Ele nasceu aqui. Sua mãe é daqui. Tenho certeza que isso o torna Siciliano — eu disse. — Pare de ser rabugenta. Não combina com alguém tão doce quanto você.

Ela pigarreou, ignorando minha tentativa descarada de encantá-la. Teimosa como uma mula, como diria meu avô. Ela pegou sua colher de pau entalhada e a apontou na minha direção.

— As sardinhas nadaram sozinhas até a areia da praia. As gaivotas não tocaram nelas. Você sabe o que isso significa? Significa que *elas não* são bobas. O diabo está agitando os mares, e eles não se meterão com suas oferendas.

— Mamma — minha mãe gemeu e colocou a pasta de amêndoa na mesa. — Um barco transportando querosene

bateu nas rochas ontem à noite. O óleo matou os peixes, não o diabo.

Nonna lançou a minha mãe um olhar que colocaria almas menores em seus joelhos.

— Você sabe tão bem quanto eu que é um sinal de que os Malvagi chegaram, Nicoletta. Eles vieram para cobrar. Você ouviu falar dos corpos. O momento coincidiu com o que foi predito. Isso também é coincidência?

— Corpos? — Minha voz subiu várias oitavas. — Do que vocês estão falando?

Nonna fechou a boca com força. Minha mãe virou a cabeça, esquecendo-se do marzipã de novo. Um olhar passou entre elas, tão profundo e significativo que arrepios subiram pela minha espinha.

— Que corpos? — Eu cutuquei. — O que foi predito?

Nosso restaurante estava mais ocupado do que o normal enquanto nos preparávamos para o fluxo de pessoas que compareceriam ao festival de amanhã, e já fazia dias desde que eu ouvi fofocas circulando pelo mercado. Eu não tinha ouvido nada sobre corpos.

Minha mãe deu a minha avó um olhar que dizia: *Você começou isso, você termina,* e voltou a moldar seus doces. Nonna se acomodou em uma cadeira que mantinha perto da janela, apertando seu vinho com força. Uma brisa aliviou o calor opressivo. Seus olhos se fecharam gradativamente, como se estivessem mergulhando. Ela

parecia exausta. O que quer que estivesse acontecendo, era ruim.

— Nonna? Por favor. O que aconteceu?

— Duas garotas foram assassinadas semana passada. Uma em Sciacca. E uma aqui. Em Palermo.

Sciacca – uma cidade portuária de frente para o Mar Mediterrâneo – ficava quase diretamente ao sul de nós. Era uma pequena joia em uma ilha repleta de tesouros visuais. Eu não conseguia imaginar um assassinato lá. O que era ridículo, já que a morte não discrimina entre paraíso e inferno.

— Isso é horrível. — Abaixei minha faca, o pulso acelerado. Olhei para minha avó. — Elas eram... humanas?

O olhar triste de Nonna disse tudo. *Streghe.* Eu engoli em seco. Não era de admirar que ela estivesse falando sobre o retorno dos Perversos. Ela estava imaginando uma de nós descartada na rua, nossas almas sendo torturadas por demônios no Inferno enquanto nosso sangue escorregava por rachaduras na pedra, reabastecendo a magia da Terra. Estremeci apesar do suor escorrendo em minha testa. Eu não sabia o que fazer com a informação sobre os assassinatos.

Nonna frequentemente me repreendia por ser muito cética, mas eu ainda não estava convencida de que os Malvagi eram os culpados. Velhas lendas clamavam que os Perversos eram enviados para fazer acordos e buscar

almas para o diabo, não matar. E ninguém os tinha visto vagando por nosso mundo em pelo menos cem anos.

Humanos se matavam o tempo todo, no entanto, e definitivamente nos atacavam quando suspeitavam do que éramos. Sussurros de um novo bando de caçadores de *Streghe* chegaram a nós semana passada, mas não vimos nenhuma evidência deles. Mas agora... se bruxas estavam sendo assassinadas, eu estava mais inclinada a acreditar que os fanáticos humanos eram os culpados. O que significava que precisávamos ser ainda mais cuidadosas para evitar descobertas. Chega de feitiços simples onde podíamos ser vistas. Eu tendia a ser excessivamente cautelosa, mas minha irmã não era. Sua forma favorita de se esconder era não se esconder.

Talvez Nonna estivesse certa em estar preocupada.

— O que você quis dizer sobre os Malvagi vindo para coletar? — Eu perguntei. — Ou de ser predito?

Nonna não parecia feliz com minha linha de questionamento, mas viu a determinação em meus olhos e sabia que eu continuaria perguntando. Ela suspirou.

— Há histórias que afirmam que os Perversos retornarão à Sícilia a cada poucas semanas, começando agora, em busca de algo que foi roubado do diabo.

Esta lenda era nova.

— O que foi roubado?

Minha mãe parou por um momento, antes de voltar a moldar o marzipã. Nonna bebeu seu vinho com cuidado, olhando para ele como se pudesse adivinhar o futuro na polpa que flutuava na superfície.

— Uma dívida de sangue.

Eu levantei minhas sobrancelhas. Isso não soava nem um pouco agourento. Antes que eu pudesse interrogá-la mais, alguém bateu na porta lateral por onde trazíamos os suprimentos. No meio da conversa na pequena sala de jantar, meu pai chamou o Tio Nino para entreter os convidados do jantar. Passos soaram pelo corredor e a porta se abriu.

— *Buonasera,* signore Di Carlo. Emilia está aqui?

Eu reconheci a voz profunda e sabia o que ele veio pedir. Havia apenas uma razão pela qual Antonio Vicenzu Bernardo, o membro mais recente da sagrada irmandade, me chamava aqui. O mosteiro próximo dependia muito de doações e caridade, então uma ou duas vezes por mês eu preparava o jantar para eles em nome do restaurante de nossa família.

Nonna já estava balançando a cabeça enquanto eu enxugava minhas mãos em uma toalha e colocava meu avental na ilha. Alisei a frente da minha saia escura, encolhendo-me um pouco com a farinha respingada em meu corpete. Eu parecia uma rainha das cinzas e provavelmente cheirava a alho.

Eu segurei um suspiro. Dezoito anos e romanticamente condenada para sempre.

— Emilia... por favor.

— Nonna, já tem muita gente nas ruas festejando antes do festival amanhã. Prometo que vou ficar na estrada principal, fazer o jantar rapidamente e pegar Vittoria no caminho de volta. Estaremos em casa antes que você perceba.

— Não. — Nonna estava fora de sua cadeira, conduzindo-me de volta como uma galinha rebelde em direção à ilha e a minha tábua de corte abandonada. — Você não deve sair daqui, Emilia. Não hoje a noite. — Ela agarrou seu próprio *cornicello,* sua expressão suplicante. — Deixe outra pessoa doar comida, ou você vai se juntar aos mortos naquele mosteiro.

— Mamma! — Minha mãe repreendeu. — Que coisa para dizer!

— Não se preocupe, Nonna — eu disse. — Não pretendo morrer por muito, muito tempo.

Beijei minha avó, em seguida peguei um pedaço meio formado de marzipã do prato em que minha mãe estava trabalhando e coloquei na minha boca. Enquanto mastigava, enchi uma cesta com tomates, manjericão fresco, muçarela caseira, alho, azeite de oliva e uma pequena garrafa de balsâmico espesso que o Tio Nino trouxe de sua recente visita a Modena. Não era tradicional,

mas eu estive experimentando e amei o sabor do vinagre levemente regado por cima.

Acrescentei um pote de sal, uma fatia de pão crocante que assamos mais cedo, e rapidamente saí da cozinha antes que outra discussão começasse.

Eu sorri calorosamente para Fratello[1] Antonio, esperando que ele não pudesse ouvir Nonna condenando ele e o mosteiro inteiro ao fundo. Ele era jovem e bonito para um membro da irmandade – apenas três anos mais velho que Vittoria e eu. Seus olhos eram da cor de chocolate derretido, e seus lábios sempre sugeriam o sorriso mais doce. Ele cresceu na casa ao lado da nossa, e eu costumava sonhar em me casar com ele um dia. Pena que ele se dedicou à castidade; eu tinha certeza de que metade do Reino da Itália não se importaria em beijar sua boca cheia. Eu mesma inclusa.

— *Buonasera,* Fratello Antonio. — Eu segurei minha cesta de suprimentos no alto, ignorando como era estranho chamá-lo de “irmão” quando eu tinha alguns pensamentos *nada* fraternos sobre ele. — Estive experimentando novamente e estou fazendo uma espécie de combinação de caprese e bruschetta para a irmandade hoje. Isso soa bom?

Para o bem dele, eu esperava que sim. Era rápido e fácil, e embora o pão tivesse um gosto melhor pincelado

com azeite e levemente grelhado, não precisava de fogo para fazer.

— Parece celestial, Emilia. E, por favor, pode me chamar só de Antonio. Não há necessidade de velhos amigos fazerem cerimônia. — Ele me deu um aceno tímido. — Seu cabelo está lindo.

— *Grazie.* — Estendi a mão e passei os dedos pela flor. Quando éramos mais jovens, comecei a tecer flores de laranjeira e jasmim-manga no meu cabelo para distinguir eu e minha irmã gêmea. Eu lembrei a mim mesma que Antonio estava envolvido com o Senhor Todo-Poderoso agora e não estava flertando comigo.

Não importa o quanto eu às vezes desejasse o contrário.

Enquanto ele cuidadosamente ignorava o som metálico de uma panela batendo no chão de pedra, eu internamente me encolhi. Eu só podia imaginar o que Nonna lançaria a seguir.

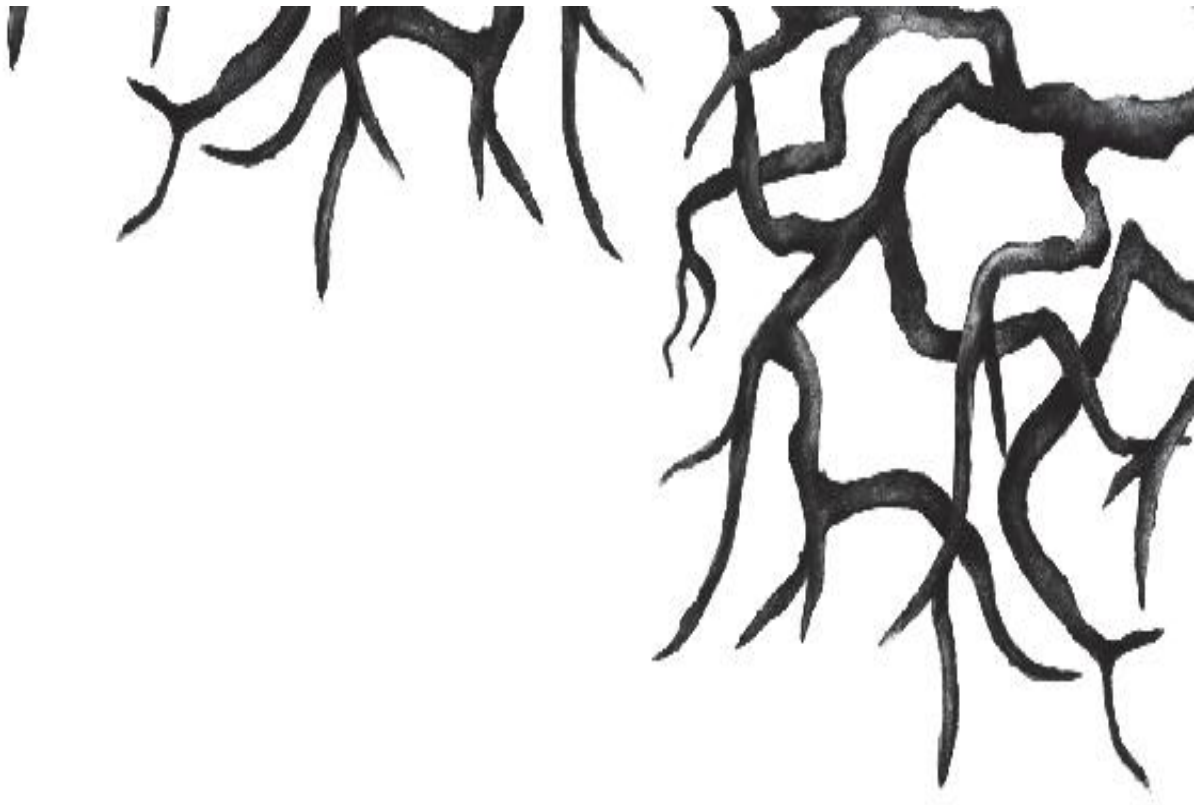
— A maior parte da irmandade não retornará ao mosteiro até mais tarde — ele disse — mas posso ajudar, se você quiser.

A histeria de Nonna ficou mais alta. Ele foi educado o suficiente para fingir que não ouviu suas terríveis advertências de demônios matando jovens mulheres na Sicília e roubando suas almas.

— Eu gostaria muito disso.

Sua atenção deslizou para trás de mim quando os gritos de Nonna nos alcançaram, uma pequena ruga se formando em sua testa. Normalmente ela era cuidadosa perto dos clientes, mas se ela começasse a gritar sobre as artes das trevas e feitiços de proteção onde ele pudesse escutá-la, nosso movimentado restaurante familiar estaria arruinado.

Se havia uma coisa que os humanos temiam tanto quanto os Malvagi, eram as bruxas.



DOIS

Quando entramos no mosteiro, eu não estava pensando no diabo. Ou nos demônios perversos e arrebatadores de alma que Nonna jurou que estavam vagando pela terra novamente. E embora Antonio fosse inegavelmente agradável de se olhar, não me distraí com a leve curva de sua boca. Ou o cabelo castanho que caia em sua testa sempre que ele olhava para mim, então rapidamente desviava o olhar.

De todas as coisas, eu estava pensando no azeite de oliva.

Por alguma razão, o corredor cheirava levemente a tomilho queimado, o que me fez pensar que gosto teria o azeite com infusão de tomilho levemente escovado em um crostini. Eu comecei a sonhar acordada com meu próprio restaurante de novo – sobre o menu que eu aperfeiçoaria. O crostini daria um antepasto fantástico. Eu rechearia a torrada com cogumelos fatiados salteados em uma cama de manteiga, alho e um pouco de vinho branco. Talvez eu até polvilhasse um pouco de pecorino e salsa para completar os sabores....

Entramos na sala onde os suprimentos de cozinha eram guardados e coloquei esses pensamentos na minha pasta mental de receitas e me concentrei na tarefa em mãos. Tirei duas tábuas de corte e uma tigela grande do armário e coloquei tudo na mesinha.

— Eu vou cortar os tomates, você corta a muçarela.

— Ao seu comando, signorina. — Nós dois alcançamos a cesta que eu trouxe e os dedos de Antonio encostaram nos meus. Eu rapidamente peguei os tomates e fingi que um pouco de emoção não passou por mim com o contato inesperado.

Cozinhar sozinha com Antonio – em uma câmara escura em uma seção quase esquecida da construção – não era um jeito ruim de passar o tempo. Se ele não tivesse entregado sua vida ao senhor, isso poderia ter sido o começo de algo entre nós.

Agora, sem que ele soubesse, éramos inimigos.

Ele pertencia à igreja e eu era uma bruxa. E não apenas uma *Streghe* humana usando magia popular contra o mau-olhado e rezando aos santos Católicos. Minha família era outra coisa, algo não inteiramente humano. Nosso poder era temido, não respeitado. Junto com doze outras famílias bruxas vivendo secretamente em Palermo, éramos verdadeiras Filhas da Lua. Descendentes de uma deusa real. Havia mais famílias espalhadas pela ilha, mas para a segurança de todo mundo, não interagíamos uma com a outra.

Nossa magia era uma coisa peculiar. Embora fosse passada apenas pela linha matriarcal, não se manifestava em *todas* as mulheres. Minha mãe nascida bruxa não possuía nenhuma habilidade sobrenatural. A menos que

sua gastronomia contasse, o que eu acreditava plenamente que sim. Apenas alguém abençoada pela deusa poderia fazer sobremesas como minha mãe fazia.

Houve um tempo em que havia um conselho formado pelo membro mais velho de cada família bruxa. Nonna foi a líder em Palermo, mas o coven se desfez logo depois que Vittoria e eu nascemos. As histórias eram um pouco obscuras sobre a causa exata do colapso do coven, mas pelo que eu juntei ao longo do tempo, a velha Sofia Santorini invocou as artes das trevas e alguma coisa deu muito errado, deixando sua mente fragmentada. Alguns diziam que ela usou um crânio humano durante uma sessão de vidência. Outros alegavam que foi um espelho preto. Todos concordavam com o resultado final: a mente dela estava agora presa entre reinos.

Os humanos começaram a suspeitar do que consideraram uma loucura repentina. Sussurros sobre o diabo se seguiram. Logo após isso, nosso mundo ficou perigoso demais para bruxas reais se encontrarem, mesmo secretamente. Assim, as treze famílias de Palermo adotaram um código estrito de silêncio e mantiveram-se isoladas.

O homem tinha uma maneira engraçada de culpar o diabo por coisas de que não gostava. Era estranho sermos chamadas de más quando eram os humanos que gostavam de nos ver queimar.

— Então, além dos demônios invadindo a nossa cidade, como você está? — Antonio nem tentou esconder seu sorriso. — Que bom que você tem um membro da irmandade sagrada cuidando de sua alma trêmula.

— Você é terrível.

— Verdade, mas você realmente não acha isso. — Seus olhos escuros brilharam quando eu joguei um tomate cortado em cubo nele, meu rosto em chamas. — Ou, pelo menos, espero que não.

— Nunca vou dizer. — Voltei minha atenção para o tomate rechonchudo que estava cortando. Uma vez, quando éramos mais jovens, eu usei um feitiço da verdade nele para ver se ele correspondia aos meus sentimentos. Para minha alegria, ele correspondia e pareceu que o mundo se alegrou com a descoberta. Quando contei a Nonna o que tinha feito, ela me obrigou a limpar a cozinha de cima a baixo sozinha por um mês.

Não foi exatamente a reação que eu esperava.

Nonna disse que os feitiços da verdade – embora não fossem explicitamente parte das artes das trevas – nunca deveriam ser usados em humanos porque eles eram parte do *il Proibito.* Os Proibidos eram poucos, mas tinham consequências graves.

O livre arbítrio era uma das leis mais básicas da natureza neste mundo, além das noções de magia da luz ou das trevas, e nunca deveríamos brincar com isso, razão

pela qual os feitiços da verdade eram proibidos. Ela usava a velha Sofia Santorini como um conto de advertência toda vez que questionávamos suas regras rígidas.

Nem toda bruxa na nossa comunidade compartilhava da mesma visão que Nonna, no entanto. Quando o coven se desfez, algumas famílias – como a de minha amiga Claudia – se voltaram abertamente para as artes das trevas. Elas acreditavam que magia era magia e podia – e deveria – ser usada da maneira que uma bruxa quisesse. Sangue, ossos; praticantes das artes das trevas diziam que tudo era uma ferramenta viável. Vittoria tentou usar essa lógica com Nonna quando tínhamos quinze anos e terminou sendo a encarregada da limpeza do banheiro por uma semana inteira.

— Você está planejando escapar do restaurante para celebrar amanhã? — Antonio terminou de cortar a muçarela e, obedientemente, começou a picar o manjericão fresco.

— Talvez. Depende de quantos clientes teremos e de até quão tarde ficaremos. Honestamente, posso simplesmente ir para casa e testar algumas receitas novas ou ler.

— Ah. Uma jovem tão devota, lendo o Bom Livro.

— Mmh. — Eu sorri para a minha tábua de corte. O romance que eu estava na metade *era* um bom livro, simplesmente não era *o* Bom Livro. Abstive-me de contar a

ele sobre o último capítulo que li – aquele em que o herói expressou seu amor de muitas maneiras pitorescas e fisicamente surpreendentes. Suponho que, tecnicamente, sua resistência *possa* ser considerada milagrosa. Eu certamente me tornaria uma adepta de expectativas impossíveis. — Você tem alguma atividade divertida planejada com a irmandade?

— Diversão é subjetiva. Provavelmente estaremos em algum lugar perto do fluxo, fazendo coisas muito sérias e sagradas.

Eu não duvidava disso. Depois que a mãe de Antonio subitamente morreu verão passado, ele surpreendeu todo mundo quando saiu de casa e começou sua vida religiosa. Focar nas regras rígidas o ajudou a passar pelo luto. Ele estava muito melhor agora, e eu estava feliz por ele, mesmo que significasse que nós nunca viraríamos algo a mais.

— Aqui. — Entreguei a ele uma fatia de pão. — Corte isso e eu tempero a comida.

Passei os tomates em cubos para uma tigela e adicionei a muçarela e o manjericão. Uma dose de azeite, um pouco de alho picado e uma pitada de sal marinho se seguiram em rápida sucessão. Como o pão não tinha sido tostado e a irmandade não ia comer imediatamente, acrescentei um pouquinho do meu vinagre balsâmico e misturei tudo. Não era exatamente a apresentação que eu

escolheria, mas era mais importante que a comida tivesse um gosto bom e que o pão não ficasse empapado.

— Como foi sua viagem? — Perguntei. — Ouvi dizer que você teve que reprimir boatos sobre metamorfos.

— Ah sim, os hereges que vieram do distrito de Friuli após a Inquisição estão contando algumas histórias interessantes. As sobre guerreiros poderosos, cujos espíritos deixam seus corpos na forma animal para proteger as colheitas de forças malévolas, de fato voltaram. — Ele bufou. — Pelo menos essa é a história que nos contaram na aldeia para a qual fui designado. Eles estão convencidos de que há uma assembleia espiritual onde uma deusa os está ensinando maneiras de se proteger do mal. É difícil quebrar velhas crenças. — Ele encontrou meu olhar e um mundo de problemas se formou em seus olhos. — Sua nonna não é a única que pensa que os demônios chegaram.

— Eu...

Uma voz soou no corredor, muito baixa para distinguirmos claramente as palavras. Antonio levou um dedo aos lábios. Quem quer que fosse falou de novo, um pouco mais alto. Eu ainda não conseguia entender o que foi dito, mas não soava amigável. Procurei por uma faca. Uma figura encapuzada entrou na câmara, vindo das sombras, e lentamente estendeu os braços na nossa direção.

— Pagããoo*sss.*

Arrepios se ergueram como um exército de mortos-vivos em meu corpo. Os gritos de Nonna sobre demônios foram substituídos pelo meu verdadeiro medo de caçadores de bruxas. Eles me encontraram. E não havia como eu usar magia na frente deles, ou na frente de Antonio, sem me entregar.

Eu pulei para trás tão rápido que tropecei nas minhas saias e caí na cesta de suprimentos. Talheres caíram no chão. A garrafa do meu vinagre balsâmico especial se estilhaçou.

Antonio agarrou um rosário de madeira que estava escondido sob suas vestes e deu um passo à frente, colocando-se entre mim e o intruso.

— Em nome de Jesus Cristo, eu ordeno que vá embora, demônio.

De repente, a figura se dobrou e.... riu. O terror parou de correr através de mim e foi rapidamente substituído por raiva. Eu me afastei da parede e encarei.

— Vittoria.

Minha gêmea parou de rir e jogou o capuz para trás.

— Não se preocupe comigo. Estou vendo a expressão no seu rosto de novo e é ainda mais hilário da segunda vez.

Antonio lentamente se afastou, franzindo a testa para a bagunça de vidro e vinagre. Eu respirei fundo e silenciosamente contei até dez.

— Isso não foi engraçado. E você me fez quebrar meu balsâmico.

Vittoria estremeceu com os cacos de vidro espalhados pelo chão.

— Oh, Emilia. Eu realmente sinto muito. — Ela atravessou a pequena sala e me apertou contra ela em um abraço gigante. — Quando chegarmos em casa você pode quebrar meu perfume favorito de sálvia branca e lavanda como retribuição.

Eu soltei um longo suspiro. Eu sabia que ela estava sendo sincera; ela alegremente entregaria sua garrafa e me observaria quebrá-la em pedaços, mas eu nunca escolheria vingança.

— Vou me contentar com uma taça da mistura de vinho e limoncello que você faz em vez disso.

— Vou fazer um jarro inteiro. — Ela beijou cada uma das minhas bochechas ruidosamente, então acenou com a cabeça para Antonio. — Você é muito intimidante com toda a coisa de Comando do Senhor, irmão Antonio. Se eu fosse um demônio, tenho certeza que definitivamente teria sido banida de volta para o Inferno.

— Da próxima vez, vou brandir água benta. Queimar o diabo de dentro de você.

— Hmmm. Você pode precisar trazer uma jarra para que isso funcione, especialmente se eu convocá-lo aqui.

Ele balançou a cabeça e se virou para mim.

— Eu deveria ir; a irmandade precisa da minha ajuda para se preparar para amanhã. Não se preocupe com o vinagre derramado, vou voltar aqui mais tarde para limpar. Obrigado de novo pela comida, Emilia. Depois do festival, vou viajar um pouco para dissipar rumores mais supersticiosos, mas espero vê-la quando eu voltar.

Nem duas respirações depois que ele saiu da câmara, minha estúpida irmã começou a dançar ao redor da sala, fingindo beijar apaixonadamente o que eu só poderia assumir que era Antonio.

— Oh, Emilia. Espero vê-la quando eu voltar. De preferência nua, na minha cama, gritando o nome do senhor.

— Pare com isso! — Eu dei um tapa nela, mortificada. — Ele provavelmente ainda pode ouvir você!

— Que bom. — Ela balançou os quadris sugestivamente. — Talvez isso lhe dê algumas ideias. Nunca é tarde demais para ele deixar a irmandade. Não tem nenhuma lei ou decreto que diga que ele é obrigado a ficar para sempre assim que fizer o juramento. Existem muitas maneiras mais interessantes de um homem encontrar religião. Talvez você possa se banhar em água benta e mostrar a ele.

— Você é incrivelmente blasfema.

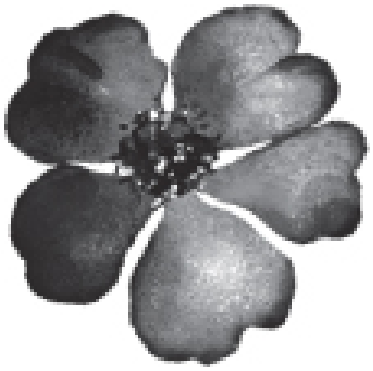
— E você está vermelha como uma cereja. Por que não dizer a ele como você se sente? Ou talvez você deva

apenas beijá-lo. Julgando pelo jeito que ele olha para você, eu duvido que ele se importaria. Além do mais, o pior que pode acontecer é que ele se tornará poético sobre seus juramentos religiosos e você terá que estrangulá-lo com seu rosário.

— Vamos lá, Vênus. Você já foi casamenteira o suficiente por um dia.

Eu agarrei sua mão e saí correndo da sala, aliviada ao encontrar o corredor vazio.

Nada de Antonio. Ou qualquer outro membro da sagrada Irmandade. Graças a deusa. Corremos pelos corredores sombrios e não paramos de correr até que o mosteiro virou uma ponto na noite.



No conforto da nossa cozinha em casa, Vittoria juntou laranjas-de-sangue, limoncello, vinho tinto e uma garrafa de prosecco[2]. Eu assisti da ilha enquanto ela metodicamente adicionava tudo em um jarro. Uma xícara disso, um pouco daquilo, algumas cascas açucaradas – poções e perfumes eram onde sua magia brilhava mais

intensamente, e muitas vezes se transformava em bebidas. Era uma das poucas vezes em que ela era totalmente séria, e eu amava observar ela se perder em pura felicidade.

Minha boca encheu de água enquanto ela cortava as laranjas. Essa era de longe minha bebida favorita – Vittoria se inspirou na sangria, que nos últimos anos também se tornou bastante popular na França e na Inglaterra. Algumas famílias inglesas que se mudaram para Palermo trouxeram suas receitas com elas, adicionando à nossa história já eclética. Nonna diz que os espanhóis foram, na verdade, influenciados por um vinho temperado da Roma Antiga, chamado hippocras. Não importa de onde fosse sua origem, eu simplesmente amava o gosto de suco de laranja misturado com o vinho e as bolhas efervescentes criadas a partir do prosecco.

Vittoria mergulhou uma colher na mistura, mexeu vigorosamente, então experimentou antes de servir uma taça generosa para mim. Ela pegou a garrafa de limoncello e fez um gesto para subirmos as escadas.

— Rápido, Emilia, antes que alguém acorde.

— Onde você estava mais cedo? — Eu fechei silenciosamente a porta do quarto atrás de nós. — Nonna estava a um passo de usar todo o nosso azeite para ver se o mal tinha entrado no Mar & Vinha, e provavelmente no resto da ilha se pudesse.

Vittoria desabou no colchão, a garrafa de limoncello na mão, e sorriu

— Eu estava invocando o diabo. Um livro antigo sussurrou seus segredos para mim, e decidi aceitá-lo como meu marido. Eu convidaria você para o casamento, mas tenho quase certeza de que a cerimônia será no Inferno.

Eu dei a ela um olhar afiado. Se ela não queria me contar a verdade, tudo bem. Ela podia manter seu romance secreto com Domenico para si mesma pelo tempo que quisesse.

— Você precisa parar de chamar tanta atenção.

— Ou então o quê? Os Malvagi virão e roubarão minha alma? Talvez eu apenas a venda para eles.

— Ou então as coisas vão acabar mal para nossa família. Duas garotas foram assassinadas semana passada. As duas eram bruxas. Antonio disse que as pessoas na última cidade que ele visitou estavam falando sobre metamorfos. Agora não é o momento de fazer piadas sobre o diabo. Você sabe como os humanos ficam. Primeiro, são metamorfos, então demônios, e então é apenas uma questão de tempo até que as bruxas sejam o alvo.

— Eu sei. — Vittoria engoliu em seco e desviou o olhar. Abri minha boca para perguntar o que ela estava fazendo no mosteiro, mas quando ela se virou, seu olhar brilhava com travessura. — Então. Você bebeu algum vinho ou destilado especial ultimamente?

Eu desisti do interrogatório. ”Vinho especial ou destilado” era seu código para “senso de bruxa supernatural”. Ela frequentemente usava o código para discutir tópicos que ela queria esconder dos humanos, ou de avós intrometidas. Eu me aninhei no meu travesseiro e levantei meus joelhos. Antes de contar minha história, eu sussurrei um feitiço de silêncio para cobrir o som de nossas vozes.

— Bom, na outra noite eu sonhei com um fantasma...

— Espere! — Vittoria largou seu limoncello e pegou seu diário, caneta na mão e pote de tinta pronto. — Me conte tudo. Cada detalhe. Como o fantasma se parecia? Você viu algum contorno cintilante ou sombra, ou era mais como uma coisa que você sentia? Falou com você? Quando isso aconteceu, assim que dormiu ou mais tarde na noite?

— Era perto do amanhecer. No começo, pensei que estava acordada.

Eu tomei um gole da minha bebida e contei a ela sobre meu sonho estranho – a voz desencarnada sussurrando baixo demais para ouvir qualquer coisa além do que parecia a linguagem sem sentido dos sonhos – aceitando que tinha sido apenas minha imaginação hiperativa trabalhando, e não os primeiros sinais do horror que viria.

TRÊS

Eu rapidamente parti as carcaças de peixe para o estoque, ignorando o estalo abafado dos ossos. Já estávamos nos preparando para o serviço de jantar quando percebi que tinha esquecido minha cesta no mosteiro. Como era um dia sagrado e a multidão já estavam lá fora em massa, eu tinha que esperar até que o Mar & Vinha fechasse para recuperar minhas coisas.

Talvez fosse uma benção da deusa. Já que a irmandade estaria celebrando La Santuzza – o Pequeno Santo – eu não teria que me preocupar em ver Antonio. Eu *realmente* não queria encontrá-lo depois das mímicas mortificantes de Vittoria noite passada. Ela podia se safar com o

comportamento ousado e atrevido, e as pessoas a adoravam por isso. Infelizmente, era uma habilidade que eu não dominava.

Olhei para minha irmã, que tinha estado estranhamente quieta a manhã toda. Alguma coisa a estava incomodando. Depois que contei a ela sobre meu sonho ontem à noite, ela parecia prestes a me contar seu segredo.

Em vez de falar, ela pôs o diário de lado, se virou em seu colchão e foi dormir. Eu me perguntei se ela tinha brigado com seu namorado secreto. Talvez ela devesse encontrá-lo no mosteiro e ele não apareceu.

— Sei que vai ser ocupado hoje à noite — Vittoria disse de repente, interrompendo meus pensamentos —, mas preciso sair um pouco mais cedo.

Nonna passou por minha mãe – que estava fazendo café expresso para servir com a sobremesa – e içou uma cesta de vime cheia de pequenos caracóis na ilha e assentiu para minha irmã gêmea.

— Aqui. Ferva isso para o *babbaluci* — Ela deu um tapa na mão da minha irmã. — Não por muito tempo. Não queremos que se transformem em borracha.

Ergui as sobrancelhas, esperando que Nonna proibisse minha irmã de sair. Ela não disse nada. Enquanto Vittoria fervia rapidamente alguns punhados de caracóis por vez, Nonna picou alho e colocou uma panela com azeite no

fogo. Logo, estávamos todas em um ritmo e afastei o que quer que estivesse incomodando minha irmã em favor de dominar meu estoque de peixes. Eu faria ela me contar tudo mais tarde.

Vittoria tirou os caracóis com uma colher, Nonna os adicionou ao azeite e ao alho, fritou-os levemente e finalizou com sal, pimenta e salsa fresca. Ela sussurrou uma benção sobre os pratos, agradecendo a comida por sua nutrição e os caracóis por seu sacrifício. Era uma coisa pequena, e não necessariamente mágica, mas eu jurava que fazia a comida ficar mais saborosa.

— Nicoletta? — Nonna chamou. Minha mãe colocou sua última bandeja de sobremesa de lado e jogou um pano sobre o ombro. — Leve esta tigela de *babbaluci* para seu irmão e diga a ele para ir lá fora e dar um pedaço para quem parecer com fome. Vai ajudar com a fila.

E isso atrairia mais pessoas para nossa trattoria. Nonna podia não usar magia *diretamente* nos clientes, mas ela era habilidosa na arte de atrair humanos usando seus próprios sentidos. Uma lufada de alho frito faria com que muitos clientes famintos agraciassem nossas mesas.

Quando minha mãe saiu, Nonna apontou para nós a colher de madeira entalhada.

— Vocês viram o céu esta manhã? Estava tão vermelho quanto o sangue do diabo. Hoje não é uma noite para sair. Fiquem em casa e trabalhem em seus grimórios, costurem

milefólio seco dentro de suas saias. Tem muita coisa a se fazer em casa. Vocês estão usando seus amuletos? — Puxei o meu de debaixo do meu corpete. Vittoria suspirou e fez o mesmo. — Bom. Vocês não os tiraram, não é?

— Não, Nonna. — Ignorei o peso do olhar da minha irmã quando pousou em mim. Tecnicamente, eu não estava mentindo. *Ela tirou* seu amuleto quando tínhamos oito anos, eu mantive o meu. Pelo que eu sabia, nenhuma de nós os havia tirado novamente.

Nonna respirou fundo, parecendo pacificada.

— Graças a deusa por isso. Vocês sabem o que aconteceria caso contrário.

— Nosso mundo se transformaria em pesadelos e cinzas. — Vittoria estendeu os braços como se fosse um demônio lento e cambaleou para frente. — O diabo vagará livre. Seremos banhadas em sangue de inocentes, nossas almas amaldiçoadas para o Inferno por toda a eternidade.

— Você não deveria aborrecer as deusas que enviaram os sinais, Vittoria. Esses amuletos poderiam libertar os príncipes demônios. A não ser que você queira ser a responsável pela entrada dos Malvagi neste reino depois que La Prima os trancou, é melhor ouvir os avisos.

Qualquer traço de humor persistente deixou o rosto da minha irmã. Ela voltou para o próximo lote de caracóis e agarrou seu *cornicello* com força. Eu engoli em seco, lembrando do cão infernal que ouvimos naquela noite há

muito tempo. Nonna tinha que estar errada – seu aviso era mais uma superstição. O diabo e seu reino demoníaco inteiro estavam aprisionados. Além disso, Nonna sempre disse que nossos amuletos não podiam ser *reunidos.* Eu não os deixei se tocarem – apenas segurei o da minha irmã enquanto ainda usava o meu. Os príncipes do Inferno estavam onde eles pertenciam. Nenhum demônio estava vagando pela Terra. Tudo estava bem.

Ainda assim, quando nossa avó virou de costas, Vittoria e eu trocamos um longo e silencioso olhar.

QUATRO

Eu encarei o mosteiro escuro, incapaz de afastar a sensação de que estava me encarando de volta, suas presas expostas em um sorriso cruel de escárnio. O que era um sinal de que as superstições de Nonna tinham conseguido me afetar, afinal. A não ser que uma bruxa poderosa tivesse lançado um feitiço inédito para animar calcário e vidro, era apenas um edifício vazio.

— *Grazie,* Nonna — eu disse baixinho, não me sentindo nem um pouco grata.

Eu fui até uma porta de madeira inserida nas sombras. Dobradiças grossas de ferro gemeram em protesto quando eu deslizei para dentro. Em algum lugar nas vigas acima, um pássaro levantou vôo – suas asas batendo no ritmo do meu coração.

O Mosteiro Capuchin ficava a menos de um quilômetro do nosso restaurante e era um dos edifícios mais amados de Palermo. Não por sua arquitetura, mas por causa das catacumbas localizadas dentro de suas paredes sagradas. Eu gostava daqui o suficiente durante a luz do dia, mas não conseguia afastar o frio que se apegava a mim no escuro. Agora que estava completamente vazio, uma premonição misteriosa rastejou sobre meus sentidos. Até mesmo o ar parecia tenso – como se estivesse prendendo a respiração antes de alguma descoberta perversa.

Os gritos de Nonna sobre demônios continuaram a me assombrar enquanto eu penetrava mais fundo no mosteiro silencioso e lutava contra uma sensação crescente de pavor. Eu *realmente* não queria pensar sobre monstros de olhos vermelhos e ladrões de almas invadindo nossa cidade, especialmente enquanto estava sozinha.

Abracei meu peito e caminhei rapidamente pelo corredor escuro alinhado com múmias. Elas foram colocadas em posições eretas, vestidas com trajes de sua escolha, suas roupas datando de centenas de anos.

Tentei não notar seus olhares vazios e sem vida enquanto me apressava. Era o caminho mais rápido para a sala onde deixei minha cesta, e eu amaldiçoei a irmandade pelo layout assustador.

Apesar de nunca ter incomodado minha irmã. Quando éramos mais jovens, Vittoria queria lavar e preparar os corpos dos mortos. Nonna não aprovava seu fascínio pelos mortos e pensou que poderia acarretar uma obsessão pela *le arti oscure.* Eu ficava dividida no assunto, mas não importou no final; a irmandade escolheu nossa amiga Claudia para a tarefa.

Nas raras tardes quando não estávamos todas trabalhando e podíamos andar pela praia, coletando conchas para as Bênçãos da Lua, Claudia compartilhava histórias de como as múmias surgiram. Eu contorcia meus dedos dos pés na areia quente, tentando banir os arrepios,

mas Vittoria se inclinava para frente, um brilho faminto nos olhos, ávida por cada pedaço de informação que Claudia nos servia.

Eu fiz meu melhor para esquecer aquelas histórias mórbidas agora.

Uma janela foi aberta no alto, permitindo que uma forte brisa soprasse pelo corredor. Cheirava a terra revolvida e sal – como se uma tempestade estivesse soprando. *Fantastico.* A última coisa que eu precisava era ter que correr para casa debaixo da chuva.

Eu me movi rapidamente pela escuridão. Uma tocha tinha sido acesa em cada extremidade do longo corredor, deixando grande parte do meu caminho nas sombras. Com o canto do olho, eu percebi um movimento e congelei. *Eu parei* de andar, mas o som de tecido roçando em pedra continuou por mais ou menos mais uma respiração inteira antes de ficar silencioso. Alguém ou *alguma coisa* estava aqui.

Meu corpo inteiro zumbia de nervosismo. Eu balancei a cabeça. Eu já estava assustada com os Malvagi e minha mente estava pregando peças em mim. Provavelmente era Vittoria de novo. Eu juntei a pouca bravata que pude reunir e me forcei a virar, procurando por minha irmã no corredor de múmias silenciosas e vigilantes.

— Vittoria? — Eu encarei as sombras e quase gritei quando uma delas formou uma silhueta densa que se

ergueu por trás dos corpos. — Quem está aí?

O que quer que fosse, não respondeu. Pensei nos boatos que Antonio tinha mencionado no dia anterior, e não consegui me impedir de imaginar um metamorfo se escondendo no escuro. Os pelos dos meus braços se arrepiaram. Eu *jurei* que senti olhos em mim. Pequenos sinos de alerta soaram em minha cabeça. O perigo se espreitava por perto. Nonna estava certa – esta noite não era uma noite para sair. Eu estava pensando na rapidez com que poderia correr de volta para fora quando asas bateram nas vigas. Eu soltei um suspiro. Não havia aparição, ou metamorfos mitológicos, ou demônio me perseguindo. Apenas um passarinho perdido. Eu provavelmente o assustei mais do que ele me assustou.

Eu lentamente recuei pelo corredor e fui até a próxima câmara, ignorando o nervosismo que tomava conta dos meus ossos. Eu me apressei para dentro da sala onde esqueci minha cesta e peguei-a, enfiando meus suprimentos para dentro dela, as mãos tremendo o tempo todo.

— Pássaro estúpido.

Quanto mais rápido eu juntasse minhas coisas, mais rápido eu poderia buscar Vittoria no festival e ir para casa. Então pegaríamos *emprestado* uma garrafa de vinho e subiríamos na cama, bebendo e rindo juntas das terríveis

proclamações de Nonna sobre o diabo, quentes e aconchegadas na segurança de nosso quarto.

O atrito de uma bota contra pedra me fez congelar no lugar. Não havia como confundir esse som com as asas de um pássaro. Eu fiquei parada, mal respirando, ouvindo o silêncio que me consumia. Eu segurei meu *cornicello* para me confortar.

Então, alguma coisa começou a me chamar baixinho. Devagar e insistente; uma vibração silenciosa que eu não conseguia deixar de lado. A deusa sabe que eu estava tentando. Não era um som estritamente físico, era mais como um sentimento peculiar na boca do meu estômago. Toda vez que eu pensava em fugir, ficava mais exigente.

Eu peguei a faca da minha cesta com a outra mão e andei nas pontas dos pés pelo corredor, parando para escutar em cada câmara. Meu coração batia forte a cada passo. Eu estava meio convencida de que poderia parar de funcionar completamente se eu não me acalmasse.

Eu dei outro passo, seguido por outro. Cada um mais difícil do que o último. Eu fiquei tensa com a batida da minha pulsação, mas nenhum outro som emergiu da escuridão. Era como se eu tivesse conjurado o som anterior do medo. Mas aquela *sensação*...

Eu a segui para mais dentro do mosteiro.

No final do corredor seguinte, parei do lado de fora de um cômodo com a porta entreaberta. O que quer que

estivesse me chamando estava lá dentro; eu sentia. Um leve puxão no meu centro, uma convocação que eu não tinha esperanças de lutar contra. Eu não sabia que tipo de magia estava em jogo, mas claramente a sentia.

Eu soltei meu amuleto e prendi a respiração enquanto deslizava para dentro sem ser vista, desconfiada do que me atraía. Nonna sempre repreendia a minha habilidade de me esgueirar sem ser detectada, mas, no momento, parecia mais uma benção do que uma maldição.

Dentro, traços de tomilho misturados com alguma coisa metálica e um pouco de parafina queimada flutuavam ao redor. Demorou um pouco para a minha visão se ajustar, mas assim que ajustou eu segurei um ofego, me perguntando como deixei de percebê-lo. Talvez sua quietude sobrenatural fosse a culpada.

Agora que eu estava consciente de sua presença, eu não conseguia desviar o olhar. Estava muito escuro para distinguir suas feições claramente, mas seu cabelo era de um tom próximo ao ônix, quase iridescente como as asas de um corvo refletindo a luz do sol. Ele era alto e forte, como uma estátua de um guerreiro romano, embora suas roupas fossem de um cavalheiro fino.

Havia algo nele que me fez agarrar nas sombras, no entanto, desconfortável com a detecção.

Ele pairava sobre um corpo coberto. Minha mente agitou-se com uma dúzia de histórias. Talvez o amor da

vida dele morreu tragicamente antes que eles pudessem viver seus sonhos juntos, e ele estava bravo com o mundo. Talvez ela morreu pacificamente em seu sono. Ou talvez ela fosse a bruxa assassinada que Nonna mencionou ontem.

Aquela cujo corpo foi descoberto na nossa cidade.

Esse pensamento foi como um balde de água gelada derramado sobre mim. Eu parei de imaginar fantasias e me concentrei mais na câmara. Um estranho sortimento de velas meio apagadas foi cuidadosamente colocado em um círculo ao redor do altar de pedra onde o corpo estava. Fiapos perfumados de tomilho flutuaram até mim novamente.

Estranho um homem humano acender velas e queimar ervas. Lembrei-me do cheiro de tomilho noite passada, e me perguntei se ele estava aqui enquanto Antonio e eu estávamos cozinhando a alguns cômodos daqui.

Eu o encarei, o pulso acelerado, tentando determinar se ele era a fonte da magia que originalmente chamou minha atenção. Eu achava que não. Não havia atração para ele, apenas para esta câmara. Sem aviso, a pressão do ar parecia, de repente, errada – como se estivesse ocorrendo alguma distorção no espaço ao nosso redor. Até as sombras pareciam se curvar em aquiescência.

Certo. Foi um pensamento ridículo. Primeiro, demônios fantasmas invisíveis estavam me seguindo pelo corredor, e agora isso. Não havia nada de ameaçador em um jovem

dizendo adeus à garota que ele amava. Colocar velas ao redor de um corpo também não era estranho. Muitas pessoas faziam isso enquanto rezavam para seu deus. De novo, meu...

Ele de repente se inclinou em direção ao corpo, suas mãos roçando a área acima do coração dela, e eu esperei que ele puxasse a mortalha e desse um beijo de despedida em sua amada uma última vez. Quando ele tirou a mão de debaixo do pano, seus dedos estavam cobertos de sangue. Lentamente, como se em algum transe demoníaco, ele trouxe os dedos à sua boca e os *lambeu*. Por um momento, eu encarei, incapaz de processar o que vi.

Tudo dentro de mim zumbiu e ficou imóvel. Medo e raiva giraram juntos em uma cacofonia enquanto eu finalmente entendi meu senso inato de que havia alguma coisa errada.

Avisos soaram por mim, gritando sobre demônios sedentos de sangue, mas eu estava indignada além da razão. Isso não era uma criatura da meia noite, nascida das trevas e do luar como Nonna clamava. Isso era um monstro humano que invadiu as catacumbas e cometeu o mais vil dos atos; ele provou o sangue dos mortos. Antes que eu pudesse atender às advertências que minha avó tinha batido em nossas cabeças teimosas desde nascença, eu estava fora do meu esconderijo, gritando como se *eu* fosse uma criatura feroz da noite.

— Pare!

Ou pelo comando bruto em minha voz, ou mais provavelmente pela estridência ensurdecedora, o estranho deu um pulo para trás, seu movimento quase rápido demais para detectar. Havia alguma outra coisa estranha... alguma coisa... eu agarrei meu *cornicello* e me concentrei em sua aura; seu *luccicare* não era lavanda, mas um preto brilhante com multi-tons e manchas douradas. Me lembrou do quartzo de titânio da Nonna. Eu nunca tinha visto nada parecido antes.

Ele olhou da faca de cozinha que eu segurava para o corpo deitado na mesa, provavelmente debatendo seu próximo movimento. Pela primeira vez, eu notei a adaga em sua mão. Uma cobra dourada com olhos lilases enroscada no punho, presas à mostra. Era bonita. Malévola. Mortal.

Por um momento, pensei que ele a apontaria direto para o meu coração.

— Fique longe dela — eu avisei, dando um pequeno passo em sua direção — ou vou gritar alto o suficiente para convocar cada *fratello* nesse prédio.

Era uma mentira. Toda a irmandade tinha saído para cumprir seus deveres para com Santa Rosalia. Pelo que eu sabia, ele e eu éramos os únicos em todo o mosteiro. Estávamos em catacumpas tão profundas que ninguém

ouviria meus gritos se ele investisse contra mim. Mas eu não estava indefesa.

Minha mão soltou o amuleto e se moveu em direção ao giz abençoado pela lua que Nonna insistia que carregássemos nos bolsos secretos das nossas saias, pronta para cair de joelhos e desenhar um círculo de proteção. Funcionaria contra um humano tão bem quanto protegeria de qualquer ameaça supernatural. Eu hesitei apenas no caso de ele ser um caçador de bruxas, e assim usar magia entregaria meu segredo.

Ele abriu a boca para dizer – o que quer que uma pessoa dizia depois de ser pega lambendo sangue dos mortos – quando seu olhar pousou na área perto do meu peito. O calor de seu foco quase queimou meu vestido. Ele provou sangue, e então teve a coragem de me encarar como se eu fosse outra iguaria colocada nesta terra apenas para seu prazer. Ou isso era...

— Mentirosa. — Sua voz era profunda, áspera e elegante ao mesmo tempo. Uma lâmina serrilhada envolta em seda. Os pelos dos meus braços se arrepiaram.

Antes que eu soltasse uma torrente de maldições, ele fez a última coisa que eu esperava; ele se virou e fugiu. Em sua pressa para sair, sua adaga de serpente caiu no chão. Ele não percebeu ou não se importou. Eu esperei, a faca de cozinha erguida na minha frente, respirando com

dificuldade. Não ouvi passos recuando, apenas um leve estalo, como fogo. Foi rápido demais para ter certeza.

Se ele atacasse das sombras, eu me defenderia por todos os meios necessários. Não importava se o pensamento me deixava enjoada. Outro momento se passou. Então outro. Eu lutei contra o rugido alto da minha pulsação, tentando escutar qualquer sinal de passos.

Não havia nenhum som além do meu batimento cardíaco frenético.

Ele não voltou. Eu pensei em ir atrás dele, mas percebi que nem minha respiração nem minhas pernas trêmulas estavam cooperando. Eu olhei para baixo, me perguntando o que o fez parecer tão inquieto, e vi meu *cornicello* brilhando na escuridão. Como...

O chamado silencioso estava de volta com força, me incitando a ouvir com atenção. Eu afastei os sussurros nos recessos mais profundos da minha mente. Eu não precisava de mais distrações. Demorou alguns momentos para desacelerar minha pulsação e perceber que o corpo na mesa não era para onde a irmandade trazia novos corpos para serem lavados e preparados para a mumificação.

Na verdade, esta sala não parecia ser usada para nada. Minha atenção se desviou para os arredores da câmara, percebendo uma camada espessa de poeira. Além do altar de pedra no meio, era uma pequena sala esculpida em

pedra calcária. Não havia prateleiras, caixotes ou nada armazenado. Cheirava a mofo e ar parado, como se tivesse sido lacrado por centenas de anos e apenas foi aberto recentemente. O bolor era um cheiro muito mais forte do que o aroma anterior de tomilho.

Um formigamento desconfortável começou no topo da minha espinha e foi até os meus dedos dos pés. Agora que o estranho se foi, não havia dúvida de que o corpo estava me chamando. O que nunca era um sinal positivo. Eu não tive o prazer de falar com os mortos antes e realmente não achava o pensamento muito atraente agora. Eu queria fugir e definitivamente *não* queria espiar sob a mortalha, mas não tinha escolha.

Eu apertei minha faca e me forcei a andar até o corpo, obedecendo o puxão silencioso e insistente, amaldiçoando na minha consciência o tempo inteiro. Antes de olhar para o corpo, peguei a adaga do estranho do chão, substituindo minha frágil faca de cozinha. Seu peso era um pequeno conforto. Se o depravado bebedor de sangue voltasse, eu teria uma arma muito melhor para ameaçá-lo.

Me sentindo o mais confortável que podia, me virei para o corpo coberto, finalmente cedendo à sua convocação. Eu não permiti que medo entrasse no meu coração enquanto arrancava a mortalha de seu rosto.

Eu fiquei em silêncio por uma respiração inteira, antes do meu grito estilhaçar a tranquilidade do mosteiro.

CINCO

Magia é uma entidade viva que respira; prospera com a energia que você fornece. Como todas as forças da natureza, não é nem boa e nem ruim – simplesmente se transforma se baseando na intenção do usuário. Alimente com amor e vai florescer e crescer. Alimente com ódio e o ódio será devolvido para você dez vezes maior.

—Notas do grimório di Carlo

O rosto que eu encarava era um espelho do meu próprio. Olhos castanhos, cabelo castanho escuro, pele cor de oliva bronzeada tanto pelo sol quanto por nossa ancestralidade comum. Estendi a mão, afastando hesitantemente uma mecha de cabelo da testa de Vittoria e puxei minha mão de volta com o calor que ainda persistia.

— Vittoria? Você pode se mexer?

Seus olhos estavam fixos e vazios. Esperei que ela piscasse, para então chiasse de tanto rir. Ela nunca reprimia sua risada por tanto tempo.

Vittoria não se mexeu. Eu não inalei nem exalei também. Eu fiquei parada, olhando para ela, presa em algum lugar entre a negação e o terror. Eu não conseguia entender a visão diante de mim. Puxei meu cabelo. Eu a tinha visto apenas uma ou duas horas antes.

Isso tinha que ser mais uma de suas pegadinhas estúpidas.

— Vittoria? — Sussurrei, esperando por uma resposta. Segundos se transformaram em minutos. Ela encarava, sem piscar. Talvez estivesse inconsciente. Estendi a mão e a sacudi um pouco. — Por favor. Se mova.

Mesmo com os olhos abertos, ela parecia tão em paz, deitada com uma mortalha sob o queixo. Como se ela estivesse em um profundo transe encantado e um príncipe viria logo, a beijaria e ela acordaria. Algo se retorceu dentro de mim. Isso não era um conto de fadas. Ninguém viria para quebrar o feitiço da morte. Mas *eu* deveria ter estado aqui para resgatar minha irmã.

Se eu tivesse saído do restaurante mais cedo, talvez eu poderia ter feito alguma coisa para salvá-la. Talvez aquela besta assassina me matasse em seu lugar. Ou talvez eu deveria ter insistido que ela escutasse Nonna e ficasse em casa. Eu poderia ter contado à nossa avó sobre os amuletos. Havia uma centena de opções diferentes diante de mim, e eu não tinha feito nada. Talvez se... eu fechei os olhos contra a onda de trevas surgindo em mim.

O que era pior.

Isso tinha que ser outra fantasia vívida horrível que tinha criado – não tinha como isso ser real. E ainda assim, quando abri os olhos novamente, não tinha como negar que Vittoria estava morta.

Um gotejamento constante invadiu meus pensamentos. Parecia tão estranho, um ruído tão mundano. E ainda assim eu me concentrei nisso intensamente. Ajudou a abafar o zumbido insistente e sussurros que eu ainda conseguia ouvir.

Talvez a loucura estivesse se infiltrando.

O gotejamento diminuiu. Significava algo – a ausência. Eu não conseguia pensar nisso agora. O sussurro estranho finalmente ficou baixo demais para ouvir. Como se o que quer que estivesse causando-o tivesse se movido para longe.

Um soluço quebrou o silêncio constante. Demorei um momento para perceber que tinha vindo de mim.

A câmara girou até que quase desabei. Minha irmã gêmea. Minha melhor amiga. *Se foi.* Nós nunca mais beberíamos, riríamos ou planejaríamos nosso futuro. Ela nunca mais zombaria das superstições de Nonna ou pularia das sombras novamente. Nós nunca mais brigaríamos ou nos reconciliaríamos. Ela nunca mais me pressionaria para ser mais ousada, ou diria para eu agarrar meus sonhos pela garganta. Eu não sabia quem eu seria sem ela. Como seguiria em frente.

— Não. — Balancei a cabeça, me recusando a aceitar. Havia magia e truques em jogo. Vittoria não podia estar morta. Ela era jovem, vibrante e tão cheia de *vida.* Vittoria era quem dançava mais nos festivais, quem mais elogiava

a lua e a deusa da noite e das estrelas, quem fazia todo mundo se sentir como se fosse o melhor amigo dela. Eu não sabia quem era essa pessoa parada e silenciosa.

Em meio às lágrimas, puxei completamente a mortalha. O vestido que ela usava era branco, como uma oferenda. Era de seda requintada acentuada por rendas. Eu nunca tinha visto. Não éramos pobres, mas certamente não poderíamos comprar algo assim. A menos que, nos últimos verões, ela tivesse economizado.

O corpete delicado, destruído, seu *cornicello* faltando, seu...

Eu gritei. Seu coração foi arrancado de seu peito. O buraco era irregular e irritado. Era uma abertura preta e carmesim escancarada em seu corpo, tão anormal que eu sabia que, mesmo se vivesse mil anos, eu nunca conseguiria apagar essa visão da minha memória. Eu encarei o sangue, finalmente entendendo a fonte do gotejamento incessante. Ele se acumulava sob seu corpo e respingava no altar.

Havia tanto sangue. Parecia... Caí de joelhos, expulsando tudo do meu estômago. Eu vomitei várias vezes até não restar nada.

Fechei meus olhos e a imagem lá era ainda mais terrível.

Eu respirei fundo várias vezes, mas não ajudou com a tontura. Agora que eu tinha visto o sangue, tudo que eu

conseguia sentir era o cheiro metálico da morte. Estava em todo lugar, permeando tudo. Fiquei quente e fria em flashes.

Eu escorreguei para frente e fiquei deitada espalhada na pedra. Eu tentei me levantar e caí de novo. Estava coberta com o sangue da minha gêmea. Me curvei de lado e tremi. Isso era um pesadelo. Eu acordaria logo. Eu acordaria logo, eu tinha que acordar. Pesadelos não duravam para sempre. Eu só tinha que passar a noite.

Então tudo ficaria bem.

Não tenho certeza de quanto tempo fiquei lá, tremendo e chorando no chão, mas pelo menos uma ou duas horas se passaram. Talvez mais. Eu precisava conseguir ajuda.

Não que alguém pudesse salvar Vittoria agora.

Com os braços fracos, eu finalmente me levantei e encarei minha irmã, incapaz de conciliar a verdade diante de mim.

Assassinada.

A palavra retiniu por mim como uma sentença de morte. Medo se apoderou do meu desespero. Minha irmã foi assassinada. Eu precisava conseguir ajuda. Eu precisava encontrar segurança. Eu precisava – passei a lâmina do estranho por minha palma e segurei minha mão sangrenta acima do corpo da minha irmã.

— Juro pela minha vida, farei quem fez isso pagar, Vittoria.

Olhei para ela uma última vez, então corri como se o diabo estivesse vindo atrás da minha alma amaldiçoada em seguida.

SEIS

Foliões se chocaram contra mim, derramando taças de vinho em suas túnicas e vestidos, rindo e tentando me levar para uma dança. Para entrar em sua alegria. Para celebrar a vitória da vida sobre a morte que seu santo abençoado os trouxe há tantos anos.

Atordoada, passei por nosso restaurante escuro, há muito fechado para a noite, e fiz meu caminho para nossa vizinhança. A barra da minha saia estava encharcada de deusa sabe o quê. O material se agarrava aos meus tornozelos e coçava loucamente. Eu continuei me movendo, ignorando qualquer desconforto. Eu não tinha o direito de sentir nada quando minha irmã nunca sentiria novamente.

— *Bruxinha sozinha.*

Não foi mais do que um sibilo, mas a voz enviou um arrepio violento pela minha espinha. Eu girei nos calcanhares e encarei a rua vazia.

— Quem está aí?

— *Memórias, assim como corações, podem ser roubadas.*

A voz estava atrás de mim agora. Eu me virei, o coração disparado e vi... nada.

— Isso não é real — eu sussurrei. Minha mente estava apenas me provocando com coisas horríveis depois de ter encontrado o corpo mutilado da minha irmã. Parecia que

um demônio fantasma invisível tinha encontrado uma voz – um pensamento tão ridículo que eu não conseguia nem considerá-lo verdade. — Vá embora.

— Ele deseja se lembrar, mas ele apenas esquece. Ele virá em breve.

— Quem é? O homem que fez isso com Vittoria?

Eu girei, a saia girando ao meu redor. Nenhuma coisa viva estava na rua. Na verdade, parecia assustadoramente quieta – como se alguém tivesse apagado toda a vida. Não havia nenhuma luz acessa dentro das casas. Nenhum movimento nem barulho. Eu também não conseguia ouvir o alvoroço e o entusiasmo do festival.

Uma névoa espessa e não natural se arrastou pelo chão e se enrolou ao redor dos meus pés, trazendo consigo o cheiro de enxofre e cinzas. Nonna diria que era um sinal de que demônios estavam por perto. Eu me perguntei se algum humano assassino estava escondido nas sombras, esperando com uma faca.

— Quem está vindo? — Eu exigi, me sentindo cada vez mais como se eu estivesse em um tipo de pesadelo terrível. Eu fechei meus olhos e me forcei a voltar à realidade. — Quando eu abrir os olhos de novo, tudo estará normal.

E estava. Não havia névoa sulfúrica, sons de famílias sentadas juntas flutuavam pelas janelas abertas e zombarias de foliões bêbados ecoavam por toda parte.

Esfreguei meus braços e corri em direção à minha casa. Demônios fantasmagóricos. Vozes sem corpo. Névoa demoníaca. Eu sabia exatamente o que estava acontecendo – eu estava sofrendo de histeria. E agora *não* era a hora. O corpo de Vittoria precisava ir para casa para os ritos de morte. Eu podia esconder meu próprio desespero e delírios por tempo suficiente para fazer isso por ela.

Depois de mais alguns minutos andando sem pensar pelas ruas familiares, parei do lado de fora da nossa casa de pedra e parei sob a treliça coberta com jasmim-manga, incapaz de formular as palavras que precisava dizer. Eu não tinha ideia de como dar a notícia à minha família.

Em alguns momentos, todos eles se sentiriam como se tivessem sido espancados e quebrados também.

Daqui em diante, nossas vidas nunca mais seriam as mesmas. Imaginei o grito de minha mãe. As lágrimas de meu pai. O horror no rosto de Nonna, sabendo que todos os seus preparativos para nos salvar do mal foram inúteis.

Vittoria estava morta.

Eu devo ter chorado ou feito algum barulho. Uma faixa de luz dourada cortou a escuridão antes de desaparecer rapidamente. Nonna estava na janela, esperando. Ela provavelmente estava lá desde que voltou para casa. Preocupada e inquieta. Seus avisos sobre o diabo agitando

os mares, e o céu estando da cor de seu sangue não pareciam uma velha superstição boba agora.

A porta se abriu antes que eu terminasse de subir os degraus esculpidos na frente da nossa casa e alcançasse a maçaneta.

Nonna começou a balançar a cabeça, seus olhos lacrimejando, enquanto ela agarrava seu *cornicello.* Eu não tinha que dizer nada. O sangue manchando minhas mãos disse o suficiente.

— Não. — Seu lábio inferior tremeu. Eu nunca vi tanto desespero e medo ondulados no rosto de Nonna antes. — Não. Não pode ser.

O vazio dentro de mim se espalhou. Todas as suas lições, todos os seus feitiços... para nada.

— Vittoria está... — Eu engoli em seco, a ação quase me sufocando. — Ela está...

Eu encarei a adaga de serpente que ainda segurava, mas não recordava de pegá-la. Eu me perguntei se esta era a arma que tirou a vida da minha irmã. Meu aperto nela aumentou.

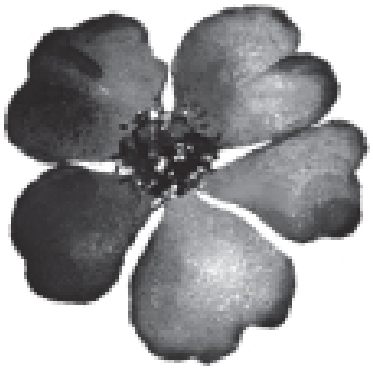
Nonna deu uma olhada na adaga e me envolveu em seus braços, me segurando com força contra ela.

— O que aconteceu, bambina?

Enterrei meu rosto em seu ombro, respirando o cheiro familiar de temperos e ervas. Abraçar Nonna tornava tudo real. Todo o pesadelo sem a deusa.

— Seus piores medos.

Flashes da minha gêmea e seu coração faltando cruzaram a minha cabeça, e qualquer fio de força a que eu estava me agarrando se partiu, me puxando para a escuridão.



Um dia depois de colocarmos minha irmã para descansar, me sentei sozinha no nosso quarto, um livro fechado em meu colo. Estava tão quieto. Eu costumava valorizar dias pacíficos como este, quando minha irmã estava fora sendo aventureira e eu estava me aventurando com uma personagem favorita. Um bom livro era um tipo próprio de magia, um que eu poderia praticar com segurança sem medo de ser pega por aqueles que nos caçavam. Eu amava escapar da realidade, especialmente durante tempos de dificuldade. Histórias tornavam tudo possível.

Minha atenção se moveu para a porta, do mesmo jeito que foi durante toda a manhã, procurando por um sinal de

que Vittoria estava prestes a passar por ela, seu rosto corado e o sorriso largo. Tudo estava imóvel.

No andar de baixo, uma colher retiniu contra o caldeirão de ferro fundido. Um momento depois, aromas de ervas flutuaram. Nonna estava fazendo velas de feitiço sem parar. Ela as acendia para a *polizia,* ajudando a guiá-los em sua busca. Ou era o que ela falava. Eu tinha visto o junípero e a vela de beladona que ela fez com uma pitada de sal e pimenta. Era sua própria receita e não era usada para clareza.

Deixei meu livro de lado e desci as escadas, pairando perto do limite da cozinha. Não estava com fome, mas me sentia vazia, oca. Eu não tinha vontade de cozinhar ou criar, e não conseguia me imaginar sentindo aquela luz e liberdade novamente. Viver em um mundo sem a minha irmã parecia sombrio e errado.

Nonna ergueu os olhos.

— Venha se sentar, Emilia. Vou fazer alguma coisa para você comer.

— Tudo bem, Nonna. Posso arranjar alguma coisa.

Fui para a caixa de gelo e quase comecei a chorar quando vi a jarra de vinho limoncello que Vittoria tinha feito para mim. Ninguém tinha tocado nele.

Eu rapidamente fechei a porta e sentei na beira do banquinho mais próximo.

— Aqui. — Nonna colocou uma tigela de ricota doce na minha frente, sua expressão gentil. — Sobremesas sempre descem facilmente.

Eu mexi na mistura cremosa.

— Você acha que alguém descobriu... o que nós somos? Talvez Vittoria tenha feito piada sobre o diabo ou demônios com o humano errado.

— Não, bambina. Eu não acho que foi um humano que a atacou. Não com os sinais que temos recebido. Ou a dívida de sangue.

Eu esqueci tudo sobre a misteriosa dívida de sangue. Parecia que uma vida inteira tinha se passado desde a primeira vez que Nonna mencionou.

— Você acha que a dívida de sangue é responsável pela morte da Vittoria?

— Humm. Era parte de uma barganha antiga fechada entre La Prima e o diabo. Alguns acreditam que La Prima amaldiçoou os Perversos, outros acreditam que o diabo amaldiçoou as bruxas. Um aviso veio um dia: "Quando sangue de bruxa derramar pela Sicília, pegue suas filhas e se esconda. Os Malvagi chegaram." Agora, houve três bruxas assassinadas.

— Não significa que os Perversos as mataram. E os caçadores de bruxas? Você não acha que isso soa mais lógico do que a realeza demoníaca saindo do Inferno? Você sabe tão bem quanto eu o quanto os humanos temem as

bruxas e como estão dispostos a cometer os mesmos pecados dos quais nos acusam. Na verdade, Antonio disse que uma aldeia não muito longe daqui está convencida de que metamorfos estão se divertindo com uma deusa. Talvez alguém assim viu Vittoria sussurrar um feitiço e matou ela.

— O diabo agitou os mares e fez o céu sangrar. O que mais vai ser necessário para te convencer de que o perigo está batendo na nossa porta e que não tem nada a ver com os mortais? Que uso os humanos têm com corações de bruxas?

Respirei fundo, tentando acalmar a raiva que estava crescendo dentro de mim. Não era hora de acreditar em histórias passadas de gerações atrás. Agora era a hora de considerar os fatos que faziam mais sentido. Começando com a primeira vítima em Sciacca – mais de uma semana antes do assassinato de Vittoria – nem uma única família bruxa apresentou informações sobre a chegada dos Perversos. Até que novas evidências ou provas fossem descobertas sobre os príncipes demônios, eu continuaria com a minha teoria de um humano ser o responsável.

— Vamos falar com a polícia, Nonna?

— Se eles investigarem muito de perto e descobrirem o que somos, você acha que seu destino vai ser diferente do de sua irmã?

Eu balancei a cabeça. Não queria brigar com a minha avó. Eu também não conseguia descobrir uma maneira de dizer à polícia que os caçadores de bruxas podiam ser os culpados, sem lançar suspeitas sobre nós.

Eu estava tão frustrada que poderia gritar. Minha irmã gêmea tinha sido assassinada. Ninguém que conhecia minha irmã jamais desejaria mal a ela. O que significava que *tinha* que ser um estranho, ou alguém que descobriu o que ela era. De acordo com Nonna, as outras duas vítimas também eram bruxas. Isso não era uma mera coincidência — era uma conexão. Uma mulher com um pouco de poder era aterrorizante para alguns.

Cerrei os punhos, me concentrando na dor das minhas unhas afundando na minha pele. Alguém escolheu machucar Vittoria. E eu queria saber quem. *Porquê.*

Era possível que ela estivesse encontrando aquele homem estranho de cabelo escuro lá. Com que propósito, eu não tinha certeza. Ela podia estar secretamente envolvida com ele. Ou talvez o assassino a arrastou até lá contra sua vontade. Talvez ela não o conhecesse e ele a interceptou enquanto ela estava indo para outro lugar.

Eu não conseguia me lembrar exatamente a que horas ela deixou Mar & Vinha. Aquele dia começou como qualquer outro – levantamos, nos vestimos, compartilhamos uma refeição matinal e fomos para o

trabalho com nossa família para nos preparar para o dia agitado de festival.

Eu nem perguntei para onde ela estava indo. Eu não sabia que ela nunca voltaria.

As lágrimas ameaçaram cair, mas eu as segurei. Se eu pudesse voltar no tempo, eu faria muitas coisas de forma diferente. Eu pressionei as palmas das mãos nos olhos, e ordenei a mim mesma que me controlasse.

— Não é fácil para nenhum de nós, Emilia — disse Nonna. — Deixe isso ir. Deixe as deusas vingarem-se à sua maneira. A Primeira Bruxa não vai permitir que as coisas continuem assim, confie que ela tem um plano para os Malvagi e trabalhe em seus feitiços de proteção. Sua família precisa de você.

— Eu não posso sentar aqui enquanto a pessoa que a matou anda livre. Por favor, não me peça para confiar em uma bruxa que nunca conheci, ou nas deusas que eu não tenho certeza que realmente existem. Vittoria merece justiça.

Nonna segurou meu rosto, seus olhos lacrimejando.

— Você deve afastar isso por sua família. Nada de bom virá de bater em portas que é melhor deixar fechadas. Encontre perdão e aceitação em seu coração, ou as trevas se infiltrarão e destruirão você.

Eu pedi licença e voltei para cima. Precisava ficar sozinha com meus pensamentos. Eu me joguei na cama,

assombrada pelas memórias daquela câmara maldita onde encontrei Vittoria.

Eu repassei o que sabia várias vezes em detalhes excruciantes, tentando descobrir o que levou minha irmã até lá. Eu estava deixando passar algo vital. Alguma coisa que poderia ajudar a encontrar o assassino de Vittoria.

Eu fechei meus olhos e me concentrei o máximo que podia, fingindo que eu estava de pé naquela câmara novamente com seu corpo. Eu continuava pensando na maneira que ela estava vestida. Eu não fazia ideia de onde ela conseguiu aquele vestido branco. Ela não estava usando da última vez que a vi. O que requeira a pergunta de o que ela estava fazendo naquela tarde. Ela estava secretamente prestes a se casar com Domenico? Ou ela estava planejando outra coisa?

Então, havia o mistério de seu *cornicello* perdido. Nonna nos disse para nunca tirar nossos amuletos e, exceto aquela vez quando tínhamos oito anos, nós nunca tiramos. Ou, pelo menos, eu nunca mais tirei. Talvez minha irmã tirou, mas eu não conseguia entender por quê. Nós não tínhamos que ver ou mesmo acreditar totalmente nos Perversos para temê-los. As histórias de Nonna eram assustadoras o suficiente. Vittoria fazia piada das superstições de Nonna, mas ela ficava lá fora desenterrando terra de túmulos, limpando frascos de água

benta, e abençoando nossos amuletos à luz da lua cheia todos os meses junto comigo.

Eu rolei para o lado, contemplando a pergunta mais problemática de todas; se ela não tirou seu amuleto de proteção, quem tirou e onde estava agora?

Se um caçador de bruxas descobriu quem ela era, era possível que ele pegasse como prêmio. Talvez ele suspeitasse que era um objeto mágico real, ao contrário de outros amuletos feitos por humanos. Meus pensamentos se voltaram para aquele estranho de cabelos escuros novamente. Vestido com roupas tão finas, ele certamente não era um membro da irmandade sagrada. E ele não parecia o tipo de pessoa que entregaria sua vida a Deus. Ele parecia muito desafiador para a religião. Eu nunca conheci um caçador de bruxas antes, então não poderia descartar isso. Talvez ele fosse um ladrão – ele certamente se movia nas sombra com facilidade.

Eu me amaldiçoei por não persegui-lo quando tive a chance. Quando ele fugiu, ele levou todas as minhas respostas consigo. Exceto que as coisas não eram totalmente desesperadoras. Eu me sentei, o coração acelerado, e abri a gaveta da minha mesa de cabeceira. Metal cintilou na luz. Ele cometeu um erro gigante; ele deixou sua adaga cair. Certamente alguém, em algum lugar reconheceria uma lâmina tão única.

Meus pensamentos se acomodaram. Então era isso. Eu tinha algo em que me concentrar além de desmoronar e reviver aquela noite sem parar.

Respirei fundo algumas vezes, me preparando para a próxima onda de lágrimas e prometi que – de um jeito ou de outro – eu encontraria o estranho misterioso e descobriria exatamente quem ele era, o que estava fazendo e como conhecia minha irmã.

E se ele fosse a pessoa que a roubou de mim, eu o faria pagar com a própria vida.

SETE

Não importa com quanta força eu cravasse meus calcanhares e tentasse segurar o tempo, três semanas se passaram desde que enterramos minha irmã. Três semanas deitando em sua cama no nosso quarto compartilhado, chorando nos lençóis que, lentamente, perdiam o cheiro de lavanda e sálvia branca dela.

Nos dias bons, eu descia as escadas e sentava diante do fogo na nossa cozinha, encarando as chamas. Eu me imaginava queimando. Não como nossas ancestrais na fogueira. Uma brasa de raiva estava lentamente acendendo dentro de mim, reduzindo a pessoa que eu costumava ser em cinzas.

Às vezes, minha raiva fervente era a única indicação de que eu ainda estava viva.

Depois do serviço de jantar hoje a noite, Nonna continuava lançando olhares cautelosos na minha direção, murmurando feitiços de boa saúde e bem estar enquanto vasculhava nosso grimório familiar. Ela não entendia o ódio que estava me consumindo. Não sabia o quanto eu ansiava por vingança.

Vingança agora era uma parte minha, tão real e necessária quanto meu coração e pulmões. Durante o dia eu era uma filha obediente, mas assim que a noite caía, eu vasculhava as ruas, estimulada por uma necessidade singular de consertar um erro terrível. Não encontrei

ninguém que conhecesse o estranho misterioso ou que reconhecesse sua lâmina mortal, e eu me perguntei se eles simplesmente não *queriam* admitir nada por medo de retribuição. Cada dia que passava alimentava minha ira crescente.

O homem de cabelos escuros tinha respostas que eu precisava. E eu estava perdendo a pouca paciência que tinha. Eu comecei a rezar para a deusa da morte e da fúria, fazendo todo tipo de promessas se ela me ajudasse a encontrá-lo.

Até agora, a deusa não se deu ao trabalho.

— *Buonasera,* Nonna. — Eu coloquei minha bolsa de facas no balcão da cozinha da nossa casa e me joguei em um banquinho. Meus pais insistiam que eu passasse algumas horas no restaurante todos os dias. Conseguimos deixar o Mar & Vinha fechado por apenas uma semana para lamentar por Vittoria. Então, quer gostássemos ou não, a vida retomou. Minha mãe ainda chorava com a mesma frequência que eu e meu pai não estava muito melhor. Mas eles fingiam ser fortes por mim. Se eles podiam tentar, o mínimo que eu podia fazer era entrar no restaurante e cortar alguns vegetais antes de cair de volta na minha dor.

— Emilia, me dê a cera de abelha e as pétalas secas.

Achei alguns cubos de cera e um pequeno feixe de flores secas no aparador. Nonna estava fazendo velas de

feitiços e, julgando pelas cores – branco, dourado e lilás – ela estava trabalhando em alguns encantos diferentes. Alguns para clarividência, alguns para sorte e alguns para paz.

Nenhum de nós teve muita paz neste mês. A *polizia* ligou o assassinato da minha irmã às outras duas meninas. Aparentemente, elas também tiveram seus corações arrancados, mas não havia suspeitos nem pistas. Eles juraram que não era falta de esforço da parte deles. Mas depois dos encontros iniciais, eles pararam de vir à nossa casa e ao restaurante. Eles pararam de fazer perguntas. Jovens mulheres morriam. A vida continuava. Assim era o mundo, pelo menos de acordo com os homens.

Ninguém se importou que Vittoria tivesse sido massacrada como um animal. Algumas fofocas mais cruéis até insinuaram que ela devia ter merecido. Ela, de alguma forma, pediu por isso sendo muito ousada, ou confiante ou ímpia. Se ela fosse mais quieta, mais subserviente, ela poderia ter sido poupada. Como se alguém merecesse ser assassinado.

Minha família quase pareceu aliviada quando as conversas mudaram para novos escândalos. Eles queriam lamentar e desaparecer nas sombras novamente, na esperança de escapar do escrutínio dos vizinhos e da polícia.

Vendedores intrometidos do mercado vinham ao nosso restaurante, comiam em nossas mesas, esperando por novidades, mas minha família tinha muita prática em guardar segredos para revelar qualquer coisa.

— Claudia passou aqui — Nonna disse, invadindo minhas preocupações intermináveis. — De novo.

Eu suspirei. Imaginei que minha amiga estava desesperada, se ela teve a coragem de falar com Nonna. Como a família de Claudia praticava as artes das trevas, e porque não deveríamos nos associar com outras bruxas por razões de segurança, nossa amizade ao longo da vida era uma fonte de tensão para nossas famílias. Era uma coisa horrível de se fazer, mas eu a estava evitando, não estava pronta para compartilhar nossas lágrimas e luto ainda.

— Vou visitá-la em breve.

— Uhum.

Eu observei o caldeirão que Nonna pendurou sobre o fogo na nossa cozinha, respirando a mistura de ervas. Eu costumava amar quando ela infundia seus próprios óleos. Agora eu mal conseguia ficar sentada durante o processo sem pensar na minha irmã, e nas vezes que ela implorava para Nonna fazer um sabonete ou creme especial.

Vittoria amava criar perfumes tanto quanto eu amava transformar ingredientes em molhos. Ela costumava se sentar onde eu estava, cabeça inclinada sobre poções secretas, mexendo até achar o cheiro certo. Um pouco de

notas florais, um toque de cítrico, e ela sempre incluía um tom de algo picante para balancear. Ela gritava de alegria e fazia todos nós usarmos sua última criação até ficarmos enjoados. Em um outono, ela fez tudo com laranja-de-sangue, canela e romã e eu jurei que nunca mais *olharia* para um deles novamente. As memórias eram demais...

Afastei-me da ilha e beijei minha avó.

— Boa noite.

Nonna inalou profundamente, como se quisesse transmitir alguma sabedoria ou conforto, mas me deu um sorriso triste.

— *Buona notte,* bambina. Durma bem.

Subi as escadas, temendo o quarto silencioso e vazio que já foi preenchido com tanta alegria e risadas. Por um segundo, eu considerei me torturar observando Nonna fazer velas mágicas de novo, mas o luto pesou em minhas pálpebras e puxou meu coração.

Tirei meu vestido de musselina e coloquei uma camisola fina, tentando não lembrar que Vittoria tinha um igual. Exceto que minhas fitas eram azul gelo e, as dela, rosa pálido. O ar estava denso do calor do verão, prometendo outra noite sem descanso de agitação e voltas.

Andei descalça pelo chão e abri a janela.

Encarei os telhados, perguntando se o assassino de Vittoria estava lá fora agora, perseguindo outra garota.

Perto dali, eu jurei que um lobo uivou. Uma nota singular e triste pairou no ar, enviando um arrepio pela minha espinha.

Na minha pressa de ir para a cama, derrubei um copo d’água. O líquido correu sobre um ponto que eu tinha esquecido. Era um lugar nas tábuas do assoalho onde Vittoria escondia coisas. Pequenas bugigangas como flores secas, notas do último garoto que amou ela, seu diário e o perfume que ela havia feito.

Corri pelo quarto, caí de joelhos e quase quebrei as unhas ao erguer a placa. Dentro estavam todos os objetos de que me lembrava.

Além de uma ficha de jogo com um sapo coroado em um lado e duas folhas grossas de pergaminho preto amarrado com barbante combinando. Limpei-os na minha camisola, esperando não ter arruinado essa preciosa peça da minha gêmea. Minhas mãos tremiam enquanto eu as desenrolava. Raízes douradas marcavam a borda, a tinta brilhante contra a escuridão da página grande. Eram feitiços arrancados de um grimório que eu nunca tinha visto antes. Examinei o texto, mas não consegui identificar para que era usado. Listava ervas e velas cores específicas e instruções em latim. Afastei as folhas e puxei seu diário para meu colo.

Eu estava disposta a apostar minha própria alma que essa era a chave para desbloquear o que ela estava

fazendo – e em quem ela errou ao confiar – nos dias e semanas que antecederam sua morte.

Passei meus dedos pelo couro surrado. Segurar seu diário me fez sofrer com as memórias. À noite, ela escrevia nele constantemente, registrando tudo, desde cada um dos meus sonhos estranhos, às sessões de vidência de Claudia, notas sobre seus perfumes, feitiços e encantos e receitas para novas bebidas. Eu não tinha dúvida de que ela também disse a esse diário cada segredo que ela guardou de mim.

Tudo o que eu precisava fazer era abrir a lombada e descobriria tudo o que eu precisava saber.

Eu hesitei. Esses eram seus pensamentos privados, e eu não queria cometer mais uma violação quando ela já sofreu tanto. Sentei-me em silêncio, considerando o que ela me incentivaria a fazer. Eu facilmente ouvi sua voz na minha cabeça, me dizendo para parar de pensar na queda e simplesmente pular. Vittoria se arriscava. Ela fazia escolhas difíceis, especialmente se significasse ajudar sua família.

A fim de descobrir quem a matou, eu precisava seguir seus passos, mesmo se isso me deixasse desconfortável. Eu inalei profundamente e abri o diário.

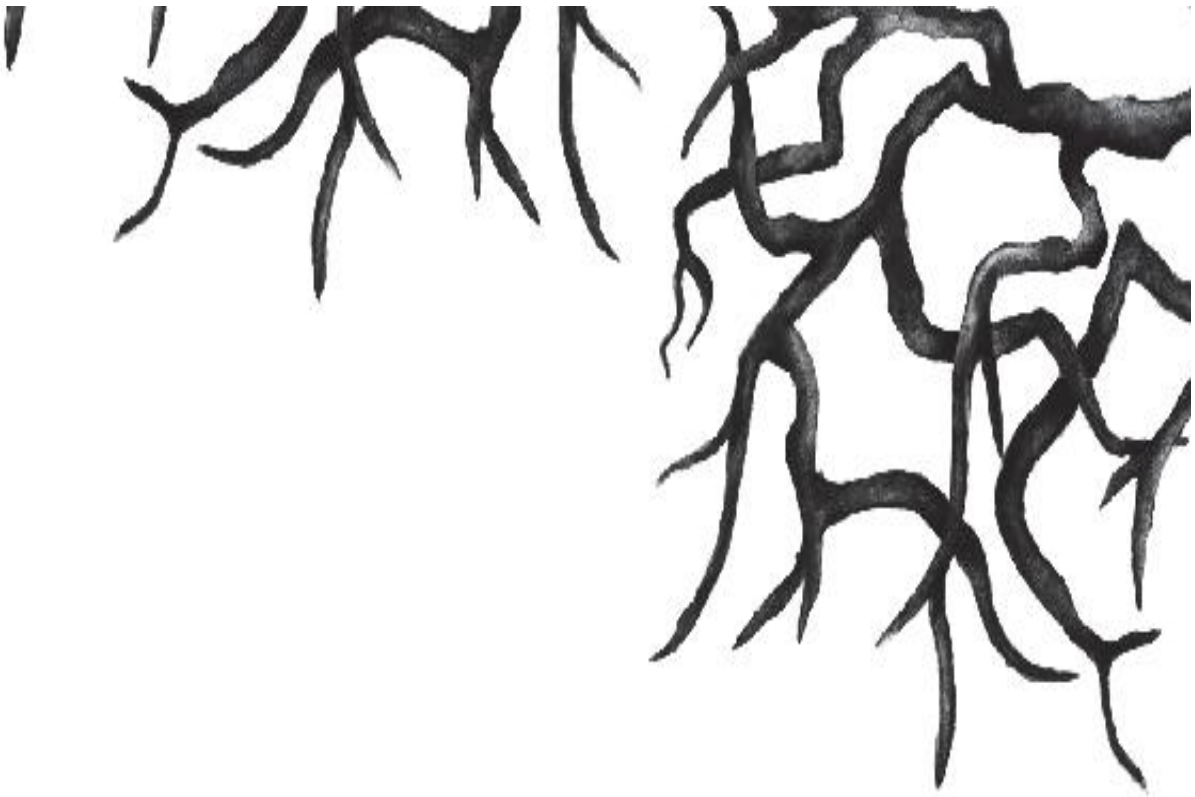
Ou teria, se as páginas não estivessem grudadas.

Puxei com mais força, sem querer destruir, mas preocupada que a água de alguma forma tivesse

danificado. O livro não se mexeu. Eu puxei com toda minha força. Nem mesmo dobrou. Corri até a parede, coloquei meus pés na borda da capa traseira e meus dedos na frente e tentei abrir, e... nada. Uma suspeita sombria tomou forma.

Sussurrei um feitiço de revelação e joguei uma pitada de sal sobre o ombro para ter sorte em decifrar o encantamento. Uma tênue teia de aranha em um tom violeta-azulado se ergueu ao redor do diário como um emaranhado de videiras espinhosas. Minha irmã usou um feitiço para fechá-lo usando mágica que eu nunca tinha visto antes.

O que queria dizer que ela sabia *exatamente* o quão perigosos seus segredos eram.



OITO

Vittoria tinha feito mais do que brincar com as artes das trevas. Eu não consegui abrir o diário usando a força, então tentei um feitiço de desfazer. Queimando ervas que ajudavam com clareza, acendi velas e rezei para cada deusa em que consegui pensar, mas o diário teimoso não revelou nenhum de seus segredos.

Eu joguei o livro no chão e praguejei. Vittoria tinha usado um feitiço que eu nunca tinha visto. O que significa que ela provavelmente descobriu que eu bisbilhotei em seu diário algumas semanas antes. Ela *realmente* não queria que eu soubesse seu segredo. E isso me deixou ainda mais determinada a descobrir o porquê.

Eu andei ao redor de nosso quartinho, observando o sol nascer lentamente. Eu precisava de um plano. Agora. Além de um feitiço proibido de verdade aqui e ali, eu sabia pouco sobre magia das trevas e como realmente funcionava. Nonna dizia que a arte das trevas exigia pagamento, pois tiravam de algo em vez de usar o que já existia. Eu ficaria feliz em sacrificar tudo o que fosse necessário para conseguir o que queria. Eu tinha uma grande pista e nenhuma maneira de acessá-la. Exceto... eu sorri quando uma ideia atingiu. Eu não podia quebrar o feitiço, mas eu conhecia alguém que poderia ser capaz: Carolina Grimaldi.

Carolina era a tia de Claudia e a acolheu quando seus pais foram para os Estados Unidos há um ou dois anos. Ela

era bem versada nas artes das trevas, e estava lentamente ensinando para Claudia tudo que sabia. Eu não queria envolver minha amiga, então decidi que teria que ir diretamente à fonte de seu conhecimento. Carolina tinha uma tenda no mercado movimentado e, se eu me apressasse, poderia alcançá-la antes que ela abrisse seu estande.

Peguei uma bolsa e enfiei as folhas do grimório e o diário dentro, então corri para a porta.

Nonna entrou em meu caminho, franzindo a testa.

— O diabo está perseguindo você?

Eu esperava que não, mas isso estava em debate.

— Não que eu saiba.

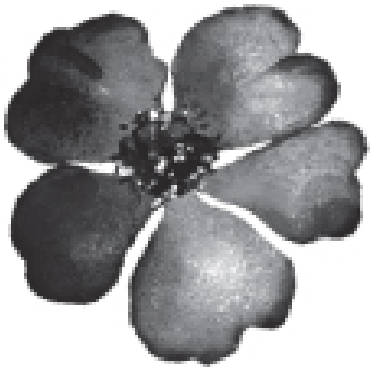
— Bom. Então você pode se sentar por um minuto e me dizer para onde você está correndo a essa hora.

— Eu... — Eu quase confessei tudo, mas pensei na minha irmã. Vittoria mantinha seus segredos e estava disposta a morrer com eles. Tinha que haver um bom motivo. — Eu queria ir dar uma passada no mercado para comprar alguns temperos antes de começarmos a nos preparar para o serviço do jantar. Tive uma ideia para um novo molho.

Nonna me olhou fixamente, tentando ver através de minhas mentiras. Sua expressão era uma mistura de decepção e suspeita. Não mostrei muito interesse em comida ou criatividade desde a morte de Vittoria. Justo

quando me convenci que ela me mandaria de volta para cima com uma lista de feitiços, ela deu um passo para o lado.

— Não se atrase. Há muito a ser feito.



— Signora Grimaldi! — Levantei minhas saias e corri pelas ruas. A sorte finalmente estava do meu lado. Eu alcancei Carolina antes que ela atravessasse a rua para o mercado.

Carolina protegeu o rosto do sol nascente e entrou nas sombras de um beco próximo quando me viu.

— Emilia. Sinto muito por...

— Não tenho muito tempo, signora. Preciso da sua ajuda com algo... delicado. — Peguei o diário e olhei ao redor, garantindo que estávamos sozinhas. — Há algum encantamento aqui que eu nunca vi. Eu esperava que você pudesse me dizer o que é e como quebrá-lo.

Ela deu um pequeno passo para longe, encarando o diário como se fosse uma abominação.

— Nada deste reino fará o que você procura. Coloque de volta onde achou, criança. Sua própria presença chama a eles.

— Eles?

— Os Perversos. Esta magia fede ao mundo deles... quer ser encontrada.

Eu encarei Carolina, me perguntando se Nonna de alguma forma descobriu o meu plano e chegou na bruxa das trevas primeiro.

— Este é o diário da minha irmã, não um livro de demônios.

Carolina acenou com a cabeça para minha bolsa.

— Mostre-me o que você tem aí. — Fiz outra varredura sutil ao nosso redor antes de pegar as folhas do grimório. Eu as entreguei para ela, observando seu rosto rapidamente drenar de toda a cor.

— Isso é um feitiço de convocação.

— Eu... eu não entendo. Por que minha irmã precisaria de um feitiço de convocação?

— Talvez ela estivesse tentando controlar um demônio.

Eu estudei as folhas pretas.

— Isso é impossível. Todos os demônios estão presos no Inferno. Assim como estiveram por quase cem anos.

Carolina bufou.

— É isso o que a sua nonna tem te contado? Vá para casa e tente convocar um sozinha, veja o que acontece. A

não ser que você tenha um objeto que pertença a um príncipe do Inferno, esses feitiços devem invocar apenas um demônio de nível inferior. Eles são fáceis de controlar e frequentemente trocam informações por pequenos favores ou bugigangas. E eu prometo a você, eles não estão *todos* presos no submundo. Quase toda bruxa, quer orem para as deusas da luz ou magia das trevas, sabe disso.

Eu encarei a bruxa das trevas, o coração batendo forte.

— Você está sugerindo que minha irmã estava convocando demônios e pedindo favores antes de morrer?

— Não tenho como saber com certeza o que ela estava fazendo, mas eu garanto que esses feitiços são estritamente para convocação. Eu duvido que um demônio a tenha ajudado sem algum tipo de barganha. Eles não acreditam em caridade. Sempre tem algum ganho para eles. — Ela me olhou, sua expressão suavizando. — Esqueça o que eu disse, criança. Não se envolva com o reino dos demônios. O que quer que sua irmã estivesse fazendo, eu prometo que você não vai querer participar.

Ela parecia a Nonna falando.

Eu a agradeci e me despedi, então rapidamente me dirigi para o Mar & Vinha. Em vez de respostas, eu tinha mais perguntas. Se Carolina estava certa sobre o feitiço no diário de Vittoria não ser deste reino, então abri-lo era impossível. A menos que.... Uma ideia lentamente se formou, uma que fez minha pulsação acelerar. Se minha

irmã *tinha* convocado um demônio, talvez ela tivesse usado sua marca de magia para selar seu diário. Eu não conseguia imaginar qualquer outro motivo para minha gêmea convocar um demônio além desse.

Apesar das histórias que Nonna contava enquanto crescíamos, Vittoria sabia que eu não acreditava de verdade nos príncipes demônios. Eu não era tão cética quanto aos demônios inferiores, mas pensava que eles estavam presos em seu reino, sem meios de fuga. Seria a maneira perfeita dela garantir que eu nunca desvendaria o segredo que ela estava tão desesperada para manter. E Vittoria estava quase certa, exceto por um detalhe.

Ela nunca poderia ter previsto a maneira que sua morte me mudou. Não havia nada neste mundo ou em outro que me impediria de solucionar seu assassinato. E eu *solucionaria.*

Refleti sobre diferentes teorias durante o serviço de jantar, mal me concentrando no Mar & Vinha. Eu continuava tentando pensar como minha irmã. Alguns pensamentos eram extremamente estranhos, outros mais plausíveis. Mas uma ideia sobressaiu das outras. Foi a que eu considerei cuidadosamente enquanto o dia se arrastava.

Talvez porque parecia tão impossível. Ou talvez porque Vittoria não acreditasse na palavra. Seja qual for o motivo, a ideia permaneceu comigo enquanto eu cortava vegetais e limpava minhas facas.

Eu pensei sobre isso na caminhada para casa.

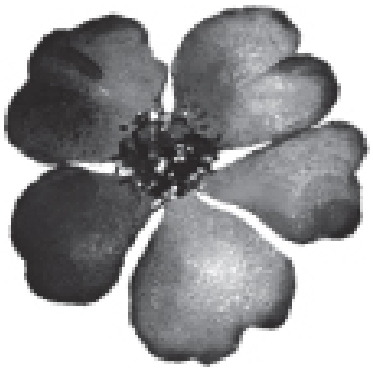
Então enquanto eu colocava minha camisola e penteava o cabelo.

Me assombrou e eu a recebi bem.

Mais tarde, assim que me aninhei na cama, peguei as folhas do grimório novamente. Examinei a escrita desconhecida e sorri. Era meu primeiro sorriso verdadeiro em semanas, e era tão sombrio e cruel quanto meus pensamentos ultimamente.

Vittoria tinha, pelo menos, tentado convocar um demônio. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu aceitava sua verdade. Amanhã à noite, eu tentaria convocar um sozinha. Então, se funcionasse, eu mesma faria uma barganha. Em troca de um pequeno favor, eu pediria para quebrar o feitiço no diário dela. Eu não tinha nada a perder — a invocação teria sucesso ou não. Eu nunca saberia o que aconteceu com minha irmã se não colocasse de lado minhas dúvidas e tentasse. Com isso, minha decisão foi tomada.

Tudo o que eu precisava agora era de alguns ossos.



O dia seguinte no restaurante passou de forma tortuosa, mas consegui fazer bom uso do meu tempo na cozinha. Juntei todos os ingredientes que as páginas do grimório listavam e ninguém suspeitou de nada. Exceto talvez Nonna. Minha avó me encarou através da ilha, entoando um canto silencioso, como se ela pudesse ler meus pensamentos e conjurar um feitiço para arrancar o próximo pensamento antes que criasse raízes.

Mal sabia ela que eu vinha cultivando essa ideia desde a noite passada. Eu peguei o broto de um plano e cuidei dele, incentivando-o a florescer. Agora estava totalmente crescido. Eu sabia o que tinha que fazer.

Eu só precisava de suprimentos e oportunidade.

Nonna nos disse para nos escondermos dos Malvagi, proferir nossos encantos e abençoar nossos amuletos com raios prateados de luar e água benta, nunca falar dos Perversos quando a lua estivesse cheia, e fazer todas as coisas que uma boa bruxa fazia. Caso contrário, eles roubariam nossas almas.

No final, o monstro que temíamos não veio do Inferno. Ele veio do privilégio.

Aquele homem de pé sobre minha irmã gêmea – com suas roupas finas e faca cara – merecia punição como qualquer outra pessoa. Ele não podia simplesmente pegar o que queria sem enfrentar as consequências. Eu tinha quase certeza de que as pessoas a quem mostrei devem ter reconhecido sua lâmina, mas se recusaram a falar contra ele, temendo as repercussões. Ele podia ser poderoso e rico, mas a justiça o encontraria.

Eu me certificaria disso.

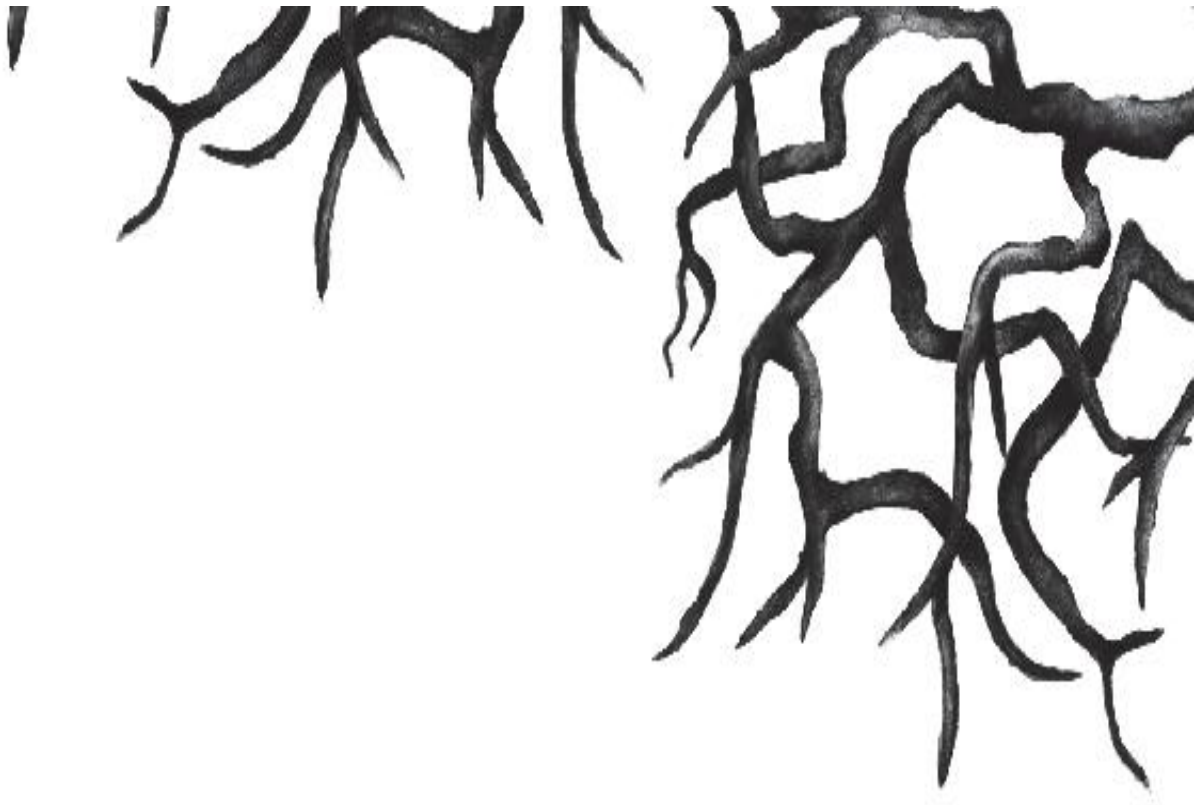
Eu ainda não tinha certeza se ele agia sozinho, ou se ele era um membro dos misteriosos caçadores de *Streghe*, e isso não importava. Ele era o único lá naquela noite. Eu iria caçá-lo primeiro e descobriria mais informações depois. Se houvesse mais pessoas como ele, eu lidaria com isso depois.

Eu também tinha um plano para manter minha família segura enquanto rastreava o assassino de Vittoria. Em vez de uma única simples barganha, eu faria duas. Primeiro, eu faria com que o demônio que invoquei quebrasse o encantamento no diário de Vittoria, e então eu o faria localizar o misterioso homem de cabelo escuro. Felizmente, ter uma posse como a faca de cobra permitiria isso.

Um demônio que eu podia controlar era a resposta a uma oração.

Parecia que eu estava errada antes; a deusa da morte e da fúria não ignorou meus apelos. Ela simplesmente estava ganhando tempo, esperando que eu transformasse meu desespero em algo que ela pudesse usar. Um galho era apenas um pedaço de madeira quebrada até ser afiado como uma lança. O luto me partiu ao meio. E a fúria transformou os pedaços em uma arma.

Agora era hora de desencadear isso.



NOVE

Magia de ossos, quando usada indevidamente, pode fazer parte das artes proibidas. Usar ossos de animais – garras, unhas, presas, conchas e penas – permite que uma bruxa se conecte com o submundo. Eles devem ser reunidos de forma ética, não sacrificados, como é popularmente pensado pelos humanos. Para controlar seu poder, crie um círculo de osso e inclua ervas e objetos intencionais.

—Notas do grimório di Carlo

Eu fiquei de pé na entrada da caverna, ouvindo enquanto o mar batia nas rochas abaixo, com raiva e insistência.

O borrifo salgado subia pelo penhasco, picando a pele exposta dos meus braços e pescoço. Talvez a água estivesse refletindo meu humor. Ou talvez sentia as trevas do pergaminho enrolado debaixo do meu braço. Eu certamente sentia.

As bruxas eram conectadas à terra e canalizavam seus poderes para o seu próprio. Eu não ficaria surpresa se o mar estivesse desconfiado do que estava por vir – o poder sombrio que eu estava prestes a liberar sobre nosso reino. O mar poderia estar preocupado, mas eu não estava. Eu tive de esperar horas até que Nonna finalmente adormecesse em sua cadeira de balanço antes de recolher meus suprimentos e escapulir. Qualquer sentimento

persistente de preocupação foi eclipsado pela determinação fria de realizar meu plano.

Eu não fazia ideia de como Vittoria encontrou estas páginas de grimório – era outro mistério para adicionar a uma lista em expansão – mas as usaria a meu favor. Uma forte rajada de vento me forçou a entrar na caverna. Eu não tinha certeza de para onde estava indo quando saí de casa, mas me senti atraída para cá. Vittoria costumava encontrar motivos para nos aventurarmos nessa caverna com a maior frequência possível quando éramos crianças. Era quase como se ela estivesse aqui, me guiando agora.

O ar noturno estava ameno, mas calafrios arrastaram garras afiadas ao longo da minha carne.

Eu levantei minha lanterna, tentando não me encolher para longe das sombras dançando ao redor da luz. Convocar um demônio – em uma caverna úmida onde meus gritos não poderiam ser ouvidos se alguma coisa desse errado – não era exatamente como eu teria imaginado minha vida três semanas atrás.

Naquela época, eu ficaria feliz em passar minhas noites criando novas receitas para o Mar & Vinha. Eu teria lido um romance picante e desejado que um certo *fratello* abandonasse seu juramento a Deus por uma noite e me adorasse. Isso foi antes de encontrar o corpo profanado da minha irmã.

Meus desejos atuais se concentravam em duas coisas: descobrir quem matou minha irmã gêmea e por quê.

Bom, três desejos se você contasse um sonho de estripar o bastardo que matou Vittoria. Isso era mais do que um desejo, no entanto. Era uma promessa.

Satisfeita por não haver nada escondido na caverna comigo – como ratos ou cobras ou outras surpresas desagradáveis – coloquei minha lanterna em uma pedra plana e minha cesta de suprimentos na terra compacta. Eu estudei o feitiço de convocação até meus olhos cansarem, mas estremeci um pouco mesmo assim enquanto pegava os itens que eu precisava.

Velas pretas, folhas frescas de samambaia, ossos de animais, um pequeno vidro com sangue de animal e um pouco de ouro. Eu não tinha muito deste último por aí, então trouxe a adaga de ouro e serpente comigo. Parecia apropriado que a lâmina do estranho misterioso fosse usada para caçá-lo.

Se tudo corresse bem, um demônio menor seria contido dentro do círculo. Eu sabia que ele não seria capaz de deixar a área designada, mas ainda assim eu estava menos do que animada de estar em um lugar escuro sozinha com um monstro do Inferno. Mesmo um facilmente controlado e preso magicamente.

Eu olhei para as notas cuidadosamente escritas nas folhas de novo, protelando. Para que a convocação fosse

bem sucedida, eu precisava seguir as regras do ritual *com precisão.* Qualquer desvio podia libertar o demônio neste reino. Primeiro, eu precisava montar o círculo, alternando as velas, as samambaias e os ossos. Depois, eu colocaria o pequeno vidro de sangue dentro dos limites do círculo. Então eu tinha que convidar formalmente um demônio para se juntar a mim, usando latim, sua língua nativa.

Eu hesitei nesse ponto. Latim não era a minha matéria favorita que Nonna havia tentado nos ensinar. Havia tantas palavras similares, mas cujas definições eram muito diferentes. Uma ligeira mudança de significado podia resultar em um desastre. Teria sido menos preocupante se eu tivesse mais do que uma compreensão básica das artes das trevas. Ou se o feitiço de invocação de Vittoria também incluísse uma frase antiga confiável para usar em vez de simplesmente indicar que uma era necessária com base na intenção da bruxa.

Minha verdadeira intenção era descobrir o que minha irmã estava fazendo antes de sua morte, então rastrear a pessoa que a assassinou e matá-lo. Violência e vingança de sangue não era a maneira mais educada de começar uma convocação, no entanto. E eu me preocupava com as repercussões que poderiam ter. Felizmente, eu pensei muito sobre o que eu queria do demônio. Eu não queria oferecê-lo nenhuma oportunidade de escapar do círculo, e eu certamente não queria que ele me ferisse, então decidi

por *aevitas ligati in aeternus protego*. Traduzido exatamente como “Ligados para sempre em eterna proteção. ”

Para sempre parecia uma ideia sabia quando se tratava de garantir que um demônio não pudesse deixar o círculo. E se fosse forçado a me proteger, ele não poderia me atacar. Para a parte final do feitiço, eu precisava preparar uma saída. Aparentemente, demônios eram criaturas com regras estritas e tinham que obedecê-las, então se eu convidasse um a se juntar a mim, eu tinha que formalmente desconvidá-lo e mandá-lo de volta para seu reino. Boas maneiras eram aconselháveis, mas eu não tinha certeza se poderia cumprir bem *essa* parte.

Eu respirei fundo.

— Tudo bem, Emilia. Você pode fazer isso.

Eu lentamente coloquei os objetos em um círculo. Ossos. Samambaia. Vela. Com tamanhos variados, pareciam como raios de um sol oculto. Eu acendi as velas e caminhei ao redor do círculo, segurando o crânio de um pássaro contra o peito, a peça final que eu precisava para torná-lo completo. Eu hesitei.

Se eu colocasse esse último osso na formação, o círculo estaria pronto.

Eu inalei, então lentamente exalei. Eu não fazia ideia de que tipo de demônio responderia ao meu chamado. Alguns pareciam humanos e outros eram pesadelos

ambulantes, de acordo com Nonna. Ela nunca nos deu detalhes, o que eu não tinha certeza se era uma benção agora. Minha mente era excecional em imaginar criaturas malvadas com dentes de presas e pontas de garras que andavam de costas com múltiplas pernas.

Nuvens flutuaram na frente da lua, criando um efeito distorcido nas paredes da caverna. Calafrios acariciaram minha espinha novamente. A deusa da tempestade e do mar não estava satisfeita.

Eu encarei o crânio que estava segurando, me perguntando se este era realmente o caminho que eu deveria seguir. Talvez eu *devesse* apagar as velas e voltar para casa e ir para a cama, esquecer sobre demônios, caçadores de bruxas e o diabo. Nonna dizia que, uma vez que as trevas eram convidadas, problemas surgiam logo atrás.

Um flash do rosto da minha irmã gêmea – olhos escuros brilhando com travessura, e seus lábios se curvando para o lado – cruzou minha mente. Antes de perder a coragem, me abaixei e rapidamente coloquei o último osso no lugar. O silêncio varreu a câmara, selando os apelos do mar. Andei lentamente até a borda do círculo, o pequeno vidro de sangue na mão, quando uma poderosa rajada de vento rasgou a caverna;

Morcegos gritaram e voaram para mim. Centenas deles. Eu gritei, levantando as mãos para me proteger

enquanto rugiam ao meu redor como uma tempestade viva. Ao longe, ouvi vidro quebrar. Caí de joelhos, cobrindo a cabeça enquanto as pequenas asas e garras rasgavam meu cabelo e pescoço. Então, tão rapidamente quanto começou, os morcegos se foram e a caverna ficou imóvel.

Eu respirei fundo algumas vezes, trêmula, e lentamente afastei uma mecha de cabelo do meu rosto. Durante o rápido ataque, minha trança simples foi desfeita. Cachos longos e soltos faziam cócegas nas minhas costas como aranhas, causando mais arrepios. Pétalas de flores cobriam o chão como soldados que caíram em um conflito que não viram chegando. Eu tinha esquecido que havia um túnel fechado perto do fundo da caverna.

Pressionei meus lábios em uma linha fina, furiosa comigo mesma. Se eu podia invocar um demônio, podia superar um bando de morcegos.

Teoricamente.

Fiquei de pé com as pernas trêmulas e passei a mão pelas roupas, voltando a atenção para o círculo de invocação e me encolhendo com o vidro quebrado piscando ao luar. O sangue respingou no chão ao redor do perímetro, o que não era bom para mim. Eu precisava que fosse *dentro* do limite para atrair o demônio.

— Morcegos estúpidos do Inferno. — Eu não tinha outro vidro de sangue, e andar todo o caminho de volta para o restaurante levaria uma eternidade. O feitiço precisava ser

lançado à noite, e o amanhecer estava apenas a algumas horas. Eu nunca voltaria a tempo.

Eu olhei ao redor da caverna, desesperada o suficiente para matar alguma coisa se fosse necessário. Claro, agora que eu *precisava* de um morcego ou uma cobra ou outra criatura, a caverna estava totalmente vazia. Chutando pedras e murmurando o tipo de linguagem chula que faria a cabeça da minha mãe e de Nonna girarem, eu finalmente olhei para as folhas do grimório misterioso de Vittoria de novo.

Tecnicamente, não especificava que o sangue *animal* era necessário. Só aconselhava usá-lo.

Eu reacendi as velas e peguei a adaga de serpente, raciocinando que precisaria dela para completar o feitiço de qualquer maneira. A hora para hesitação e interrupções tinha acabado. Quer eu gostasse ou não, se eu quisesse quebrar o feitiço no diário de Vittoria, esta era a minha melhor opção.

Se eu tivesse que oferecer um pouco do meu próprio sangue, seria um preço pequeno a pagar.

Eu ignorei a dor enquanto arrastava a lâmina por cima do meu antebraço; eu precisava das minhas mãos para cozinhar depois e não podia me dar ao luxo cortar minhas palmas. O metal brilhou como se estivesse satisfeito com minha oferenda. Sem querer pensar demais sobre uma lâmina que glorificava um sacrifício de sangue, ergui meu

braço sobre o círculo de invocação e comecei a entoar o cântico assim que as primeiras gotas atingiram o chão.

— Pela terra, sangue e osso. Eu te convido. Venha, entre neste reino dos homens. Junte-se a mim. Preso neste círculo, até que eu te mande para casa. *Aevitas ligati in aeternus protego.*

Eu fiquei completamente parada, esperando. Para a terra rachar, os portões do Inferno se abrirem, hordas de caçadores de bruxas investirem contra mim, ou meu coração parar. Nada aconteceu. Eu estava prestes a entoar o cântico novamente quando começou. Fumaça girou em torno do limite do círculo como se estivesse presa em um vidro, nunca atravessando para o resto da caverna. Pulsava com energia; quase carinhosamente acariciou minha mão. Eu larguei a adaga e puxei o braço, abraçando-o contra mim até que a sensação cessou.

Eu não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Uma onda mais forte de trevas se deslocou ao redor do círculo, obliterando totalmente o interior dele de vista. Uma luz preta e brilhante emergiu do centro. Eu mal conseguia respirar. Um som como um fogo crepitante no inverno precedeu a chegada do demônio. Eu fiz isso. Eu realmente invoquei uma criatura do Inferno! Se eu não desmaiasse de choque, seria um verdadeiro sucesso. Eu esperei, com o coração disparado, a fumaça se dissipar.

Como se estivesse respondendo ao meu desejo não dito, uma brisa fantasma carregou a fumaça para longe, revelando um homem alto de cabelos escuros. Suas costas musculosas estavam voltadas para mim e ele usava apenas calças pretas de cintura baixa. Ele não era nada do que eu esperava de um demônio inferior. A pele dourada brilhava à luz das velas, a perfeição suave quebrada apenas por uma variedade de tinta cintilante. Sua beleza era uma afronta ao que o mal deveria ser. Eu acho que deveria ser grata por ele não ter uma cauda de serpente ou chifres perversos.

O demônio girou no lugar como se estivesse se acostumando com seu novo local. Seu peito e torso eram esculpidos de uma forma que indicava que ele conhecia bem armas. Minha atenção caiu para uma tatuagem de ouro metalizada que começava em cima de sua mão direita e se enrolava ao redor de seu braço e ombro. Uma cobra temível. Não tive tempo de catalogar os detalhes porque agora ele estava totalmente de frente para mim. Eu respirei fundo quando finalmente encontrei seu olhar. Íris de ouro escuro com manchas pretas me encararam de volta.

Lindo. Raro. E letal. Mesmo que Nonna afirmasse que seus olhos eram tingidos de vermelho, eu sabia na própria medula dos meus ossos o que ele era.

— Impossível — eu sussurrei.

Ele ergueu uma sobrancelha. Sua expressão era tão humana que esqueci, por um segundo, como ele havia chegado nesta caverna. Ele não deveria existir. No entanto, lá estava ele desafiando todas as minhas expectativas. Alto, sombrio e com uma raiva silenciosa. Eu não conseguia tirar minha atenção dele, preocupada que ele fosse ou uma invenção da minha imaginação ou uma prova da minha loucura. Eu usei as artes das trevas. Talvez essa ilusão temporária fosse o meu preço.

Era muito mais fácil pensar que era verdade, ao invés de aceitar que eu fiz o impossível – eu vinculei um dos Perversos a este reino. O que era muito, *muito*, ruim.

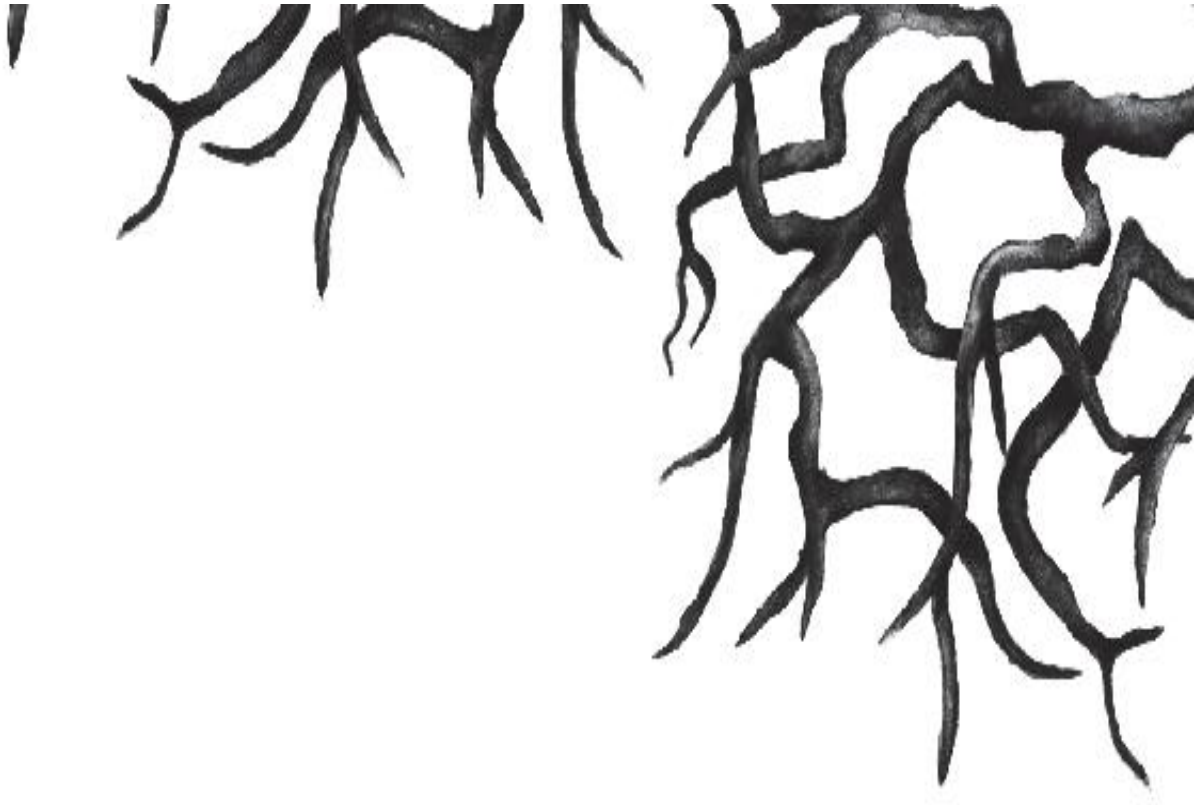
Ele parecia bastante humano, mas era a personificação física de um pesadelo.

Uma criatura bebedora de sangue, ladra de almas, imortal da noite. Eu lutei contra o desejo de pular para longe do círculo, e segurei seu olhar em vez disso. Uma tempestade rugia dentro daqueles olhos. Era como ficar de pé na beira de um mar escuro, observando os raios dançarem cada vez mais perto da água. Uma onda de medo percorreu minha espinha enquanto ele desafiadoramente me encarava. Eu nunca fui mais grata por também tê-lo vinculado para me proteger. Instintivamente, eu estendi a mão e segurei meu *cornicello* para me confortar.

Ele parecia pronto para – *doce deusa da fúria.* Seu *luccicare* era preto e dourado. Eu só tinha visto isso uma vez antes. O reconhecimento me atingiu, e eu imediatamente larguei meu *cornicello* e peguei minha adaga do chão. A adaga *dele.*

O punho era tão frio quanto a raiva gelada agora correndo pelas minhas veias.

— Eu vou te matar — eu rosnei, então me lancei para ele.



DEZ

Ossos se espalharam quando eu ataquei. A lâmina desceu, cortando uma linha longa e fina em seu peito duro. Deveria ter perfurado seu coração. E teria acontecido, se ele não tivesse desviado para trás tão rapidamente. Uma dor estranha e abrasadora irrompeu sob minha pele. Eu não queria considerar o que significava – que talvez a mistura do nosso sangue na lâmina do estranho tivesse criado um encanto próprio. Ou talvez o feitiço de proteção também me impedia de acertá-lo com um golpe mortal.

Ele tomou a adaga com facilidade e a jogou no chão.

Cerrei os punhos e mirei em seu centro. Era como acertar uma parede de pedra.

O demônio ficou parado, permitindo que meu ataque continuasse. Enquanto eu me cansava com chutes e socos, ele calmamente olhou ao redor da câmara, me enfurecendo mais com sua indiferença. O demônio não parecia muito preocupado, e eu me perguntei quantas vezes ele foi convocado e posteriormente atacado. Ele estudou o círculo e sua atenção voltou-se para mim, imediatamente estreitando os olhos ao ver o corte recente no meu braço. Uma carranca lenta se formou antes que rle a escondesse.

— Por que. Você. Não. Sangra? Monstro! — Eu estava feroz enquanto chutava e socava. Meu ódio e ira tão fortes que eu quase me embriaguei com a intensidade.

Eu olhei para cima a tempo de vê-lo fechar os olhos, como se ele estivesse gostando desses sentimentos sombrios também. Nonna disse que demônios puxavam as emoções para eles, permitindo que se contorcessem em torno das emoções deles. Pela expressão em seu rosto, eu estava começando a achar que era verdade.

Desgostosa, eu parei de soca-lo e levei um momento para recuperar o fôlego e me recompor. Sangue escorria do meu braço e pingava no chão. Não era dele, no entanto. Era do corte que eu fiz ao invocá-lo. Eu não me importava se eu sangrasse até secar se eu o levasse para o Inferno junto comigo.

— Um conselho, bruxa. Gritar: "Eu vou te matar" tira o elemento surpresa do ataque. — Ele grunhiu quando eu dei um golpe rápido no seu estômago. Meus socos estavam ficando mais fracos e ele não parecia pior com o meu desgaste. — Você não conseguirá me matar, mas vai ser uma grande melhoria na habilidade.

— Talvez eu não possa te matar, mas encontrarei outras maneiras de fazer você sofrer.

— Confie em mim, a sua presença já é o suficiente. — Gotas de sangue chiaram dentro do círculo. Aquela queimadura estranha sob minha pele estava ficando insuportável, mas eu estava muito brava para prestar atenção. — Qual feitiço você usou, bruxa?

Eu fiquei imóvel, respirando com dificuldade.

— *Vaffanculo a chi t'è morto.*[3]

Eu não tinha certeza se ele sabia exatamente o que o xingamento significava, mas ele deve ter deduzido que tinha algo a ver com fornicar com membros mortos da família. Ele parecia pronto para *me* arrastar para o Inferno agora. Ele de repente cambaleou para longe, praguejando.

— *Qual feitiço você usou?*

— Bom, considerando que você está parado aqui, bravo e incapaz de atacar, acho que um feitiço de invocação, demônio. — Cruzei os braços sobre o peito. — E um para proteção.

Do nada, uma luz dourada brilhou sobre o meu braço antes de se desintegrar em um tom lilás claro. Uma tatuagem do mesmo tom de roxo – duas luas crescentes colocadas de lado dentro de um anel de estrelas – apareceu no meu antebraço externo, queimando quase tão violentamente quanto a minha ira.

Eu fiquei lá, ofegante, até que a queimação em meu braço finalmente cessou. Eu observei enquanto ele olhava para seu próprio braço e rangia os dentes. Aparentemente ele também estava sentindo aquela dor horrível.

Que bom.

— Sua bruxa com sangue de demônio. Você me *marcou.*

Uma tatuagem pálida apareceu em seu antebraço esquerdo, antes nu. Duas luas crescentes em um anel de

estrelas. Por um momento, ele parecia que mal podia compreender que eu tinha feito algo tão impossível. Honestamente, eu não tinha certeza de por que ele e eu tínhamos tatuagens iguais agora, mas preferia morrer do que admitir isso para ele.

Deve ser o custo da magia das trevas que eu usei para invoca-lo. Eu quase ri. Quando Carolina me disse que os feitiços convocariam um demônio inferior, eu quase não acreditei nela. Eu me perguntei se eu estava em um pesadelo – não tinha como eu ter *realmente* convocado um príncipe do Inferno. Seria preciso mais magia do que eu possuía para controlar uma criatura como ele independentemente do período de tempo.

— Isso é impossível.

— Nisso podemos concordar. — Ele apontou o braço para mim. — Me diga a frase exata do feitiço. Precisamos revertê-lo antes que seja tarde demais. Restam poucos minutos preciosos.

— Não.

— Você não tem ideia do que fez. Eu preciso saber a frase *exata.* Agora, bruxa.

Eu tinha certeza de que o que fiz, além de irritá-lo muito, foi garantir que nenhum de nós acabasse morto pela mão um do outro. As tatuagens provavelmente agiam como uma espécie de vínculo mágico. Desatar-nos para

que ele pudesse arrancar meu coração, como ele fez com a minha irmã, era a última coisa que eu faria.

— Inacreditável — eu zombei. — Exigindo coisas quando não é você quem tem o poder aqui. — Sua expressão era de puro desgosto. Eu esperava que refletisse a minha. — *Eu* preciso saber quem você é e por que matou a minha irmã. Já que você não pode voltar para a dimensão do Inferno sem eu permitir, eu sugiro jogar de acordo com as minhas regras.

Eu não podia ter certeza, mas houve uma mudança na atmosfera ao nosso redor, e tive a estranha impressão de que seu poder deslizou para fora, me rodeou e então se esgueirou. Suas narinas se dilataram. Ele estava furioso com a coleira mágica que coloquei nele, se esforçando para se soltar. Eu observei, um pequeno sorriso maldoso curvando-se em meus lábios. Se ele não me odiava antes, eu tinha conseguido que me odiasse dez vezes mais agora. Perfeito. Parecia que finalmente nos entendíamos.

— Um dia estarei livre desse vínculo. Pense bem sobre isso.

Eu me aproximei dele, levantando meu rosto.

— Um dia vou descobrir uma maneira de matar você. Pense bem *nisso.* Agora, me diga quem é você e por que queria Vittoria morta.

Ele me ofereceu um sorriso que provavelmente tinha feito homens mijarem nas calças; eu me recusei a ceder ao

medo.

— Muito bem. Já que você tem pouco tempo para me segurar aqui, e já desperdiçou preciosos minutos com a sua péssima tentativa de assassinato, vou jogar o seu jogo. Eu sou o Príncipe da Wrath[4], general da guerra e um dos temidos Sete.

Antes que eu pudesse piscar, ele arrastou um dedo pela minha garganta, pausando na veia que pulsava sob minha pele. Um pavor não diluído me percorreu. Afastei sua mão e saí do círculo de invocação. Eu notei os ossos espalhados e me esforcei para colocá-los de volta no lugar.

Seu sorriso se transformou em algo afiado e perverso.

— Parabéns, bruxa. Você conseguiu chamar a minha total atenção. Eu espero que esteja preparada para as consequências.

A arrogância gotejava dele. Só um tolo não teria pavor da besta que eu senti espreitando sob sua pele. Ele irradiava poder – vasto e antigo. Eu tinha poucas dúvidas de que ele poderia acabar com a minha vida com pouco mais do que um pensamento.

Ao mesmo tempo, os cantos dos meus lábios se contraíram.

Então, sem aviso, inclinei-me e comecei a rir. O som ricocheteou nas paredes da caverna, aumentando até que eu quis tampar os ouvidos. Eu agarrei meu estômago, praticamente arfante da minha explosão. Talvez eu

estivesse ficando louca. Esta noite foi de mal a pior mais rápido do que eu poderia ter imaginado. Eu não conseguia acreditar que havia invocado um príncipe do Inferno. Eu não conseguia acreditar que demônios da realeza existiam. O mundo estava de cabeça para baixo.

— Fico feliz que a morte iminente seja tão divertida — ele vociferou. — Será ainda mais satisfatório massacrar você. E eu prometo que a sua morte não será rápida. Vou me glorificar na sua morte.

Acenei para ele como se ele não fosse mais temível do que uma moça doméstica. Eu podia praticamente *sentir* a raiva vibrando dele e girando para dentro de mim. Mesmo assim, eu tinha a sensação de que ele estava se contendo. Muito. Era perturbador.

— Por que, por favor me diga, você está rindo tanto?

Eu me endireitei e enxuguei os cantos dos olhos.

— Como, exatamente, eu devo chamar você? Sua Alteza? Oh, Temido e Poderoso Sete? Comandante Geral do Inferno? Ou Príncipe Wrath?

Um músculo em sua mandíbula se contraiu enquanto ele sustentava meu olhar.

— Um dia você me chamará de Morte. Por enquanto, Wrath servirá.

ONZE

Um príncipe do Inferno nunca dará seu nome verdadeiro a seus inimigos. Eles podem apenas ser invocados através de um objeto que lhes pertence junto com uma emoção poderosa. Seus poderes estão ligados aos pecados que representam. Cuidado, pois eles são seres egoístas que desejam usar você para seu ganho.

—Notas do grimório di Carlo

— Wrath? — Não me incomodei em esconder o tom incrédulo. Deixando de lado a frase extremamente melodramática 'você me chamará de Morte', toda a noite obscena deixou de ser engraçada do tipo isso-não-pode-estar-acontecendo-destino-cruel. Primeiro, eu estava convencida de que ele era um caçador de bruxa e que tinha assassinado Vittoria por causa do que ela era, apenas para descobrir que ele era uma das criaturas das quais estivemos nos escondendo a vida inteira. Então, ter o demônio que matou minha irmã ao meu alcance e não ser capaz de feri-lo...

Devo ter *realmente* irritado alguma deusa para ser punida tão horrivelmente. Seu nome estúpido e todos os seus títulos eram a menor das minhas preocupações, mas a raiva derramando dele enquanto eu ria me deixava inclinada a atormentá-lo por isso.

— Isso é ridículo. Não vou chamar você de uma emoção. Qual é o seu nome verdadeiro?

Ele me encarou com um olhar frio enquanto eu recuperava sua adaga.

— Meu nome verdadeiro não lhe diz respeito. Dirija-se a mim pelo meu título da Casa. A não ser que você prefira me chamar de Sua Alteza Real do Desejo Inegável. Esta é sempre uma opção aceitável. Se você quiser se curvar, eu também não me importaria. Um pouco de bajulação ajuda muito. Posso conceder-lhe uma bênção e tornar sua morte rápida.

Meu lábio se curvou involuntariamente.

— Tem certeza que você é da Casa Wrath? Se eu não soubesse, diria que você é um general sem camisa de um batalhão vazio pertencente a Casa Narcisismo.

Sua expressão era tudo menos amigável.

— Você me lisonjeia. Se sente tanta repulsa pela minha presença, por que não me liberta?

— Nunca.

— Uma palavra perigosa. Eu evitaria falar em absolutos se eu fosse você. Eles têm uma tendência de *nunca* durar.

Eu me forcei a respirar. O que eu queria antes de reconhecê-lo eram perguntas. Agora eu queria esculpi-lo em mil pedaços sangrentos e servi-los aos tubarões.

— Por que você assassinou minha irmã?

Ele lentamente andou ao redor do círculo de invocação, provavelmente testando sua força.

— É isso que você acha? Que eu arranquei o coração de sua irmã?

— Você estava de pé sobre o corpo dela, *lambendo o sangue de seus dedos*, sua besta revoltante. — Eu respirei furiosamente, observando-o de perto, embora fosse um esforço inútil. Sua expressão era inumanamente vazia. Nenhuma emoção traía seus pensamentos. Sem pensar, eu estendi a mão e agarrei meu *cornicello* novamente. — *Por que* você assassinou minha irmã?

— Eu não a matei.

— Por que eu deveria acreditar em você?

— A morte dela foi muito inconveniente.

— Inconveniente? — Eu agarrei o cabo de sua adaga, debatendo o quão rápido eu poderia enfiá-la em seu coração antes dele me acertar de volta. Não que ele tivesse feito isso. Na verdade, ele nem mesmo colocou a mão em mim enquanto eu o chutava e o socava. Estranho para um demônio da guerra. Eu balancei minha cabeça. Meu feitiço de proteção estava funcionando, e não sua consciência. — Sim, imagino que deve ter sido terrivelmente inconveniente para *você* encontrar minha irmã morta. Por que você estava no mosteiro, então?

Uma tênue luz dourada cintilante se acendeu e caiu de volta na terra como uma cachoeira. Demorou um segundo

para perceber que ele só estava me respondendo por causa do círculo de invocação. E aparentemente ele estava lutando contra. Sentindo-me ousada, me aproximei da linha de ossos e perguntei novamente:

— Por que você estava lá naquela noite?

Ódio queimou em seus olhos.

— Por sua irmã.

— Para que você a queria?

Ele sorriu de novo, mas era mais uma promessa de vingança do que diversão;

— Ela fez uma barganha com o meu irmão. Eu fui cobrar.

Eu me virei rapidamente, na esperança de esconder minha surpresa. Eu suspeitava que Vittoria havia feito uma barganha com um demônio para enfeitiçar seu diário, mas não achava que ela tinha invocado um dos Perversos. Meu foco deslizou para a cesta que eu trouxe. O diário da minha irmã gêmea estava escondido a alguns metros de distância. Carolina disse que chamava os Malvagi, e eu me perguntei se Wrath o sentia agora. Eu não queria que ele colocasse suas mãos de demônio no que quer que estivesse lá, e decidi não pedir a ele para quebrar o feitiço. Eu o encarei novamente.

— Quais foram os termos exatos da barganha?

— Não tenho certeza.

Estreitei os olhos. Obviamente ele estava mentindo, mas eu não tinha como arrancar a verdade dele. A não ser que eu usasse um dos feitiços Proibidos. E isso parecia muita magia sombria para uma noite. Havia um limite para testar o Destino.

— O que você fez com o coração dela?

— Nada. — Ele rangeu os dentes. — Ela estava morta quando cheguei lá.

Eu estremeci. Mesmo que não houvesse nada particularmente cruel no que ele disse, a avaliação fria da morte da minha irmã ainda doía.

— Por que você está tão preocupado com a formulação exata do feitiço?

Desta vez, sua resposta demorou muito a chegar, como se ele estivesse escolhendo as palavras com cuidado. Ele finalmente disse:

— A fim de cumprir suas regras, eu preciso entender completamente o feitiço de proteção, como você chamou. Saber a frase também me ajudará a garantir que outros a sigam. Temos regras estritas pelas quais somos governados nos Sete Círculos e penalidades severas se forem quebradas.

— Por "outros" você quer dizer eu? — Ele balançou a cabeça. — Quem, então?

— Meus irmãos.

Eu sabia que havia sete príncipes demônios, mas não achava que eles fossem parentes. Imaginar que demônios tivessem famílias era perturbador.

— Todos os demônios têm que obedecer essas regras ou só os príncipes do Inferno?

— Se estamos trocando segredos agora, eu gostaria de saber quantas bruxas vivem nesta ilha, e o nome da anciã do coven de cada cidade. Então você pode me dizer onde está o grimório da Primeira Bruxa e eu vou nos considerar quites. — Ele sorriu com meu olhar de repulsa. — Achei que não. Mas eu gostaria de saber a parte latina do feitiço que você usou esta noite.

Eu pesei os benefícios contra as desvantagens de contar a ele o feitiço de proteção. Ele não podia me machucar, isso estava claro. E não era como se ele pudesse reverter, só eu poderia fazer isso.

— *Aevitas ligati in aeternus protego.*

Por um segundo, ele não pareceu estar respirando. Ele me encarou, sua expressão perto do horror. Uma sensação profunda de satisfação me preencheu. Não era todo dia que uma bruxa causava tanto medo em um príncipe demônio, especialmente no poderoso demônio da guerra.

— Nenhuma observação sarcástica? — Eu perguntei, sem me incomodar em esconder meu tom presunçoso. — Tudo bem. Eu sei que é impressionante.

— O que é impressionante é o quanto você está errada. — Ele cruzou os braços, seu semblante mais uma vez cuidadosamente em branco. — Independentemente da sua tentativa trivial de magia das trevas, eu vou lhe oferecer uma barganha em troca. O comprimento é negociável, como o vinculamos não.

Meu rosto esquentou. Nonna dizia que as barganhas dos Malvagi quase sempre envolviam beijos – que, uma vez que eles tocavam os lábios de alguém, a pessoa perdia totalmente os sentidos. Sempre desejando mais, chegando ao ponto de oferecer sua alma por outro gosto do pecado perverso em que se viciaram. Eu não sabia se tudo isso era verdade, mas me recusava a descobrir.

— Eu prefiro morrer do que me sujeitar a você, demônio.

Sua expressão tinha pouco humor quando ele me avaliou. Foi uma varredura lenta e deliberada do meu corpo, minha postura, a maneira como apontei sua própria adaga para seu coração. Se ele olhou para os ossos branqueados que nos cercavam, ele não os deu mais do que um olhar superficial. Quando ele arrastou sua atenção de volta para o meu rosto, alguma coisa sombria se espreitava em seu olhar, forjada nas profundezas do Inferno.

Arrepios percorreram minha espinha, formigando em advertência. Esse não era o tipo de príncipe sobre o qual se

escreve em contos de fada. Não havia nenhuma coroa dourada sobre sua cabeça escura, ou promessas de segurança esperando em seus braços esculpidos e tatuados. Ele era morte, raiva e fogo e qualquer um estúpido o suficiente para esquecer isso, seria consumido por seu inferno.

— Um dia você pode me implorar para beijar você. — Ele se aproximou o suficiente para eu esfaqueá-lo. Calor irradiava dele. Ao meu redor. Uma gota de suor rolou entre meus ombros e desceu pela minha espinha. Eu estremeci. Ele cheirava a menta e dias quentes de verão — tão diferente das trevas do seu *luccicare.* — Você pode odiar. Ou amar. Mas a tentação irá surgir em suas veias mágicas, obliterando todo o bom senso. Você vai querer que eu a salve da tormenta sem fim, dando-lhe tudo o que você ama odiar. E quando eu fizer isso, você terá sede por mais.

Uma imagem dele me pressionando contra a parede, a pedra afiada como garras em minhas costas, seus lábios macios, mas exigentes enquanto ele me provava, cruzou minha mente. Minha boca ficou tão seca quanto os ossos do meu círculo de invocação. Prefiro vender minha alma do que ficar com ele.

— Não se preocupe — ele sussurrou, seus lábios roçando a pele delicada do meu pescoço. Eu congelei. Ele se moveu tão rapidamente que eu nem o vi dando um passo. — Você precisaria ser a última criatura em todos os

reinos combinados para eu querer você, bruxa. Mesmo assim, pode não ser o suficiente para me tentar. O que estou oferecendo é uma barganha de sangue.

DOZE

Nunca faça uma barganha com um demônio, mas especialmente não com um príncipe do Inferno. As mentiras dos Malvagis são como açúcar – doces, mas mortais quando ingeridas em grande quantidade ao longo do tempo. Cuidado: muitos poucos antídotos podem ser criados para um veneno tão perverso.

—Notas do grimório di Carlo

Meu coração batia forte com sua proximidade, o som quase tão alto quanto as ondas atacando os penhascos abaixo. Ele hesitou por um momento antes de se afastar, como se não apenas tivesse ouvido, mas também apreciado a batida rítmica e primitiva. Eu me perguntei se isso o lembrava de tambores de guerra, e se ele de repente ansiava por uma batalha. Eu certamente ansiava. Muitas emoções estavam rodopiando dentro de mim, tornando minha decisão especialmente difícil. A possível barganha de minha irmã com seu irmão. A barganha de sangue de Wrath. Essa noite inteira, estranha e impossível. Mal entrava na minha cabeça o fato de que os Perversos não só eram reais, como havia um parado na minha frente, me oferecendo uma barganha.

— Bem? — Ele perguntou. — Você aceita de bom grado minha barganha de sangue?

— Você não se incomodou em explicar *por que* está oferecendo, então não.

Ele respirou fundo, como se o próprio ato de se explicar a uma bruxa fosse exaustivo.

— De acordo com os termos do seu feitiço de proteção, eu devo garantir a sua segurança. O feitiço me impede de machucar você, mas também exige que eu lhe conceda *proteção* contra os outros. Uma barganha de sangue entre nós alertará outros demônios de que você é um membro temporário da Casa Wrath e, portanto, eles não devem matá-la ou mutilá-la terrivelmente. Pronto. Você vai concordar com a barganha de sangue agora?

Não me mutilar *terrivelmente* não era o mesmo que não me mutilar de forma alguma. Eu encarei, lábios franzidos. Depois de um minuto, lentamente balancei a cabeça.

— Não, eu não acho que vou concordar. Você está confinado até que eu o liberte e não pretendo invocar nenhum outro demônio. Portanto, não preciso da sua *proteção.*

— Primeiro, estou confinado a este círculo por três dias. Não até que você me liberte. Seu... feitiço de proteção é diferente, isto é, infelizmente, pela eternidade agora. — Ele girou os ombros, embora não pareceu desfazer a tensão neles. — Segundo, a barganha de sangue me permitirá sentir quando você está em perigo. Sem ele, não posso garantir sua segurança. O que me coloca em violação das regras que *você* fez quando elaborou aquele feitiço.

— É mesmo? — Meu tom o acusava de ser o pior mentiroso que já conheci. — Nada disso importa. Quando nosso tempo acabar, vou liberá-lo de volta para o Inferno, não para o distrito comercial.

— Pelo sangue de um demônio meio morto. Esse foi o seu primeiro feitiço de invocação, não foi? — Ele me observou com atenção. Eu encarei com raiva, mas não disse nada para negar. Ele suspirou. — Claro que estou ligado a uma novata incompetente até o fim dos tempos. Faça um favor a nós dois e não aceite minha oferta. Eu prefiro não ser sua cadelinha de qualquer maneira.

Inclinei minha cabeça para o lado.

— Você teria que vir toda vez que eu chamasse por você?

— Não exatamente, mas como eu disse antes, saberia quando você precisasse de mim.

— Por que você se preocupa em me proteger?

— Eu não me preocupo. Mas, graças ao seu feitiço, sou forçado a me preocupar, ou arrisco ter meus poderes diminuídos. Portanto, estou aderindo aos termos. *Alguns* de nós aceitam nossos deveres graciosamente.

Claro. Quando somos magicamente obrigados.

— Como *exatamente* funciona a proteção?

— Demônios sentirão o vínculo e reconsiderarão machucar você. Pode não persuadir todos eles a não matá-la, mas os faria hesitar. Eles saberiam que ficariam sujeitos

à minha ira como punição por interferir nos assuntos da Casa.

Por mais que eu relutasse em admitir, ter um demônio da guerra como um anjo da guarda não era a minha pior sorte. Eu não tinha que confiar ou mesmo gostar dele – eu só precisava ter fé em meus próprios instintos. No momento, eles estavam me dizendo que ele não era o responsável pelo assassinato da minha irmã. Eu tinha quase certeza de que essa barganha era mais benéfica para ele, mas acabaria encontrando uma maneira de virá-la ao meu favor. E mesmo se eu não conseguisse, não importava. Wrath não parecia querer que eu morresse e eu precisava estar bem viva para descobrir o que aconteceu com Vittoria.

— Tudo bem. Eu aceito sua oferta de barganha de sangue.

— De boa vontade? — Ele perguntou. Eu assenti. — Dê-me minha adaga.

Eu hesitei por apenas um segundo, lembrando do feitiço de proteção que lancei nele. Pela primeira vez desde que ele apareceu na caverna, ele parecia exultante enquanto eu deslizava a lâmina para sua mão que esperava. Antes que eu mudasse de ideia, ele cortou o dedo e fez alguns rastros de sangue formarem uma gota. A ferida fechou quase imediatamente depois.

— Eu não terei que... beber, não é?

Ele olhou rapidamente em minha direção.

— Que tipo de histórias você ouviu sobre nós?

Eu murmurei “diabos perversos bebedores de sangue” e ele deve ter me ouvido porque não se preocupou em pedir esclarecimentos.

— A não ser que você goste de beber sangue, misturar o meu com o seu bastará.

O desafio cresceu em meu olhar firme enquanto eu erguia meu braço que ainda sangrava e ele pressionou seu dedo na minha ferida. Ele parecia tão enojado quanto eu. Eu cerrei os dentes, barganhar sangue com um demônio também não era minha noite ideal, mas aqui estávamos.

— Repita depois de mim, eu... qualquer que seja seu nome completo, aceito de bom grado essa barganha de sangue com a Casa Wrath pelo prazo de seis meses.

— Seis *meses*? — Eu puxei meu braço de seu aperto e cerrei minhas mãos em punhos. — Isso é absurdo! E se eu não quiser sua proteção por tanto tempo?

Ele esfregou as têmporas.

— O que é que você quer, bruxa? Por que você me invocou?

— Para descobrir quem assassinou minha irmã.

— E?

Eu hesitei. Originalmente, eu queria invocar um demônio para quebrar o feitiço no diário de minha irmã. Eu definitivamente não queria que Wrath soubesse disso

agora. Pelo menos não até eu saber por que Carolina disse que eles viriam procurá-lo.

— É só isso.

— Você está mentindo.

— E você não mentiu?

Ele balançou a cabeça.

— Estar ligado a você me impede de mentir. Seria... descortês fazer isso.

— Claro. É preciso sempre ter boas maneiras enquanto arranca os corações de seus inimigos. — Eu olhei para ele, avaliando. Eu não ia simplesmente aceitar sua palavra sem prova. — Se sua magia não estivesse amarrada pelo feitiço de proteção, você me machucaria?

— Se eu precisasse, sim.

E ele não parecia muito chateado com a ideia. Pelo menos eu sabia que ele estava dizendo a verdade sobre ser incapaz de mentir. Em vez de responder, como ele parecia estar preparado, eu esperei. Nonna dizia que muito poderia ser ganho lendo o silêncio. Ele era um demônio da guerra, mas eu também entendia de estratégia. Não demorou muito para ele preencher o silêncio.

— Acredite no que quiser, mas estamos alinhados com o objetivo comum de encontrar o assassino de sua irmã.

Ele e eu não estamos alinhados com nada e nunca estaríamos. A fúria chicoteou ao redor da caverna, mais

rápida e poderosa que o vento agora uivando lá fora. Ele me deu um olhar entediado que me fez ferver mais.

— Por que você se importa em encontrar justiça para minha irmã?

— Eu não me importo — ele disse. — Não me confunda com um humano com intenções nobres.

— Se você quer que eu confie em você o suficiente para uma barganha de sangue, ou como quer que se chame, eu preciso saber *por que* você quer resolver o assassinato dela.

Ele ficou quieto por um minuto, parecendo considerar quais informações compartilhar.

— Eu quero impedir o assassino antes que ele ataque de novo. Alinhar-me com você não é ideal, mas é a mão que recebi e estou jogando a meu favor. Não só você é uma bruxa, como toda vítima antes de sua irmã, mas também está conectada à vítima mais recente. Em algum ponto, acredito que você pode se provar valiosa para atrair o assassino; portanto, eu gostaria de sentir quando você está em perigo para poder remover a ameaça.

Eu abri a boca, mas ele levantou a mão para me impedir.

— Não vou lhe dar mais detalhes, a menos que você concorde com o vínculo de sangue.

Wrath não estava mentindo – ele não me diria mais nada a não ser que eu concordasse. Eu podia estar de *boa*

vontade aceitando sua oferta, mas realmente não parecia que eu tinha outras opções. Pensei em minha irmã – eu sabia exatamente o que ela faria. Inalei profundamente.

— Você vai me dizer mais sobre o envolvimento da minha irmã com o seu irmão?

— Vou trocar todas as informações necessárias.

Demônio astuto. Todas as informações "necessárias" não são iguais a *todas* as informações. Eu o encarei, tentando entender a sensação desconfortável crescendo dentro de mim. Ele alegou que o vínculo de sangue era parte do feitiço de proteção que usei, mas não tinha certeza de que isso era tudo. Ele disse que poderia saber quando eu estivesse em perigo, mas eu não gostava da ideia dele saber onde eu estava. Demônios podem ter regras e etiquetas, mas eu não sabia nada sobre eles.

Talvez ele considerasse arrastar alguém para o inferno para reinar lá por toda a eternidade uma grande honra.

— Responda mais uma pergunta para mim — eu disse. — Além de não ser capaz de mentir, o que mais os demônios são proibidos de fazer?

Ele esperou um pouco antes de responder.

— Nós também não podemos entrar na casa de um humano sem um convite. Temos permissão para usar nossos poderes, mas não para causar danos físicos direitos. E, uma vez invocados, somos forçados a permanecer neste reino até que nosso convite seja retirado.

— Se eu retirasse seu convite agora, você teria que sair imediatamente?

— Sim. Temos uma barganha? — Ele parecia relaxado, casual. Mas seus olhos estavam focados, afiados. Ele queria muito que eu concordasse com sua oferta. Pensei nas histórias que Nonna nos contava quando crianças, sobre como os Perversos nunca são confiáveis. Wrath foi especificamente citado.

Eu queria muito ser mais como minha irmã gêmea. Mas não podia deixar de ser eu.

— Não, Príncipe Wrath. Eu não aceito sua barganha de sangue.

TREZE

Uma bruxa nunca deve fazer uma barganha de sangue com um príncipe do Inferno. Ao fazer isso, permite que o conjurado tenha uma ligação direta com a bruxa. Não é claro por quanto tempo o vínculo dura ou se pode ser quebrado. Nunca se esqueça: forjar um vínculo de amor é tão perigoso quanto os forjados por ódio.

—Notas do grimório di Carlo

Nonna olhou para a adaga amarrada em meu quadril, então bateu no frango como se fosse o crânio de alguém. Eu requisitei a arma novamente antes de deixar a caverna, e Wrath pareceu muito com a Nonna agora. Se ela ficou tão incomodada com a lâmina do príncipe demônio, eu não conseguia imaginar o quão chateada ela ficaria se soubesse sobre a tatuagem mágica que compartilhávamos.

Eu escolhi uma blusa com mangas compridas esvoaçantes para escondê-la. Antes de ir para cama, inspecionei as duas luas crescentes dentro do círculo de estrelas. A tinta brilhava como a luz da lua. Apesar do fato de que me ligava a Wrath, eu não me importava muito. Era delicada e bonita.

Thwack. Thwack. Nonna batia no pobre frango com um foco peculiar. Pelo menos o especial da casa hoje seria macio a ponto de dar água na boca dos nossos clientes. Era

bom que algumas pessoas ainda tivessem apetite. Eu certamente perdi o meu.

Eu ignorei a forma como meu estômago revirava cada vez que pensava sobre os eventos da noite passada. Se Nonna soubesse que eu não apenas invoquei um dos Malvagi, mas quase entrei de boa vontade em uma barganha de sangue com um.... Eu fechei meus olhos e lutei contra a vontade de me deitar.

Nonna poderia parar de bater no frango e se jogar do penhasco mais próximo.

Meu foco deslizou para o pequeno relógio acima do fogão. Eu queria terminar o serviço de jantar e voltar à caverna onde Wrath estava preso antes de escurecer. Hoje à noite eu exigiria respostas. Além de sua posição real no Inferno, eu não sabia nada sobre ele. Pelo que eu sabia, ele *era* o diabo e tinha seus próprios planos malignos.

Apesar de todas as incógnitas em torno de Wrath, eu tinha certeza de pelo menos dois fatos. O primeiro sendo que ele queria localizar o assassino da minha irmã e provavelmente matar quem quer que fosse. E o segundo sendo seu desejo de formar um vínculo de sangue comigo. Eu não tinha nenhuma intenção de ir em frente com o vínculo assustador, mas me deu um excelente trunfo para usar quando eu o interrogasse. Seu irmão parecia estar interessado em barganhar com bruxas, e eu queria saber por quê.

Se seus irmãos demônios não eram os responsáveis por assassinar minha irmã gêmea, tornava ainda mais provável de que os caçadores de *Streghe* fossem os responsáveis. Ter Wrath por perto para me proteger enquanto algum fanático que odeia bruxas estava arrancando corações pode ser sábio. Eu deixaria o príncipe demônio lutar com ele e correria para a segurança. E se eles se destruíssem no processo? Dois coelhos em uma cajadada só.

Corto cogumelos para o molho, adicionando-os na panela com alho e chalotas já fervendo na manteiga. Meu trabalho era mecânico hoje, a cozinha não tinha a mesma magia de antes. Não ajudava que meu foco continuasse desviando para o relógio. Eu estava preocupada de ter deixado um demônio sozinho a tarde toda. Pouco importava se ele era um príncipe do Inferno ou algo pior, ele ainda era inegavelmente perverso.

Antes de deixar a caverna ao amanhecer, eu conjurei um feitiço extra de contenção que não deu muito certo com ele. Ele não podia me ferir por causa do encantamento de proteção, e eu estava bastante confiante de que ele não mentiu sobre estar preso por três dias, mas eu gostava de tomar precauções extras.

Especialmente quando elas o deixavam muito bravo. Nonna nos disse que os Malvagi não suportavam a luz do sol, então eu pretendia voltar antes do anoitecer, apenas

no caso de meu feitiço não ter funcionado, ou caso ele, de alguma forma, o tenha quebrado.

Nonna colocou seu rolo de macarrão de lado e entregou a travessa de frango achatado para minha mãe empaná-lo com farinha. Ela me observou cortar mais cogumelos enquanto abria uma garrafa de vinho marsala e a derramava em uma panela quente, e eu fingi não notar.

— Distrações na cozinha causam acidentes, Emilia. — Ela enxugou as mãos e jogou a toalha por cima do ombro. — Você precisa se sentar?

Eu olhei para cima, interrompendo o meu ataque aos cogumelos.

— Estou bem, Nonna. Só estou cansada.

E mais do que um pouco ansiosa sobre as últimas vinte e quatro horas. Era difícil de aceitar o fato de que os monstros das histórias de minha infância eram reais. Eles não tinham olhos vermelhos, dedos em garras e chifres. As criaturas do Inferno eram elegantes, majestosas e educadas. Isso mudou completamente a minha ideia de como o mal deveria se apresentar ao mundo. Wrath deveria ser uma criatura com presas e babão, e não uma maravilha sem camisa que qualquer artista sonhava em pintar.

— Nicoletta, você tem algum conselho para sua filha?

Nonna pediu ajuda à minha mãe, mas Mamma estava perdida em sua própria tristeza hoje. Ela colocou um

pedaço do frango numa tigela de farinha temperada com sal e pimenta, o sacudiu e o largou em uma frigideira à espera. A manteiga estalou e cuspiu, satisfeita com a oferta.

Minha mãe pegou outro pedaço do frango e repetiu o movimento. Tudo memória corporal, sem nenhum pensamento consciente. Eu rapidamente desviei o olhar.

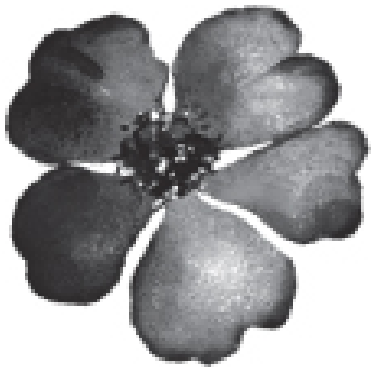
Nonna agarrou meu queixo, me forçando a encontrar seu olhar firme.

— Qualquer que seja o problema que você tem procurado acaba essa noite, Emilia. A lua está quase cheia e não é hora de brincar com forças que você não tem esperança de controlar. *Capisce*[5]*?*

— Eu não tenho procurado por problemas, Nonna. — Eu apenas o invoquei para mim. — Está tudo bem. *Eu estou* bem, prometo.

Nonna soltou meu rosto e se afastou, balançando a cabeça.

— Nada está bem, criança. Faz um mês que não está e eu imagino que não ficará por um bom tempo. Vittoria se foi. Nada nunca irá trazê-la de volta. É duro, mas é a verdade. Você precisa aceitar isso e lidar com o luto. Deixe de lado sua vingança, ou isso irá amaldiçoar todos nós.



— Você quer *quanto* por esta camisa? — Eu fiz uma careta para Salvatore, o ladrão desfilando como um vendedor. Eu balancei a roupa ofensiva em sua direção. — Nós dois estamos falando sobre essa daqui, certo? Essa que está praticamente gasta nos cotovelos?

— É um preço justo. — Ele ergueu as mãos e lentamente recuou para trás de sua mesa de mercadorias. — Carolina está vendendo por um bom bocado a mais. Viu?

Sal acenou com a cabeça para o estande do outro lado do beco. Ele tinha razão, mas todos por aqui conheciam – e admiravam – a tia de Claudia, Carolina, como “a conspiradora”. Entretanto, apenas pessoas ricas que gostavam de passear pelo mercado lotado pagavam seus preços inflacionados. Eu imaginava que tinha mais a ver com o fato de ela encantar os seus produtos para serem irresistíveis para uma certa clientela. Lutei contra a vontade de olhar para sua tenda, apenas no caso de ela me chamar para perguntar como foi a minha invocação de demônio.

Até mesmo os praticantes das artes das trevas temiam os Perversos.

Entreguei as moedas a Sal e enfiei a camisa na sacola, resmungando o tempo todo. Por mais que eu adoraria ficar e pechinchar pela pobre desculpa de roupa, o sol iria se pôr pelo horizonte em breve, e eu precisava ter certeza de que o demônio ainda estava preso no círculo.

Corri pela multidão agitada do início da noite, ignorando as pessoas que me chamavam para provar amostras de queijo, experimentar suas comidas de rua ou comprar um lindo par de brincos. A menos que eles pudessem me vender um feitiço de demônio para destrancar o diário da minha irmã, eu não estava interessada.

— Emilia?

Parei no final da rua que eventualmente virava no caminho íngreme e sinuoso para a caverna abandonada. Talvez eu tenha imaginado a voz dela. Fechei meus olhos, rezando para que tivesse sido isso. Eu não estava pronta para esse encontro e, mesmo se eu estivesse, a luz do sol estava se pondo. Criaturas perversas saíam no escuro, e eu sabia de pelo menos uma que queria se soltar de sua coleira.

— Emilia! *É* você, graças às estrelas. Eu esperava ver você aqui.

Respirei fundo e girei para encarar minha amiga.

— Oi, Claudia. Como...

Ela me puxou para um abraço, suas lágrimas repentinas encharcando meu colarinho.

— Um mês inteiro se passou e eu ainda não consigo acreditar. Mesmo depois de vê-la deitada para descansar. — Claudia deu um passo para trás e balançou seus cachos escuros. Seu cabelo estava mais curto do que da última vez que a vi. Ficou bom. — Eu tenho tido os mais estranhos.... sonhos ultimamente. Minha tia acha que eles são mensagens urgentes.

Nós duas examinamos a rua, mas não tinha ninguém perto o suficiente para nos ouvir. Por “sonhos” minha amiga queria dizer “visões”. A magia de Claudia funcionava melhor com a vidência. Às vezes, suas visões eram mais do que apenas visões. E outras vezes não. O problema era que nós nunca sabíamos quais eram um presente da deusa da visão e da premonição e quais eram puramente da sua imaginação.

Eu odiava que eu a deixei sozinha para se preocupar sobre os possíveis significados. Vittoria costumava fazer anotações e perguntar centenas de coisas diferentes. Desejei desesperadamente que ela estivesse ao meu lado agora.

— O que você viu?

Claudia olhou em volta.

— É mais um aviso do que uma visão verdadeira, eu acho.

E o que quer que fosse, claramente a apavorou. Minha amiga parecia pronta para pular para fora de sua pele. Eu agarrei sua mão.

— O que é?

— Eu não sei... Eu vi asas negras e um jarro vazio sendo enchido e esvaziado. Foi tudo muito estranho. Eu acho que alguma escuridão terrível está vindo — ela disse. — Ou já está aqui.

Arrepios cobriram o meu corpo em ondas. Eu engoli a minha vergonha. Não tive dúvidas de que Claudia tinha me visto invocando Wrath. Arrastar um príncipe do Inferno do submundo era um feito enorme – eu não conseguia imaginar que tipo de tremores mágicos poderia ter causado. Eu havia perturbado a ordem natural deste mundo. Eu trouxe aquilo que não pertencia aqui. Era o tipo mais sombrio de magia, e não fiquei surpresa que uma bruxa das trevas percebeu isso.

— Talvez seja apenas a maneira como sua mente está explicando Vittoria...

— Você provavelmente está certa — ela concordou rapidamente. — Domenico também está uma bagunça. Ele visita o mosteiro pelo menos duas vezes por semana para orar.

Fiquei feliz por termos desviado a conversa do Grande Mal que convidei para nosso mundo, embora pensar em minha irmã deitada no mosteiro tenha causado seus próprios sentimentos terríveis. Eu tentei não focar no rosto manchado de lágrimas de Claudia. A última coisa que eu queria era começar a chorar e aparecer com os olhos vermelhos e manchados quando enfrentasse Wrath. Eu queria projetar coragem e ferocidade, não uma bagunça chorosa e arrogante.

Foi o único pensamento que me impediu de desabar. Bom, isso e ouvir que o amante secreto da minha irmã estava rezando tão frequentemente. Com meu luto e depois o desejo de destrancar o seu diário, eu me esqueci completamente dele.

— Eu não sabia que eles estavam publicamente...

Eu não tinha certeza de como chamar seu relacionamento. Não era um namoro, porque Domenico não tinha falado com meu pai e Vittoria certamente não o tinha mencionado. Se eu não tivesse visto o nome dele rabiscado em seu diário, nunca saberíamos que ela gostava dele. Esse pensamento doeu, então eu o empurrei para bem fundo para onde não poderia me machucar, junto com os outros sentimentos desagradáveis que eu estava armazenando ultimamente.

— O que mais Domenico disse?

— Não tenho certeza. Ele não falou comigo sobre nada. Ele geralmente se tranca em uma das câmaras vazias e acende velas de oração até depois da meia-noite. Na verdade, eu acho que ele está lá agora. Ele sempre parece tão triste.

Eu queria falar com ele e sabia que deveria, mas eu ainda não me sentia pronta para isso. Concluí que poderia ser cruel aparecer, parecendo a imagem espelhada da sua amante assassinada. A verdade era que eu não estava pronta para confrontar um dos segredos da minha irmã sem meu coração terminar de partir.

Claudia enlaçou o braço no meu e nos guiou para fora da estrada principal.

— Fratello Antonio está preocupado com você. Já que foi você quem... — Ela engoliu em seco. — Agora que ele está de volta de suas viagens colocando um fim nos rumores sobre metamorfose, pode ser bom falar com ele. Apenas para ajudar a encontrar consolo.

Consolo era a coisa mais distante de vingança e eu não queria ter nada a ver com isso. A irmandade me aconselharia a rezar e acender velas como Domenico. Nada disso me ajudaria a vingar minha irmã ou quebrar o feitiço em seu diário. Mesmo se eu confessasse os desejos mais sombrios do meu coração, não havia nada que Antonio pudesse fazer para me ajudar. Ele era apenas um humano.

Formei um sorriso, sabendo que Claudia estava fazendo isso por amor. E ela tinha o suficiente para se preocupar com suas próprias visões perturbadoras.

— Vou falar com ele. Em breve. Prometo.

Claudia estudou meu rosto.

— Certifique-se de me visitar também enquanto você estiver lá. Sinto sua falta. Não posso imaginar o que você está passando, mas você só estará sozinha se escolher estar, Emilia. Por favor, não se esqueça de que você ainda está viva e é amada. E, se você deixar, posso ajudar.

Eu me imaginei confirmando seus medos sobre seu sonho, contando a ela sobre o que fiz noite passada; sobre o demônio que peguei do submundo e escondi no nosso. E não qualquer demônio, mas se ele estivesse sendo sincero, um príncipe da guerra. Um demônio tão cruel e poderoso que ele era a personificação viva da ira[6].

Se Claudia soubesse o que eu estava planejando fazer em seguida, me perguntei se ela ainda estaria disposta a ajudar.

Eu dei uma olhada na determinação em seus olhos e decidi que ela poderia.

— Eu... — Inalei profundamente. Eu não confiei esse segredo a Wrath, e Carolina não podia ajudar, mas talvez Claudia pudesse. Tirei o diário da minha irmã da bolsa. — Tem um feitiço nisso que não consigo quebrar. Sua tia disse

que a magia não era deste reino. É possivelmente de origem demoníaca.

Os olhos de Claudia se arregalaram enquanto ela passava os dedos pela capa.

— É... antigo.

— Você acha que pode descobrir que tipo de magia foi usada?

Ela assentiu vigorosamente.

— Certamente posso tentar.

— É perigoso — eu avisei. — Você não pode contar a ninguém que está com isso, e nem mostrar para ninguém.

— Não vou. Prometo.

Soltei o diário. Quando me virei para ir embora, uma sombra pairou sobre minha amiga e sibilou:

— *Ele está aqui.*

— O quê? — Eu meio que gritei e tropecei para trás. Era a mesma voz sem corpo que ouvi na noite em que minha irmã foi morta. Eu nunca me esqueceria desse som. — Quem é?

— Quem é o quê? — Claudia olhou ao redor e estendeu a mão para me firmar. — Você está bem, Emilia? Você parece que viu o diabo.

— Eu... você ouviu isso? — Passei a mão pelo cabelo e puxei as raízes. Não havia nada ali. Nenhuma sombra ameaçadora ou avisos terríveis do além. Talvez eu precisasse da igreja afinal das contas. Eu certamente

poderia usar todas as orações que pudesse. — Não é nada. Pensei que você tinha dito mais alguma coisa.

Claudia não parecia convencida, mas depois de um momento tenso, ela me abraçou em despedida com a promessa de aprender tudo o que pudesse sobre o misterioso feitiço.

Eu ouvi a voz de Nonna na cabeça enquanto me apressava para fora da cidade, olhando constantemente por cima do ombro para ver se alguma coisa seguia. Ela estava certa – *nada* estava bem.

E eu estava começando a pensar que nunca poderia ficar bem de novo.

QUATORZE

— Vista isso. Ninguém deve ser submetido a isso a noite toda, demônio.

Wrath agarrou a camisa um segundo antes de acertar seu rosto e realmente se encolheu. Honestamente, eu não podia culpá-lo. Camurça amarelo-acastanhado enrugada, cotovelos gastos e cordões entrecruzados no peito. Ele encarou como se eu tivesse arrastado uma carcaça em decomposição e dito para tirar a pele e costurar uma jaqueta.

Ele apertou a mandíbula.

— Não.

— Não? — Inclinei a cabeça como se não o tivesse ouvido corretamente.

— Parece que você enrolou isso e deixou no fundo de uma gaveta por meses e cheira como se você tivesse usado para limpar entranhas de porco. — Ele a jogou de volta para mim. — Busque algo mais adequado ou lide comigo como estou.

— Perdão? — Marchei até a linha de ossos e a cruzei sem hesitação. Eu fiquei cara a cara com ele, furiosa. Um brilho selvagem em meus olhos o desafiou a dizer não para mim novamente. — Coloque. A. Camisa. *Agora.*

— A visão da minha pele nua te incomoda? Você teve pensamentos pecaminosos sobre mim na noite passada? — Ele me deu um sorriso preguiçoso. — Essa geralmente é a

especialidade do meu irmão, mas não tema, todos nós temos talentos na cama.

— Porco.

— Quer rolar na sujeira comigo?

Raiva derramava de mim.

— Bem que você gostaria.

— Eu não. — Jurei que a temperatura caiu para combinar com a frieza de seu tom. — Você *nos* chama de perversos, mas vocês, bruxas, são criaturas vingativas sem alma ou consciência. — Ele acenou com a cabeça para sua adaga que estava presa em meu quadril. Parecia ridiculamente fora do lugar na minha saia escura e blusa combinando com mangas esvoaçantes. Mas eu não me importava. Ele não iria tê-la de volta. — Me apunhale se for preciso, mas não vou colocar essa monstruosidade.

— Você não pode estar falando sério. É uma camisa. — Eu o encarei e não pude começar a entender o novo olhar em seus olhos. — Preciso lembrar que você não está em posição de fazer exigências ou me dizer não?

Seu aborrecimento juntou-se ao meu em matrimônio profano.

— Aqui está uma liçãozinha, já que você parece ser lamentavelmente mal educada, bruxa. Invocar não é igual a *possuir.* Contenção não é para sempre.

Ele se aproximou o suficiente para que ou eu permanecia e sentia o calor de seu corpo, ou eu me

afastava para segurar seu olhar. Levei um momento para ceder um passo, mas finalmente cedi.

Eu não conseguia acreditar que ele queria discutir sobre roupas enquanto eu estava chocada em ter um fantasma pessoal vindo diretamente do Inferno. Isso *se* ele fosse mesmo real, e não apenas uma invenção sinistra que a minha mente conjurou para me assombrar.

— Eu posso e vou te dizer não sempre que eu quiser — ele disse, sua voz perigosamente baixa agora. — *Nunca* cometa o erro de achar que você exerce qualquer poder sobre mim além do feitiço que me mantém aqui. E mesmo isso não irá durar.

Ele respirou fundo, como se estivesse gostando da raiva que emanava de mim. Pensei em socá-lo de novo, mas me contive.

— Você não pode quebrar o feitiço sem mim, demônio.

— Talvez não. Mas feitiços de contenção, assim como os feitiços de invocação, duram três dias. Depois disso, estou livre para deixar este círculo e fazer o que eu quiser. — Ele finalmente recuou e encostou-se na parede da caverna, me observando digerir a informação. — Você veio para discutir verbalmente a noite toda ou mudou de ideia sobre o vínculo de sangue?

— Nenhum dos dois. Eu vim para interrogá-lo sobre caçadores de bruxas. — Sua risada repentina me assustou.

Eu me recuperei rapidamente e cruzei os braços. — Por que isso é engraçado?

— Informação é moeda de onde eu venho. Ninguém espera conseguir alguma coisa de graça. Se você entrasse em qualquer uma das casas reais e exigisse informações, eles te esfolariam viva.

Eu esperava que ele não pudesse ouvir as batidas do meu coração enquanto eu imaginava a cena.

— Concordar com uma barganha de sangue não conta como pagamento? — Eu perguntei. Ele se endireitou e imediatamente perdeu o sorriso. Isso chamou a sua atenção principesca. — Eu acredito em tomar decisões informadas. Por isso, solicito uma troca de algumas informações básicas. Sem dúvidas não será demais para você concordar.

Ele me inspecionou do mesmo jeito que alguém olharia para um gato se de repente ele começasse a dar ordens por aí.

— Muito bem. Eu vou satisfazê-la respondendo a *algumas* perguntas. Escolha sabiamente.

— Você já ouviu falar de humanos que se uniram para caçar bruxas?

Ele balançou a cabeça.

— Não recentemente. Embora a história tenha mostrado que eles são ativos, então tenho certeza que eles existem.

— Qual dos seus irmãos barganhou com a minha irmã?

— Pride.

Eu fechei minha boca. Na religião humana, o diabo era frequentemente associado a esse pecado em particular. Ontem à noite Wrath só havia me dito que a minha irmã tinha feito um acordo com seu irmão; ele não mencionou o próprio diabo. O que significava...

Uma memória saltou em minha mente. Na noite anterior ao assassinato de Vittoria, eu exigi saber o que ela estava fazendo no mosteiro.

“Eu estava invocando o diabo. Um livro antigo sussurrou seus segredos para mim, e eu decidi aceitá-lo como meu marido. Eu convidaria você para o casamento, mas tenho quase certeza de que a cerimônia será no Inferno.”

Sangue e ossos. Vittoria não estava brincando. As perguntas enxamearam em volta da minha cabeça como abelhas furiosas.

— Isso era tudo que você queria saber, bruxa? — Wrath apareceu em meu campo de visão, interrompendo os meus pensamentos. Minha irmã me disse a verdade e eu a decepcionei. Eu não fiz perguntas ou a levei a sério. Eu deveria saber — ela sempre dizia coisas bizarras para os humanos, e se deliciava com eles pensando que ela estava mentindo. Se eu não estivesse tão irritada com ela por ter

me envergonhado na frente de Antonio, eu teria prestado mais atenção. Eu *deveria* ter prestado mais atenção.

Eu respirei fundo. Eu começaria a notar cada detalhe agora.

— Por que Pride queria se casar com ela? — Eu perguntei. A expressão de Wrath se tornou impossível de se ler. Minha paciência se esgotou. — Eu sei que a minha irmã concordou em se casar com ele. Ela mesma me contou.

Ele não se mexeu, mas imaginei sua mente girando enquanto ele provavelmente formulava milhares de cenários diferentes e calculava o custo-benefício de compartilhar informações. Eu honestamente achei que ele não responderia. Ele não parecia satisfeito quando finalmente respondeu.

— Pride precisa se casar para quebrar uma maldição que foi colocada sobre ele.

— Por que você está ajudando?

Ele mostrou os dentes.

— Eu estava entediado. Parecia divertido.

Se ele realmente não podia mentir para mim, isso tinha que ser, pelo menos, meia verdade.

— Então, o que... sua missão é encontrar alguém que esteja disposto a se casar com Pride?

— Sim. Ele precisa especificamente de uma noiva bruxa. Parte da minha tarefa envolve garantir que sua

prometida chegue ao nosso reino em segurança, caso ela aceite sua barganha.

— Por que ele precisa se casar com uma bruxa?

— Ele precisa de alguém com habilidades mágicas para quebrar a maldição.

— E se ela se recusar?

— Então ela é informada de forças... oponentes... que desejam o seu mal.

Era uma maneira muito educada de dizer que se ela recusasse a oferta, ela enfrentaria risco de morrer.

— As outras duas vítimas também eram bruxas. O que significa que elas receberam a mesma oferta que Vittoria — eu disse principalmente para mim mesma, pensando sobre a nova informação em voz alta. Wrath assentiu educadamente mesmo assim. — Elas foram mortas antes ou depois de você falar com elas?

— Depois.

— Você permite que elas considerem o acordo?

— Claro. Elas recebem um dia inteiro para pensar.

Fiquei surpresa com isso. Se eu precisasse que alguém aceitasse uma barganha para quebrar uma maldição, tempo seria a última coisa que eu gostaria de lhe dar. Muita coisa poderia dar errado.

— Como você escolhe a bruxa? — Wrath me deu um olhar que dizia que o tempo para perguntas estava chegando ao fim. — Pelo menos responda isso, demônio.

Quantos outros do seu mundo sabem a quem você está oferecendo a barganha?

— Somente Pride e eu.

Eu refleti sobre isso. Na verdade, isso aumentava a lista de suspeitos. Ao invés de me preocupar com um espião no reino de Wrath, isso abria a possibilidade de vítimas contarem às pessoas sobre a barganha do diabo neste mundo também. Então, as pessoas que ouviram algo poderiam ter dito alguma coisa ou foram ouvidas por outras. Um dia inteiro era muito tempo para as fofocas começarem a circular.

Exceto... que havia apenas um grande problema nessa teoria. *Streghe* não contavam seus segredos. Eu pensei nos caçadores de bruxas novamente. Wrath não soou como se achasse que eles eram uma ameaça, mas eu não encontrei nenhuma evidência que os descartasse completamente. Ainda fazia mais sentido que eles fossem os responsáveis. Talvez eles de alguma forma descobriram quem eram as verdadeiras bruxas da ilha, e o momento com a barganha do diabo apenas coincidiu.

— Vai me contar quem é a próxima bruxa?

— Não.

Considerei minhas opções. Eu poderia enviar bilhetes para as outras doze famílias em Palermo, mas havia uma chance de que elas fossem interceptadas. Aparecer em suas casas ou em seus comércios também era arriscado

caso estivéssemos sendo vigiados, então não era uma opção. Nesses tempos estranhos, eu precisava ser muito cautelosa com cada um dos meus momentos. Minhas boas intenções podem acabar custando a vida de alguém. Esperançosamente os outros estavam tomando precauções após os assassinatos mais recentes.

Wrath se aproximou da borda do círculo de ossos, parecendo um problema.

— Bem? Está pronta para se tornar um membro da Casa Wrath?

— Não. Até que você decida trabalhar comigo como uma igual, eu recuso a sua oferta de *proteção.*

Seu sorriso estava cheio de veneno.

— Você nunca planejou aceitar a barganha de sangue, não é? — Eu o ignorei, peguei minha bolsa do chão e fui para a entrada da caverna. — Aonde você está indo?

— Para o mosteiro.

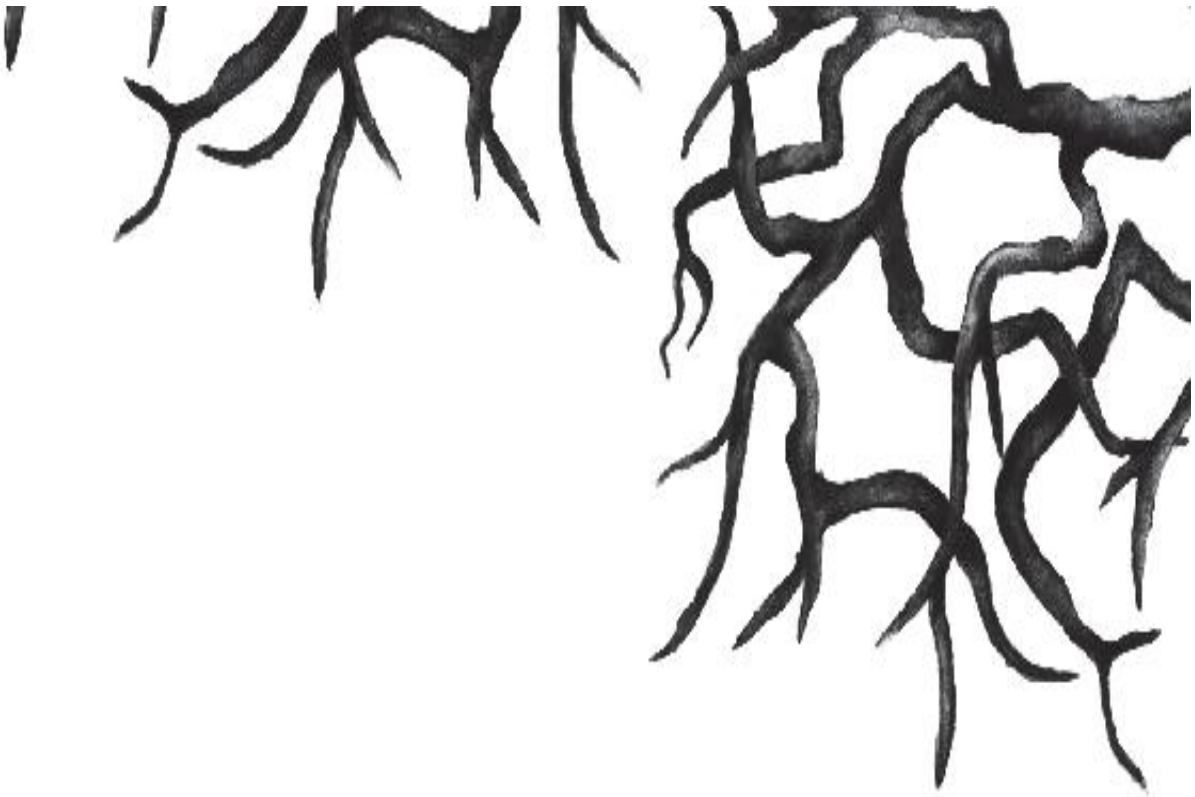
— São tempos perigosos; você não deveria ir sozinha. Me liberte e eu irei com você.

Como se eu fosse deixar isso acontecer.

— Talvez na próxima.

— *Benediximus.* — Boa sorte. — É o seu funeral.

Sua risada sombria me seguiu todo o caminho de volta até a cidade.



QUINZE

A duas ruas de distância do mosteiro, tive a inconfundível sensação de estar sendo observada. Eu fingi não notar por um quarteirão inteiro antes de caminhar casualmente por uma rua vazia. Se eu tivesse que recorrer à magia, não precisava de nenhuma testemunha relatando minha suposta maldade à igreja. Quando éramos muito mais jovens, um fratello chamado Carmine costumava procurar qualquer pessoa com maldade na alma. Eu ouvi dizer que a igreja o mandou para o norte da Itália, mas eu pensava nele de vez em quando. Especialmente quando estava fora do mosteiro, preparada para usar magia.

Segurei meu *cornicello* e apertei os olhos para o beco ao meu lado, procurando pelo *luccicare* roxo que indicava que um humano estava por perto. No começo, eu não vi nada. E depois...

Uma voz baixa e suave falou das sombras.

— Bem, isso é uma surpresa e *tanto.*

Os cabelos na minha nuca se arrepiaram quando um homem surgiu da escuridão. Seu cabelo era seda preta, seus olhos eram verdes, como os de um animal. Nenhum ser humano tinha olhos daquela cor, e o estranho e cintilante *luccicare* que o rodeava, indicava o que eu já suspeitava: Malvagi. Eu não tinha certeza do porquê, mas soltei meu amuleto e sutilmente o enfiei dentro do meu corpete.

— Você é... — Outro príncipe demônio. Um que eu *não tinha* invocado para este reino. O que significava que havia outras maneiras de eles chegarem aqui. Uma coisa que eu deveria ter percebido antes, já que Wrath era quem estava de pé ao lado de minha irmã no mês passado. O impossível estava se tornando uma grande piada.

Recuei e orei silenciosamente para a deusa da batalha e da vitória. O novo demônio sorriu como se tivesse lido meus pensamentos. Eu queria desviar o olhar, mas não conseguia. Era como se aquela estranha e pulsante energia dele me mantivesse cativa, não importa o quanto eu quisesse gritar.

Em vez de entrar em pânico, cataloguei os detalhes. Ele era quase tão alto quanto Wrath, e era atraente ao invés de classicamente bonito, mas chamava mais atenção por causa disso. Ele tinha pelos faciais bem aparados que acentuavam os ângulos rígidos de seu rosto. Olhando para ele, quase senti uma pontada de...

— Envy. — O demônio conseguiu fazer uma única palavra soar ameaçadora e convidativa. — E você é.... intrigante.

Eu não queria ser intrigante. Eu não queria ficar sozinha com ele. Eu queria fugir. Não consegui fazer nenhuma dessas coisas. Eu fiquei lá, congelada com um terror até os ossos. Os Perversos não tinham sido vistos

neste reino por quase cem anos. Agora, pelo menos dois deles estiveram aqui.

Eu não conseguia entender por que, mas eu senti que este príncipe era diferente de Wrath. Havia algo nele que parecia letalmente angelical. Mas se ele já teve uma auréola, estava quebrada agora. Eu queria cair de joelhos e implorar, e também gritar por misericórdia.

Envy espreitou na borda do beco. Assim como Wrath estava na primeira noite que o encontrei, seu irmão estava vestido com roupas chiques. Seu terno era totalmente preto, mas sua camisa e colete tinham vários tons de verde entrelaçados com fios de prata. Ele também tinha uma adaga amarrada na lateral de seu torso, mas essa tinha uma pedra preciosa verde gigante alojada em seu punho.

Todos os meus sentidos vibraram de alerta. E medo. Esta criatura da meia noite não era obrigada a me proteger, e eu estava perfeitamente ciente da minha vulnerabilidade.

Esta saia não tinha um bolso secreto, então deixei meu giz abençoado pela lua em casa. O que significava que eu não tinha como desenhar um círculo de proteção, nem ervas para oferecer à terra, e tive a sensação de que correr só iria diverti-lo. Quase sufoquei com terror. Eu estava à mercê desse diabo.

Meu pânico abruptamente se transformou em outra coisa. Uma sensação sombria, feroz e opressora vibrou ao

meu redor como asas de couro expansivas. Era frio e antigo – sem começo e sem fim. Como toda magia, simplesmente *era.*

E eu desejava que fosse tudo *meu.* Até a última gota.

Eu estava subitamente com inveja do imenso poder que esses demônios possuíam. Por que as criaturas do Inferno mereciam tudo isso? Por que eu era menos digna de possuir poder próprio?

Eu era abençoada pela deusa e não amaldiçoada por um demônio!

Se eu tivesse apenas uma *fração* dessa magia, eu poderia forçar as pessoas a me contar o que aconteceu com a minha irmã gêmea. Eu poderia impedir que outra bruxa perdesse a vida em uma barganha demoníaca. E eu poderia deixar o submundo de joelhos. Eu queria tanto o que eles tinham que queimei de ódio. Era um ódio gelado tão potente que eu estava congelada até o meu âmago.

Era demais. Querer o que nunca seria meu...

Envy se inclinou para frente, um brilho faminto em seus olhos estranhos. Eu tinha a estranha impressão de que ele sofria com os mesmos sentimentos. Que ele invejava seus irmãos de uma maneira que quase o deixava maluco. Eu nunca poderia imaginar me sentir dessa forma sobre minha irmã. Deve ser tão solitário, tão isolador.

Eu segurei a adaga que peguei de Wrath, pressionei-a em meu peito e quase gemi de prazer quando o sangue

gotejou. Perfurou minha pele com um êxtase tão terrível. Eu estava pronta para esculpir meu próprio coração apenas para fazer parar a dor que me consumia ao saber que eu nunca teria esse poder...

Uma pequena corrente elétrica pulsou da minha tatuagem, enviando faíscas de energia pela minha pele, e o feitiço se quebrou. Pisquei como se estivesse saindo de um sonho lúcido. Olhei da lâmina em minha mão trêmula, para o demônio de olhos verdes cuja atenção se voltou para o meu braço.

Envy deve ter me alimentado com as suas emoções ou virado as minhas contra mim.

— Excepcional — o príncipe demônio disse. — Você se sentiu como eu?

Se ele se sentia como um abismo interminável de vazio, ódio e gelo, então sim.

— O que você fez comigo?

— Permiti que seus desejos internos viessem à superfície. Alguns os chamam de pecados.

Eu estremeci, me sentindo violada de uma forma que nunca senti e esperava nunca mais experimentar. Quase enfiei uma lâmina no coração. Se minha tatuagem não tivesse me parado, eu estaria morta. Eu não pude deixar de me perguntar se eu estava errada sobre os caçadores de bruxas; talvez Nonna estivesse certa o tempo todo e os humanos não eram culpados.

Definitivamente parecia que este demônio era o responsável pelos corpos sem corações.

Envy me afetou mesmo com meu *cornicello.* Meu pequeno encanto não tinha sido páreo para um príncipe do Inferno. Eu nem mesmo tinha certeza se ele havia usado todo o seu poder, ou apenas uma pequena parte.

Se ele tivesse feito isso enquanto eu estava na cozinha com a minha família...

Fechei os olhos, não querendo nem *pensar* no que ele poderia ter me forçado a fazer com eles. E como estaria impotente para resistir a ele. Eu me perguntei se nossas precauções, feitiços ou encantos realmente funcionavam, ou se eles apenas tinham sucesso em nos dar uma falsa sensação de segurança.

Com criaturas como Envy vagando pela terra, eu não acreditava que um dia estaríamos realmente seguros. Tive uma vontade repentina de chorar. Não é de admirar que Nonna tenha nos contado essas histórias e tentado nos esconder.

Esses demônios eram piores do que pesadelos. E agora eles estavam aqui.

— Estranho. — Envy fixou seu olhar animalesco em mim, curioso. Eu olhei para minha tatuagem, assustada ao ver cobras enroscadas ao redor das luas crescentes, formando um círculo maior em torno delas. Eu estava tão distraída pelo medo que não senti a queimação no meu

antebraço. A atenção de Envy foi para a adaga, agora presa com segurança ao meu quadril novamente, e um sorriso lento e astuto tocou seus lábios. — Realmente muito interessante. Teias muito, muito emaranhadas. Convocado pelo ódio, vinculado por sangue.

— O que você quer dizer?

Ele enfiou as mãos enluvadas nos bolsos.

— Você tem algo que eu quero.

— Se for meu coração que ainda está batendo, receio que deverei recusar.

— Não, mas imagino que um dia você acabará dando ao meu irmão.

Seu tom era neutro. Eu me perguntei se Wrath sabia o quão ciumento ele era, mas não disse nada.

— Talvez possamos chegar a um acordo. Se você concordar em vender sua alma para a Casa Envy, vou ajudá-la a encontrar o que você tanto procura. — Sua expressão era desumana e fria enquanto esperava. Os cabelos na minha nuca se ergueram. — Eu cobiço coisas únicas. Você seria um presente interessante para a minha corte. Você canta?

— Não sou única. — Tampouco era uma “coisa” ou um “presente” a ser passada como uma curiosidade em uma festa.

— Não é mesmo? — Ele sorriu. — Faz um bom tempo desde a última vez que vi uma bruxa das sombras. Eu

gostaria muito que você se juntasse à minha Casa.

Eu não sabia o que ele queria dizer com bruxa das sombras, e essa era a menor das minhas preocupações. Uma imagem de humanos e bruxas congelados como exibições mórbidas em um grande tabuleiro de xadrez passou pela minha cabeça. Envy parecia o tipo de demônio que exibia orgulhosamente seus troféus, esperando que os outros ficassem com inveja de seus objetos *cobiçados.*

Eu engoli meu pânico crescente, sem saber se era uma imagem que ele me alimentou. Eu nunca gostaria de descobrir se esse medo tem algum fundo de verdade.

— Bem? — Envy perguntou, um tom frio rastejando à sua voz. — Está disposta a se juntar à minha Casa? Posso oferecer proteção contra meu reino e meus irmãos. Você certamente vai precisar, principalmente com todos os infelizes assassinatos que ocorreram aqui ultimamente.

Meu coração batia loucamente. Havia um velho provérbio que Nonna sempre murmurava que dizia “melhor o diabo que você conhece do que o diabo que você não conhece” e eu nunca senti tanta verdade em algo. Se pudesse escolher entre barganhar com Wrath ou com Envy, eu escolheria Wrath.

Eu tinha poucas dúvidas de que Wrath adoraria nada mais do que levar sua lâmina mortal a minha pele e lentamente descascar as camadas, descobrindo *exatamente* o que me fazia uma bruxa das sombras.

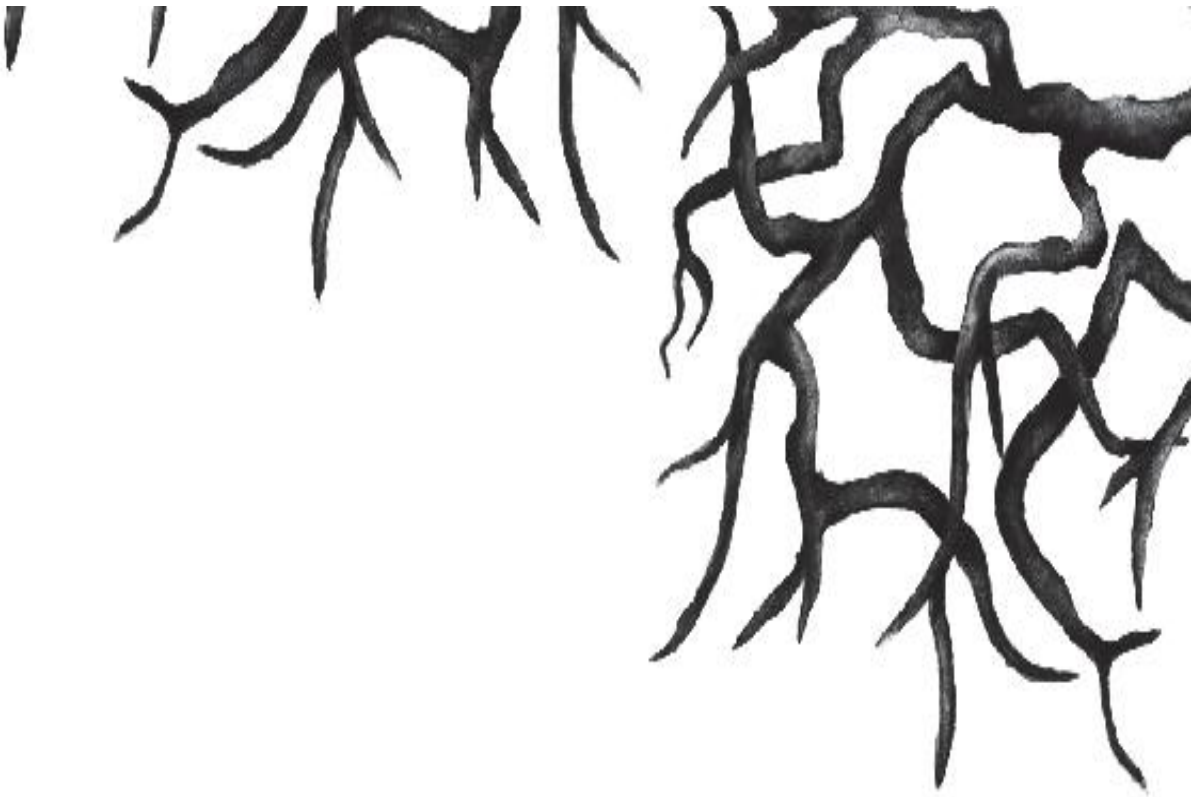
O que quer que isso significasse.

Conhecendo um pouco dos seus modos rígidos e educados, eu não queria irritá-lo ao recusar muito cedo. Depois de ter passado o que se pareceu um milênio inteiro de eu estar fingindo considerar a sua oferta, eu finalmente disse:

— Agora não, obrigada.

Ele parecia prestes a discutir seu ponto de vista, mas de repente inclinou sua cabeça como se em benevolência. Seu olhar se voltou para a tatuagem em meu braço.

— Muito bem. Nem mesmo nós, príncipes do Inferno, sabemos o que o futuro reserva. Você ainda pode mudar de ideia ou alterar seus pontos de vista. Ainda vou aceitá-la quando e se você escolher a minha Casa ao invés da do meu irmão. — O demônio se virou e se dirigiu para o lado oposto da rua, parando no cruzamento para olhar para trás. — Esteja avisada; os outros ficam cansados. Se eles já não começaram a caçar, eles *virão* atrás de você em breve. Deixe que isso sirva de aviso e como uma bênção da Casa Envy. Escolha uma casa com a qual se alinhar ou a decisão será feita por você.



DEZESSEIS

Perto dali, o fogo crepitava. A fumaça veio logo depois, deslizando pelo ar como uma serpente em fuga. Quando vi o Príncipe da Wrath pela primeira vez no mosteiro, ouvi um som similar. Talvez fogo e fumaça tivessem algo a ver com como os demônios viajavam entre os reinos.

Agora que Envy se foi, meus fôlegos estavam vindo fortes e rápidos, quase combinando com a batida frenética do meu coração. Dezoito anos se escondendo dos Malvagi, e eu acabei de ficar presa a um que usou seus poderes em mim. E eu sobrevivi. Eu não sabia se queria rir ou vomitar. Antes que eu conseguisse fazer qualquer um dos dois, eu precisava convencer meus joelhos a pararem de tremer.

Santa deusa, essa foi a experiência mais angustiante que já tive. Se minha irmã estava envolvida com os Perversos, desvendar seus segredos enquanto permanecia segura acabou de ficar mais difícil. Eu não tinha certeza se seria tão sortuda da próxima vez que conhecesse um príncipe do Inferno sozinha. Eles alteravam o próprio espaço ao seu redor. E não parecia que tinha consumido muita energia – se é que consumiu – de Envy ao fazer isso. Eu olhei para a rua. Ainda estava abençoadamente vazia. Antes de Envy aparecer, eu estava a caminho do mosteiro. Claudia mencionou que Domenico estava lá, e pensei que talvez fosse hora de perguntar se ele sabia o que...

O medo tomou conta de mim até que eu mal conseguia respirar. Envy disse que eu tinha algo que ele queria. Além do meu *cornicello*, que estava enfiado dentro do meu corpete onde ele não podia ver, e a adaga de Wrath, eu não tinha nada comigo. Mas Claudia tinha o diário da minha irmã, e se os Malvagi realmente pudessem senti-lo, então Envy já poderia estar caçando ela neste exato momento.

Se alguma coisa acontecesse com ela...

Eu corri em direção a sua casa, correndo tão rápido que quase perdi minhas sandálias quando meus pés bateram em pedras irregulares. Eu corri mais rápido, focando apenas em chegar à casa de Claudia antes do demônio. Eu pulei por cima de cestos caídos, passando por penicos e galinhas que corriam pelas ruas laterais. Eu desviei de varais e consegui apenas esbarrar em um pescador desagradável enquanto derrapava para parar do lado de fora da porta de Claudia.

Eu agarrei a aldrava de ferro e bati até que uma vela acendeu no andar de cima. Claudia colocou a cabeça para fora da janela no segundo andar.

— Emilia? Sangue e ossos. Você me assustou! Espere aí.

Eu me virei, examinando a rua escura. Não havia sinal de que fui seguida. Eu também não senti nenhum tipo de

presença observando, e eu esperava que isso significasse que Envy estava em algum lugar bem longe.

Um momento depois, a fechadura deslizou ruidosamente e a porta se abriu. Claudia fez um gesto para que eu entrasse. Eu me apressei para dentro e bati a porta atrás de mim, respirando com dificuldade.

— O que diabos está errado, Emilia?

— Sua tia está em casa?

— Ainda não. Ela ficou um pouco mais tarde na barraca esta noite. O que aconteceu? — Ela segurou sua vela no alto, procurando o meu rosto. — Você parece terrível.

Eu soltei uma respiração trêmula.

— Você descobriu alguma coisa sobre o feitiço no diário?

— Não de verdade. A magia é antiga, definitivamente não é deste reino. Mas há alguma coisa estranha sobre ela. Eu preciso de mais tempo para realmente...

— Não! — Estendi a mão e apertei gentilmente seu ombro para suavizar o golpe de minhas palavras. — Eu quero que você esqueça tudo sobre o feitiço e o diário. Por favor. É muito perigoso.

Claudia estreitou os olhos.

— O que quer que tenha acontecido tem algo a ver com a visão que eu tive?

— Talvez. — Eu esfreguei minhas têmporas. Uma dor de cabeça enorme estava começando. — Escute, eu... eu

não tenho certeza do que aconteceu esta noite, mas os Perversos estão aqui. E acho que a chegada deles tem algo a ver com o diário de Vittoria. Seja lá qual for o motivo, não quero chamar atenção para o diário. Ou para você.

— Você falou com um deles?

Eu assenti.

— O Príncipe da Envy e eu acabamos de ter uma conversa adorável. Começou comigo quase esfaqueando o meu coração.

Eu esperava uma inspiração profunda ou qualquer indicação de que minha amiga estava completamente apavorada que os Perversos estavam de fato vagando por Sicília. Talvez ela tenha pensado que eu tinha batido a minha cabeça. Ela calmamente foi até o armário e tirou uma garrafa de álcool com ervas que ela havia feito. Ela serviu uma dose para cada uma de nós e colocou o meu copo na minha frente.

— Sente-se. — Ela apontou para uma das cadeiras de madeira. — Beba isto. Vai acalmar os seus nervos.

Eu sentei no assento e trouxe o copo ao meu nariz. Era de menta e algo cítrico. Talvez limão. Eu bebi de uma vez, saboreando o sabor forte.

— *Grazie.*

Claudia bebeu o dela e guardou a garrafa.

— Você não parece surpresa — eu disse. — Você sabia que eles estavam aqui?

— Eu suspeitava. — Ela pressionou o quadril contra a mesa e suspirou. — Quando os assassinatos começaram e os corações foram roubados, eu pensei imediatamente na maldição.

— Você quer dizer a dívida de sangue entre a Primeira Bruxa e o diabo?

— Não — ela disse lentamente —, eu quero dizer a maldição.

Eu juntei minhas sobrancelhas. Wrath disse que o diabo queria quebrar uma maldição.

— A maldição foi jogada nas bruxas ou em outra pessoa?

— Essa é a coisa. — Claudia deu a volta na mesa e abaixou a voz. — Ninguém sabe ao certo. As bruxas das trevas acreditam que foi o preço que La Prima pagou pelo feitiço de vingança que ela lançou sobre o diabo.

Isso era plausível. Magia sombria exigia pagamento. Mas lançar um feitiço sobre o diabo... Eu estremeci apesar do calor sufocante do verão. Eu vagamente me lembrava de Nonna mencionar isso, mas ela não parecia convencida de sua validade.

— Por que ela amaldiçoou o diabo?

— Histórias antigas afirmam que ele roubou a alma do primogênito dela. Daquele dia em diante, o diabo ficou preso no Inferno pela eternidade. Seus irmãos podiam viajar entre os reinos dentro do razoável, tipicamente nos

dias antes e depois de uma lua cheia, mas ele nunca colocaria os pés para fora do submundo. E isso não foi tudo. Supostamente, ele só manteria todos os seus poderes se uma bruxa se sentasse no trono ao seu lado, usando o Chifre de Hades para manter o equilíbrio entre os reinos.

— O Chifre de Hades? Isso é uma coroa?

— Não há documentação escrita sobre o que é ou como funciona exatamente. Minha tia acha que parte da maldição inclui remover ou bloquear nossas memórias. Ela também acredita que é isso o que realmente aconteceu com a velha Sofia Santorini; que sua sessão de vidência revelou algo sobre a maldição que queria ser esquecida.

— Você quer dizer que a maldição queria ser esquecida? Como se fosse uma entidade própria?

Claudia assentiu.

— É estranho que ninguém se lembre de certos detalhes. Todo mundo tem um mito ou lenda ligeiramente diferente, mas ninguém sabe a verdade.

— Nonna nunca mencionou nada disso.

— Não é surpreendente. Minha tia disse que as bruxas da luz não acreditam que La Prima lançaria um feitiço tão perigoso. Vai contra a imagem delas do que significa ser abençoada pela deusa. Quem sabe? — Claudia deu de ombros. — As histórias mudam cada vez que são contadas. Talvez seja tudo ficção agora. A única maneira de alguém saber a verdade é se tivesse o primeiro livro de feitiços

criado por La Prima. E eu ouvi histórias de que os Perversos estão procurando por ele. Pode haver um feitiço nele que permitirá que o diabo quebre a maldição e viaje entre os reinos novamente sem precisar de uma rainha bruxa.

Inquietação tomou conta de mim enquanto eu pensava sobre as estranhas páginas de grimório que Vittoria escondeu sob as tábuas do assoalho. Não tinha como minha irmã ter encontrado o livro de feitiços perdido de La Prima.

E mesmo assim... havia magia ancestral ligada ao seu diário que não era deste reino. A localização secreta do primeiro livro de feitiços estava escrita naquelas páginas? Eu pensaria que era impossível, mas eu estava aprendendo que impossível era outra invenção da imaginação.

Então, se *fosse* verdade, então como diabos a minha irmã gêmea o encontrou?

Afastei minha cadeira da mesa e me levantei. Até que eu descobrisse as respostas de todas as minhas perguntas, eu não queria mais ninguém perto do diário de Vittoria. Se tivesse um feitiço nele que o diabo estava atrás, que poderia libertá-lo do Inferno, era mais perigoso do que eu temia originalmente.

— Você pode pegar o diário para mim?

DEZESSETE

Naquela noite, encontrei a primeira pista escondida sob as tábuas do assoalho do meu quarto. Como acontece com a maioria dos detalhes aparentemente insignificantes, eu tinha esquecido a ficha de jogos de azar quando a vi pela primeira vez. Eu estava muito preocupada com o diário e com as estranhas folhas de grimório para prestar muita atenção em outra bugiganga que minha irmã colecionou. Principalmente algo tão pequeno e desimportante quanto uma ficha de jogo.

Eu cuidadosamente virei a bugiganga e li o latim levemente gravado na parte de trás: AVARITIA. Ganância. Eu abaixei a ficha e olhei para o sapo coroado estampado na frente. Um mês atrás, eu não teria pensado muito na coroa ou no latim. Agora, eu tive a infelicidade de conhecer dois dos sete príncipes mortais do Inferno, e não podia escapar da suspeita incômoda de que o dono desta ficha de jogo era outra criatura aterrorizante que eu gostaria de evitar.

Se ele fosse parecido com Envy, eu não podia imaginar procurar por ele. Não tinha como dizer que tipo de horror ele poderia tentar infligir em mim. Mas.... Vittoria deve tê-lo encontrado se ela tinha essa ficha. Qualquer que fosse a conexão entre eles, era importante se ela havia deixado um pequeno pedaço dele para alguém encontrar. Até agora, embora eu não tenha descartado totalmente a

possibilidade de caçadores de bruxas serem os responsáveis pelos assassinatos, eu também não encontrei nenhuma evidência sólida apontando para eles.

Por ora, eu precisava me concentrar nessa pista e deixar minhas outras suspeitas de lado.

Eu olhei em direção à minha janela para as estrelas piscando na escuridão enquanto as nuvens passavam por elas. Desejei que minha irmã gêmea tivesse me confiado seus segredos. Mas desejos não nos levariam a lugar nenhum agora – a ação iria. Puxei um pedaço de pergaminho de nossa mesa de cabeceira compartilhada e me sentei com uma caneta e um pote de tinta. Escrever coisas para pesquisar mais poderia ajudar a revelar outro fio que eu poderia puxar. Os Perversos eram uma pista promissora, mas eu tinha a sensação incômoda de que eu estava deixando passar alguma coisa.

Tinha que haver uma conexão entre tudo.

Diário encantado — que magia Vittoria realmente usou para selá-lo? Como ela o encontrou?

Acordo com o diabo — por que ela concordou em se tornar sua noiva? Tem a ver com a maldição que Claudia mencionou? Ou ela achou

que poderia quebrá-la e continuar aqui?

Primeiro livro de feitiços — se pertence à La Prima, como os Perversos podem senti-lo?

Chifre de Hades — o que é? Uma coroa? Quão poderoso é?

Caçadores de bruxas — eles estão envolvidos? Se sim, eles estão observando os Perversos, ou há uma conexão entre eles e a barganha do diabo?

Eu examinei as notas, nada se destacava. Exceto que... eu me lembrei de quando Vittoria começou a agir estranhamente. Foi cerca de três semanas antes dela morrer. Mais ou menos na época do nosso aniversário de dezoito anos. Eu presumi que tivesse a ver com seu caso secreto com Domenico, mas parecia mais provável agora que foi quando ela começou a invocar demônios.

Uma semana depois, o primeiro assassinato aconteceu em Sciacca. Então, a primeira bruxa em Palermo morreu alguns dias depois disso. Dentro de uma semana após o segundo assassinato, minha gêmea foi assassinada. Eu não

sabia se Wrath compartilharia comigo qualquer informação detalhada sobre as barganhas, mas havia uma forte possibilidade de que a primeira invocação de minha irmã se correlacionou com o desejo repentino do diabo de quebrar a maldição.

Talvez o seu uso de magia demoníaca despertou alguma coisa no submundo que há muito estava adormecido. Se ela conseguiu invocar um príncipe do Inferno, tudo era possível. Ou talvez nada disso fosse verdade. Se ela não invocou um demônio e nem encontrou o primeiro livro de feitiços, talvez ela tenha encontrado o Chifre de Hades e a sua descoberta tenha colocado tudo em movimento.

Eu coloquei esses pensamentos de lado e foquei na minha teoria inicial. Caçadores de bruxas. Eles eram humanos, mas os humanos usavam magia popular como parte de sua religião em todo o Reino da Itália. Talvez eles tivessem alguma maneira de serem alertados para esse tipo de magia sombria.

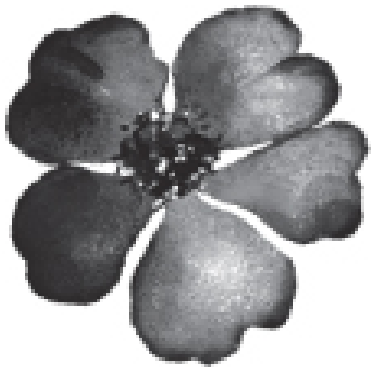
Eu suspirei. A teoria de caçadores de bruxas ainda não se encaixava, não importava o quanto eu tentasse que fizesse sentido. No entanto, parecia mais provável que houvesse uma ligação entre os demônios sendo convocados, a barganha do diabo e os assassinatos que se seguiram. Eu invoquei um príncipe do Inferno, então era provável que Vittoria tivesse feito o impossível também. O

que ainda exigia a questão de onde ela conseguiu os feitiços de invocação para começar. Eu rabisquei outra nota.

Folhas de grimório — Vittoria estava invocando um demônio para controlá-lo ou um deles deu a ela esses feitiços de invocação? Se sim, quem e porque?

Eu parei de escrever e cuidadosamente considerei o último ponto. E se Vittoria não invocou um demônio em primeiro lugar... talvez um já estivesse aqui, como Wrath. Se esse príncipe demônio deu as folhas do grimório para minha irmã, isso significa que ele a convenceu a ajudar em algum esquema perverso? O que um príncipe demônio poderia possivelmente ganhar ao irritar o diabo e matar suas noivas? Foi uma tentativa de conseguir o trono sombrio? Não importava quais segredos a minha irmã havia guardado, eu sabia com absoluta certeza que ela nunca ajudaria alguém se eles assassinassem bruxas.

Eu peguei a ficha de jogo, me perguntando se não era algo que Vittoria havia pego, mas algo que foi dado a ela. Talvez fosse um sinal de boa fé, ou... eu precisava parar de especular e começar a caçar. Eu tinha um novo plano para a manhã, e isso fez meu estômago revirar.



— Você já viu isso antes? — Mostrei a ficha de jogo para Salvatore. Ele pode ser um vendedor de roupas medíocre, mas era uma fonte extraordinária de conhecimento. Eu me levantei com o sol e saí correndo de casa antes que Nonna me interrogasse sobre o diabo novamente. Ele pode não estar me perseguindo ainda, mas eu certamente estava tentando encontrá-lo e seus irmãos miseráveis.

Uma gota de suor desceu pelo meu pescoço depois da minha corrida rápida para o mercado, e eu provavelmente parecia um pouco selvagem com meus cachos soltos e úmidos. Com sorte, Sal não me examinaria muito de perto quando havia algo muito mais interessante para prestar atenção. De todas as pessoas na cidade, Salvatore era o fofoqueiro mais confiável.

E o mais provável de compartilhar todos os detalhes que sabia com quem perguntasse.

— Isso é... — Ele se inclinou sobre uma pilha de camisas dobradas, apertando os olhos. — É isso! Esse é o clube sobre o qual todo mundo está falando hoje em dia. É

realmente misterioso. Sem nome, apenas o sapo coroado estampado na porta. Ouvi dizer que muda de lugar e você precisa de uma dessas fichas para entrar. — Ele vasculhou uma pilha de roupas e mostrou um lindo vestido carmesim. Era uma das melhores roupas de sua barraca. Eu imediatamente fiquei desconfiada. — Um acordo? Eu te dou isso por isso. É uma verdadeira barganha.

— *Grazie.* Mas vou ficar com isso mais um pouco. — Enfiei a ficha na frente do meu corpete. — Você sabe a última localização da casa de jogos?

— Em algum lugar perto da catedral, mas isso foi dias atrás. Provavelmente já se foi há muito tempo. Se não tiver sorte lá, pergunte ao velho Giovanni, que vende *granita* perto da entrada principal. Ele gosta de apostar.

Eu decidi tentar a sorte com a catedral primeiro. Passei uns bons trinta minutos andando por cada beco e rua lateral. Tropecei em um homem urinando perto de uma palmeira, mas a misteriosa casa de jogos permaneceu escondida. Procurei por mais alguns minutos antes de procurar o velho Giovanni. A placa em seu estande de *granita* estava virada para FECHADO.

Claro. Ele provavelmente estava na cova de jogos.

Eu estava prestes a desistir e tentar a sorte em outro lugar quando senti a vontade repentina de agarrar meu amuleto. Talvez a deusa da morte e da fúria ainda estivesse guiando meu caminho, ou talvez, enterrado em algum

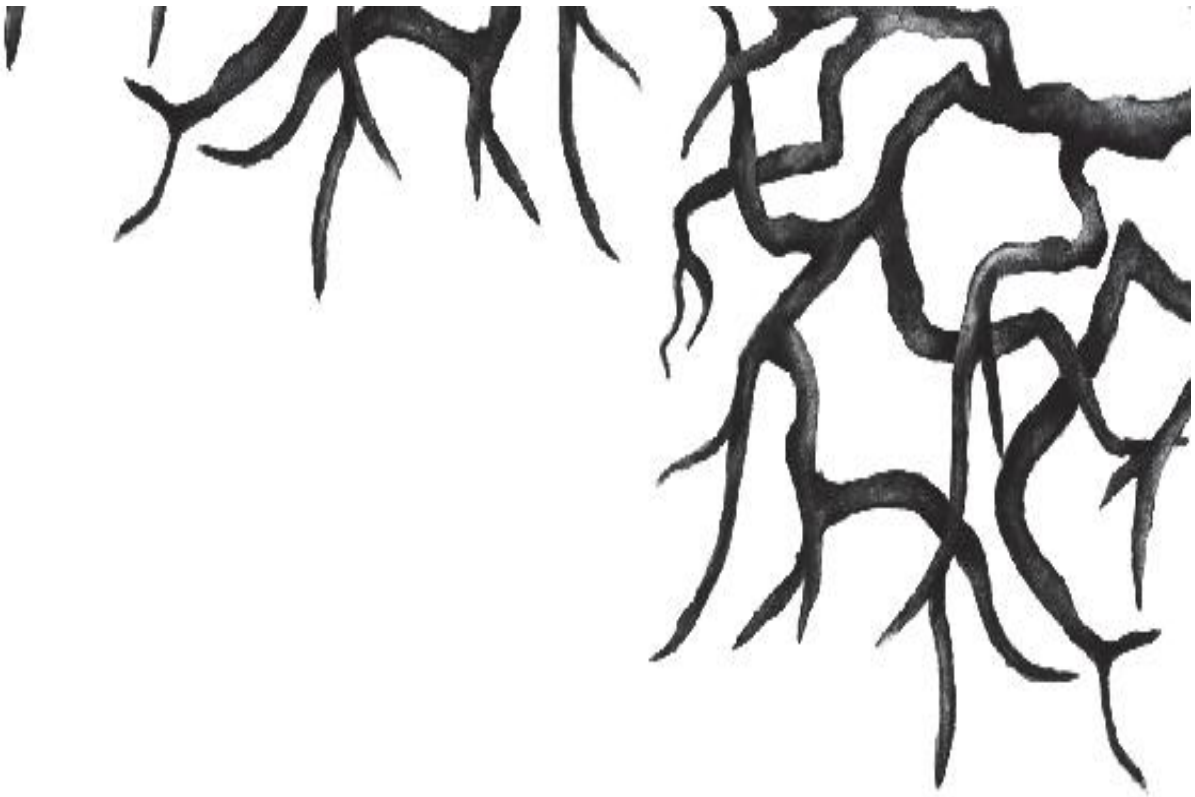
lugar bem no fundo onde eu não queria examinar muito de perto, senti a ligeira atração de magia demoníaca.

Eu poderia jurar que ouvi um zumbido fraco, guiando meu caminho. Não sabia se estava me perdendo em fantasmas ou se era uma habilidade latente que emergia cada vez que segurava meu *cornicello* e me concentrava. Eu não me importava com qual era o motivo, eu apenas precisava deixar meus instintos me guiarem.

Depois de alguns minutos vagando por estradas secundárias que se separavam da catedral como teias de aranha, parei na frente de uma porta com um sapo coroado queimado nela. Eu consegui!

E agora eu me sentia um pouco enjoada. Soltei meu amuleto e considerei meu próximo movimento. Eu poderia voltar, ir para o Mar & Vinha e esquecer esse pesadelo. Deixar os príncipes do Inferno para alguém melhor equipado em lidar com eles. Ou eu poderia tentar ser um pouco mais como Vittoria.

Eu puxei a ficha de jogo do meu corpete e segurei-a contra a porta, rezando para que eu não estivesse seguindo *demais* os passos da minha irmã.



DEZOITO

Para feitiços de coragem, unte uma vela vermelha com os seguintes itens durante a lua crescente e queime até que as chamas se apaguem: um pedaço de pimenta caiena, um pedaço de cravo-da-índia, óleo duplamente abençoado e uma colher de sopa cheia de carvão triturado.

—Notas do grimório di Carlo

A porta se abriu e eu desci uma escada rangente antes de entrar em um antro subterrâneo. Me baseando no beco sem saída que foi a entrada, eu imaginei que o interior do antro do pecado de Greed[7] seria escuro e abandonado. No caso, era apenas parcialmente. A sala superlotada era realmente escura – paredes de tijolos, uma barra de ébano reluzente que se estendia por toda a extensão da sala e várias mesas com tampo de veludo de vinho profundo pontilhavam o chão de ladrilho.

Cada mesa possuía diferentes jogos de cartas. Uma rodada colorida de escopa[8] chamava mais a atenção. Homens e mulheres estavam reunidos, seus olhos fixos no que esperavam ser sua mão vencedora. Eu tive a sensação de que o único verdadeiro vencedor era o príncipe demônio na residência.

A sala de jogos transbordava com a promessa de riqueza. O desejo por fortuna e poder era tão potente, que

quase assumia forma física. Eu o visualizei alcançando a minha garganta, apertando até que eu respirasse em monotonia gananciosa. Minha atenção disparava de um quadro pecaminoso para o próximo.

A ganância em suas muitas formas apareceu. Havia ganância por poder, riqueza, atenção – o excesso era o veneno de escolha aqui, e os clientes pareciam não se satisfazer. Eu me perguntei se eles sabiam que horas eram, que o sol tinha acabado de nascer e acenou para eles saírem, para viver. Alguns estavam abatidos, cansados, como se estivessem acordados há dias, viciados na forma de ganância que haviam escolhido. Havia também uma faísca de violência à espreita na atmosfera, como se um simples desejo pudesse se transformar em algo mortal a qualquer momento. Não era difícil de imaginar alguém esfaqueando seu concorrente e pegando o que quisesse à força.

Olhares afiados cortavam ao redor da sala e eu segui os olhares. Em um canto, um homem chamava a atenção com dezenas de garrafas de bebidas caras, distribuindo bebidas para aqueles que se deleitavam em sua presença. No canto oposto da sala, homens e mulheres lentamente removiam peças de roupas, balançando seus corpos seminus na esperança de capturar os olhares gananciosos daqueles que se contentavam em assistir. Atenção era o vício deles e, embora parecesse errado participar de algo

que certamente aumentava o poder de Greed, eu não conseguia parar de olhar para seu show sensual.

Eu me sacudi do transe e procurei pelo demônio que eu suspeitava estar por perto.

Uma porta ao longo da parede oposta estava flanqueada por guardas carrancudos em roupas finas. Eu apostaria qualquer coisa que encontraria Greed ali. *Se* eu conseguisse passar pela sala lotada. Havia tantos clientes que eu tive que agir com cuidado. Tentei contornar grupos de pessoas que estavam paradas atrás dos jogadores de cartas, mas mal consegui me espremer através dos corpos imóveis. Trabalhadores carregavam bandejas de prata cheias de comidas e bebidas, tornando o avanço mais difícil do que já era. Eu consegui passar entre uma fila de pessoas enchendo os copos de prosecco antes de uma briga estourasse atrás de mim.

Gritos de incentivo e zombaria explodiram na mesa mais próxima. Fiquei na ponta dos pés e olhei para além de uma multidão de pessoas que se moveram para ver o que havia causado tal reação. A porta ainda estava impossivelmente longe.

Eu debati pular nas mesas e correr por elas quando ouvi o seu nome – era como uma lâmina no meu coração.

— Vittoria!

Eu me virei lentamente, procurando por quem chamou a minha irmã. Minha atenção pousou em um homem em

torno da idade do meu pai, meio sentado em sua cadeira, meio caindo no chão. Fichas de jogo e copos vazios estavam espalhados ao acaso ao seu redor. Ele ergueu o olhar e eu respirei fundo. Domenico Nucci pai.

— Signore Nucci. Você...

— Vittoria, seja uma boa menina e me veja uma bebida, tudo bem? — Seu foco deslizou para a próxima carta que alguém jogou. — Talvez consiga um pouco daquelas lulas fritas com arrabbiata[9] extra para mergulhá-las também. Vai ser outro longo jogo. Esses trapaceiros estão me fazendo sentir como um lobo.

Ele sorriu como se estivéssemos compartilhando um grande segredo.

— Eu não... Eu sou a Emilia, minha irmã está... — Signore Nucci estava obviamente intoxicado e provavelmente pensava que ele estava no Mar & Vinha, pedindo o jantar. O molho marinara picante e o polvo frito era um dos nossos pratos mais populares para compartilhar. Também explicava sua confusão em me chamar de Vittoria; ela costumava ajudar nosso pai e tio no salão às vezes. — Vou garantir que alguém traga sua comida logo.

Eu me virei e bati em um peito duro. Um dos homens bem vestidos que estavam guardando a porta olhou para mim.

— O chefe gostaria de trocar uma palavrinha com você. Venha por aqui.

Qualquer dor que eu senti por ter sido confundida com minha irmã foi imediatamente substituída por medo. Eu segui o homem musculoso enquanto ele abria caminho até a porta. Poder vazava de qualquer coisa além dela, e eu sabia que isso significava que um príncipe do Inferno estava presente. Eu preparei meus nervos agitados.

O homem não perdeu tempo brincando com a minha ansiedade e abriu a porta. Ele entrou na sala sem dar uma segunda olhada e, sem escolha, eu segui.

— Ela está aqui, signore.

Eu não sabia o que esperava encontrar – talvez um dragão cuspidor de fogo guardando uma montanha de ouro e joias, ou um sapo venenoso muito grande atacando com uma língua coberta de pontas como um chicote –, mas não era uma sala luxuosa decorada com tapetes persas em camadas, uma mesa enorme, cadeiras de couro opulentas e um lustre de cristal deslumbrante. Tudo era elegante e aconchegante. Muito em desacordo com os arrepios percorrendo minhas costas.

O Príncipe da Greed estava sentado atrás da mesa gigantesca, os dedos entrelaçados sob o queixo, um olhar entediado no rosto finamente esculpido. Ele era, em uma palavra, bronzeado. Desde o seu cabelo castanho escuro ao profundo castanho avermelhado de seus olhos, ele me

lembrava moedas de cobre derretidas e remodeladas em uma forma humanoide. Se ele tivesse uma adaga como Envy e Wrath, ele a teria escondido bem. O que me fez confiar nele ainda menos.

— Eu não estava prevendo esta reunião, mas estou satisfeito, no entanto. — Ele sorriu. Havia algo estranho em seu sorriso. Algo não natural. — Por favor, sente-se.

Ele gesticulou para uma das cadeiras na frente dele, mas eu permaneci perto da porta. Ou seus poderes diminuíram muito apesar da ganância derramando de seu antro de jogos, ou ele os reprimiu para esta reunião. Um jogo demoníaco – fingindo fraqueza para atrair a presa, entretanto, nesta sala ele realmente não parecia esconder quem ele era ou de onde vinha.

Dois guardas demônios estavam atrás dele com os braços cruzados, rosnando do fundo de suas gargantas. Um tinha pele de réptil verde clara e olhos da mesma cor. E o outro estava coberto de um pelo curto – parecido ao de um cervo – e tinha olhos de ébano líquido. Dois chifres se enrolavam do topo da cabeça coberta de pelos do demônio. Era desconcertante ver uma coisa que parecia quase humana com a pele e olhos de um animal. Tentei me convencer a atravessar a sala, mas não conseguia forçar meu corpo a chegar perto daqueles demônios.

— Eu...

A atenção de Greed lentamente mudou de mim para o que havia chamado a minha atenção. Ele estalou os dedos e a sala esvaziou. Quando ele olhou para mim novamente, havia uma fome em seu olhar – uma que falava de posse. Ele não queria me seduzir, ele queria me *possuir*. Eu não seria um troféu para ele como seria para Envy; eu seria uma ferramenta de poder.

— Emilia. Por favor — ele acenou para a cadeira desocupada — Ninguém irá te ferir enquanto você estiver aqui. Você tem a minha palavra.

Disse o lobo para a galinhazinha. O uso do meu nome me enervou, mas consegui minha melhor atuação de andar confiante e me sentei.

— Minha irmã te contou o meu nome?

— Não. Você contou. Desculpe a minha grosseria, mas tenho informantes espalhados por todo o clube. Eles ouviram sua conversa com um de meus clientes regulares. — Seu sorriso foi quase convincente desta vez. Eu me perguntei se ele sentiu meu medo e ajustou suas respostas de acordo. Esse pensamento trouxe uma nova onda de nervos que eu não precisava. Estar sozinha com Greed foi uma ideia terrivelmente precipitada, mas eu realmente não conseguia pensar em uma maneira melhor de conseguir informações dele. — Vittoria não mencionou você, na verdade. Isso é uma grande surpresa.

Ele serviu dois copos d’água de uma jarra que eu não tinha visto e deslizou um para mim. Sapos coroados estavam gravados nos copos. Aceitei a água, mas não bebi.

— Por que um sapo?

— São criaturas gananciosas. Não estão contentes nem com a terra e nem com a água, desejam ambos.

Fazia sentido. Em uma espécie de lógica demoníaca.

— Vittoria invocou você?

— Você é cheia de perguntas. — Ele me estudou de perto. — É estranho... como vocês são idênticas.

Seu tom não continha nenhuma pista de suas emoções. Foi uma declaração de um fato. Nada mais. Ele não parecia se importar de uma forma ou de outra que minha irmã estivesse morta.

— Eu sei que minha irmã veio aqui antes de ser assassinada. Eu quero saber o motivo. O que ela queria com você?

— Hmmm. Direto para a jugular. Um movimento ousado, ratinho. — Ele se inclinou para trás, seu olhar afiado, calculando. Eu fiz o meu melhor para não me contorcer sob seu escrutínio. — Aparentemente eu tenho informações valiosas que você gostaria. E você, Signorina di Carlo, também tem algo de grande valor para mim. Eu responderei às suas perguntas da melhor maneira possível, apenas em troca do seu amuleto.

Minha mão automaticamente se moveu para o meu *cornicello.*

— Por que você o quer?

— Você sabe o que é?

— Um encanto popular para afastar o mau-olhado. — Ao contrário dos amuletos de Malocchio que os humanos usavam, também traria o mundo a um crepúsculo eterno se eu o juntasse com o amuleto da minha irmã, de acordo com Nonna. Decidi manter isso para mim, caso ele começasse a babar em seu terno finamente aparado.

— Mmh. — Greed tirou uma bolsa de veludo da gaveta da sua mesa e colocou um colar em sua palma, uma corrente de ouro com um rubi do tamanho de um ovo de codorna que brilhava sob a luz. Uma essência estranha saiu do colar, quase como um lamento agudo ao longe, fazendo meus dentes rangerem.

Eu queria que ele colocasse de volta onde ele o encontrou. Imediatamente.

— O que é isso?

— É chamado de Olho da Escuridão e concede a quem o usa verdadeira proteção contra criaturas de intenções malévolas. Dê-me o seu amuleto e é seu.

Um presente assim não vinha de graça.

— O que mais você quer?

— Que você se junte à Casa Greed.

Eu encarei Greed e jurei que minha pele tentou fisicamente rastejar para longe do meu corpo em protesto enquanto ele retribuía o olhar. Ele era classicamente bonito, mas havia algo estranho nele. Seus olhos estavam vazios de emoção humana. Ele parecia estranho e errado. Eu não conseguia imaginar a minha irmã se apaixonando ou sequer sentindo desejo por ele. O que significava que sua razão para vir aqui não era resultado de sedução. Ele tinha uma informação que ela queria. E eu queria saber o que era.

— Por que você quer que eu me alinhe a você?

— Porque acredito que você será muito útil para mim no futuro. Se você se tornar rainha, você me deverá um favor. Um poderoso também, se esse amuleto acabar salvando sua vida.

Greed não me parecia o tipo de criatura que apostava, o que me deixou ainda mais hesitante em aceitar o seu presentinho. Eu não tinha planos de me tornar Rainha dos Perversos, e estaria condenada se eu desse a ele um motivo para ajudar a me colocar naquele trono sombrio.

— Você ofereceu o Olho da Escuridão para a minha irmã?

— Aceite minha barganha e descubra.

— Se você não vai responder perguntas simples, temo que tenhamos acabado. — Eu me levantei, pronta para

estar o mais longe possível deste príncipe e deste lugar, quando sua cadeira raspou no chão.

— Espere. — Ele se sentou e colocou o colar de rubi na bolsa novamente. Um pouco do desconforto em meus ombros diminuiu. — Em uma demonstração de boa fé, responderei a *uma* de suas perguntas.

— Em troca de...

— Nada. Você tem minha palavra. Lembre-se de que a oferta é para uma pergunta, qualquer outra coisa vai te custar.

Eu retomei o meu assento, calculando o meu próximo passo. Havia tantas perguntas para as quais eu precisava de respostas, mas nenhuma delas valeria o custo de entregar meu *cornicello.* Eu pensei cuidadosamente na lista que escrevi noite passada e foquei no detalhe que mais me incomodava. Significava algo. Eu queria saber o quê. Escolhi minhas palavras com extrema precisão.

— Fale-me sobre o Chifre de Hades.

Se ele ficou surpreso com a minha escolha, não mostrou.

— É uma chave que tranca os portões do Inferno.

— Ouvi dizer que era parte de uma maldição. Que se uma bruxa o usar, ela terá poder sobre o diabo.

— As lendas das bruxas são fascinantes em sua falsidade. O Chifre de Hades foi um presente. Sua irmã sabia a história verdadeira.

Eu desesperadamente queria perguntar a ele qual era, mas havia algo mais importante que eu precisava saber.

— Como você quebra um feitiço de demônio que foi lançado sobre um objeto?

O sorriso de resposta de Greed era tóxico.

— Eu te disse sobre o Chifre de Hades. O resto vai te custar. Não acredito em dar sem ganho.

Agora meu sorriso ficou afiado.

— De acordo com suas regras, essa foi minha primeira pergunta de verdade.

Ele rolou os ombros para trás, suas narinas se abrindo um pouco. Eu estava meio convencida de que ele estava prestes a pular sobre a mesa e envolver as mãos em meu pescoço. Um longo momento se passou antes que ele falasse.

— Garota esperta. — Ele pegou o copo e bebeu profundamente, os nós dos dedos ficando brancos enquanto ele provavelmente pensava em minha frase. — Sacrifique um pouco de si mesma.

— Esta não é uma resposta honesta.

— Ah, mas é.

Greed tomou outro gole de água.

— Gostaria de fazer outra pergunta?

Eu gostaria de fazer mais uma dúzia de perguntas, mas arrancar informações úteis de um príncipe do Inferno era mais difícil do que eu havia pensado. Apertei os lábios.

Ele colocou as botas em cima da mesa e juntou os dedos novamente.

— Permita-me ser franco, Signorina di Carlo. Sua irmã me deu seu amuleto, sabendo da importância dele. Eu preciso do seu e do dela para fazer um feitiço. Me dê seu amuleto e eu juro proteger seu mundo.

Claro que sim. Logo depois que ele o saqueasse e o destruísse. Suspeita me envolveu. Não havia absolutamente nenhuma maneira de minha irmã ter voluntariamente dado a ele seu *cornicello.* Se ele tinha, então ele havia tomado. Eu sabia com certeza que Vittoria o usava no dia que morreu. Eu engoli em seco. Parecia cada vez mais possível que eu estivesse sentada em frente ao assassino da minha irmã gêmea. Risquei mentalmente caçadores de bruxas da minha lista de suspeitos. Até agora, todas as minhas pistas continuavam apontando para demônios.

Eu me perguntei se Greed contou à minha irmã uma história semelhante e ela o recusou. Eu estava com medo do que ele poderia fazer se eu também tentasse ir embora. Ele provavelmente podia sentir o medo, então o enfiei o mais fundo que pude e blefei.

— Se Vittoria deu a você o seu amuleto, mostre-o para mim.

— Ah. — Ele soltou um longo suspiro. — Isso não é possível.

— Não é possível ou você não irá mostrar?

— Os dois. Um Viperidae foi invocado para este reino. Seu ninho fica abaixo da catedral e, bem, eles são muito protetores quanto ao seu espaço. O amuleto ficará lá até que o Viperidae decida desistir dele.

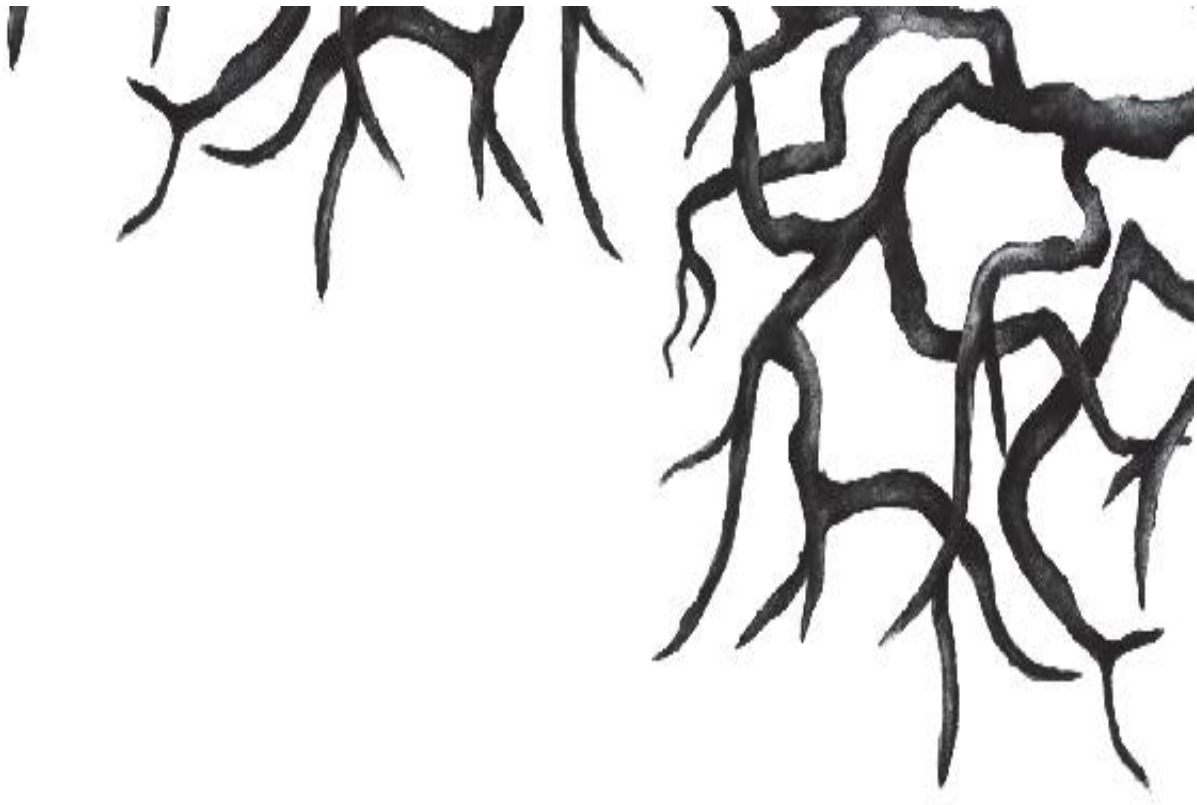
Eu não me incomodei em perguntar o que era um Viperidae, ou quem o invocou. Eu duvidava que ele me contaria qualquer outra coisa depois que eu o enganei.

— E você colocou o amuleto lá... — Eu não esperava uma resposta e ele não ofereceu uma. Era muito improvável que ele colocasse algo que ele queria tanto em um lugar que ele não poderia ter acesso. Mas tive a sensação de que minha irmã colocaria. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que Vittoria nunca daria voluntariamente a ninguém – muito menos a um dos Malvagi – o seu amuleto.

A história de Greed não se encaixava. Eu queria ter esperança contra todas as possibilidades de que ele tinha falado meias verdades, mas era uma aposta que eu não podia correr o risco. Ele me deu outra meta de curto prazo para me concentrar – eu pegaria o *cornicello* da minha irmã de volta e perguntaria a Nonna porque um demônio estaria tão interessado neles.

— Bom? — Ele perguntou. — Nós temos um acordo, Signorina di Carlo?

— *Grazie* — eu disse, me levantando — mas minha resposta ainda é não.



DEZENOVE

Um príncipe do Inferno é o mais perigoso dos demônios. Ele parece angelical, mas arrancará seu coração. Para combater seu poder, use ou desenhe um amuleto cimaruta – um galho de arruda com cinco talos com desenhos que correspondam às suas necessidades. Escolha cinco imagens necessárias para banir um príncipe demônio de volta ao seu reino. Exemplo: uma chave, adaga, coruja, cobra e lua irão mandá-lo direto para o Inferno.

—Notas do grimório di Carlo

Sangue era a chave para desbloquear magia demoníaca.

Eu estive pensando sobre a resposta aparentemente inofensiva de Greed a tarde toda, e as peças do quebra-cabeça lentamente começaram a se encaixar. Eu pesquisei alguns casos em que sangue esteve integrado à magia demoníaca. Para invocar um demônio, eu precisei oferecer sangue em sacrifício.

Então havia Wrath e sua barganha de sangue. A suposta dívida de sangue que Nonna mencionou.

Tentei e falhei em esconder minha repulsa. Seria pedir demais que os demônios aceitassem um pouco de vinho em vez disso? Eu suspirei e furei o meu dedo com

um alfinete, deixando uma única gota espirrar no diário de Vittoria. Segurando o fôlego, encarei o diário atentamente, esperando por algum sinal de que o feitiço se manteve ou se desintegrou.

Não houve nenhum evento cataclísmico ou relâmpago. Num minuto não conseguia abri-lo, no outro eu consegui. Eu hesitei com o livro meio aberto. Eu estive tentando abrir esse diário por tanto tempo e agora estava com um pouco de medo do que encontraria. Ele poderia revelar o assassino da minha irmã. Quanto mais eu aprendia, mais eu duvidava dos caçadores de bruxas. Os príncipes demônios estavam assumindo a liderança como os mais prováveis de cometer assassinato. Mas se o diabo precisava de uma bruxa, não fazia muito sentido eles frustrarem seus esforços. O que significava que alguém do nosso círculo poderia ser o responsável. Eu estremeci. Era fácil pensar que ela foi morta por um demônio, mas o pensamento de ser alguém que ela conhecia...

Eu respirei fundo e comecei a ler os pensamentos mais íntimos de Vittoria.

As primeiras páginas foram dedicadas aos perfumes que ela havia criado. Alguns feitiços aleatórios ou amuletos para Bênçãos da Lua e sorte. Um esboço ou outro de *cimaruta* e alguns outros símbolos que não

reconheci. Parei em uma página onde ela escreveu uma das sessões de vidência de Claudia em grandes detalhes. Eu estava prestes a examinar a página oposta quando algo chamou minha atenção. Uma nota pequena, quase insignificante, que ela deixou para si mesma.

> *Estou ouvindo objetos mágicos ou as almas ligadas a eles com o tempo? Às vezes, os sussurros são mais altos, claros. Outras vezes, são frenéticos e difíceis de entender. Semelhante à vidência de Claudia ou diferente?*

Ouvindo objetos mágicos? Eu encarei a linha, sem piscar. Eu tinha que estar entendendo mal de alguma forma. Vittoria nunca mencionou essa habilidade antes. Nós contávamos tudo uma para a outra. Eu era sua irmã gêmea, sua outra metade – mas, novamente, eu também nunca disse nada a ela sobre o *luccicare.*

Revirei os eventos da noite quando tínhamos oito anos. Era altamente provável que ela também tivesse desenvolvido alguma habilidade oculta. Eu tinha. Embora eu tenha acreditado que eu era uma anomalia, porque era eu quem estava segurando os dois amuletos. Eu não havia confiado em minha irmã porque não queria que ela

se preocupasse com as repercussões, ou que se culpasse por ter sido ideia dela.

Virei rapidamente para a próxima página, mas não havia nada fora do comum. Nenhuma pista de sua magia. Eu virei outra e outra. Eu havia chego ao meio de seu diário antes de encontrar outra passagem sobre a estranha magia secreta.

> *Eu estava perto do mar coletando conchas e sal marinho quando ouvi. Começou como um sussurro, frenético, muito baixo para ouvir claramente. Larguei minha cesta e agarrei meu cornicello, o que pareceu me ajudar a me concentrar na voz. Vozes. Eram muitas. E estavam falando ao mesmo tempo. Elas me imploravam por ajuda. Elas diziam que a hora havia chegado. Eu segui os sussurros até que eles começaram a tagarelar, indistintos e fora de sequência — como se estivessem falando em línguas. Me lembrou da velha Sofia Santorini.*

Do tempo em que sua mente ficou presa entre reinos. Eu queria ir embora, correr de volta e buscar Emilia, mas alguma coisa me avisou para não fazer isso. Eu segui o zumbido de vozes até uma caverna, bem acima do mar. Não sei o motivo, mas caí de joelhos e comecei a cavar. Eu o encontrei lá, enterrado nas profundezas da terra. Consegui entender uma linha antes que se transformasse em caos.

Infelizmente, minha irmã não escreveu o que ouviu. Eu exalei alto, as mãos tremendo enquanto eu folheava o resto do diário. Não havia outra passagem sobre a "coisa" misteriosa que ela encontrou enterrada sob a terra. Examinei rabiscos de flores e corações, os sonhos de Claudia e todas as perguntas para as quais Vittoria registrou respostas.

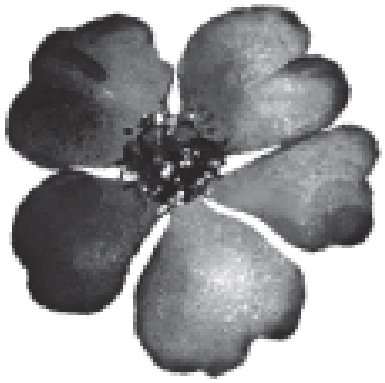
Eu não consegui me obrigar a ler a parte sobre o que acabou sendo a nossa última noite juntas no mundo. Até agora não havia nomes, nenhuma pessoa de quem ela desconfiasse, ou demônios com quem ela fez barganhas.

Como ela acabou concordando em se casar... Minha atenção se fixou em algo que fez minhas mãos ficarem molhadas.

Eu não planejava ouvi-lo de novo. Eu já tinha decidido escondê-lo, longe de onde eles poderiam encontrar. Então ele sussurrou uma coisa que parecia besteira, mas meu sangue formigou. O Chifre de Hades é uma chave para trancar os portões do Inferno, mas, de acordo com ele, o que o Chifre realmente é, são duas coisas. São os chifres do diabo, cortados por sua própria mão. Segurei meu cornicello, sentindo a verdade no zumbido e nos sussurros. A raiz do meu poder. Emilia e eu, por razões que não tenho certeza, usamos os chifres do diabo a vida toda.

Então, se isso é verdade, como eles encontraram o caminho até nós?

Eu lentamente fechei o diário e exalei. Santa deusa. Os chifres do diabo. Era difícil de acreditar, mas ainda assim... eu sabia que era verdade. Usamos os Chifres de Hades a vida toda. Não admira que Greed estava tão interessado em nossos amuletos – eu não conseguia nem começar a imaginar o estrago que ele poderia causar se conseguisse colocar as mãos nos dois. Empurrei essa destruição da minha mente e li novamente a última linha que minha irmã escreveu. Era uma excelente pergunta. Uma para a qual que pretendia obter a resposta imediatamente.



— Já é hora de você se livrar das perseguições sombrias, bambina. Sua mãe e seu pai estão doentes de preocupação. — Nonna me olhou da cadeira de balanço que ela arrastou para a frente do caldeirão fervente. Velas de feitiço para paz e sono reparador queimavam ao seu redor. — O dia todo, petrificados com a ideia de você deitada em algum lugar com seu coração arrancado,

sozinha. Igual a sua irmã. Você tem alguma ideia do que nos faz passar?

Eu tinha. E eu odiava, mas eu não era a única di Carlo com explicações a dar. Eu entrei totalmente na cozinha e coloquei a adaga de Wrath e meu *cornicello* na ilha.

— Isso aqui é um dos chifres do diabo? — O rosto de Nonna ficou pálido. — Nós temos usado o Chifre de Hades?

— Não seja boba. Quem encheu sua cabeça com essas histórias? — Nonna se levantou, foi até o caldeirão, adicionou uma pitada de ervas e as misturou em sua mais nova essência. Cheirava a abeto[10] e menta. Eu me perguntei onde ela conseguiu a perene[11], mas não perguntei. — Não acreditamos nessas coisas, bambina.

— Um Viperidae foi invocado e está guardando o amuleto de Vittoria.

Ela parou de mexer a mistura.

— Então é verdade. Os Malvagi retornaram.

Eu esperava que ela começasse a murmurar feitiços de proteção ou a correr pela casa, verificando todas as janelas e portas em busca de ervas e guirlandas de alho que ela pendurou para manter as coisas más do lado de fora. Ela não pediu que eu pegasse óleo de oliva e uma tigela com água para ter certeza de que o mal não

estava dentro da nossa casa neste exato momento. Essa versão calma e controlada de minha avó era completamente desconhecida para mim. Desde que eu conseguia me lembrar, ela se preocupava com o diabo e seus demônios roubadores de almas.

Crianças humanas tinham canções de ninar, mas tínhamos sido ensinadas sobre os sete príncipes demônios e os quatro – em particular – que os di Carlo deviam temer mais. Eu não tinha esquecido que Wrath foi citado. Eu nem tinha descoberto se era ele quem desejaria meu coração, capturaria meu coração, roubaria minha alma ou tiraria a minha vida. Honestamente, eu poderia imaginá-lo fazendo qualquer um desses.

Minha avó mexeu a colher de pau ao redor da mistura fervente, sua atenção teimosamente fixada no cabo esculpido, e não disse nada. Claro que agora que todas as histórias dignas de um pesadelo estavam ganhando vida, ela ficava em silêncio.

— Nonna, você tem que me dizer sobre o Chifre de Hades. Vittoria sabia sobre isso e ela foi morta. *Por favor*. Se você não quer que esse também seja o meu destino, precisa me dizer o que é e o porquê estamos usando ele. Eu mereço saber.

Ela olhou para o caldeirão e suspirou.

— Dias sombrios estão sobre nós. É hora de ser uma guerreira da luz. — Nonna deixou suas essências e tirou uma jarra de vinho do nosso aparador. Ela se serviu de um copo de chianti e se sentou na cadeira de balanço. — Eu nunca quis que isso chegasse a esse ponto, criança. Mas as mãos do Destino fazem sua própria mágica. Quem somos nós, senão fantoches em suas cordas cósmicas?

Enigmática como sempre. Decidi começar pelos detalhes menores e daí, até as perguntas mais difíceis.

— É realmente uma chave para trancar os portões do Inferno?

— Sim e não. Tem a habilidade de abrir e fechar os portões, mas não faz só isso.

— São os chifres do diabo?

— Sim.

— E você sabia o tempo todo?

Nonna assentiu. Eu a encarei, tentando processar o fato de que minha avó – que nos fez abençoar nossos amuletos para nos proteger dos príncipes demônios durante toda a nossa vida – colocou essas coisas em nossos pescoços.

— La Prima lançou um feitiço que os transformou em dois amuletos menores, com a esperança de escondê-los de todos que os procurassem.

— Só porque eles pertencem ao diabo?

— Porque se reunidos, eles não apenas têm a capacidade de trancar os portões, eles também podem invocar ele. Eles concedem ao invocador um certo poder sobre ele.

Eu encarei o amuleto que usei desde que me lembro, me perguntando o motivo de a minha irmã não ter procurado Nonna quando descobriu isso. Eu ainda tinha tantas perguntas sobre a barganha dela. Se tínhamos um meio de controlar o diabo, por que ela simplesmente não me pediu o meu *cornicello*?

Fazia sentido o porquê Greed estava atrás disso; seu pecado estava intimamente ligado ao poder. Mas se todos os príncipes do Inferno ansiavam por poder, por que, então, Wrath não tentou roubar meu *cornicello*?

Alguma coisa que Envy disse ressurgiu em meio à minha confusão.

— O que é uma bruxa das sombras?

Nonna fez um som de nojo.

— Bruxas das sombras é como os demônios nos chamam. Somos conhecidas como *Stelle Streghe.*

Bruxas das estrelas.

— *Nós* somos conhecidas? Desde quando somos conhecidas como Bruxas das Estrelas?

Nonna me lançou um olhar sarcástico.

— Desde o início de nossa linhagem. Viemos de uma linhagem antiga de bruxas que tinham laços com os Perversos antes da maldição. Éramos guardiãs em certo sentido, garantindo que as criaturas do submundo permanecessem lá, nunca interferindo no mundo humano. Por um tempo, trabalhamos ao lado dos Malvagi. Isso foi antes...

A taça de vinho de Nonna voou pela sala e se espatifou na parede. Chianti pingou como sangue. Eu gritei, mas não por causa da taça. Uma lâmina flutuante pairou contra a garganta da minha avó. Meu demônio fantasma estava de volta, e não parecia apenas uma invenção da minha imaginação agora. Ele esteve quieto nesses últimos dias e eu me esqueci. Agora era difícil ignorar a adaga de serpente de Wrath enquanto ela brilhava na luz.

— Pequena bruxa traiçoeira.

A lâmina do demônio pressionou a pele de Nonna. Eu balancei a cabeça e dei um passo à frente.

— Por favor. Se isso é sobre o que fiz com Greed, ela não tem nada a ver com isso. Deixe-a em paz, ela é inocente.

— Inocente? — Ele acentuou o “c” até soar como um chiado. — Ela não é tal coisa.

Antes que eu pudesse atravessar a sala e empurrar Nonna para longe, sua cabeça foi jogada para trás e a mão invisível arrastou a lâmina de Wrath por sua garganta. Sangue jorrou de sua ferida. Ela gorgolejou, o som uma das coisas mais horrendas que já ouvi. A arma caiu no chão. Assisti a tudo acontecer como se ocorresse em lentos desenvolvimentos.

Uma janela se abriu e imaginei o demônio invisível fugindo por ela.

Então a realidade caiu sobre mim e eu entrei em ação. Eu estava do outro lado da sala uma respiração depois.

— Não! — Peguei um pano do balcão e segurei em seu pescoço, estancando o sangue. Então gritei até minha voz falhar, despertando a casa inteira do sono mágico com que Nonna os encantou. Havia feitiços para ajudar a diminuir o fluxo de sangue, mas eu não conseguia pensar em nenhum por causa do pânico gritando em mim. Foi como se minha mente tivesse sido desligada e eu só conseguisse me concentrar em uma necessidade básica: pressionar a ferida.

Minha mãe foi a primeira a chegar correndo na cozinha, sua atenção imediatamente voltando-se para Nonna. E a crescente poça de sangue. Lágrimas escorreram pelo meu rosto, borrando a minha visão.

Eu não deixaria minha avó morrer. Não desse jeito.

Meu pai apareceu um minuto depois, seus olhos se arregalando com a visão.

— Vou pegar bandagens.

Eu parei de prestar atenção em qualquer coisa além de manter o pano pressionado firmemente contra o ferimento de minha avó. O tempo passou. Sangue encharcou o algodão, minha mãe orou sob uma pasta de ervas que ela havia feito. Eu segurei com firmeza. Eu queria ser o tipo de pessoa que não entrava em pânico e conseguia agir calmamente. Mas a lógica não penetrava em meu terror. Mamma tentou puxar minhas mãos, mas eu me recusei a ceder. Eu tinha que continuar aplicando pressão. Nonna precisava de mim.

— Está tudo bem, querida. Deixe-me colocar isso nela. Vai fechar a ferida.

— Eu não posso.

— Você pode. Está tudo bem.

Precisou de um pouco mais de persuasão, mas finalmente soltei meu aperto. Nonna escorregou para o chão, respirando com dificuldade. Eu já tinha visto isso em animais feridos e não era um bom sinal.

Minha mãe espalhou a pasta grossa sobre o ferimento e depois enrolou uma das bandagens limpas ao redor. Meu pai as trouxe antes de ir verificar se havia

mais intrusos e fechando nossa janela. Minha mãe terminou de enrolar com uma prece à deusa da boa saúde e bem-estar para curar Nonna rapidamente. Fiz minha própria oração, esperando que ela nos ouvisse.

— Ajude-me a colocá-la na cama, Emilia.

Limpei minhas lágrimas e fiz o que me foi pedido. Depois que a colocamos no colchão, minha mãe pegou uma cadeira para observar. Sentei-me contra a parede e fiquei lá até o sol se pôr, deixando o quarto em tons de machucados pretos e roxos. A respiração de Nonna finalmente se equilibrou e ela caiu em um sono profundo e restaurador. Ela conseguiu, não graças a mim. Louvada seja a deusa.

— Você deveria ir descansar um pouco, querida. Sua avó ficará bem. O pior já passou.

Eu assenti, mas não conseguiria dormir agora. Eu não tinha certeza se poderia descansar de novo sem ver a cena sangrenta se repetindo em minha mente. E a pior parte era que Nonna quase foi morta por minha causa. E então, quando ela mais precisou de mim, eu falhei com ela novamente. Eu havia perdido todas as memórias de feitiços e encantos de cura. Eu me fechei e deixei o medo tomar o controle. Se eu não tivesse começado a investigar o assassinato de minha irmã, ou enganado Greed, nada disso teria acontecido.

Entrei na cozinha, na intenção de limpar o sangue antes que meus pais o vissem novamente. Eu esfreguei até o chão brilhar e meus dedos doerem. Então, repeti os passos. Derramando água, esfregando. Eu precisava remover as manchas da argamassa. Demorou quase a noite toda, mas finalmente consegui apagar todos os sinais físicos do ataque. Mas a memória nunca iria me deixar.

Enxaguei o pano e me inclinei contra a ilha, bebendo um copo d’água. Demorei um pouco para perceber no início, mas eventualmente percebi que o demônio invisível veio aqui com uma missão. Eu distraidamente ergui a mão, pensando no ferimento de Nonna, e fui pegar meu amuleto. Minha mão caiu, vazia. Eu esqueci que tinha tirado. Fui pegá-lo no balcão e congelei.

Meu *cornicello* sumiu.

VINTE

— Você está horrível, bruxa.

Eu olhei com raiva para o demônio da guerra como forma de saudação. Em poucas horas ele estaria livre, e eu não tinha certeza se ele responderia a quaisquer perguntas quando o feitiço de contenção se dissipasse. Depois do ataque brutal a Nonna, saí de casa e andei por Palermo, decidindo o que fazer a seguir. Eu cometi um erro terrível e isso quase custou a vida da minha avó. Eu nunca deveria ter voltado para casa depois de ter confrontado Greed. Claro que ele mandaria espiões atrás de mim para roubar meu amuleto. Foi imprudente pensar que um príncipe do Inferno simplesmente me deixaria sair ilesa após derrotá-lo.

Agora que eu sabia que minha irmã e eu estávamos usando os chifres do diabo, e como eles eram poderosos e perigosos, eu precisava recuperá-los. Posso não saber onde o meu está no momento, mas graças à Greed, eu sabia exatamente onde o de Vittoria estava. Eu só precisava de algumas informações de Wrath sobre o Viperidae primeiro, então iria recuperá-los.

— Você deveria saber mais do que a maioria como isso é. — Eu sorri docemente. — Conheci dois de seus irmãos, a propósito. Eles são dois figurões.

Wrath não parecia nem surpreso e nem interessado nas notícias. Ele se sentou com as costas contra a parede,

as pernas esticadas, examinando o círculo de ossos que o continha. Claro que ele não estava usando a camisa que eu comprei para ele; estava amontoada no chão.

— Eu tenho seis irmãos. Você vai ter que ser mais específica.

— Você não sabe quem está aqui?

Sua atenção caiu sutilmente sobre meu quadril antes que ele erguesse o olhar.

— Você veio rastejando de volta para implorar por ajuda? Não estou me sentindo muito caridoso hoje. Cativeiro não combina comigo.

Demônios invadindo minha cidade, atacando minha avó, roubando meu *cornicello* e assassinando a minha irmã também não combinava comigo. Ao invés de discutir, puxei um cannoli do saco de papel marrom que enfiei na minha bolsa. Nonna disse que você pega mais moscas com mel do que vinagre. Pensei que um cannoli me ajudaria a pegar um príncipe do Inferno muito bem.

Ele pareceu surpreso quando entreguei a ele.

— O que é isso?

— Comida. A menos que você esteja com uma verminose, duvido que tenha comido.

— Não preciso de comida humana, nem desejo contaminar meu corpo com a sujeira disso.

Eu o encarei, horrorizada. Depois de todas as coisas terríveis que aconteceram, isso estava me deixando no

limite.

— Você realmente é um monstro, não é mesmo?

— Isso nem parece comestível. — Ele pegou o cannoli entre dois dedos e o segurou mais perto para inspecionar. — O que você espera que eu faça com isso?

— Enfrente seus inimigos.

Ele cutucou o recheio de ricota.

— Está envenenado?

Eu suspirei.

— Apenas coma, oh, poderoso guerreiro. É por prazer, não para dor. Eu mesma os fiz. Juro que não estão envenenados. Dessa vez.

Ele parecia cético, mas deu uma mordida. Sua atenção se voltou para mim enquanto ele mastigava. Eu não pude deixar de sorrir quando ele deu uma mordida maior, então pegou um segundo cannoli do saco. Ele estava no meio quando percebeu que eu ainda estava olhando e fez uma careta.

— O que?

— Não desejo contaminar meu corpo com a sujeira da comida humana — eu zombei. — Mas sobremesas são aceitáveis.

Ele não se dignou a responder. Em vez disso, ele remexeu no saco, franzindo a testa quando viu que estava vazio. Ele o colocou de lado e me olhou de novo.

— Eu imagino que essas iguarias faziam parte de um esquema maior para se infiltrar em minhas defesas. Você cheira a sangue que não é seu, seu cabelo está emaranhado como se alguma criatura selvagem tivesse construído um ninho nele e tivesse convidado seus parentes. Minha lâmina está faltando em seu quadril. E você parece pronta para amaldiçoar o mundo. O que você deseja saber, bruxa? O que te assustou?

Minha mão se moveu para o lugar onde eu estava amarrando sua adaga. Depois do estrago que causou à minha avó, eu não conseguia suportar a ideia de segurá-la. Agora eu sentia sua falta quase tanto quanto sentia falta do meu *cornicello.*

— Como alguém invoca um Viperidae?

— Alguém com senso de sobrevivência não faria isso.

— Talvez alguém imortal e arrogante já fez.

— Duvidoso. — Wrath não se divertiu com minha avaliação da realeza demoníaca. — Viperidae são criaturas únicas. Se eles escolherem guardar algo ou trazê-lo para seu ninho, nenhum habitante do submundo pode interferir. Eles devem escolher desistir por conta própria.

Eu fiz uma anotação mental para levar sobremesa para ele sempre que quisesse informações. Ele estava totalmente agradável e falante.

— Como eles se parecem?

— É homônimo. Como uma víbora, tem presas longas e articuladas. Também é maior do que eu e duas vezes mais mortal. Existem muitos poucos antídotos no caso de alguém ser mordido. E os que existem não devem ser considerados levianamente. Há um preço para usá-los, como toda magia. Faça sua própria escolha, mas saiba que você pode não sobreviver para ver outro nascer do sol se perturbar um.

Eu esfreguei meu braço, não porque seu aviso me assustou, mas porque havia uma sensação irritante cavando sob minha pele. Como se alguém estivesse arranhando para frente e para trás o mesmo lugar com um alfinete. Wrath percebeu o movimento e então olhou para seu próprio braço.

Parecia que nossas tatuagens estavam se transformando mais uma vez. Enrolando-se ao redor das serpentes – que notei que Wrath agora exibia ao redor de suas luas crescentes gêmeas, também – estavam flores silvestres.

Diante dos meus olhos, minhas cobras receberam escamas brilhantes e regulares. Eu não queria achar que era lindo, mas era. Inegavelmente. Wrath fechou sua mão em punho. Eu não sabia dizer se era por causa da dor ou por causa da nossa tatuagem estranha e sempre mutável. Decidi não insistir no assunto; eu tinha mais uma pergunta para o demônio antes de sair em minha missão.

— Se alguém fosse atacar um Viperidae, que tipo de feitiço usaria?

Ele desviou sua atenção da tinta mágica em seu braço, seu olhar um estudo de resignação.

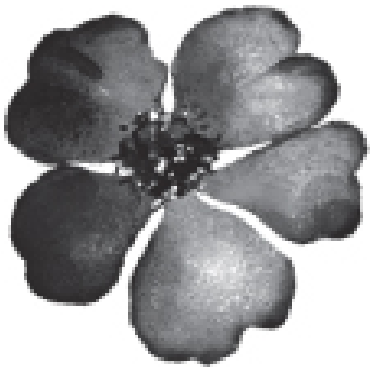
— Ninguém deveria estar atacando um Viperidae. Mas, se alguém fosse uma bruxa tola com um desejo de morte, então essa bruxa poderia tentar lançar um feitiço do sono. Pode ser a única maneira de se aproximar.

— Eu... — Eu me impedi de agradecê-lo. Se não fosse por ele e seus irmãos cruéis, minha família inteira não estaria nessa bagunça. Inalei profundamente, pensando no feitiço do sono. Era simples. Eu gostava de planos simples. Significava que havia menos coisas que poderiam dar errado.

— Uma última palavra de cautela. — Wrath se levantou do chão e se moveu para onde eu estava perto da borda do círculo de ossos. Eu ignorei a extensão de pele dourada e tonificada em meu rosto. — A liberdade será minha em breve. Se você for tola o suficiente para atacar tal criatura, eu não irei até você.

Eu encarei ele.

— Que bom.



No mês passado, se alguém me dissesse que eu *escolheria* vagar sozinha por túneis abandonados sob a catedral, rastreando um demônio cobra antigo guardando metade de uma chave sagrada que não apenas trancava os portões do Inferno, mas na verdade eram os chifres do diabo, eu pensaria que a pessoa precisava de atenção médica.

Emilia Maria di Carlo não se colocava em perigo. Minha irmã era a irmã aventureira – eu estava satisfeita com diversão segura e limpa. Dê-me um romance sensual com amor proibido e probabilidades impossíveis.

Esse era o tipo de aventura que eu poderia ir atrás.

Há pouco mais de um mês atrás, eu teria rido com minha irmã sobre a possibilidade de que algo como uma cobra gigante e sobrenatural *existisse*, pensando que as superstições de Nonna estavam trabalhando duro novamente. Mesmo com a magia correndo em minhas veias, eu nunca realmente acreditei nas histórias que ela nos contava; elas eram muito fantásticas. Criaturas

imortais bebedoras de sangue que nem os Perversos não podiam ser reais.

Agora eu sabia melhor. Cada grande história estava enraizada na verdade.

Eu segui um estranho odor fétido de ovo e pedaços de pele de cobra que foram descartados, desejando que eu tivesse superado a minha aversão à adaga de Wrath e tivesse a trazido comigo. A luz das grades acima manchava o chão de vez em quando, mas eu viajava principalmente na escuridão.

Eu prestava atenção à menor mudança na atmosfera, permitindo que meus sentidos me guiassem. Suspeitei que o demônio não iria querer chamar atenção para si ou para seu precioso tesouro.

Além disso, eu já tinha uma boa ideia de onde ficava seu ninho – Greed disse que ficava abaixo da catedral e eu estava me aproximando rapidamente do desvio que dava para lá. Parei na esquina e me recompus.

Eu estive mentalmente repassando o meu plano e agora que eu estava perto de enfrentar o meu inimigo, parecia que era muito simples para realmente funcionar. Talvez Wrath tenha decidido me enviar para a morte armada com um esquema impossível. Demônio diabólico.

Eu respirei fundo. Eu posso fazer isso. Mas eu precisava me mover rapidamente. Quanto mais tempo eu ficava aqui, debatendo, mais meu medo crescia. Eu imaginei o que

minha irmã faria se ela estivesse aqui. Ela iria se encarregar de salvar o dia – como ela tentou fazer quando concordou com a barganha do diabo. Certo, essa acabou não sendo a decisão mais sábia, mas pelo menos ela foi corajosa o suficiente para *tentar*. Comparado ao que ela fez, lançar um feitiço simples de sono e recuperar um colar era fácil.

Eu exalei lentamente e olhei ao redor da esquina. A luz cor de âmbar se espalhava na câmera vinda de cima, iluminando o demônio em forma de cobra. Wrath não havia exagerado – o Viperidae era maior do que ele. Escamas escuras como a meia noite e escorregadias como se com óleo cobriam um corpo enrolado no centro do túnel. Mesmo envolto, o demônio ocupava a maior parte do espaço; sua forma de bruços era mais alta do que eu por uma boa cabeça ou mais. Quando estava alerta e ereto... eu não queria pensar em enfrentar algo assim.

Tirei um punhado de folhas secas de camomila do bolso da minha saia, oferecias à deusa da noite e do sono, e sussurrei: — *Somnum.*

A respiração estável indicava que a besta estava agora em um sono profundo, um presente da deusa. Eu exalei. Agora eu só precisava encontrar o amuleto e fugir por onde vim. O Viperidae estava voltado para a direção oposta e sua cabeça tinha facilmente o dobro do tamanho do nosso

maior forno. Eu não precisava ver suas presas para saber que elas me espetariam com uma mordida.

Eu examinei o ninho e quase gritei de vitória quando avistei um objeto familiar em forma de chifre. O amuleto da minha irmã brilhava no chão ao lado da besta. Por sorte, o *cornicello* estava do meu lado dos túneis. Parecia que seria bem fácil esgueirar-se, agarrá-lo e recuar sem acordar o demônio. Eu olhei em volta, catalogando todas as saídas que consegui distinguir na penumbra. Mais dois túneis formavam ramificações em *Y*. Fácil.

E teria sido, se não fosse por todos os seixos e escombros espalhados pelo chão. Um pequeno passo em falso e, independentemente do feitiço do sono, o Viperidae estaria sobre mim em um instante. Eu fiz uma última oração a uma deusa que esperava estar ouvindo e dei o primeiro passo para dentro do túnel.

Não respirei fundo demais, com medo de fazer o menor som. Um silêncio não natural cobriu a câmara como neve recém caída. Uma vez, quando éramos pequenas, Nonna nos levou à uma cabana no norte da Itália, onde conhecemos um dos amigos dela. Eu era muito nova para lembrar as circunstâncias exatas, mas nunca esqueci o silêncio sufocante da neve.

Eu estava em mais da metade do caminho até o amuleto quando notei que a besta tinha parado de respirar uniformemente. Fiz uma pausa, com o pé no ar, e esperei

pela morte. O problema com os feitiços de sono era que não tinha como impedir que alguém ou algo acordasse normalmente.

Quando o Viperidae não se moveu, eu decidi terminar o que havia começado. Se ele estivesse em algum lugar entre o sono e o despertar, não ficaria desse jeito para sempre. Minha atenção se dividiu entre o demônio e o chão, com cuidado para não fazer nenhum barulho. Eu nem mesmo permiti que uma pedra saísse do lugar.

Finalmente, depois do que pareceu mil anos amaldiçoados, eu alcancei o amuleto e lentamente, meticulosamente, me curvei para recuperá-lo. Mantive meus olhos no demônio, o que acabou sendo um erro terrível. No instante em que meus dedos agarraram o *cornicello*, a corrente zuniu pelo chão.

O Viperidae atacou.

Sua cauda sacudiu, me derrubando em um golpe rápido. Segurei o amuleto de Vittoria com uma das mãos e um punhado de terras e pedras na outra. Eu esperei até que o demônio estivesse quase em cima de mim antes de jogar os detritos em seus olhos. O Viperidae lançou um grito em vários tons que enviou calafrios pela minha espinha.

Santa deusa lá em cima... eu *realmente* o irritei. O demônio semelhante a uma cobra enrolou-se ao redor de si mesmo, gritando e se debatendo. Pedaços de pedra caíram

das paredes em uma avalanche de caos. Nuvens de poeira encheram o ar, me sufocando. Um túnel estava agora completamente selado. Eu tinha que sair daqui imediatamente, mas não podia.

Eu me encolhi o mais longe possível do demônio, tentando rastejar ao longo da parede. Ele estava se movendo muito rápido e eu não podia arriscar ser atingida por sua cauda.

Não demoraria muito para que ele removesse os detritos dos olhos. O corpo poderoso do Viperidae colidiu com o túnel da direita, e não desperdicei a minha única chance de escapar. Eu passei por ele, o coração martelando, rezando para que não voltasse e me acertasse. Dei meu primeiro passo no túnel que usei para chegar aqui quando aconteceu.

Uma presa do tamanho de uma espada perfurou minha lombar. A mordida foi rápida como um relâmpago – acabou antes que eu pudesse gritar. Eu parei de me mover, meu corpo inteiro formigou e ficou gelado. Eu sabia o suficiente sobre medicina popular à base de ervas para saber os sinais de choque. Traumas graves às vezes demoravam alguns segundos para atingir os receptores nervosos no cérebro. Assim como pensei, a dor me atingiu um segundo depois. Quente, abrasadora, consumindo tudo.

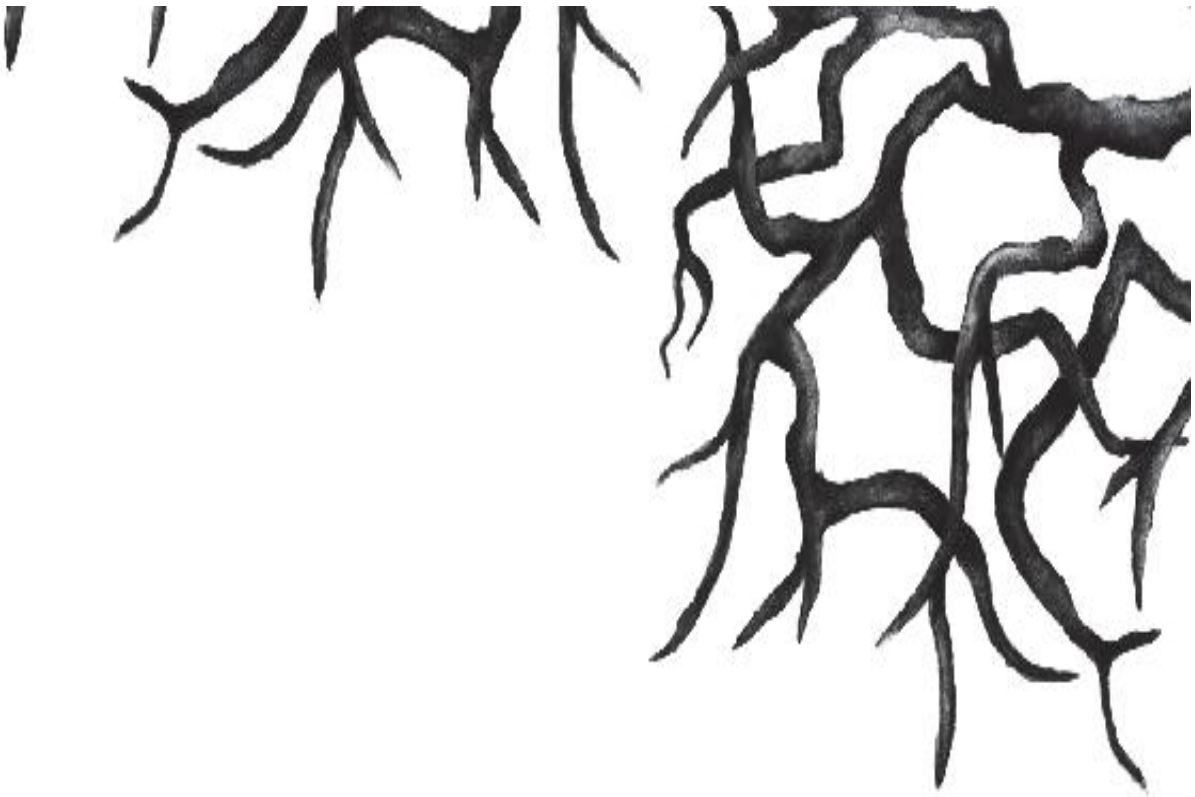
Eu caí no chão e me virei a tempo de ver o Viperidae se aproximando para me matar. Rolei um segundo antes de

ele rasgar minha garganta. O movimento súbito fez minha ferida se abrir mais e latejar. Sangue respingou ao meu redor, e fiz o meu melhor para não me concentrar na possibilidade de que o demônio já tivesse dado seu golpe mortal. Ele veio para mim novamente e, desta vez, o deixei chegar perto o suficiente para ver meu reflexo em seus olhos semicerrados. Eu empurrei a dor gritante de lado, o coração batendo forte. Eu esperei... esperei... ele abaixou a cabeça, pronto para afundar suas presas...

Eu golpeei forte e rápido, enfiando o amuleto de Vittoria em um de seus olhos. Um líquido quente jorrou em minhas mãos, enquanto o Viperidae gritava pela última vez. Eu enfiei mais fundo, até ter quase certeza de que havia perfurado seu cérebro.

Eu não esperei para ver se estava morto ou gravemente ferido – eu me virei e fugi.

Por um curto período de tempo, pelo menos. O veneno tinha outros planos para mim.



VINTE E UM

Tudo girava descontroladamente – como nas poucas vezes em que cometi o erro de beber muito vinho com Claudia e Vittoria. Cambaleei de volta pelo túnel e desabei sob a grade pela qual entrei. A fuga estava tão perto, mas impossivelmente longe. Eu precisava reunir minhas forças e me arrastar; e prometi fazer exatamente isso...

... quando minha cabeça parasse de girar e a náusea passasse.

Um baque suave caiu perto de mim, seguido por uma série de maldições primorosamente sujas. Se eu não estivesse convencida de que abrir a boca traria o vômito que mal estava reprimindo, teria rido da ladainha colorida. Eu não conseguia lembrar exatamente o nome dele no momento, mas eu lembrava que ele normalmente não era propenso a tais explosões. Por algum motivo, a situação me pareceu engraçada quando era tudo menos isso.

Minha cabeça doeu de repente – a dor aguda e cruel. Parecia que mil agulhas picavam meu cérebro simultaneamente. Eu gemi, o que só fez piorar.

— Onde você está ferida? — Sua voz estava muito alta. Eu o afastei, mas ele era um demônio irritantemente persistente. — Foco! Mordeu você, bruxa?

— Pare.

Dedos sondaram meu crânio, minha garganta, então hesitaram no meu decote. De alguma maneira, eu consegui passar o *cornicello* por cima da minha cabeça. Ele me rolou de lado e quase desmaiei com a próxima onda de agonia. Ele claramente não se importava com minha dor e sofrimento. Talvez ele gostasse. Eu lembrava vagamente de odiá-lo. Agora sabia por quê.

Ele parou por menos de um segundo, então o som de tecido se rasgando foi seguido por uma explosão de gelo nas minhas costas. O ar batia contra minha carne dilacerada, a dor absolutamente cega em sua fúria. Eu acho que devo ter gritado.

— *Merda.*

Dois braços sólidos me içaram, prendendo-me contra um corpo que tinha que ser feito de aço, não de músculo e osso. Começamos a nos mover rapidamente, seus passos fluidos e graciosos. O que era uma coisa boa – se ele balançasse enquanto corria, eu vomitaria em cima dele. Eu não achei que ele fosse gostar disso.

O vento açoitou meu cabelo – estávamos viajando a uma velocidade impossível pelas ruas da cidade. Eu cometi o erro de olhar para os prédios passando rapidamente e imediatamente me arrependi. Eu me aninhei contra seu peito quente e fechei os olhos com força. Dor era tudo que eu conhecia.

— Estamos quase lá.

Meus dentes batiam incontrolavelmente. Eu não fazia ideia de onde *lá* era, mas esperava que tivesse cobertores e uma lareira. Uma frieza estava se espalhando por mim, consumindo tudo e terrível. Eu tive a pior sensação de que nunca conheceria o conforto do calor novamente. O que era estranho, já que achei o dia especialmente quente. A dormência gelada lentamente se espalhou pelas minhas pernas. Uma porta se abriu com estrondo e depois se fechou. Pareceu que subimos correndo um lance de escadas e então fui colocada em um colchão macio.

Gritos soaram ao meu redor. As vozes abafadas eram difíceis de distinguir. Água sendo derramada em uma bacia atingiu meus sentidos, seguida pelo cheiro inconfundível de fumaça. Eu me debati. Em algum lugar, no fundo da minha memória, eu sabia o que fumaça significava. Perigo.

— Não se preocupe. — Outra voz. Masculina. Desconhecida. — Ele sabe o que fazer e vai voltar logo. — Os cobertores me apertavam tanto que eu mal conseguia respirar. Devo ter engasgado; mãos quentes estavam na minha testa. — Shhh. Não lute. Isso faz com que o veneno se espalhe mais rápido.

O tempo se estreitou em sua menor fração. Eu não sabia nada além de segundos aleatórios e agonia implacável. Meu batimento cardíaco estava tão alto que fez minha cabeça latejar. Momentos passaram. A dor persistia.

Em seguida, um fogo crepitante, o cheiro de fumaça, e ele estava de volta, forçando meus olhos a ficarem abertos.

— Vou consertar isso. Mas você tem que me dar permissão. Concede?

Tentei assentir, mas mal podia me mexer. Ele se agachou ao meu lado, colocou suas mãos em cada lado da minha cabeça e repetiu a pergunta. Ele deve ter sentido o movimento quase imperceptível desta vez – antes que a próxima onda de dor atingisse, ele era um borrão de ação.

— Observe o perímetro e não nos interrompa, não importa o que aconteça — ele gritou para alguém que eu não podia ver. O pânico se instalou novamente. Perímetro? Eu estava no Inferno? Ele me pegou, uma porta se fechou atrás de nós, e sua voz ficou visivelmente mais gentil. — Preciso colocar nós dois na água, tudo bem?

Tentei dizer sim, mas o entorpecimento se espalhou pela minha garganta. Acho que ele viu a resposta em meu rosto de qualquer maneira. Pareceu que ele sussurrou: — Viva o suficiente para me odiar por isso.

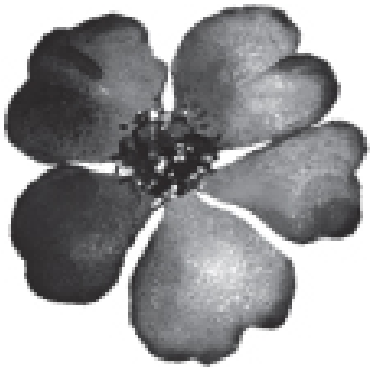
A próxima coisa que senti foi calor – como se eu estivesse flutuando em uma nuvem perto do sol. Palavras em um idioma que não entendi foram ditas em meu ouvido. Lábios roçaram minha pele, uma das últimas sensações agradáveis que experimentei antes que a escuridão se fechasse.

— Beba.

Eu queria, mais do que tudo, mas não conseguia. Ele inclinou minha cabeça para trás, separou meus lábios e derramou néctar na minha garganta. Eu tentei me debater com o gosto enjoativo, tão doce e espesso que quase engasguei, mas há muito tempo havia perdido a capacidade de me mover por conta própria.

Uma lágrima escorregou pela minha bochecha e dedos fortes a afastaram. Água espirrou. Um tipo diferente de calor me envolveu. Lábios suaves e gentis encontraram os meus. Era um sussurro, uma promessa, um voto inquebrável. Isso quebrou a dor e me senti em casa. Acho que queria mais, mas foi negado. Ele cantou baixinho, suas palavras estrangeiras.

Uma luz brilhante reluziu e então meu verdadeiro inferno começou.



Um som suave me despertou do pior sonho que já tive. Abri um olho e mantive minha respiração profunda e uniforme. Eu estava mergulhada em uma banheira. Por um segundo, não fazia ideia de como cheguei aqui.

Então flashes chegaram até mim. Eu não sabia dizer se eram sonhos ou memórias.

Uma cobra metálica tatuada em um braço se enrolou em volta do meu corpo – não em posse, mas em solidariedade. Como se Wrath tivesse me seguindo em meu pesadelo, lutado contra a Morte e me arrastado para fora.

Em algum momento, pensei que sua língua tivesse passado rapidamente pela minha jugular, traçando um *S* invisível em minha pele. Lembrei-me da sensação de cada terminação nervosa, cada molécula fervendo, instantaneamente sintonizadas com para onde eu queria que aqueles lábios se movessem em seguida. Jurei que ainda sentia o calor persistente do breve contato. Fiquei surpresa que eu não odiava aquilo.

Eu apertei meus olhos enquanto mais imagens ressurgiram. Uma serpente gigante. Uma luta mortal. Presas. Sangue. O pescoço da minha avó, cortado. Bebendo algo mais espesso que mel e tão açucarado que eu engasguei. Palavras estranhas faladas com fervor. Um beijo seguido por uma faísca ofuscante.

Então os pesadelos começaram.

Demônios gritando, garras arranhando, uma mulher desconhecida com olhos de meia noite e fogo em sua alma, me amaldiçoando. Uma cidade de fogo e gelo. Uma sala do trono feita de obsidiana. Uma coroa forjada de chamas e

fumaça. Portões enormes feitos de ossos e asas de couro, abrindo-se de repente. Traição.

Eu empurrei o sonho da minha mente e me concentrei nos meus arredores, então prontamente desejei não ter feito isso. Eu lembrava vagamente da sensação de pele quente e molhada contra a minha. Pernas musculosas. A sensação de total segurança. Eu também não sabia se isso era real ou imaginário.

Eu fechei meus olhos novamente e silenciosamente contei até que minha pulsação desacelerou. Demorou um segundo, mas eu percebi que minha ferida estava completamente curada.

Wrath fez um feitiço enormemente poderoso. Eu me sentia recarregada, quase vibrando com um excesso de energia. Eu tinha sido um recipiente vazio antes de ser preenchida além da capacidade com vida. Eu queria pular e dançar, ou lutar, ou fazer amor. Talvez tudo de uma só vez.

Para evitar pensar em beijos proibidos enquanto estava nua, me concentrei no aposento. Eu estava em um quarto de banho que era ornamentado, mas em mau estado. A banheira de mármore lascado era linda, branca com pequenas veias de ouro. Azulejos de mosaico cobriam as paredes, retratando criaturas aladas e campos de flores.

Um leve farfalhar no canto à minha esquerda chamou minha atenção. Wrath estava de costas para mim, como se oferecendo um pouco de privacidade. Riachos pingavam

dos planos de seu torso bronzeado. Seu torso muito tonificado e nu. Deusa do céu, ele precisava colocar uma camisa. Imediatamente.

Até que ele fizesse isso, dei uma espiada na tatuagem que tinha visto na caverna na primeira noite em que o invoquei. Tatuagens brilhantes de ouro e carvão cruzavam de ombro a ombro. Pareciam versos em latim, mas eu estava muito longe para ter certeza. Eu engoli em seco e desviei meu foco. Parecia que ele tinha saído da banheira momentos antes de eu acordar. Aqueles pedaços nebulosos da noite passada eram definitivamente memórias então, não sonhos. Meu rosto esquentou. Ele provavelmente já descobriu que eu estava acordada e estava esperando que eu dissesse alguma coisa. Isso era.... dolorosamente estranho.

Não querendo atrasar o inevitável, limpei minha garganta. Ele girou até que estivéssemos cara a cara. O cabelo úmido e despenteado o fazia parecer quase humano, mas a energia que irradiava ao redor dele destruía a ilusão. Era como mergulhar em uma banheira enquanto um raio atingia perigosamente perto. Ele estava alerta e parecia que já estava assim há muito tempo. Era estranho vê-lo fora do círculo de invocação. Mais estranho ainda que ele tenha me salvado. Eu não tinha certeza do que isso significava, se significava alguma coisa. Eu me acomodei ao lado da banheira e respirei fundo.

Apesar de sua proclamação sobre não vir por mim, ele não me deixou morrer.

Eu não sabia quais poderes ele invocou para me trazer de volta da beira da morte, mas ele deu tudo o que tinha. E eu não achava que meu feitiço de proteção foi o único motivo pelo qual ele me ajudou. Eu havia sentido alguma coisa na noite passada, mais íntimo do que se nós tivéssemos compartilhado uma cama. Por um segundo estranhamente longo, eu jurei que estivemos dentro da mente um do outro. O que eu vi lá, tão fundo que ele não conseguia esconder, não era simples ódio que ele sentia por mim. Era muito mais complexo.

A luz entrava por uma janela em arco sem nenhuma cobertura, acentuando os ângulos esculpidos de seu rosto. Se eu não soubesse exatamente o que ele era, eu poderia confundi-lo com um anjo. O que, de certa forma, eu supus que ele era. Eu me perguntei o que ele tinha feito que era ruim o suficiente para ser expulso do céu. Eu não perguntei. Eu duvidava que ele confessaria seus pecados.

Seu foco vagou sobre minhas feições, sua expressão ilegível. Eu lutei contra um arrepio.

— Eu tive esses…sonhos — eu disse lentamente. — Ou memórias. Talvez os dois. Você usou magia poderosa noite passada. — Eu o observei cuidadosamente. Ele não se mexeu nem quebrou o contato visual. Por um segundo horrível, me perguntei se ele tinha ficado catatônico. Então

ele inclinou a cabeça, esperando. — Antes de eu ir atrás do Viperidae, você disse que o antídoto custava muito caro.

Eu olhei para a água. Lembrei-me de como estávamos sentados – suas pernas, braços e corpo colados ao meu.... Eu tinha visto ilustrações antes. Apenas alguns rituais antigos exigiam contato direto com a pele – em essência, eles eram uma espécie de renascimento. Como se ele tivesse transferido parte de seu poder para mim, usando a água como condutora entre nossas carnes. Nenhum dos rituais deveriam ser considerados levianamente. Eu não tinha certeza se sua magia era a mesma de uma bruxa, mas imaginei que eram próximas.

Voltei minha atenção para ele.

— Qual foi o seu preço por me salvar?

A temperatura pareceu despencar. Ele segurou meu olhar enquanto cruzava lentamente a sala. Raiva inflexível brilhou naqueles olhos dourados.

— Você deveria estar mais preocupada com o preço que você teve que pagar. Eu espero que tenha valido a pena.

Ele se virou para sair. Antes que ele pudesse, eu pulei da água e bloqueei sua retirada.

— Você não pode dizer isso e simplesmente sair. Qual foi o preço?

— Você realmente gostaria de ter essa conversa no banheiro?

— Por que não? Sentindo-se tímido de repente?

Ele exalava o oposto de timidez. Honestamente, com um corpo assim e todo esse poder, não fiquei surpresa com sua confiança. Ele cruzou os braços sobre o peito largo. De perto, a cobra dourada tatuada em seu braço era de tirar o fôlego.

— Você quer conversar, bruxa. Eu vou começar. Você fez uma escolha na noite passada que teve consequências catastróficas. Se eu não estivesse lá, você estaria morta.

Era irritantemente verdade.

— Pegar o amuleto da minha irmã de volta valeu o que quer que tenha custado. E se eu tivesse que fazer tudo de novo, faria sem hesitar.

— O que prova que ou você é imprudente, ou tola, ou ambos.

— Se sou tão tola e imprudente, por que me salvar? — Eu ergui uma mão. — Me poupe da desculpinha do feitiço de proteção. Você e eu sabemos que essa não é toda a verdade. — Ele abriu a boca e eu o cortei novamente. — Eu não sei o feitiço exato que você usou, mas eu sei o suficiente sobre certos rituais e suas exigências para que eu tenha um bom palpite. Diga-me porque você me salvou. Agora.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você tem mais alguma demanda, vossa alteza? Ou posso ir?

— Na verdade, eu tenho. Você usou um feitiço de renascimento em mim? — Ele balançou a cabeça. — Então por que não estávamos usando roupas?

Um sorriso lentamente apareceu nos cantos de sua boca. Sua expressão parecia a de um homem imensamente satisfeito, mas presunçoso.

— Porque você arrancou as minhas como uma besta do inferno no cio. — Eu lancei a ele um olhar sujo. Ele soltou um suspiro que quase soou como uma risada. Já que ele não podia mentir para mim, tinha que ser verdade o suficiente para ele dizer isso. Eu revirei os olhos. Eu estava claramente fora de mim e disse isso a ele. — Além disso, como os Viperidae injetam veneno que age como gelo, precisávamos reverter os efeitos rapidamente. Calor corporal e água quente foram as maneiras mais eficientes e rápidas de evitar que a hipotermia a matasse.

Era verdade. Mas eu também ouvi ele sussurrando naquele idioma estranho. Wrath não estava mentindo, mas estava guardando segredos.

— Você me beijou.

Ele desviou o olhar abruptamente.

— Sonhos febris têm efeitos colaterais peculiares.

Eu sorri. Eu posso não saber o feitiço completo, mas eu sabia que o beijo casto era parte da magia que ele invocou. Ele provavelmente não queria, nem tinha muita escolha no assunto.

Mas estou feliz que ele sofreu com isso, ou então eu estaria morta.

Quando eu me encontrei dentro de sua cabeça ontem à noite, sua expressão não era de amor, mas de medo. Que, apesar de seus melhores esforços, eu era uma farpa cavando lentamente sob sua pele imortal, e um dia poderia chegar fundo o suficiente para perfurar seu coração de pedra. Ele não estaria errado.

Não importa se ele sacrificou uma pequena porção de seu poder para me salvar, eu nunca esqueceria quem ele realmente era. Ele era um demônio egocêntrico com a missão de proteger seu próprio mundo usando todos os meios necessários. Ele realmente não se importava com este reino, ou com as bruxas que foram assassinadas. Seu foco estava no que tudo isso significava para *ele*. O medo que vi em seu coração não tinha nada a ver comigo, pessoalmente, mas com o que os envolvimentos emocionais representavam em geral. Morte.

Como na morte de tudo o que ele era e escolheu ser.

Os príncipes do Inferno não eram leais a ninguém, exceto a si mesmos. Wrath levaria um inimigo para sua cama em um instante se isso significasse colher informação ou poder. E eu duvidava que ele detestasse.

Eu me movi até que estávamos quase nos tocando. Ele não recuou, mas também não avançou. Seu comportamento não tinha nada a ver com bondade, ou

uma amizade florescendo ou mesmo luxúria, e tudo a ver com ganho. Eu só não entendia ainda como ou por que ele precisava de mim viva.

Mas eu faria tudo que eu pudesse para descobrir quais eram seus verdadeiros objetivos.

A atenção dele deslizou para minha boca. Não havia nada gentil ou doce em seu olhar. Na verdade, não havia quase nada suave em seu olhar. Às vezes, quando ele olhava para mim, eu jurava que sentia uma besta se escondendo sob a máscara de pele que ele usava. Era incansável, selvagem. Eu tinha a sensação de que ele mantinha o monstro trancado, mas que nunca estava longe. Eu lutei contra um tremor. Eu não queria estar por perto quando ele decidisse deixar seu animal interno sair de sua jaula.

Um sorriso provocador curvou seus lábios.

— Esta é a parte em que você me agradece com um beijo?

— Dificilmente. Eu não sou como você, demônio. Eu não beijo pessoas que eu odeio. E nunca vou.

— Nunca? Tem certeza de que gostaria de fazer tal declaração?

Eu não tinha certeza de nada no momento. Eu estava confusa e vibrando com magia que não era inteiramente minha. Eu tinha vivido vinte e quatro horas no inferno – com o ataque de Nonna, meu próprio encontro com a

morte e sendo salva pelo meu inimigo. Seu poder vibrou por mim, me encheu. Por um segundo, eu quis que ele estendesse as mãos e as passasse pelo meu corpo. O que não fazia sentido.

Eu não conseguia pensar com ele tão perto. Eu desesperadamente precisava de um momento para mim mesma. Para organizar meus pensamentos e decidir como proceder. E eu não conseguiria realizar nada disso com o demônio seminu enchendo meu espaço. O poder surgiu em minhas veias.

Antes que Wrath me confundisse com mais encantos, eu sussurrei um feitiço de contenção que deve ter sido alimentado com sua magia demoníaca porque *não* saiu como planejado. Em um segundo ele estava parado lá, e no próximo ele tinha ido embora. Sumiu em um piscar de olhos. Aconteceu tão rapidamente, mas eu consegui dar uma olhada em seu rosto antes que ele desaparecesse. Ele parecia tão... traído.

Uma mistura de emoções me assombrou por vários minutos. Ele era meu inimigo. Mesmo se ele tivesse me salvado. Esse único ato de bondade não apagava esse fato. E, ainda assim, eu não tinha certeza se esperava que tivesse o mandado de volta para o submundo, ou se esperava que ele estivesse preso na caverna novamente. Não deveria importar onde ele estava.

Mesmo que eu me sentisse um pouco culpada por usar sua própria magia contra ele, me recusava a deixar isso afetar meu julgamento. Ele tinha sua missão e eu tinha a minha. Era isso. Vasculhei pelo chão, mas não consegui achar minhas roupas. Maldito demônio. De todas as maneiras pelas quais ele poderia se vingar, eu não previ que andar pelas ruas da cidade nua seria uma delas.

Eu olhei para cima, pronta para amaldiçoar Wrath para o Inferno novamente, e notei um vestido novo dobrado em uma pilha organizada no canto onde ele estava parado. Eu o levantei, surpreso com sua beleza. De muito bom gosto, as saias escuras tinham glitter dourado polvilhado sobre elas – não muito diferente de seu *luccicare* cintilante. Mangas pretas transparentes caíam graciosamente do vestido ombro-a-ombro. E um espartilho dourado com espinhos e asas costurados nas costas. Eu esqueci que minhas roupas foram rasgadas durante o ataque do Viperidae. Algum sentimento no qual preferia não me demorar tomou forma enquanto eu segurava o vestido. Eu o afastei para longe.

A magia do príncipe demônio estalava sob minha pele, infectando minha alma. Eu não queria gostar de quão viva isso fazia eu me sentir.

Eu rapidamente me vesti, precisando de uma tarefa mundana para me concentrar enquanto meus sentimentos disparavam de um extremo ao outro. Com a partida de

Wrath, era apenas um pouco mais fácil pensar. Principalmente porque meus pensamentos sempre voltavam a ele – para a expressão em seu rosto. Eu havia ferido seus sentimentos. E isso... me incomodava. Que reviravolta ridícula. A família dele enviou demônios fantasmas invisíveis para atacar minha avó e roubar meu *cornicello*, e *eu* estava me sentindo mal por potencialmente ter banido um demônio para o Inferno. Onde ele morava e governava. Provavelmente feliz. No auge do luxo demoníaco. Com fogo e enxofre e uma orquestra das almas dos condenados gritando.

Ainda assim, pode ter sido uma decisão precipitada. Aborrecimentos à parte, Wrath poderia ser útil para minha busca por justiça. Eu tinha quase certeza de que ele tinha segundas intenções para se alinhar comigo, mas quando eu realmente precisei dele, ele esteve lá. Esse ato, acima de tudo, me disse o suficiente.

Minha alma estava segura com ele.

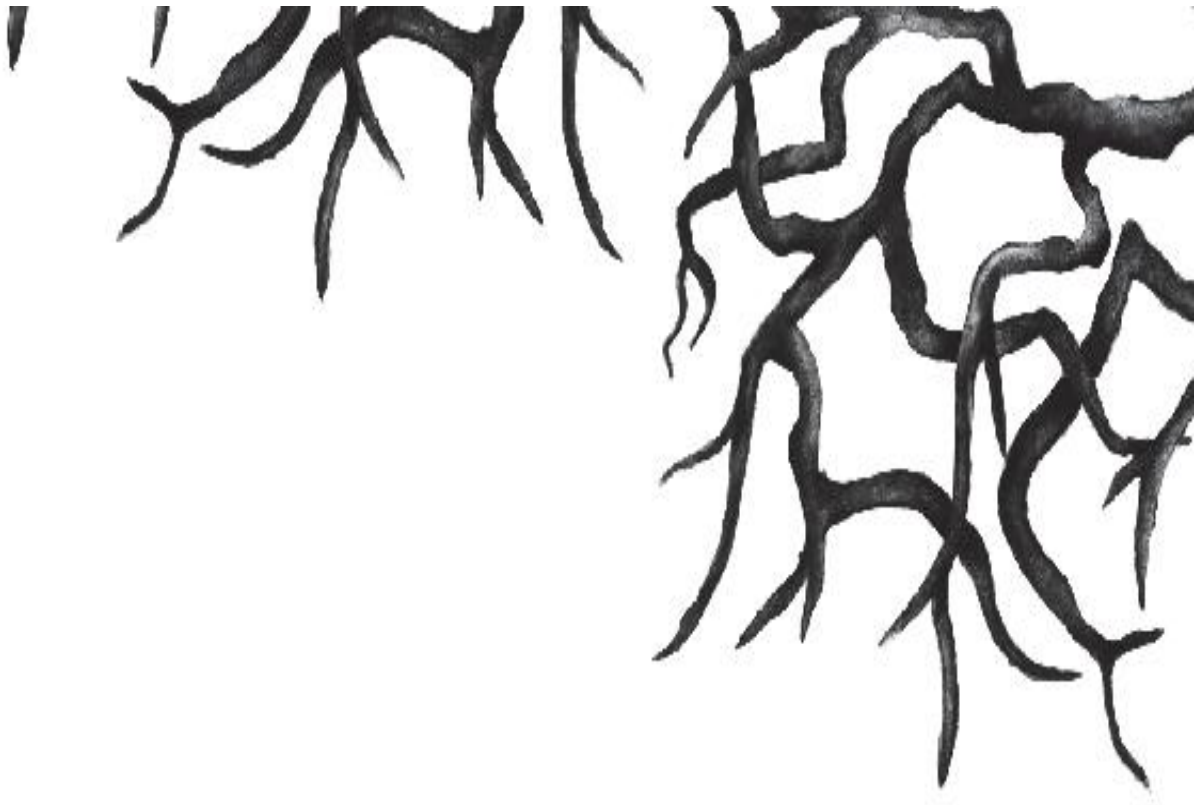
O que significava que poderíamos deixar nossas diferenças de lado e trabalhar juntos para solucionar o assassinato de Vittoria. Nenhum de nós adoraria a ideia, mas pelo menos eu podia confiar que ele não me mataria. A partir de agora, as evidências apontavam para um príncipe do Inferno sendo o responsável pelos assassinatos, não os caçadores de bruxas. Depois do que aconteceu com

Greed e o ataque a Nonna, eu precisava de Wrath ao meu lado.

Soltei um longo suspiro, esperando que fosse uma decisão sensata.

Que a deusa me amaldiçoe, agora eu precisava descobrir para onde mandei o Príncipe Wrath.

Peguei sua camisa e fui para a cidade para rastrear meu príncipe do Inferno desaparecido.



VINTE E DOIS

— Se você querque eu fale com você agora, peça com educação.

Eu não chamaria de alívio, mas um nó em meu peito se desfez quando encontrei Wrath preso no círculo de invocação novamente. Ele não estava bravo como eu esperava, apenas um pouco confuso. Suponho que ele não esperava ser banido logo depois de salvar minha vida. O que era justo. Para ser sincera, eu não esperava retribuir dessa forma, também.

— Todos os demônios são loucos ou só você?

Ele soltou um suspiro.

— Você não é a víbora mais agradável do fosso, é? Agradecer alguém que salvou sua vida ao pressioná-lo não é como as são feitas em meu reino. Não tem como negar que você podia melhorar as suas maneiras.

Todos os pensamentos de fazer uma tentativa de aliança me abandonaram. Um demônio discursando sobre boas maneiras foi a coisa mais ridícula que já ouvi. A *coragem* dele. Disparei uma dúzia de sugestões diferentes – que incluíam animais de fazenda – para o que ele poderia fazer com seu tempo restante na terra.

— Encantador. Eu me pergunto de onde sua criatividade vem, talvez experiência pessoal? — Brigar não ia nos levar a lugar algum, e eu tinha coisas mais importantes a fazer. Aparentemente, Wrath se sentia do

mesmo jeito. Ele estreitou os olhos, me examinando. — O que deixou sua saia toda torcida, bruxa?

— Nada.

— Se for sobre o feitiço que eu usei ou o vestido...

— Não é. — Por alguma razão, agora que estava perto dele novamente, eu não estava pronta para pedir sua ajuda para resolver o assassinato da minha irmã. Eu precisava de alguma outra garantia que essa era o melhor curso de ação. E havia uma coisa que ele poderia ser capaz de responder que me ajudaria a me decidir. Se ele não morresse de rir primeiro. Eu fechei os olhos e contei até dez. — Um demônio invisível atacou minha avó ontem. E antes disso, eu acho... eu acho que ele estava me perseguindo.

Eu esperava que ele zombasse de mim, ou perguntasse se eu recentemente me entreguei a muitos espíritos. Em vez disso, ele me estudou com muito cuidado.

— Falou com você?

Eu assenti.

— Ele disse: “ele está vindo”.

Wrath caminhou ao redor do círculo de ossos.

— Parece um demônio Umbra. Mas para ele estar aqui e falar com você... disse mais alguma coisa?

— Eu.... Eu não me lembro exatamente. Na primeira vez, disse algo sobre memórias e corações sendo roubados.

— A *primeira* vez? — Ele se virou para olhar para mim. Wrath não era muito bom em mostrar uma ampla gama de emoções, provavelmente porque ele era um ser imortal gerado no Inferno e não um ser humano, mas estava claramente surpreso com a notícia. — Exatamente quantas vezes você o encontrou?

— Talvez três? Eu achei que estava sendo seguida no mosteiro... naquela noite... então encontrei minha irmã e não pensei sobre isso de novo. — Eu comecei a andar ao redor da borda externa do círculo. — O que é um demônio Umbra?

— Espiões mercenários, principalmente. Eles vendem seus serviços para qualquer Casa real que tenha uso para eles. Existem alguns que são leais apenas ao Pride. Eles são principalmente incorpóreos e muito difíceis de matar. A magia nem sempre funciona com eles da maneira que você imagina.

Muito difícil de matar não era *impossível de matar.* Uma linha tênue, se é que havia alguma.

— Se é para espionagem, por que se revelar?

— Essa é a questão, não é, bruxa? Eles geralmente não falam nada.

— Você acha que Greed o contratou?

— Por que eu pensaria isso?

Eu o examinei em busca de sinais de engano. Certamente ele sabia que seu irmão estava aqui.

— Porque eu falei com ele em seu antro de jogos pouco antes de minha avó ser atacada. E eu posso tê-lo enganado para me dar mais informações do que ele originalmente concordou. Não é seu pecado, mas tenho certeza de que seu orgulho real foi ferido.

— Engraçado. — Wrath me deu um olhar seco. — É quase impossível enganar um príncipe do Inferno.

— Bem, a menos que ele estivesse mentindo sobre quem era, enganá-lo não foi tão difícil. — Eu não poderia dizer se Wrath acreditava em mim e não me importava. — Você disse que alguns demônios Umbra são leais à Pride….você acha que ele os enviou?

Dado o fato de que roubou um de seus chifres, parecia provável. Mas Wrath não sabia que era isso que eu procurava quando invadi o ninho da Viperidae. Eu estava interessada em sua resposta.

— É possível, mas não provável. Não quando estou aqui. Um demônio Umbra não pode *transvenio* para o submundo. Eles só podem deslizar entre os reinos se um príncipe os enviar ou se forem convocados. E mesmo assim, esse tipo de poder só pode ser usado durante períodos específicos.

— Como funciona a viagem entre reinos?

— É como arrancar fios do tempo e tecê-los em lugares diferentes.

Vago.

— Se alguém estivesse tentando invocar o diabo... você saberia?

Wrath lançou um olhar penetrante em minha direção.

— Ele não pode ser invocado.

— E se alguém tivesse o Chifre de Hades? Pride poderia ser convocado então?

O príncipe demônio ficou muito quieto. Sua surpresa durou apenas um segundo antes de um sorriso lento se espalhar pelo seu rosto.

— Você esteve ocupada.

Eu estive, e tinha feito um trabalho decente até agora rastreando os passos de minha irmã, mas agora eu precisava de ajuda. Wrath pode ser meu inimigo, mas ele salvou minha vida. Eu esperava que significasse que eu poderia confiar nele.

Pensei cuidadosamente no que queria fazer a seguir. Suas respostas sobre o demônio Umbra me lembraram de minha irmã gêmea e da maneira como ela fazia anotações em seu diário, e isso me deixou à vontade. Era como se Vittoria estivesse dando sua benção para a mais incomum das uniões. Eu me lembrei que Wrath poderia ter facilmente tentado tomar minha alma ou barganhado pela minha vida enquanto eu morria. E ele não fez nada disso. Em vez disso, ele sacrificou seu próprio poder sem esperar pagamento.

— Você vai me ajudar a descobrir se.... isso aconteceu?

— Se alguém invocou Pride? — Ele perguntou. Eu assenti. Ele parecia altamente cético. — Nós precisaríamos saber o lugar onde a invocação foi tentada. E nada é garantido. O Chifre de Hades foi combinado ou só um chifre foi usado?

— Só um. — Eu inalei. — E eu sei por onde começar. Então você vai ajudar?

— Você precisa ser mais específica ao pedir para quebrar o feitiço de contenção. E não se esqueça de usar meu título. *É* educado usá-lo. — Eu olhei para a adaga dele que peguei em casa, então voltei minha atenção para ele. Ele sorriu novamente; dessa vez era preenchido com diversão genuína. — Não são minhas regras.

— Você poderia, por favor, deixar o círculo de ossos e me ajudar a descobrir se alguém invocou Pride, Príncipe Wrath?

Foi a primeira vez que quebrei um feitiço de contenção, e foi estranho. Eu não tive que sussurrar um encantamento, simplesmente pedir que ele deixasse o círculo de invocação funcionou.

Uma carga elétrica na atmosfera encheu a caverna, se expandindo lentamente até empurrar a borda do círculo de contenção. Houve um leve estalo e então o mundo exterior voltou por completo.

Wrath de repente se elevou sobre mim.

— Se você valoriza nossa nova aliança, nunca mais use aquele feitiço de contenção em mim novamente, bruxa. A confiança tem duas vias. Minha paciência pode se esgotar.

— Tudo bem. Se você quer minha confiança, pare de ajudar o Pride a encontrar uma esposa.

— Não posso.

— Então não fique surpreso quando eu me defender usando todos os meios necessários.

Ele se afastou, passando a mão pelos cabelos. Eu observei impassivelmente enquanto ele caminhava de volta para mim. Determinação brilhava em seus olhos dourados.

— Dê-me minha adaga. — Eu lhe dei um olhar incrédulo. — Eu só preciso por um momento. E não, não vou te esfaquear com ela.

Embora ele provavelmente quisesse. Muito.

Eu tirei a adaga de serpente do coldre em meu quadril e a entreguei.

Wrath caiu sobre um joelho.

— Emilia Maria di Carlo, você tem a minha palavra de que não irei prejudicar fisicamente uma bruxa, nem força-la a se casar com Pride. — Ele passou a lâmina pela palma da mão e pressionou a mão ensanguentada contra o coração. — Em honra da minha coroa e do meu sangue, eu juro que a minha missão atual é salvar almas, não levá-las.

Ele se levantou e me devolveu a adaga, o punho primeiro. Outra demonstração de confiança. Recoloquei a lâmina e o examinei. Sua ferida já estava selada.

— Você não vai me pedir para aceitar sua barganha de sangue de antes?

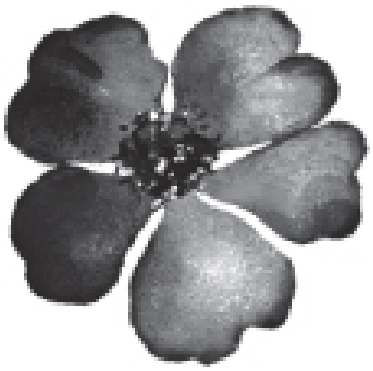
— Eu preferiria que você aceitasse, mas não vou forçá-la. Está satisfeita com meu voto?

— Por enquanto.

— Bom o bastante.

Ele passou por mim, parando perto da borda da caverna. Resistindo ao impulso de empurrá-lo para o mar abaixo, eu silenciosamente o segui, absorvendo as ondas prateadas, ondulando como uma criatura gigantesca de ébano sob a lua cheia enquanto ele se espreguiçava. *Sangue e ossos.* É claro. A lua cheia significava mais problemas. E minhas mãos já estavam ocupadas com um de um metro e oitenta e cinco.

— Aqui. — Eu joguei a camisa que comprei para ele em seu peito. — Não me importo se você odeia, se tem cheiro ruim, ou se você é muito principesco para roupas de camponeses, mas você vai usar isso enquanto estivermos andando pela cidade. A última coisa que precisamos é chamar mais atenção para você.



Wrath e eu nos acomodamos contra o edifício adjacente ao mosteiro, observando as luzes se apagarem uma por uma. Logo, a irmandade estaria dormindo em seus quartos.

— O que deu em você para fazer um voto de sangue para mim?

— Eu queria oferecer um ramo de confiança.

— Você quer dizer um ramo de oliveira.

— Mesmo conceito, bruxa. — Ele ergueu o rosto para a lua. — Além disso, eu poderia querer mais daquelas... coisas que você trouxe. Se você morresse, eu teria que caçá-las. Seria inconveniente.

— O cannoli? — Eu perguntei, fingindo incredulidade em sua tentativa de humor. — Você me salvou em parte por um pouco de ricota adoçada? — Graças à deusa, ele parecia não entender o quão populares eles eram, ou quão amplamente podiam ser encontrados na cidade. — Você acha que o demônio Umbra está nos observando?

Aninhado confortavelmente entre as sombras, estava muito escuro para ver suas feições claramente, mas

imaginei seu olhar de resignação mesmo assim.

— Está assustada?

Uma não resposta perfeita à minha pergunta. Eu sabia que ele estava se referindo ao demônio Umbra, mas a verdade era que Wrath me assustava também. Qualquer um que não tivesse medo de entrar em uma câmara com o demônio visto pela última vez com seu ente querido assassinado seria um idiota.

Algumas ruas adiante, vozes ribombaram como trovões distantes. Risos se seguiram, ousados e ruidosos. Palermo era uma cidade que adorava a noite tanto quanto se deleitava na glória do dia. Festivais, festas – sempre parecia haver alguma ocasião digna de ser comemorada, especialmente com comida e bebida. Eu esperava parar o monstro decidido a destruí-la antes que atacasse novamente.

Vários minutos de silêncio depois, a última luz dourada do interior escureceu.

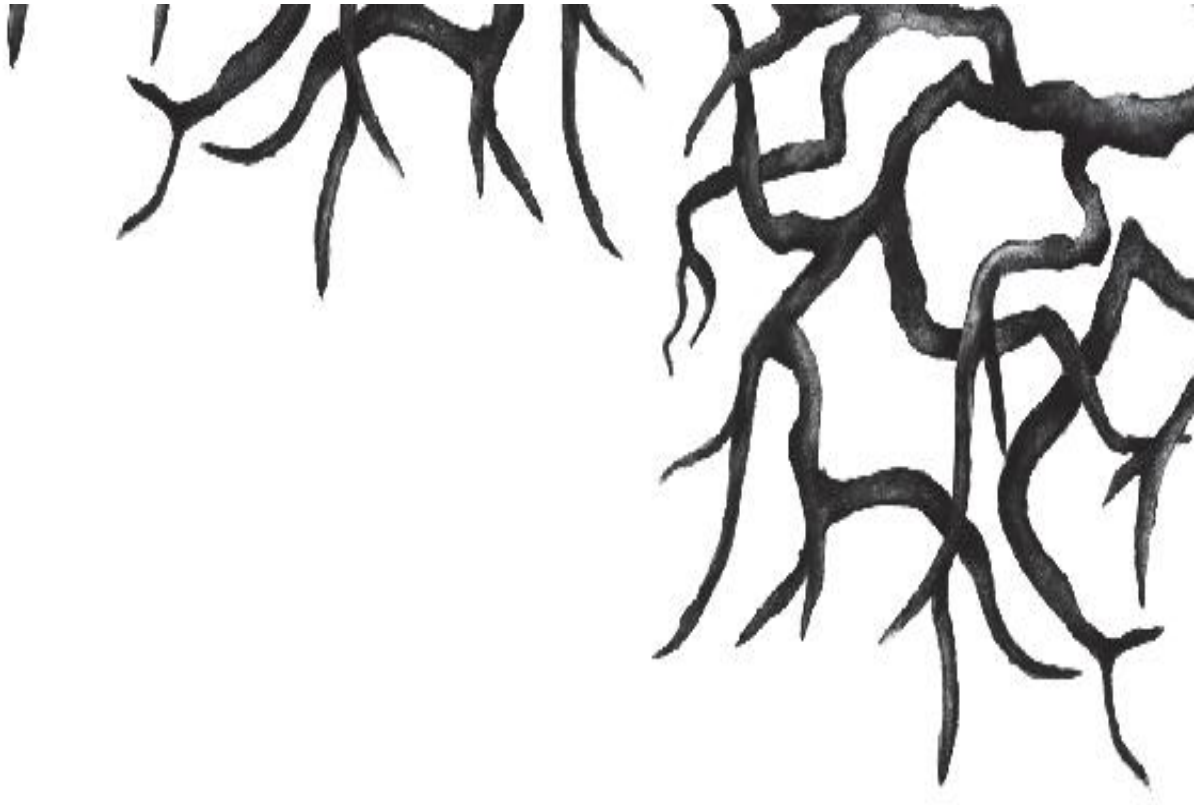
— Tudo bem. Chegou a hora — Wrath disse, se endireitando. — Se você preferir ficar aqui, então fique. Eu não mimo.

Eu o ignorei e deslizei para as sombras, deixando-o falar sozinho. Ele parecia gostar bastante do som da própria voz. Pareceu rude interromper.

— Eu não vou confortar. Ou cuidar das suas feridas. Emocionais ou não. Eu desprezo...

Quando a porta do outro lado do beco se abriu, sua boca se fechou. Eu lancei a ele um olhar mordaz enquanto a empurrava mais ampla em um convite. Ele ficou lá, carrancudo. Eu apostaria qualquer coisa que ele não ouviu eu me mover. Eu me perguntei quantas pessoas já o surpreenderam. Provavelmente não muitas, dada a forma como sua irritação parecia aumentar com a ideia de ser vencido por uma bruxa.

— Você está vindo, ou não, demônio?



VINTE E TRÊS

Felizmente, não havia sussurros sobrenaturais me esperando na câmara onde Vittoria morreu. Nenhum puxão de convocação insistente ou pedido mágico do Grande

Além. Apenas silêncio e o leve arranhar das botas de Wrath enquanto ele se movia na escuridão. A seu pedido silencioso, mas áspero, entreguei-lhe minha bolsa de suprimentos, grata por alguns momentos para me recompor enquanto ele procurava por velas.

De acordo com Wrath, teríamos apenas alguns minutos para ele sentir traços de qualquer magia de invocação. Ele me avisou que talvez não houvesse nenhuma pista, já que mais de um mês havia se passado. Eu não estive de volta nesta sala desde que encontrei o corpo mutilado de minha irmã. Se eu tivesse escolha, nunca mais poria os pés neste maldito mosteiro. Eu sabia que Vittoria não estava aqui, mas o fantasma daquela noite me assombrava do mesmo jeito. Eu fechei os olhos contra a memória de sua carne dilacerada. A imobilidade absoluta da morte. E o sangue.

Esfreguei minhas mãos nos braços, embora o ar estivesse agradavelmente quente. Era estranho como a vida poderia ser inesperada. Um mês atrás, eu nunca teria imaginado retornar até aqui com a mesma criatura que eu encontrei lambendo o sangue da minha irmã, mas aqui estávamos. Trabalhando juntos.

De repente, não estava mais perdida no luto. Com tudo o que aconteceu, eu esqueci tudo sobre aquele detalhe mórbido e sangrento. Eu me virei, saboreando o peso da adaga do demônio enquanto balançava ao meu lado.

— Só para ficar claro; eu permiti que você deixasse o círculo de contenção esta noite apenas para o *meu* benefício. Não significa que eu goste de você.

— E aqui estava eu pensando que me ligar por toda a eternidade significava que éramos bons amigos.

— Você não explicou por que estava lambendo o sangue da minha irmã.

Ele terminou de vasculhar a bolsa e riscou um fósforo. A luz brilhou, dourando os contornos do seu rosto. As sombras escureceram seu olhar, mas não esconderam o ouro cintilante das suas írises. Sua atenção deslizou para a adaga e se demorou. Ele olhava para ela com tanta frequência durante nossa caminhada até aqui, que eu não pude deixar de pensar que ele estava planejando maneiras criativas de pegá-la de volta.

Eu lutei contra um calafrio quando a sensação familiar de perigo retornou. Às vezes, especialmente porque ele concordou em me ajudar, era fácil esquecer que ele era um dos Perversos.

— Você não me perguntou.

— Eu certamente perguntei.

— O que você disse foi "*Você estava de pé sobre o corpo dela, lambendo o sangue de seus dedos, sua besta nojenta*". — Obviamente, deixou uma impressão duradoura. Ele acendeu as velas e me entregou uma. Eu evitei seus dedos e ele respondeu na mesma moeda. —

Não toque em nada, bruxa. Não queremos interferir com nenhum cheiro persistente.

— Será que eu quero saber o que você quis dizer com “cheiro persistente” ou é melhor deixar alguns fatos de criaturas do Inferno para a imaginação?

— Por mais tentador que seja, é melhor nem me imaginar.

Eu revirei os olhos. Se ele não queria elaborar, tudo bem. Eu não dava a cauda de um rato por seus preciosos sentidos demoníacos, mas eu me *importava* com Vittoria.

— Tudo bem. Por que você estava lambendo o sangue dela?

Ele ergueu a vela e girou no lugar, examinando a câmara.

— Eu estava testando.

Eu respirei fundo e rezei para a deusa da força e do raciocínio para me impedir de massacrá-lo aqui e agora.

— Escute, essa pequena aliança funcionará muito melhor se você elaborar sem aviso constante. Finja que eu não sei nada sobre seus modos perversos. Testando o sangue dela para *quê*?

— Perdoe-me, vossa alteza. — Um pequeno sorriso apareceu em seu rosto. — Eu estava testando para quaisquer indícios de uma Casa demoníaca que ela pudesse ter se aliado.

— Como o acordo de sangue que você me ofereceu.

Ele assentiu.

— O que você descobriu quando testou o sangue de Vittoria?

— Ela ainda não tinha se alinhado com ninguém. Mas isso não significa que ela não tenha interagido com um príncipe do Inferno.

— Então mesmo que eu tenha invocado você aqui, ninguém saberia que você e eu estamos... trabalhando juntos... sem um acordo de sangue, certo?

— Certo.

Sangue e ossos. Isso significava que Vittoria poderia ter invocado Greed ou até mesmo Envy, e, se ela não tivesse concordado com um acordo de sangue, não havia como rastreá-lo.

— Você acha que Greed ou Envy iriam querer impedir Pride de se casar?

Ele considerou.

— Greed gosta de governar sua Casa, então não. E Envy não tentaria nada que trouxesse guerra para sua Casa. Ele é mais propenso a meditar sobre todas as coisas que não tem e quer, mas não tem a ambição de conseguir.

A conversa acabou, Wrath girou de volta com sua vela e algo chamou minha atenção. Eu me abaixei, raspando um pouco de cera com a unha. A cera era rosa pálida. De repente me lembrei das velas que estavam aqui naquela noite horrível. Eu movi a luz em um arco lento para ver

melhor o chão. Outra mancha menor de cera era cinza. Eu girei, espiando as mesmas impressões alternadas de cera rosa e cinza.

Este era definitivamente o lugar onde Vittoria havia criado o círculo de invocação.

— Envy disse que outros virão à minha procura, ele quis dizer seus irmãos?

— Imagino que sim.

— Ele quis dizer os demônios Umbra também?

— Talvez.

Eu encarei com raiva o príncipe demônio. Depois que ele saiu de seu caminho para salvar minha vida, eu queria gritar por causa de suas respostas curtas. Eu pensei novamente sobre sua incapacidade de mentir diretamente para mim e estreitei os olhos.

— O que ele quis dizer sobre não saber o futuro?

— Eu não estava lá. Não tenho certeza exatamente ao que ele estava se referindo. — Wrath evitou meu olhar. — Ele poderia estar usando isso como uma tática de medo para entrar na sua cabeça.

— O que é uma bruxa das sombras?

Ele desviou sua atenção para mim, e me deu um olhar que dizia que se eu não sabia, não ia ser ele quem ia me contar. Eu lancei a ele um olhar que prometia uma morte longa e violenta se ele não começasse a falar. Ele cedeu.

— Você tem um pouco mais de sangue demoníaco do que as outras bruxas.

— Isso não pode ser verdade. Você está... — Eu fechei a boca. Ele não podia mentir, mas não tinha como o que ele disse ser verdade. Nossa família era abençoada pela deusa, não filhas das trevas. — Como isso pode ser possível?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você sabe como as crianças são feitas, não sabe?

— Claro que eu sei.

— Que bom. Me salva de ter que explicar como uma de suas ancestrais se divertiu com um demônio e produziu uma herdeira. Provavelmente não tão distante, se Envy soube dizer apenas... olhando.

— Minha avó disse que éramos guardiãs entre os reinos. E que “bruxa das sombras” era o nome nojento que os Perversos nos deram.

Sua atenção estava completamente em mim agora, e de repente eu não queria que ele soubesse de nada sobre a história secreta da minha família. Eu balancei a cabeça para a cera da vela, mudando de assunto.

— Lembro-me de pensar que o ar cheirava a tomilho. E parafina. Isso é prova de que ela tentou invocar Pride?

— Não. Velas rosa pálidas e cinzas são usadas pela Casa Greed. — Ele andou ao redor da câmara. — Tomilho e

cobre também são necessários ao invocar um demônio que pertence a essa corte.

— Demônios só podem ser invocados usando as velas da cor certa?

— Entre outras coisas, sim. As cortes dos demônios são divididas em sete Casas reais. Cada uma tem seus próprios rituais e requisitos. Cores de velas, plantas, hora do dia, objetos de intenção e metais variam.

Eu apontei para os objetos ao nosso redor.

— Nada disso pode ser usado para invocar Pride? Ou ter o Chifre de Hades nega essa parte do requisito do feitiço de invocação?

— Mesmo que sua irmã tivesse os dois chifres, ainda não funcionaria sem as velas, metais e plantas corretos. — Ele ergueu sua vela. — O que quer que tenha acontecido nesta câmara naquela noite, eu sei que sua irmã não invocou Pride. E também não parece que ela estava tentando.

— Ela me disse que estava.

Wrath me observou de perto.

— É impossível saber quais eram as intenções dela. Ela pode muito bem ter desejado invocá-lo, mas mudou de ideia ao longo do caminho. Ou, se ela tentou invocar ele, ela não fez isso aqui.

Recolhi minha frustração crescente. Se ela não invocou Pride, então isso significava que Greed era o culpado. Ele

tinha que ser. Eu pensei sobre o ataque a Nonna, e seu desejo de ter o Chifre de Hades. Fazia sentido que Greed não se contentasse em ser um príncipe do Inferno quando ele poderia se tornar o rei dos demônios. Parte do seu pecado incluía nunca estar satisfeito, sempre querendo mais. Sem se importar com quem ou o que era destruído na busca de seus objetivos.

Uma fúria inesperada cresceu dentro de mim e envolveu cada centímetro da sala. Era tão poderoso, que meus joelhos quase se dobraram.

— Eu juro pelo meu sangue que vou destruir o demônio que fez isso com Vittoria e ter prazer em fazer isso. — Wrath olhou para mim bruscamente e, a julgar por seu flash de surpresa, eu imaginei que meu olhar ficou quase preto. Minhas emoções estavam ficando mais fortes, mais sombrias. Eu culpei a proximidade do príncipe guerreiro. Se Envy inspirou sentimentos de inveja em mim, fazia sentido que Wrath, intencionalmente ou não, alimentasse minha raiva. — Você vai me ajudar a interrogar Greed novamente. E se eu não puder matá-lo, você vai.

O amuleto de minha irmã brilhava em um roxo sobrenatural. O foco de Wrath mudou para ele, então de volta para meu rosto. Eu o coloquei depois de roubá-lo do Viperidae. Até agora, os portões do Inferno não se abriram e Wrath não tentou cortar meu pescoço.

— Por mais impressionante que seja seu discurso e temperamento, não vou levar guerra a ninguém. E nem você. Pelo menos não sem provas irrefutáveis. A probabilidade de ser Greed é muito pequena.

— Então como ele chegou aqui? Alguém invocou ele. — Gesticulei com o braço ao redor da câmara. — Pelo que parece, ele foi invocado nessa sala.

— Não necessariamente. A não ser por Pride, príncipes do Inferno podem viajar aqui por conta própria. Além disso, não há nenhum vestígio do poder de Greed nesta câmara. A não ser que sua irmã tivesse um objeto pessoal que pertencesse a ele, é muito mais provável que ela, ou qualquer outra pessoa que tenha estabelecido este círculo em particular, invocou um de seus súditos. E existem *milhares* deles.

— Mas há apenas *um* príncipe demônio daquela casa que está atualmente em Palermo. Eu não vejo milhares de outros demônios correndo por aqui, você vê?

— Você está perguntando retoricamente ou espera uma resposta?

Eu abri a boca e fechei. Eu tinha muito mais perguntas sobre o reino dos demônios, mas quase podia ver Wrath me implorando para perguntá-las. Decidi que hoje ele não teria tanta sorte.

— Que tipo de objeto ela precisaria para invocar Greed? Uma adaga, como a sua? — Eu não conseguia me

lembrar de ter visto a lâmina com ele quando fiz uma visita ao seu antro de jogos. Mais evidências de que ele foi invocado. — Talvez ainda esteja em nosso quarto.

— Receio que não. — Ele balançou a cabeça. — Teria estado aqui na noite em que ela foi assassinada. Quem quer que a matou deve ter levado quando foi embora. No entanto, não há nenhum cheiro aqui que possa ser rastreado. Se foi um demônio, vou ter que rastrear de uma maneira diferente.

— A menos que você estivesse certo mais cedo e ela não tenha realmente invocado um demônio — eu pensei em voz alta. — Talvez ela tenha encontrado outra pessoa tentando invocar Greed e esse alguém matou ela. Ou talvez ela tenha invocado um demônio menor que a atacou.

Porque a maneira como seu coração foi arrancado... apenas uma criatura terrível poderia ter feito aquilo. Eu não me permitiria esquecer que conhecia apenas um demônio que estava nesta câmara com a minha irmã assassinada, poucos momentos depois que ela perdeu sua vida.

— É possível, mas não acredito que tenha sido um demônio. — Ele encarou o altar onde o corpo da minha irmã foi descartado. — Um demônio menor normalmente iria para a garganta, as vísceras, ele não teria como alvo um órgão e fosse embora. Especialmente algo grande e

forte o suficiente para infligir esse tipo de dano em um corpo.

Não era Pride. Não era Greed. Sem pistas. Esta excursão não estava saindo como planejado.

Eu pensei nas folhas de grimório que havia encontrado. Wrath disse que certas cores de velas e objetos eram necessários para invocar uma Casa demoníaca em particular. O problema era que nenhuma das duas folhas de Vittoria continha um feitiço que incluía velas rosa e cinza. A raiva cresceu dentro de mim novamente, precisando de uma liberação. Ou um alvo.

— É engraçado. — O ar estava quente, mas a lâmina que pressionei nas costas de Wrath parecia gelo em minhas mãos. Ele parou de respirar. — Você não pode mentir, e acredito que isso seja verdade, mas por que não consigo encontrar evidências para apoiar suas alegações de inocência?

— Você está pedindo que eu comente sobre sua percepção incompetente?

— Você colocou as velas aqui como evidência naquela noite para colocar a culpa em Greed? Você deve ter percebido que minha irmã tinha feitiços de invocação para sua Casa, e isso implicaria em você.

— Eu não sabia que você me invocou usando outro feitiço sem ser o seu. Eu nunca tive contato com sua irmã, a não ser a noite que descobri o corpo dela. Você se lembra

que eu também preciso descobrir quem está matando as bruxas, certo? Talvez mais do que você.

— Por quê? Por causa da maldição?

— Se quisermos simplificar, sim.

— Me conte tudo sobre. Eu quero saber quem amaldiçoou o diabo, por quê e por que isso é importante para mim ou para este mundo. — Ele lançou um olhar por cima do ombro que dizia que essa linha de questionamento não seria respondida, independentemente da adaga. Eu considerei esfaqueá-lo mesmo assim, mas provavelmente só terminaria com ele se recusando a responder a quaisquer outras perguntas. — Você tem fingido que meu feitiço de proteção funciona?

— Se eu estivesse fingindo, por que não teria quebrado seu pescoço ou usado minha influência agora? Certamente não é porque eu gosto da sua companhia fascinante.

— Dê-me uma razão pela qual eu não deveria enfiar esta lâmina em seu coração. É *assim* que você pode morrer, não é? Por sua própria arma. E apenas nesse ponto.

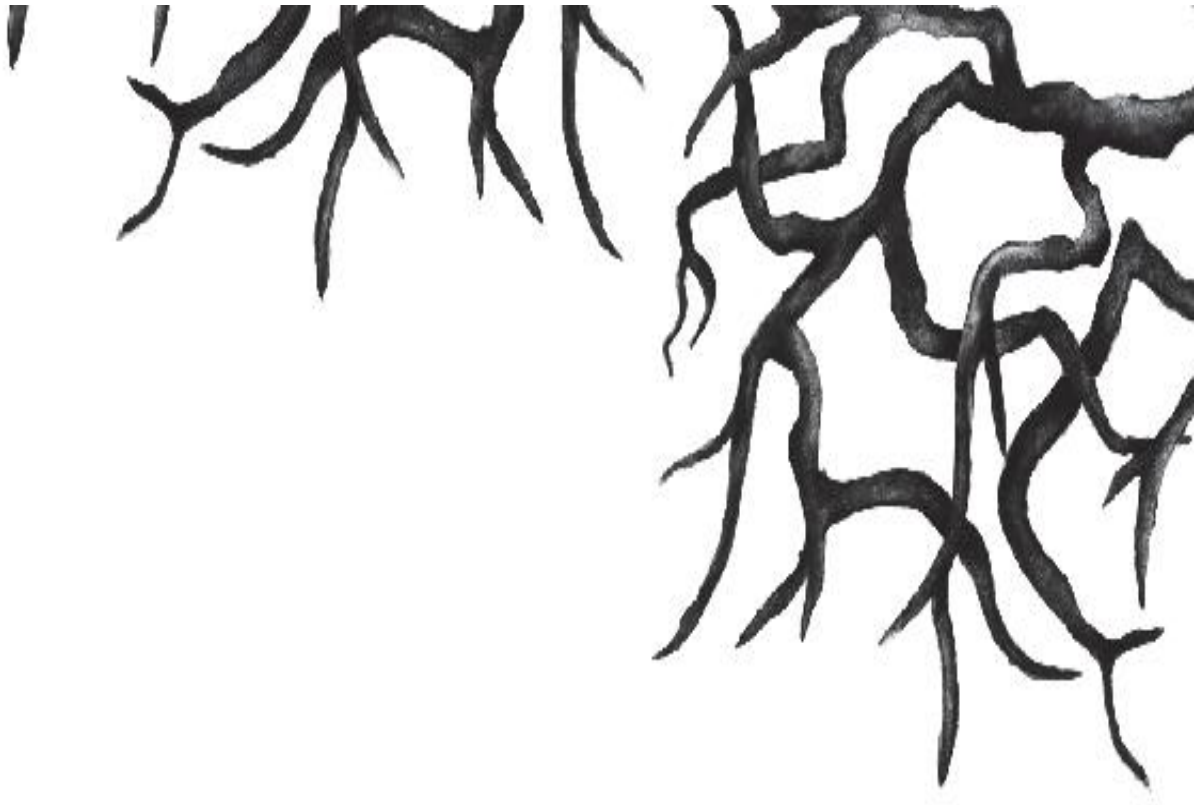
— Dificilmente.

— Tem certeza? — Inclinei a ponta da lâmina contra sua espinha. — Acho que você está omitindo a verdade. Sabe por quê?

— Me esclareça.

— Sinto seu olhar em mim quando pensa que não estou prestando atenção. Você rastreia a adaga toda vez

que eu me movo. Você precisa saber onde está. É por isso que Envy ficou surpreso por eu tê-la. Você é quase imortal, exceto por uma pequena fraqueza. Então, oh, poderoso Príncipe Wrath, se você não quiser morrer esta noite, diga-me por que Pride realmente o enviou aqui.



VINTE E QUATRO

Wrath se virou e inclinou-se para frente, pressionando a ponta de sua adaga em seu peito antes que eu pudesse piscar. Uma gota de sangue deslizou pelo metal, iluminando-o brevemente. Eu encarei, muda, enquanto a ferida do demônio cicatrizava diante dos meus olhos.

Ele inclinou a cabeça para baixo. Se qualquer um de nós se movesse, nossos lábios se tocariam. Eu nem mesmo respirei profundamente.

— Uma adaga no coração dói, bruxa, mas precisa de muito mais do que isso para destruir um príncipe do Inferno. Se você ainda acha que estou mentindo, vá em frente e me apunhale.

Uma parte selvagem de mim desejava testar essa teoria, apenas para determinar se ele estava sendo honesto. Outra parte, mais quieta, ainda cambaleando de tristeza, queria lhe entregar a lâmina e ver se meu feitiço de proteção realmente funcionava. Decidi que agora não era hora para riscos tolos e embainhei sua arma.

Eu me afastei dele, tentando não pensar nisso como uma retirada. Ele não fez nenhum movimento para me parar ou me perseguir, apenas observou enquanto eu colocava alguns passos de espaço entre nós.

— Você vai pelo menos me dizer sobre a maldição? Eu acho que podemos...

Wrath colocou sua vela no altar de pedra e estava diante de mim uma respiração depois. E ele estava inteiramente perto demais – suas costas roçaram contra meu peito. Eu ergui as mãos, pronta para empurrá-lo, quando ouvi o som fraco de passos vindo em nossa direção.

— Você disse a alguém que estávamos vindo para cá? — Wrath perguntou. Eu balancei a cabeça, com medo de que Greed ou Envy tivessem nos rastreado. O corpo de Wrath estava tenso, pronto para atacar. Fiz o meu melhor para acalmar minha respiração.

— Olá? — Uma voz profunda e familiar chamou do corredor.

— Sangue e ossos. — Joguei minha cabeça para trás e gemi. — Agora não.

Wrath me lançou um olhar por cima do ombro.

— Alguém que você conhece?

Eu assenti e o demônio relaxou sua postura de luta. A luz de uma lamparina precedeu nosso visitante na sala, e internamente amaldiçoei a interrupção. Wrath deu um passo para o lado e pareceu francamente jovial com minha irritação. Eu o ignorei quando Antonio entrou e imediatamente parou.

— Emilia. — O olhar de Antonio aqueceu quando pousou em mim, apenas para se estreitar quando ele viu que eu não estava sozinha. Ele olhou entre mim e meu

companheiro ameaçador, claramente sem palavras. — Eu ouvi vozes.... — Seu foco se desviou de volta para Wrath, viu a tatuagem de serpente que começava no dorso da mão do demônio, se enrolava em torno de seu pulso, e desaparecia em sua manga. Em seguida, seu olhar mudou para a tinta combinando em ambos os nossos antebraços. Seu olhar era ilegível. Antonio se endireitou. — Está tudo bem?

Wrath inspecionou Antonio de uma forma que causou arrepios no meu corpo.

Eu rapidamente me coloquei entre eles e ofereci ao meu velho amigo um sorriso tímido.

— Me desculpe se falamos muito alto. Eu perguntei... — Eu hesitei. Eu não podia chamar ele de “Wrath”. O príncipe demônio entrou no meu campo de visão. Ele me deu um leve aceno de cabeça. Era difícil dizer se era um aviso para não dar seu nome ou se ele estava simplesmente querendo ver melhor o meu desconforto. — Meu amigo Samael está de visita e queríamos acender uma vela para Vittoria.

Antonio não parecia convencido e eu não podia culpá-lo. Eu não era uma atriz muito boa. Eu realmente esperava que ele não continuasse fazendo perguntas. Se eu tivesse que adivinhar, mentir para um homem sagrado em um local de adoração na presença de um demônio que estava

em uma missão secreta para o diabo provavelmente significava má sorte.

— Nome incomum — ele finalmente disse. — De onde você disse que ele veio?

— Ela não disse. Você gostaria de nos buscar um pouco de vinho sacramental e investigar minha linhagem? — Wrath lançou um olhar que beirava o predatório. — Eu também não me importaria de conhecer você melhor. Especialmente se você for um bom *amigo* da minha Emilia.

Wrath disse a palavra “amigo” como se pensasse que Antonio era tudo menos isso. Minha boca estava aberta, porém, por uma razão totalmente diferente. Eu não consegui sequer entender por que Wrath disse “minha Emilia”. Honestamente, eu nem tinha certeza se o demônio se lembrava do meu nome, já que ele sempre dizia “bruxa”.

Antonio parecia tão atordoado quanto.

— Sua....

— Desculpa, Antonio. — Eu me recuperei rapidamente e lancei a Wrath um olhar de advertência enquanto deslizava meu braço com o do *fratello*, rapidamente o direcionando para a porta. Eu apostaria qualquer coisa que o Príncipe Wrath estava apenas tentando deixar meu amigo bravo para que ele pudesse sugar essas emoções, assim como Envy tinha feito comigo. — Você vai ter que perdoar

a grosseira dele; sua jornada foi longa e não foi nas mais agradáveis circunstâncias.

O braço de Antonio tinha músculos surpreendentes escondido sob suas vestes, mas ele não tentou me parar enquanto eu o guiava para o corredor.

— Tudo bem se ficarmos mais alguns minutos para fazer nossas orações?

Antonio olhou em meus olhos e sua expressão se suavizou.

— Claro. Eu vou estar no próximo corredor perto do *colatoio* se precisar de mim.

— Obrigada.

Eu exalei enquanto ele caminhava lentamente pelo corredor em direção à sala de preparação, esperando até que sua lamparina não pudesse mais ser vista antes de entrar novamente na câmara. Wrath se encostou no altar e me encarou, uma sobrancelha arqueada. Foi uma das expressões mais humanas que eu já o vi usar.

— Samael, sério? *Esse* é o melhor nome que você pode inventar?

— Ele era um príncipe de Roma e um anjo da morte. Achei que parecia muito apropriado. Você é mais do que bem-vindo para me dizer seu nome verdadeiro. Então você não vai ter que se preocupar com os nomes que eu invento.

Ele caminhou até mim, parando em um espaço quase decente.

— *Nunca* mais me chame assim. Eu não sou um anjo, bruxa. Nunca cometa esse erro.

— Não me diga. E aqui estava eu com a impressão de que a maioria dos humanos consideram Samael o diabo. — Eu passei por ele e voltei aos traços de cera deixados no círculo de invocação de Vittoria. — Você...

— Você e aquele humano já compartilharam a cama?

Eu me virei, completamente surpresa com sua pergunta. Eu esperava ver um sorriso irritante ou zombeteiro e não estava preparada para a curiosidade genuína que encontrei. Eu não tinha certeza de qual era mais perturbador.

— Primeiro, isso não é da sua conta. E, segundo, por que você perguntaria uma coisa tão estúpida? Caso você não tenha notado, ele é um homem de Deus.

— Ele nem sempre foi.

Eu mantive a boca fechada. Ele se tornou um membro da irmandade recentemente, e isso não me impediu de lamentar por ele. A verdade é que muitas vezes eu sonhava com ele beijando minha garganta, puxando meu cabelo com seu punho e me escolhendo em vez de sua santa irmandade.

Pouco antes de fazer o juramento, jurei que ele parecia interessado em iniciar um romance comigo. Ele parava no

Mar & Vinha, se oferecia para me levar para casa e ficava do lado de fora da minha porta. Algumas vezes eu ficava convencida de que ele estava criando coragem para me roubar um beijo. Ele tagarelava nervosamente sobre seus livros favoritos. Vittoria balançava as sobrancelhas e entrava dentro de casa, me deixando sozinha com ele, mas ele nunca fechou a distância entre nós.

E nada disso importava agora. Por múltiplas razões.

— Você consegue encontrar algo útil aqui para nos ajudar com o assassinato de Vittoria?

— Seu pulso está acelerado. — Wrath tentou alcançar a veia em meu pescoço, mas parou antes de fazer contato com minha pele. — Assim como o seu humano quando eu reivindiquei você. Estranho um homem tão devoto ficar com tanto ciúme.

Sua atenção se moveu para o meu rosto, e ele levou seu tempo olhando para os meus olhos, meus lábios, traçando cada curva e redemoinho da tatuagem que minhas mangas esvoaçantes não conseguiam esconder. Flores silvestres continuavam a florescer em cada um de nossos braços, juntamente com vibrantes flores frangipani. Deve ter acontecido depois do feitiço que ele usou para me salvar. Ele me estudou com cuidado, como se estivesse imaginando o que Antonio viu, e deslizou seu foco centímetro por centímetro até que ele viu tudo do meu rosto às minhas sandálias, em seguida, arrastou-o de volta

lentamente. Eu tinha poucas dúvidas de que ele catalogou detalhes minuciosos e os armazenou para análise futura. Talvez ele estivesse memorizando meu tamanho para um caixão.

Ordenei ao meu coração que se estabilizasse.

— Existe um motivo para tudo isso, ou você está simplesmente tentando evocar minha raiva novamente?

— Há um propósito para tudo, bruxa. Só temos que descobrir como tudo se conecta. Não descarte seu *amigo* simplesmente porque ele é mortal. Emoções são forças poderosas. As pessoas matam por muito menos do que ganância ou ciúme.

Eu tentei imaginar Antonio se esgueirando à noite, matando jovens mulheres. Eu diria que Wrath estava errado, mas eu conhecia o suficiente do homem para acreditar que qualquer um era capaz de qualquer coisa a qualquer momento. Embora eu não estivesse convencida de que Antonio tivesse qualquer *motivação* para matar, eu manteria todas as opções abertas para o caso. Até onde eu sei, ele realmente poderia estar correndo por aí invocando demônios e arrancando corações entre as sessões de oração.

— Se não conseguirmos encontrar provas de que Vittoria invocou Pride — eu disse — o que devemos fazer em seguida?

Ele olhou para mim por um momento muito longo antes de desviar o olhar.

— Vou mandar uma mensagem para a próxima noiva em potencial. Espero que ela nos encontre amanhã e possamos terminar isso.

O mundo parou de girar. Eu o encarei por um momento, processando o fato de que outra bruxa tinha feito uma barganha, e ele estava ciente disso.

— Você prometeu parar de ajudar o Pride. E você sabia sobre outra bruxa? — Ele assentiu. — Por que só agora você está me contando isso?

— Primeiro, eu concordei em não ferir uma bruxa ou forçá-la a uma barganha. Segundo, eu ia compartilhar essa informação depois do ataque do Viperidae, mas você me baniu para o círculo de invocação antes que eu tivesse a chance.

Que conveniente para ele.

— Você voltou ao seu reino para obter essa informação?

— Não. Uma vez convocado, não posso deixar este mundo até que você me mande de volta. Ou a menos que minha conexão seja cortada com uma lâmina demoníaca.

— E quanto ao transve... alguma coisa.

— *Transvenio*. Meus laços com você me impedem de viajar livremente entre reinos. Mas também me permitem

ficar aqui mais tempo do que normalmente poderia. Simplificando: nosso vínculo me mantém aqui.

— Então, como você conseguiu a informação sobre a nova barganha?

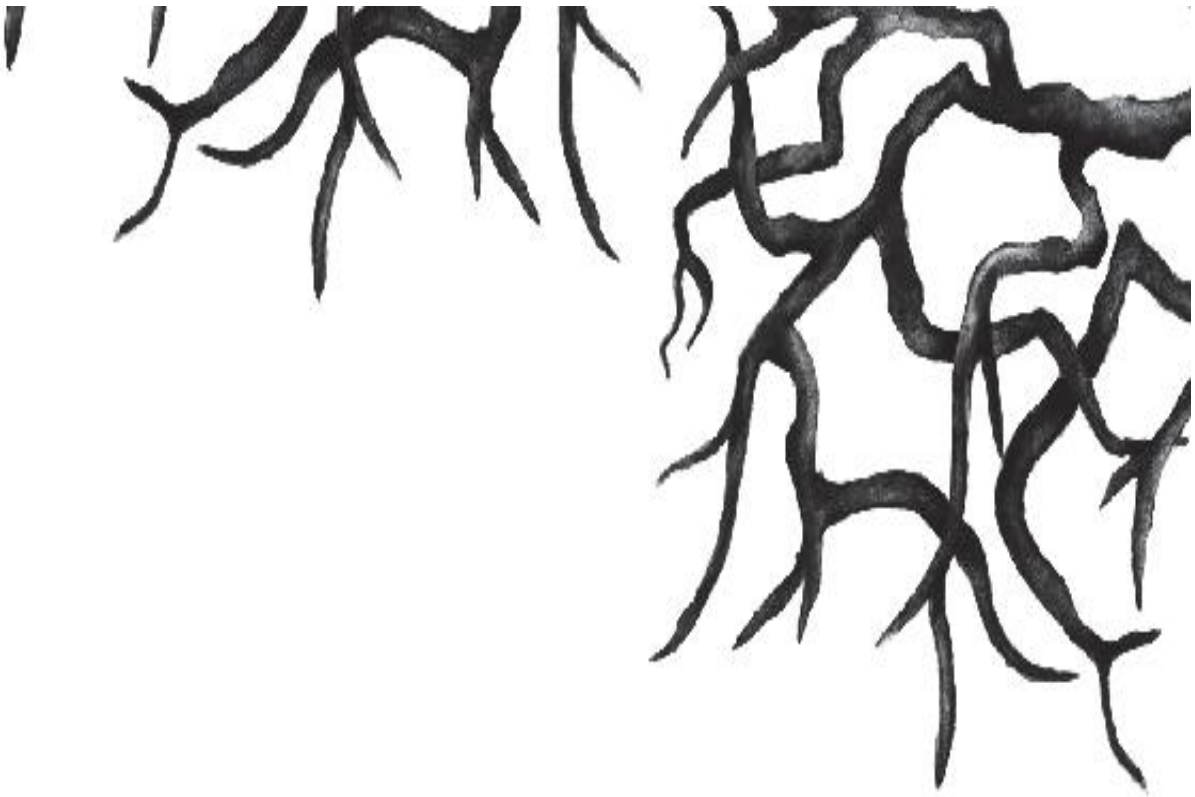
— Pride enviou um mensageiro.

Era muito simples para ser confortável. Não gostei que o diabo pudesse mandar mensagens entre reinos. Me fez pensar no demônio Umbra novamente, e como ele facilmente levou a lâmina até minha avó. Talvez o diabo estivesse cansado de bruxas usando seus chifres.

— Se você só pode deixar este reino quando eu o enviar de volta, como você planeja entregá-la ao Inferno?

Uma faísca de admiração iluminou seu olhar.

— Só vou falar com ela amanhã. Eu não disse nada sobre levá-la para o Inferno. — Ele me deu uma olhada e eu me perguntei se ele me considerava uma oponente formidável. — Vou assegurar um edifício esta noite. Assim que encontrar um local, enviarei um bilhete informando onde estarei. Se você não tiver notícias minhas até o anoitecer, me encontre na caverna.



VINTE E CINCO

Tirei o almofariz e o pilão da prateleira, o rosto tenso de concentração enquanto juntava azeite, alho, amêndoas, manjericão, pecorino e tomates cereja para o pesto alla Trapanese. Em dias assim, quando o sol já estava escaldante antes do meio-dia e até o vestido mais fino grudava como uma segunda pele, eu gostava de adicionar hortelã fresca ao pesto de tomate. Infelizmente, estávamos sem hortelã no momento.

Deixei os suprimentos de lado e prendi meu cabelo ondulado, permitindo que alguns fios mais curtos emoldurassem meu rosto. Não havia flores em meus cabelos hoje — elas ficariam flácidas e murchariam em instantes. A minha nuca já estava pegajosa e o dia estava apenas começando. Eu estava seriamente reconsiderando minha escolha de usar branco enquanto amarrava um avental sobre meu vestido sem mangas. Eu teria preferido manter minha tatuagem mágica escondida, mas não sobreviveria ao calor, mesmo com as mangas finas. Com sorte, ninguém na minha família notaria a tinta pálida, especialmente se eu inclinasse meu braço para longe.

Eu estava imersa em pensamentos imaginando Wrath experimentando o pesto de tomate quando minha mãe se juntou a mim em nossa pequena cozinha e pegou sardinhas da caixa de gelo.

— Você não voltou para casa. — Minha mãe não estava perguntando e seu tom era quase tão afiado quanto a faca que ela estava usando para desossar o peixe. — Você se importaria de explicar onde esteve a noite toda?

Eu preferiria vender minha alma.

Eu mantive minha atenção no pesto, esmagando as amêndoas na medida certa. De jeito nenhum eu admitiria estar trabalhando com um demônio bebedor de sangue para solucionar o assassinato de Vittoria. E não apenas eu me aliei temporariamente com um dos Malvagi, mas também falei com outros dois.

Oh, e, por falar nisso, um demônio mercenário invisível estava me seguindo, lançando avisos enigmáticos, atacou Nonna e poderia me assassinar caso fosse ordenado. Então, eu quase morri em um ataque do Viperidae e um príncipe do Inferno me salvou usando magia sombria e antiga que exigiu que nós dois ficássemos nus em uma banheira. A cabeça da minha mãe iria girar. Mas pelo menos a tatuagem não pareceria tão ruim.

— Eu estava no mosteiro.

— Eu sei.

Eu encontrei seu olhar, assustada.

— Como?

— Fratello Antonio passou por aqui esta manhã, preocupado. — Ela foi para a próxima sardinha com gosto. Deslizando a faca sob a pele, arrastando-a pela espinha. —

Ele disse que você estava com um jovem. Um amigo da família. Disse que seu nome era estranho.

— Eu...

— Me poupe de suas mentiras, criança. — O aperto de Mamma em sua faca aumentou. — Elas são a porta de entrada para o Inferno.

Eu fechei a boca. Minha mãe deve saber. Ela deve ter percebido meu ardil e, de alguma forma, percebeu que eu usei as artes das trevas. E Fratello Antonio Bernardo confirmou seus medos. Eu engoli em seco, debatendo o quão honesta eu deveria ser com ela.

— Bom, veja...

— Ficar com rapazes bonitos em lugares escuros pode distrair da dor por um tempo, mas nunca irá fazer acabar. Você precisa encontrar sua própria força interior para isso.

— Eu... *o quê*?

Mamma balançou sua faca em minha direção.

— Não vem fingir que não faz ideia do que estou dizendo. Você tem sorte que sua avó estava dormindo e não o ouviu. Ela já tem o suficiente com que se preocupar enquanto está se curando. Ela não precisa se estressar com homens diabólicos. Fratello Antonio me disse tudo sobre aquele jovem. Pelo que parece, você também o enfeitiçou. Antonio disse que ele chamou você de “minha Emilia”. Você não é de ninguém além de si própria, garota. Nunca se esqueça disso.

Doce deusa acima. Isso era *muito* pior do que Nonna descobrindo que eu invoquei um demônio. O calor floresceu em meu rosto e desceu pelo pescoço, o que não tinha nada a ver com as altas temperaturas. Minha mãe pensava que Wrath e eu estávamos...

Posso morrer de mortificação.

Só de *imaginar* ele nu, me puxando para seu corpo sólido e tatuado, irradiando seu calor irritante enquanto ele colocava sua boca estúpida na minha e eu o agarrava de volta como se ele fosse minha condenação eterna e salvação enquanto nós...

Eu precisava interromper essa linha de pensamento imediatamente. Eu não estava tão enjoada com a imagem quanto pensei que estaria.

Eu sabia que a provocação juvenil de Wrath voltaria para afundar suas presas nojentas em mim um dia. Eu só não tinha imaginado isso ocorrendo desse jeito.

Mamma largou sua faca, sua expressão suavizando. Ela interpretou mal a razão por trás do meu rosto vermelho.

— Ame ou aproveite a companhia de quem você quiser. Mas você precisa ser mais cuidadosa. Se seu pai tivesse atendido a porta... — ela parou, não tendo que terminar a frase para deixar o ponto claro.

Esmurrar a pessoa que estava “ficando” com sua filha seria a maneira perfeita de resolver parte de seu luto. Defender a honra da filha era um antigo passatempo

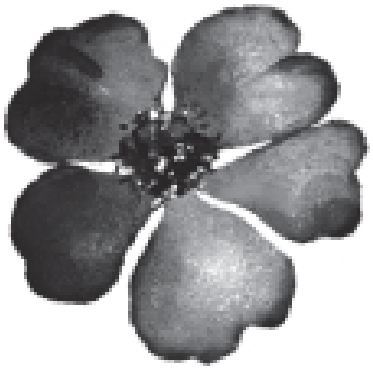
masculino. Deixando de lado o comportamento humano antiquado, eu não conseguia acreditar que Antonio tinha vindo à nossa casa.

Minha atenção procurou o pequeno relógio pela milésima vez. A tarde estava se arrastando. Ainda faltavam horas até que eu tivesse que encontrar Wrath. Para dar às minhas mãos algo para fazer além de fantasiarem se enrolar no pescoço de Antonio, tirei o pano úmido do monte de massa e comecei a enrolar a massa para os *busiate.*

Eu não conseguia acreditar que já quis beijar aquele idiota intrometido.

— Oh, e Emilia? — Parei meu ataque à massa e olhei para minha mãe — Faça *busiate* extras. Eu prometi a Antonio que você levaria um pouco hoje junto com suas desculpas.

Eu sorri. Eu ficaria feliz em fazer massa extra para despejá-la na cabeça do *fratello* problemático.



— *Buon appetito.* — Bati as duas cestas com força na longa mesa de madeira na sala de jantar, sem me

preocupar em remover as bandejas cobertas de comida de dentro delas. O pequeno grupo de homens que esperava pela refeição ficou em silêncio. Antonio pausou sua conversa com outro membro em torno de sua idade, a preocupação franzindo sua sobrancelha.

Eu dei a ele um olhar que eu esperava que prometia uma morte lenta e torturante, e deve ter funcionado. Ele se levantou e me escoltou apressadamente para o corredor. Eu tolerei sua mão em meu braço nu até que estivéssemos fora de vista, então me soltei de seu aperto.

Com corpete sem mangas ou não, eu não apreciei a liberdade que ele tomou ao tocar minha pele.

— Há algo errado, Emilia?

— Eu não posso acreditar que você disse à minha mãe que eu estava aqui com alguém na noite passada — eu sibilei. — O que eu faço e com quem passo meu tempo não te interessa.

A mandíbula de Antonio apertou.

— Sua irmã foi assassinada aqui e um mês depois, eu a encontro na mesma câmara com alguém que nunca vi e cujo nome você se recusa a dar. Perdoe-me se eu queria verificar se você estava bem.

— Se você estivesse tão preocupado, poderia facilmente ter esperado no mosteiro e me acompanhado até em casa. Você não tinha que aparecer na minha casa antes do amanhecer.

Ele fechou os olhos, me deixando imaginar o que exatamente estava acontecendo em sua cabeça. Ele tinha que saber quantos problemas ele poderia ter causado. Ninguém era *tão* ingênuo assim. Finalmente, quando ele me olhou novamente, a luta pareceu deixá-lo.

Sua voz estava baixa quando disse:

— Outra garota foi assassinada depois que conversamos ontem à noite. E.... eu não conseguia parar de me preocupar se era você. Depois do que aconteceu com Vittoria, eu precisava ter certeza de que não era. Peço desculpas por qualquer problema, eu não estava pensando com clareza.

Eu respirei fundo. Chegamos tarde demais. Alguém deve ter descoberto a identidade da bruxa que Wrath planejou encontrar mais tarde. Mas como?

Minha mente girou. Wrath disse que ele era o único príncipe que sabia sobre as potenciais noivas, mas isso não significava que outros príncipes não tivessem meios de descobrir isso. Espiões eram utilizados em cortes reais humanas — o mesmo provavelmente acontecia no mundo dos demônios. Eu pensei nos demônios Umbra invisíveis que trabalhavam para Greed. Se ele mandou um atrás de mim que atacou a Nonna, era provável que um deles também estivesse passando o nome das noivas em potencial para ele.

Eu ainda não tinha descoberto *por que* ele queria as bruxas mortas, no entanto. Talvez fosse apenas para garantir que o diabo não quebrasse a maldição e nunca deixasse o Inferno.

Antonio estendeu a mão e colocou uma onda solta atrás da minha orelha, seus dedos demorando um pouco mais. Algumas semanas atrás, meu coração teria batido loucamente no meu peito. Agora eu não pude evitar, mas me lembrei de quão facilmente alguém pode ser arrancado de uma pessoa.

— Você sabe quem foi? — Eu perguntei. Antonio deu um passo para trás, parecendo um pouco atordoado quando deixou cair sua mão. Quando ele ainda não respondeu, eu esclareci: — A garota da noite passada?

Ele balançou a cabeça.

— Rumores, mas nada confirmado. O consenso até agora é que ela tinha cabelos e olhos escuros como as outras. O que não é muita coisa, já que quase todo mundo nesta ilha se encaixa na descrição.

— Onde o corpo dela foi encontrado?

— Isso eu não sei. Se alguém da irmandade foi chamado para abençoar o corpo, não ouvi falar. Mas tenho certeza de que o mercado estará repleto de informações esta noite. Sempre está.

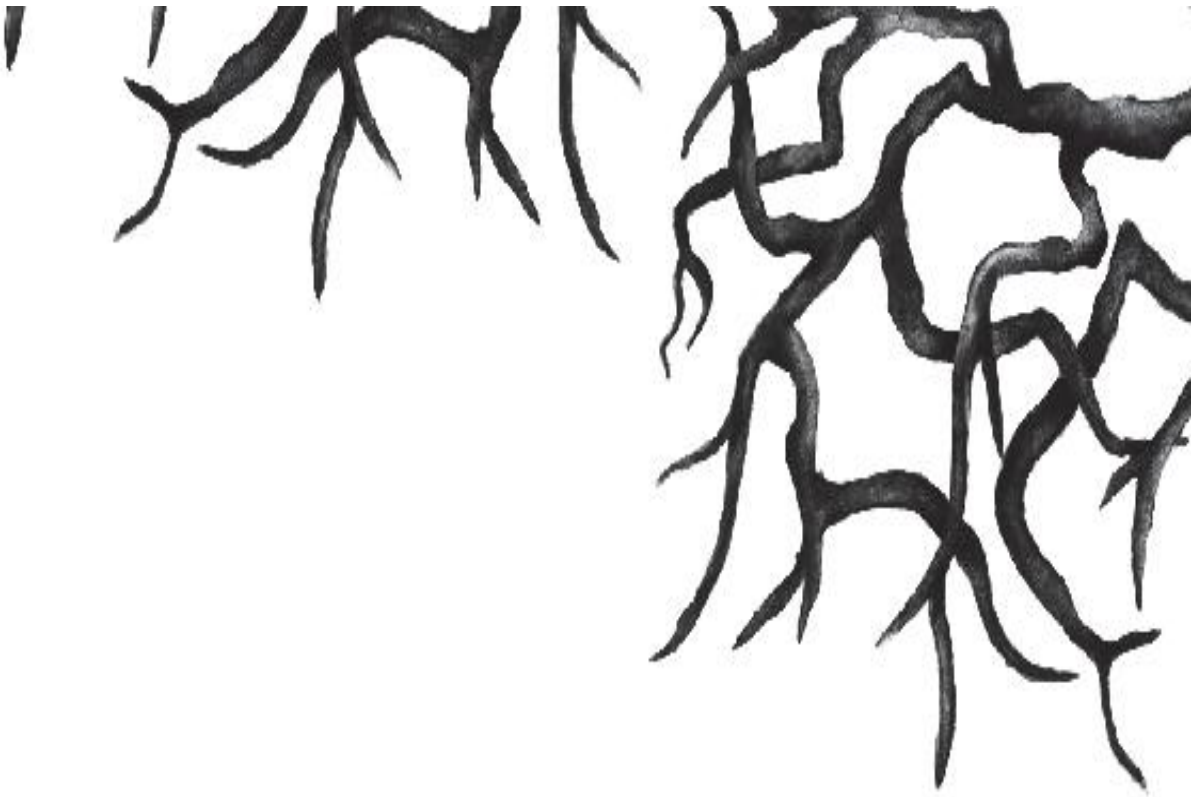
Antonio estava certo; os vendedores sabiam de tudo e todos. Clientes de toda a cidade entravam e saíam de suas

barracas o dia todo, trocando informações e fofocas enquanto faziam compras.

É claro que as histórias costumavam ser embelezadas, mas a verdade geralmente ficava escondida em algum lugar dentro dos exageros. Felizmente, eu tinha outra fonte mais confiável que sabia o nome de nossa vítima. Estava quase anoitecendo, então Wrath deveria estar na caverna quando eu chegasse lá. Eu pegaria o demônio, perguntaria a ele tudo o que ele sabia sobre a bruxa, então iria ao mercado e descobriria a localização do assassinato.

Com sorte, Wrath poderia testar a cena como ele tinha feito antes, só que desta vez teríamos sucesso em descobrir qual príncipe demônio era o responsável.

Então que a deusa esteja com ele. Eu tinha poucas dúvidas de que o demônio da guerra teria quase tanto prazer quanto eu em destruir o assassino.



VINTE E SEIS

A multidão de pessoas abria caminho através de cotoveladas no mercado cheio, mas ainda conseguiam dar a Wrath um amplo espaço. Eu me perguntei se elas sentiam sua alteridade e simplesmente não sabiam o que fazer com isso. Havia uma segurança silenciosa sobre ele — uma confiança em si mesmo e no espaço que ocupava. Homens e mulheres paravam suas fofocas, seus olhares o seguindo enquanto passávamos. Alguns apreciativos, outros com franca desconfiança e desprezo. Embora isso pudesse ser porque assassinato era o tópico da noite, e Wrath parecia um problema.

Imaginei que vagar pelas ruas sinuosas e cheias de gente com uma pantera na coleira emitiria a mesma aura de perigo primitivo. Se alguém estivesse temporariamente fora de si, admito que *poderia* haver um certo nível de excitação por estar perto de algo tão letal.

Meus sentidos estavam *quase* intactos, no entanto. Eu sabia que não havia como domesticar a fera, apenas as ilusões de domesticidade que ela lançava quando tinha vontade de brincar com sua próxima refeição. As roupas finas e maneiras impecáveis faziam parte de uma armadilha bem elaborada para atrair presas, provavelmente aperfeiçoada por eras antes que o homem caminhasse sobre a terra. Wrath era um predador por completo. Eu tinha a sensação de que se me permitisse

esquecer isso, mesmo que por um segundo, ele alegremente afundaria seus dentes na minha garganta e a arrancaria.

Ele me pegou olhando e levantou a sobrancelha.

— Gostando do que vê, bruxa?

— Só se eu tivesse um desejo de morte.

— Você tem?

— Nem um pouco.

Seus olhos brilharam com diversão sombria. Claro que o tópico de morte o atrairia.

— Qual vendedor você acredita que sabe o local do assassinato?

Eu acenei em direção ao centro do mercado onde a seção de roupas começava. Barracas com tecidos e sedas farfalhavam com a leve brisa, acenando para nós.

— Salvatore é um dos melhores fofoqueiros da cidade. Se alguém tem informações confiáveis sobre Giulia, é ele. — Eu olhei para a camisa de Wrath. — Ele também é o vendedor que me vendeu isso.

— Entendi. Você me trouxe aqui para cometer um assassinato enquanto investigamos um.

O bom humor deixou prontamente o rosto de Wrath. Eu escondi meu sorriso quando suas narinas dilataram. Para um príncipe vingativo do Inferno, ele certamente era sensível sobre vestimentas. E eu tinha certeza de que ele

estava apenas brincando sobre matar o vendedor. Eu espero.

Na verdade, fiquei surpresa por ele estar fazendo piadas. Depois que saí do mosteiro, fui direto a ele e dei a notícia. Eu estava convencida de que ele destruiria a cidade inteira. Em vez disso, ele relatou calmamente tudo o que sabia sobre a noiva em potencial. Seu nome era Giulia Santorini e ele não conseguiu mandar uma mensagem para ela na noite anterior. Eu precisei de um segundo para digerir esta última informação.

Eu pensava sobre tudo novamente agora. Eu conhecia a família dela. Eles vendiam especiarias no Distrito de Kalsa, e Vittoria costumava se oferecer para ir na loja deles pegar pedidos para o Mar & Vinha quando Tio Nino ou meu pai não podiam. A avó de Giulia, Sofia, era a bruxa cuja mente ficou presa entre reinos, mudando entre realidades tão rapidamente que ela não sabia mais o que era real e o que era uma visão.

Pelo que eu sabia, depois do que aconteceu com Sofia, os Santorini’s nunca mais se envolveram nas artes das trevas. Talvez eu estivesse errada. Talvez Giulia tenha decidido invocar as artes das trevas como sua avó. E talvez tenha sido ela quem deu à minha irmã aquelas páginas misteriosas do grimório.

Esse pensamento me paralisou.

Se Giulia de alguma forma deu à minha irmã um feitiço para invocar um demônio, fazia sentido que ela o tivesse tirado do grimório de sua avó, já que Sofia era conhecida por usar as artes das trevas. Talvez o grimório fosse o elo que faltava.... Eu pensei novamente sobre o primeiro livro de feitiços. Sobre a magia que ligava o diário de minha irmã. Era *esta* a conexão entre os assassinatos? Talvez não as artes das trevas, mas o material de origem?

— O que aconteceu? — Wrath perguntou, invadindo meus pensamentos. — Você parece estranha.

— Tem *certeza* de que não disse a Giulia para encontrá-lo noite passada? — Eu perguntei. Wrath me lançou um olhar que comunicava silenciosamente que ele poderia me estrangular se falássemos disso de novo. Para ser justa, eu já devo ter perguntado a ele meia dúzia de vezes em nossa caminhada pela cidade. E mais meia dúzia quando chegamos aqui. — Talvez você tenha traído Pride e matado ela.

Ele deixou escapar um longo suspiro.

— Garanto que ainda não é o caso. Eu não tenho motivo para matar ninguém. Como eu disse antes, minha mensagem nunca chegou a ela.

Eu sabia que ele não estava traindo ninguém, mas gostava de vê-lo agitado.

— Você acha que um de seus irmãos matou ela?

— Não.

— E estamos de volta às respostas de uma palavra.

— Cuidado, bruxa, ou eu posso pensar que você está interessada em ter uma conversa civilizada. — A simples sugestão de um sorriso apareceu em seus lábios enquanto eu revirava os olhos. — Respostas simples não requerem preenchimento.

— Por que você não acha que um de seus irmãos fez isso?

— Qual motivo eles teriam?

— Deixe-me contar, oh, perverso. — Eu marquei as motivações com os dedos. — Greed pode estar interessado em tomar o trono. Talvez Envy tenha inveja e queira mais poder. Se Pride não se casar, então ele permanece amaldiçoado e não pode deixar o Inferno. O que é uma motivação bastante decente se um de seus irmãos quiser governar este reino. Devo continuar?

Wrath me olhou com raiva, mas não respondeu. Aparentemente, ele não gostou das minhas acusações, mas não conseguiu encontrar uma maneira de desacreditá-las como teoria tolas. Viramos a esquina, contornamos uma pilha muito alta de caixas de madeira precariamente empilhadas e evitamos por pouco ser espetados por uma cabeça de peixe-espada. Wrath captou todas as vistas e cores silenciosamente. Eu me perguntei se ele tinha algo parecido de onde ele vinha, mas não perguntei.

Um mar de pessoas na fila do gelato se separou para nós quando atravessamos a rua e entramos na seção de roupas. Salvatore estava no meio de uma discussão com alguém por causa de outra túnica puída quando Wrath parou em sua mesa, emanando aquela ameaça silenciosa à qual ele era tão bom. As conversas cessaram. O outro cliente deu uma olhada na expressão do rosto do demônio e disparou para o meio da multidão, a roupa em questão descartada e esquecida.

— Você e eu temos negócios a resolver, vendedor.

— Eu não acho que nós... — A atenção de Sal mudou para a camisa que Wrath usava, então disparou para mim. Eu acenei para ele com o dedo. Eu tentei avisá-lo sobre a condição e o custo. Agora ele podia negociar com o demônio zangado. Eu senti o barulho não tão sutil da emoção homônima de Wrath enquanto ela deslizava em direção a Sal e se enrolava em torno dele.

A mão do vendedor tremia enquanto a passava pelos cabelos escuros.

— Signore, q-que bom. A camisa está...

— Sendo trocada por aquela.

Wrath gesticulou com o queixo em direção à fileira de roupas penduradas atrás da barraca; as peças mais caras, a julgar pela maneira como estavam arranjadas. Sal abriu a boca, avaliou o conjunto de ombros de Wrath, então fechou a boca e deu um grande sorriso falso. Homem esperto.

— Uma pechincha, de fato! — Sal se encolheu ao tirar a camisa preta de um cabide e entregá-la. Bom, ele tentou entregá-la. Ele a agarrou antes que Wrath finalmente a arrebatasse. — Esta é uma bela, excelente vestimenta, signore. Combina perfeitamente com as suas calças. Que você a use bem.

Revirei meus olhos para o céu. Sal se partiu sob a pressão do demônio mais rápido do que um ovo caindo no chão. Da próxima vez que eu quisesse um bom negócio, teria que tentar fazer uma carranca e invocar alguma ameaça silenciosa também.

Wrath estava fora da monstruosidade amarela-acastanhada uma respiração depois e jogou a roupa ofensiva de volta para o vendedor. Se o príncipe demônio já não tivesse causado uma perturbação antes, seu peito nu e esculpido certamente causou agora. Ele vestiu a camisa nova, aparentemente sem perceber o efeito que ele causou nas pessoas mais próximas de nós. Músculos, flexíveis e sinuosos, moviam-se com facilidade praticada. Sua tatuagem de serpente também causou um grande rebuliço. Alguém próximo comentou sobre o quão grande era, como parecia real. Outra pessoa sussurrou sobre seu possível significado.

Uma fila de pessoas que perambulava pelas barracas de roupa parou para observar.

Eu implorei à deusa da serenidade para me enviar alguns baldes, então me voltei para Salvatore para conseguir o que realmente queríamos aqui.

— Você tem alguma informação sobre a Giulia?

— Com certeza eu tenho. Fontes confiáveis também. Ouvi de Bibby, nas docas, que falou com Angelo, que faz ricota perto do palácio, que o coração dela foi arrancado do peito. — Apesar da natureza vívida de suas fofocas, Sal parecia imensamente satisfeito consigo mesmo. — A nonna dela foi quem ficou um pouco...

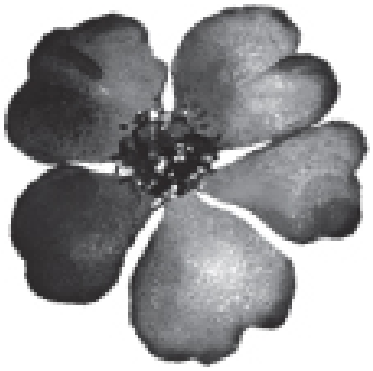
Ele levou o dedo indicador à têmpora e fez círculos, um gesto ofensivo que indicava loucura. Fui adverti-lo quando um membro da irmandade passou pelo estande e tocou sua testa, coração e cada ombro no sinal da cruz.

— De qualquer forma... o que quer que seja que a pegou foi cruel. Angelo disse que o sangue espirrou por todo o prédio. Parecia que animais a despedaçaram. Ele teve um trabalho danado para limpar tudo. Pedaços de...

— Sinto muito, mas onde o corpo dela foi encontrado? — Eu perguntei, cortando-o no meio da descrição. Eu tinha meus próprios pesadelos sobre como aquilo parecia em primeira mão, e não precisava de mais detalhes. — Você mencionou que alguém trabalha perto do palácio?

— Isso mesmo. Angelo da ricota disse que estava perto de sua barraca na frente. Localização privilegiada. — Sal acenou com o queixo para a direita. — A polícia ainda está

lá, então você não vai perder a multidão. Se você se apressar, ainda poderá ver o corpo.



Era impossível ver a cena do crime. As informações de Sal eram realmente confiáveis. E parecia que ele disse a algumas centenas de seus confidentes mais próximos a mesma coisa que ele compartilhou conosco. Wrath estava prestes a abrir caminho, mas estendi a mão para detê-lo.

— O quão perto você precisa estar para... — Eu olhei ao redor. Havia muitos humanos ao redor para eu começar a falar sobre demônios. — Para fazer sua investigação especial?

Wrath era bem versado na arte do engano. Ele não precisou nem de um segundo.

— Eu gostaria de obter uma vista melhor, mas posso dizer daqui que nenhum dos meus irmãos esteve recentemente na área.

Eu enruguei o nariz. Seu olfato aguçado era inquietante. Fiquei na ponta dos pés, tentando ver por cima da cabeça de todos. Wrath me assustou colocando

brevemente a mão nas minhas costas para que eu não cambaleasse. Eu não conseguia ver o corpo, graças à deusa, mas eu vi um padre jogando água benta ao redor e presumi que ele estava dando alguma bênção sacramental por sua alma. Demoraria muito até que a multidão se dispersasse, então não fazia sentido esperar aqui até lá. Devíamos voltar amanhã à noite, quando tudo estivesse calmo.

— Siga-me — eu disse, virando em direção a um beco. Wrath não protestou e ficou perto enquanto tentávamos sair da parte mais densa da multidão. Uma barraca de comida que já estava fechada para a noite chamou minha atenção. Havia uma pintura ao lado — uma pegada segurando um talo de trigo, e algo nela me fez pensar em Greed. Eu esperei até que estivéssemos longe o suficiente para falar abertamente. — Você tem certeza de que não encontrou nenhum vestígio de Greed?

— A menos que ele tenha inventado uma maneira de mascarar sua magia, não. Ele não esteve aqui. Por que você está tão convencida de que ele é o culpado? Que evidências você tem?

— Não estou convencida de nada. Eu só estou tentando puxar os fios que pareçam prováveis. — Esbarrei em algumas pessoas ainda a caminho da cena, murmurei desculpas e virei em outra rua. — Quanto às evidências? Com base na minha conversa com ele, seu desejo de

possuir o Chifre de Hades e o ataque a minha avó imediatamente após meu encontro com ele, Greed é o que faz mais sentido agora.

Eu senti a atenção de Wrath em mim enquanto nos movíamos para uma rua mais estreita, um formigamento constante de energia entre minhas omoplatas, mas ele não perguntou como minha avó estava ou ofereceu desculpas.

E para ser totalmente honesta, ele era a última criatura do mundo de quem eu queria conforto.

Parei no desvio para meu bairro.

— Quem é a próxima bruxa na sua lista?

— Não sei ainda.

— Isso precisa ser a nossa próxima prioridade — eu disse, olhando para além dele. A rua estava tranquila neste bairro. — Assim que você descobrir quem ela é, teremos que escondê-la em algum lugar seguro.

Wrath apertou os lábios, mas finalmente concordou com a cabeça.

— Vou mandar uma mensagem ao meu reino esta noite. Devo ter uma resposta pela manhã.

Não estava frio, mas eu esfreguei minhas mãos nos braços mesmo assim. Meu vestido era branco cremoso e sem mangas. Perfeito para as noites quentes de verão, mas terrível para lutar contra os calafrios causados pelo medo. Wrath acompanhou o movimento, sua atenção focada em meu antebraço. As flores silvestres se

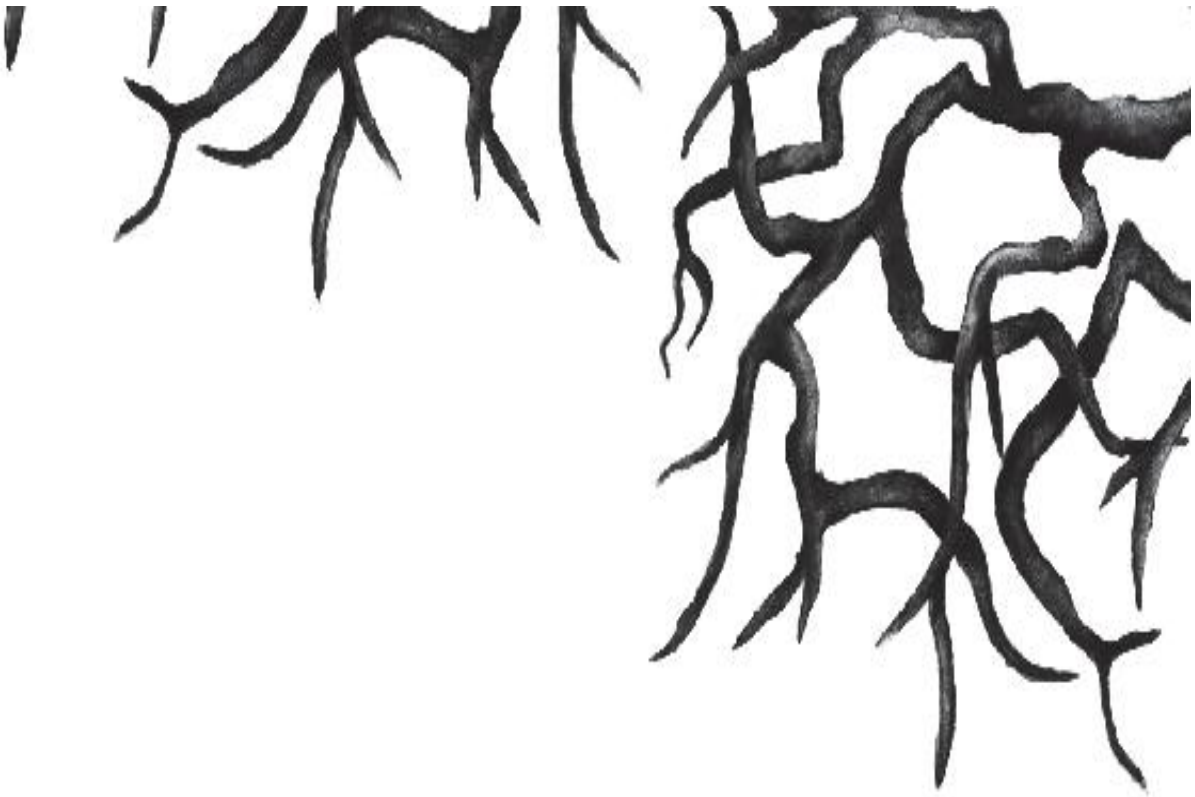
retorceram e se enredaram até o meu cotovelo agora. Eu não precisava ver o braço dele para saber que sua tatuagem estava do mesmo jeito. Olhei para minha rua, aliviada ao ver algumas crianças brincando. Eu não queria ter medo de Greed ou Envy espreitando nas sombras, mas eu tinha.

— Tudo bem — eu disse. — Vejo você amanhã então. Onde devemos nos encontrar?

— Não se preocupe. — Wrath deu um sorriso lupino. — Irei te encontrar.

— Você sabe que isso é profundamente perturbador, certo?

— *Iucundissima somnia.* — Bons sonhos. E então ele se foi.



VINTE E SETE

— Eu estava pensando em fazer cassata para a sobremesa de amanhã.

Mamma se virou para mim com uma expressão cansada, mas esperançosa. De alguma forma eu consegui impedir de demonstrar o rápido soco emocional. O pão-de-ló com camadas de ricota doce era um dos meus favoritos e de Vittoria. Costumávamos pedi-lo todo ano para nosso aniversário e Mamma nunca nos decepcionava. Ela rolava uma fina camada de marzipã, cobrindo todo o bolo com a pasta doce antes de decorar com frutas cristalizadas de cores vivas. Eu amava como a camada superior mais crocante contrastava com a delicadeza macia do bolo úmido escondido dentro.

Eu não tinha certeza se poderia comer de novo sem me sentir esmagada por uma onda de tristeza, mas me recusei a diminuir o ânimo de minha mãe. Quando sorri, foi genuíno.

— Isso soa delicioso.

Minha mãe foi até o armário de suprimentos secos, aparentemente exausta de novo por causa de sua breve conversa, e tirou uma tigela, enchendo-a com açúcar e com todos os ingredientes que ela precisava para o bolo. Hoje foi um dia ruim para ela. Eu a observei, então voltei a tirar a *sarde a beccafico* do forno. Eu inalei o cheiro perfumado de sardinhas recheadas.

A receita de Nonna pedia passas douradas, pinhões e pedaços de pão no recheio, depois regava manteiga de sálvia derretida e tomilho por cima antes de finalizar com grandes folhas de louro para separar o peixe enquanto assava. O resultado era uma sinfonia de sabores que derretia na boca e grudava nas costelas.

Mal coloquei o peixe em uma travessa, meu pai entrou na cozinha, acenando com um bilhete dobrado. Ele habilmente pegou um pedaço de recheio que tinha caído e eu balancei minha cabeça, mas sorri do mesmo jeito. Meu pai sempre foi *muito* prestativo na cozinha, provando cada nova receita para fins de qualidade. Ou era o que ele continuava afirmando.

— Salvatore deixou isso para você, Emilia — ele disse com a boca cheia. — Disse que seu amigo pediu a ele para entregá-la imediatamente.

Mamma usava um rosário como os outros humanos, e imaginei que ela o beijaria mais tarde, proferindo novenas se algum dia descobrisse quem meu “amigo” realmente era. Rapidamente peguei o bilhete antes dela.

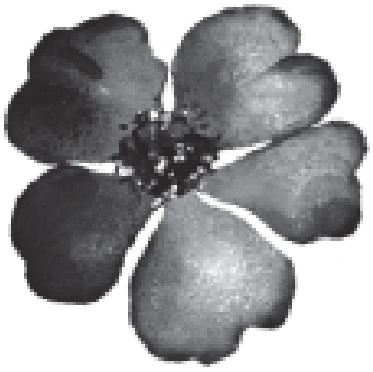
— *Grazie,* Papà.

Meu pai puxou um banquinho e começou a encher um prato, chamando a atenção de minha mãe. Eu usei a distração para correr para o corredor e ler a mensagem curta.

Piazza Zisa e Via degli Emiri. Oito da noite.

Eu não reconheci a caligrafia cuidadosa e limpa, mas gotejava uma arrogância régia e fez meu estômago se revirar. O endereço que ele deu era o Castello della Zisa. La Zisa era um enorme palácio Mourisco que agora estava em ruínas. O rei que o mandou construir era chamado de Il Malo — “o mau” — então era mais do que apropriado que o príncipe demônio tivesse fixado residência lá.

Dobrei o bilhete novamente, o enfiei no meu corpete e voltei para a cozinha. Teria tempo suficiente para terminar o serviço de jantar e correr para o palácio antes de escurecer.



Entrei no castelo abandonado pelo jardim dos fundos e vaguei por vários quartos desolados, mas ornamentados, antes de finalmente dar a volta na entrada principal e encontrar outro bilhete pregado na porta da frente — o último lugar que eu esperaria para acontecer uma reunião secreta. Fiquei encarando o gramado no espelho d’água e balancei a cabeça.

A sutileza era uma arte perdida pelo demônio, aparentemente. Embora eu achasse que quando ele era o maior e pior predador por aí, ele tinha pouco a temer.

Telhado

Suspirei interiormente. Este palácio foi construído de tal forma que o ar frio filtrava por ele como uma caixa de gelo, mas claro que uma criatura do Inferno ficaria mais feliz com o calor escaldante. Eu estava pingando de suor e cuspindo loucamente quando meu pé atingiu o último degrau.

Eu marchei pelo telhado, determinada a esfolar o demônio vivo, e parei.

Wrath estava deitado de costas, as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, absorvendo os últimos raios de sol enquanto pairavam acima do horizonte à distância. A luz dourava seu perfil e ele virou o rosto em sua direção, sorrindo com o calor. Ele ainda não tinha me notado, e parte de mim estava aliviada.

Sua expressão era serena, um jeito que eu não tinha visto nele. Embora seu corpo estivesse relaxado, uma corrente de alerta permaneceu o que me fez acreditar que ele poderia saltar e atacar em menos de um fôlego. Ele era como uma serpente, deitada em um pedaço de sol.

Letal, lindo. Totalmente intocável.

Eu queria chutá-lo por ser tão perigosamente deslumbrante. Sua cabeça se virou em minha direção, seu olhar capturando o meu. Por um minuto, esqueci como respirar.

Ele lentamente me observou.

— Alguma coisa aconteceu no caminho até aqui?

— Não.

— Então por que você parece confusa?

— Pensei que você não suportava a luz do dia.

— Por que?

Eu revirei os olhos. Como se ele não soubesse.

— Porque os Malvagi viram cinzas ao sol. É por isso que sempre nos encontramos no anoitecer.

Ele me olhou com estranheza.

— O que mais, exatamente, você ouviu falar dos Perversos?

Eu ergui um ombro. Todo mundo sabia das conhecidas lendas. Já que tinha a ver com ele, eu duvidava que ele fosse tão ignorante.

— Vocês são demônios sedentos de sangue. Vocês têm manchas vermelhas nos olhos, a pele é como gelo, são lindos e seus beijos são viciantes o suficiente para fazer alguém vender a alma por outro.

Um sorriso divertido tocou seus lábios.

— É bom saber que você me acha tão atraente, mas não sou um *desses* demônios. Meus olhos não são

vermelhos. E se você quiser descobrir se minha pele é mais quente que gelo, isso pode ser facilmente arranjado.

Para continuar seu ponto, ele desabotoou alguns botões de sua camisa, expondo um pedaço de pele bronzeada. Um leve brilho de suor reluziu, como se acenando. Meu rosto esquentou, não tinha nada a ver com o sol.

— Eu trabalho em uma cozinha e posso quebrar uma carcaça de frango em menos de três minutos, eu imagino que fazer o mesmo com você não seria tão diferente.

— Eu garanto a você, não há verdade nessas histórias. — Seus olhos brilharam com malícia. — Embora eu não possa prometer que meus beijos não seriam pecaminosamente bons.

— Pensei que deveríamos nos encontrar mais tarde. Alguma coisa aconteceu para mudar isso?

Wrath me olhou por mais um momento e, por alguma razão, prendi a respiração. Ele parecia querer dizer algo mais, mas uma batalha interna estava sendo travada. Finalmente, ele se deitou novamente, rosto voltado para o sol e fechou os olhos. Eu exalei.

— Não. Nada digno de nota.

— Você sabe quem é a próxima bruxa?

— Ainda não.

Eu fiquei lá, esperando que ele elaborasse. Quando ele não se incomodou, eu me aproximei e olhei para ele até

que ele ergueu os olhos de má vontade, protegendo o rosto com uma mão forte.

— Se você não tem informação sobre a próxima bruxa, por que me pediu para vir aqui?

— Eu... — Ele semicerrou os olhos para mim. — Eu assegurei o edifício com minha magia, então, a menos que você convide algo para entrar, estará a salvo de humanos, meus irmãos e da maioria das criaturas sobrenaturais. Não tinha certeza do que você havia planejado para a noite e pensei que gostaria de ver onde ficaríamos. Estarei fora um pouco, então, por favor, olhe ao redor, fique à vontade e pegue suas coisas.

Eu encarei ele, ignorando todo o cenário de “morarmos juntos”.

— Onde você vai?

— Encontrar um dos mensageiros do Pride.

— Foi ele quem lhe deu o nome de Giulia?

Wrath assentiu.

— Meu associado está observando-o desde a noite passada, e o testemunhou passando informações esta manhã para alguém usando um capuz. Acredito que quem quer que ele tenha falado é nosso assassino.

— Por que seu associado não seguiu a figura encapuzada?

— Ele tentou. Quando ele se aproximou, a pessoa cruzou a multidão e desapareceu.

Eu soltei um suspiro. Claro.

— Qual é o plano?

— Eu deveria encontrar o mensageiro de Pride para pegar o próximo nome em breve. Em vez disso, vou interrogá-lo e, com sorte, descobrirei a identidade da figura encapuzada dessa forma.

— Ou você pode usar um feitiço da verdade.

— Muito perigoso. Além disso, você vai pegar suas coisas. Não vou ficar fora por muito tempo.

— Entendi. — Alguma coisa no meu tom fez ele se sentar de novo, uma expressão cautelosa no rosto. Então ele podia ser um demônio esperto. — Você sabe que não vou ficar aqui quando há uma chance de descobrirmos quem matou minha irmã — eu disse. — Ou me leve com você ou eu o seguirei.

Ele me estudou por um longo minuto e então suspirou.

— *Eu* não serei agradável. Eu posso ir ao encontro e contar a você. Prometo que não vou caçar o assassino sem você.

— Espera... você está sugerindo que você tem *sido* agradável? — Eu bufei. — Tenho pena de seus inimigos.

Seu sorriso foi tudo menos amigável quando disse:

— Essa pode ser a observação mais sábia que você já fez, bruxa.

Um relógio na praça da cidade marcou as horas. Ele se levantou e correu seu olhar dourado pelas minhas roupas,

avaliando.

— Saímos em quarenta minutos. Tente usar algo menos... trivial. Melhor ainda, mandarei algo mais apropriado para sua casa.

Olhei para meu vestido, franzindo a testa. Era um vestido modesto de algodão que eu tingi em um tom de lavanda profundo verão passado. Não tinha espartilho, o que me deixava muito satisfeita, mas ainda tinha um formato bonito. Eu gostava de como ele se ajustava ao busto e cintura e então fluía sonhadoramente até meus tornozelos. Não era *trivial*, mas ainda assim....

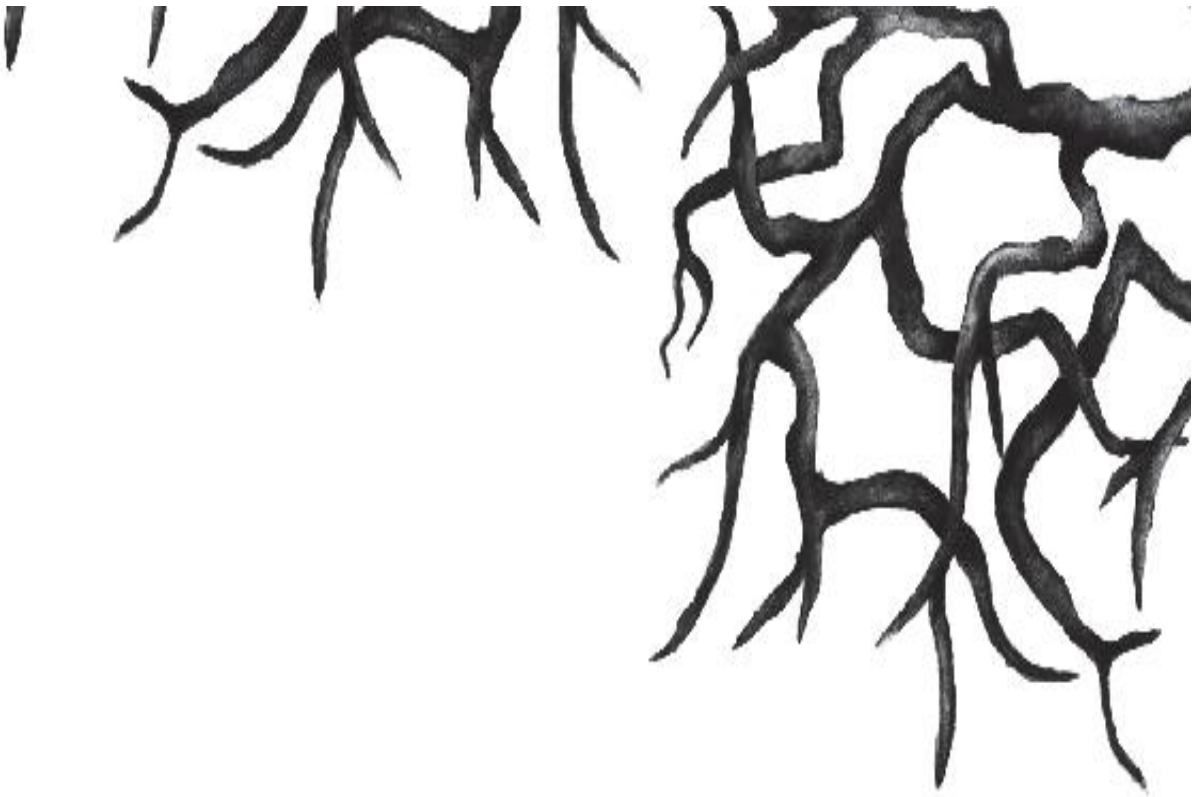
— E se eu não quiser usar suas roupas elegantes de novo?

Ele não se incomodou em responder.

Olhei para cima, pronta para falar sobre sua grosseria, mas ele havia sumido. Eu o amaldiçoei durante todo o caminho para casa, me perguntando por que fiquei surpresa com um demônio esnobe obcecado por roupas.

Talvez Nonna estivesse certa sobre o custo da *le arti oscure*; ser submetida à Wrath certamente parecia uma punição por usar as artes das trevas.

Eu estava tão irritada que demorei muito tempo para me concentrar no detalhe mais importante de tudo o que ele deixou escapar — Wrath sabia onde eu morava.



VINTE E OITO

Olhei para o meu novo vestido fino e franzi a testa ao ver as camadas escuras.

— Por que os vilões sempre usam preto?

— É melhor para esconder o sangue, bruxa.

Eu olhei para o demônio de pé no beco ao meu lado, pensando que sua resposta explicava muito sobre seu estilo pessoal. Então eu me perguntei quanto sangue ele planejava derramar hoje à noite, já que ele nos vestiu como sombras vivas.

Eu estava *quase* perturbada porque o pensamento não me aterrorizava mais.

— Com quem vamos nos encontrar? Humano? Demônio? Lobisomem?

— Lobisomens são como filhotes. São com os cães do inferno que você tem que se preocupar. — Wrath riu da minha expressão de horror. — Vamos nos encontrar com um mortal que vendeu a alma. Falando nisso, eu preciso da adaga da minha Casa de volta antes que ele chegue.

Eu o encarei fixamente. Armar um demônio não me pareceu muito benéfico. Então, novamente, ele precisava de mim para ser sua preciosa âncora. Ele havia mencionado isso antes, mas compartilhou mais alguns detalhes durante a caminhada até aqui. Eu entreguei a lâmina.

— Digamos que eu morresse...quanto tempo levaria para seus poderes começarem a diminuir?

— Depende de quanta magia eu gastasse. Se eu não usasse muita, posso retê-la por um curto período de tempo.

Um curto período de tempo para um imortal era provavelmente uma década para mim.

— Alguém mais pode atuar como âncora?

Ele suspirou.

— Tecnicamente, sim. Qualquer humano ou habitante deste mundo pode fazer uma barganha e concordar em ancorar um demônio. É raro e não vale o tempo que levaria para encontrar alguém e concordar com termos que as duas partes aceitem.

Vários momentos de silêncio se passaram. Bati meus dedos contra a pedra fria. Estávamos escondidos em uma pequena alcova fora da praça da catedral, e parecia que estávamos esperando há anos o mensageiro misterioso aparecer. Cinco minutos depois, eu rapidamente descobri que ficar parada não era uma coisa que eu gostava muito. Quando eu não estava me movendo, tudo que podia fazer era pensar na minha irmã.

— Por que demônios roubam almas? Vocês precisam delas para algo específico?

Eu senti o peso da atenção de Wrath quando ela pousou em mim. Eu me movi para vê-lo, surpresa ao notar o nível de incredulidade que ele não estava se

incomodando em esconder. *Certo.* Como se ele fosse ter uma longa e agradável conversa sobre a coleta de almas com a inimiga. Eu ergui as mãos em apaziguamento e desviei o olhar. Inexplicavelmente, voltei-me para ele uma respiração depois.

— Por que você acha que os corações estão sendo levados?

— Você está fazendo tantas perguntas na esperança de assustar o mensageiro antes que eu possa assustá-lo para conseguir as informações dele?

— Eu quero saber o que você acha.

Houve uma pausa tão longa que não achei que ele fosse responder.

— Não temos informação suficiente para especular. E não é sensato fazer suposições sem fatos.

— Você acredita que alguma coisa iria querer...

— Comê-los? Sim. Muitas criaturas acham que corações que acabaram de parar de bater são as iguarias mais supremas, bruxa. Então, há o significado ritualístico. Sacrifício. Esporte. Invocação. E a boa e velha depravação. Esse nível de sadismo não se limita a uma espécie, então voltamos ao ponto de partida.

Eu me sentia enjoada.

— Um simples sim teria bastado — eu disse baixinho.

— O que você quer é que eu diga algo reconfortante. — Sua voz era como aço quando ele me encarou. — Mentir e

dizer que sua irmã não sentiu dor não serve a nenhum propósito para *você.* Eu imagino, não importa o motivo, quem ou o que quer que tenha tomado o coração dela, fez enquanto ela estava muito viva e muito consciente. Eu prometo a você, *não* há valor estratégico em se perder em complicações emocionais. Concentre sua raiva e tristeza em armas úteis ou volte para casa e chore até que os monstros venham atrás de você. Porque eles virão por você.

— Não tenho medo de monstros.

— Você pode achar isso agora, mas meus irmãos adoram dobrar criaturas como você à sua vontade. Eles vão te alimentar com suas emoções e sugar as suas próprias até que você não saiba onde você termina e eles começam. Existem muitas formas de Inferno. Reze às suas deusas para que você nunca as experimente em primeira mão. Você precisa estar atenta e focada, ou vai acabar tão morta quanto as outras.

Lágrimas cutucaram meus olhos. Não de tristeza, mas de raiva reprimida.

— Eu estou focada, seu saco fumegante de esterco de cavalo. Tudo o que sonho é vingar minha irmã. Não se *atreva* a me acusar de ser muito emotiva. Eu destruirei *qualquer coisa* que atrapalhe o meu objetivo. Até você. E não estou com medo, senão nunca teria invocado você para começar!

— Você deveria estar apavorada. — Seu olhar praticamente me prendia no lugar. — A vingança é uma emoção potente. Isso a torna uma presa fácil para humanos e demônios. *Nunca* deixe alguém saber quais são suas verdadeiras motivações. Se eles saberem o que você quer mais do que qualquer outra coisa, eles criarão todos os tipos de doces mentiras e meias verdades para manipular você. Eles saberão *exatamente* até onde podem forçar, o que oferecer e o que você nunca recusaria, dando-lhes a vantagem. Seu primeiro objetivo deve ser permanecer viva. Descubra todo o resto conforme você avança.

— Você sabe os meus verdadeiros objetivos.

— Sim. Eu sei. E foi um erro extremamente tolo de sua parte me contar. Não esconda isso. Só precisa de um cutucão, um pequeno empurrão para irritá-la e você imediatamente cai na armadilha de atacar em fúria. E nessa fúria ardente você me disse *tudo* o que eu precisava saber sobre o que você quer. — Ele balançou a cabeça. — O que você vai me prometer, Emilia, em troca do seu desejo mais profundo? O que você *não faria* para obter justiça para a irmã que ama? Agora sei que não há preço alto demais para exigir. Eu posso pedir qualquer coisa, e você daria.

Estávamos muito próximos agora, cada um de nós respirando com dificuldade. Eu odiava que ele estivesse

certo. Ele nem mesmo manipulou minhas emoções como Envy fez; ele não precisou. Ele simplesmente me incitou a dizer a ele meus desejos mais profundos pela raiva. E ele só teve que empurrar um pouco para eu fazer isso. Furiosa comigo mesma por ter sido enganada por um demônio, fiz a melhor coisa que sabia — menti como o diabo.

Enfiei meu dedo no peito de Wrath e o cutuquei com força.

— Se você acha que isso é tudo que me motiva, você está tristemente enganado, demônio. E por que você se importa, afinal?

Ele lentamente envolveu seus dedos no meu, parando meu ataque a ele. Ele não soltou e eu me perguntei se ele percebeu que eu parei de cutucá-lo no segundo que sua pele em chamas tocou a minha. Agora ele estava apenas segurando minha mão contra seu peito, seu coração martelando sob o meu toque.

E eu estava permitindo.

Eu recuperei meus sentidos e me afastei.

— Essa foi a quarta vez que você mentiu para mim, bruxa.

Isso *realmente* alimentou sua raiva também. Eu sorri modestamente.

— Talvez você deva me contar mais sobre a maldição. Eu gostaria de saber mais sobre aquela parte.

— Tudo bem. Você quer saber sobre os detalhes sangrentos? A maldição...

— Signore, está... devo retornar mais tarde? — Um homem entre trinta e quarenta anos estava a poucos metros de distância, torcendo uma carta nas mãos. — Seu irmão disse...

De uma respiração para outra, Wrath tinha o mensageiro contra a parede, seu antebraço pressionado com força contra a traqueia do homem. O sangue gotejou do nariz do mensageiro para sua túnica e o demônio fechou os olhos como se estivesse em total êxtase.

— Olá, Francesco. Perdoe minha grosseria, mas ouvi dizer que você anda vendendo meus segredos. Se estivéssemos na Cidade Murada, você já estaria morto. Considere isso um favor.

Eu fiquei lá, congelada. Meio em choque, meio em horror. Wrath explodiu em violência mais rápido do que eu levei para respirar com o susto.

— Eu já te disse que o cheiro de sangue me leva a quase um frenesi, bruxa? Sua espécie acredita que desejamos saboreá-lo, mas príncipes do Inferno geralmente não bebem sangue. É o seu poder que nos deixa intoxicados. Quanto mais eu permito que alguém sangre, mais poder tenho sobre sua vida.

Eu pisquei. Eu mal conseguia formar um pensamento coerente. Eu esqueci, em nossa brincadeira, quem Wrath

realmente era. Eu imaginei que estava vendo apenas uma pequena fração do que ele podia fazer.

Ele se inclinou com mais força sobre o humano cujo rosto agora estava roxo escuro. Se Wrath empurrasse com mais força, o homem iria morrer. Fiz menção de dar um passo à frente, mas parei.

— Eu anseio por poder mais do que dinheiro, sangue, ou luxúria. E não há poder maior do que a escolha. Eu mentiria por isso. Roubaria, trairia, mutilaria e assassinaria. Se eu pudesse, eu venderia minha alma por isso de novo, bruxa.

— Vender sua.... — Eu balancei a cabeça. Demônios eram criaturas sem almas.

Wrath abriu os olhos e se virou para mim, suas írises brilhavam como ouro reluzente na escuridão. Não havia nada humano nelas, e eu percebi que ele esteve mantendo essa parte de si mesmo trancada a sete chaves. Alguns diziam que os Perversos eram anjos antes de cometerem pecados imperdoáveis e serem expulsos do céu. Agora eu entendi como essas histórias começaram — o olhar de Wrath resplandecia com fogo celestial. Ele era a justiça colérica: pura, rápida e completamente implacável.

Ignorando meu medo crescente, rejeitei sua admissão e entendi o que ele estava realmente dizendo; ele estava me oferecendo uma escolha. Eu tinha o poder de me

afastar do que ele estava prestes a fazer. Ou eu podia escolher ficar e participar.

Eu pensei no corpo devastado de minha irmã e das outras bruxas que morreram com a mesma brutalidade porque esse homem compartilhou informações sobre as mensagens que carregava. Wrath disse que ia assustar o mensageiro para descobrir para quem ele estava vendendo segredos. Sua repentina explosão de violência não deveria ter me surpreendido. Eu assenti, quase imperceptivelmente, mas o demônio entendeu.

Wrath encarou o mensageiro novamente.

— Quem te pagou para abrir minha carta, Francesco?

A atenção do homem disparou para mim, em busca de ajuda. Wrath olhou para mim lentamente de novo, esperando. Francesco fez sua escolha. Agora era a hora de fazer a minha.

— O príncipe te fez uma pergunta simples, Francesco. Vou repetir uma vez para seu benefício e depois vou deixá-lo perguntar do jeito *dele*. E tenho certeza que você já sabe que não vai ser agradável. — Eu injetei um charme implacável em meu tom como Wrath, e o homem se encolheu. — Quem te pagou para abrir a carta dele?

Wrath continuou olhando para mim. E mesmo que sua expressão não tenha mudado nem um pouco, eu jurei que quase senti…aprovação. Meu estômago apertou e lutei

contra a vontade de vomitar. Se eu tivesse feito a coisa certa, eu acho que não me sentiria tão mal.

Francesco gorgolejou e arranhou o braço ainda pressionado em sua traqueia, as unhas agarrando-se ao punho da camisa do demônio. Eu esperava que Wrath não o estrangulasse até a morte antes de termos nossas respostas.

O príncipe demônio deve ter aliviado de repente a pressão porque Francesco sugou ar como um peixe fora d' água.

— Você se sentiria mais confortável falando com minha lâmina em sua garganta?

A pele dourada de Francesco empalideceu, mas notei suas mãos se fechando em punhos ao lado do corpo. Wrath estava usando seus poderes e o mensageiro estava ficando com raiva. Seu peito subia e descia rapidamente.

— Faça o que quiser, mas não vou te dizer nada, porco demônio.

— Sério? — Wrath sorriu, um lampejo de dentes que pareceu colocar Francesco à beira de se urinar, apesar de sua raiva recém-descoberta. — Vamos testar isso, mortal. Para quem você trabalha?

— Deus. — O homem cuspiu na cara do demônio e a gotícula lentamente caiu no chão. A lâmina de Wrath estava sobre o queixo do homem em um instante, a ponta pressionada com força o suficiente para que o sangue

deslizasse ao longo do metal. Parecia que precisou de toda a sua força de vontade para não enfiar a adaga no humano e na pedra em que ele se encostava, atravessando sua espinha. Sombras pareciam pulsar de Wrath. Por um segundo, não tive certeza se o demônio da guerra não acabaria com ele ali mesmo.

— Desculpa, Francesco. Mas minha paciência está se esgotando. Suas ações enviaram quatro mulheres para a morte. Não pense que não vou mandar você também tão brutalmente quanto.

— Vá em frente e me mate. Não vou te dizer nada. — A cabeça de Francesco estalou contra a parede quando Wrath a empurrou para trás. O sangue escorria da boca do humano enquanto ele ria, deliciando-se com a violência. Ele sorriu, os dentes manchados de vermelho com sangue. — Espero que todos vocês apodreçam no Inferno.

Eu senti a raiva de Wrath passar de fervente para completa ebulição. Em breve, quisesse ou não, ele mataria Francesco. E perderíamos nossa maior chance de descobrir quem matou minha irmã gêmea. Eu ouvi os avisos de Nonna e Wrath cantando na minha cabeça, mas não importava.

Estávamos sem opções e a raiva ao nosso redor estava crescendo intensa o suficiente para queimar. Wrath estava prestes a explodir. Eu puxei suas emoções para mim,

usando-as como combustível para meu feitiço da verdade enquanto eu segurava o amuleto de minha irmã.

— Você abriu a carta? — Eu perguntei, minha voz misturada com um comando mágico. A atenção de Wrath se voltou para mim e se eu não soubesse melhor, eu pensaria que o medo entrou em suas feições.

Francesco assentiu antes de responder.

— S-sim.

— Alguém te pagou para fazer isso?

— Sim.

— Quem te pagou, Francesco? Greed?

— Não.

— Diga-me quem pagou você então.

— Não sei o nome dele.

— Ele é humano?

Ele ergueu um ombro.

— Ele usava um capuz. Não vi o rosto dele.

— Você contou a ele onde Giulia estaria na noite em que foi assassinada?

Ele engoliu em seco.

— Sim.

— Você se encontrou com ele hoje?

— Sim.

Minha raiva explodiu.

— Que informação você deu a ele?

— O-o-outro endereço. E uma hora para o encontro. Eu não tinha um nome desta vez, eu juro!

— Que hora e endereço você deu a ele, Francesco?

— A...a...a... a Piazza Vigliena. M-m-meia noite.

Eu olhei para Wrath para mais instruções, mas ele balançou a cabeça. O feitiço da verdade estava quase acabando. Sangue escorria do nariz do humano e seus olhos estavam vidrados. Se eu insistisse mais, ele morreria. Eu olhei para baixo, notando que meu corpo inteiro tremia. Wrath se aproximou dele.

— Se você compartilhar meus segredos novamente, cortarei sua língua. Então vou arrancar seu coração. Fui claro? — Ele deu a Wrath a mais vaga sugestão de um aceno de cabeça, com cuidado para não cortar sua própria garganta. O suor umedecia seu couro cabeludo. Ele realmente não parecia bem. — Da próxima vez que você tiver a tarefa de levar uma mensagem para mim, não deixe a curiosidade ou a ganância tirar o melhor de você. Essas condições costumam ser mortais.

Não pude deixar de notar o filete de urina escorrendo pela perna do homem quando o demônio abaixou sua arma. Ele olhou de Wrath para mim, uma ruga profunda se formando em sua sobrancelha. Ele piscou lentamente como se estivesse acordando de um sonho. Ou de um pesadelo.

— Quem... quem são vocês? Por que estou aqui? P-por favor... não me machuque. Se estão procurando por

dinheiro, eu não tenho nenhum. — Ele revirou os bolsos. Não havia nada além de fiapos. — Viu?

Minha náusea de antes estava de volta e quase me dobrou. Eu invadi sua mente e devo ter destruído suas memórias recentes. Magia das trevas exigia um preço. E não vinha sempre na forma que alguém esperava. A culpa rodou através de mim. Só porque eu tinha poder, não significava que deveria abusar dele.

— Você é...

Wrath me lançou um olhar de aviso.

— Você é Francesco Parelli Pai e está voltando para casa. Você bebeu muito. Melhor se apressar antes que Angelica fique brava de novo. Você se lembra do caminho?

Francesco limpou uma lágrima e balançou a cabeça. Ele parecia tão frágil agora, tão perdido. E *eu fiz* isso com ele. Não algum demônio ou alguma criatura horrível do Inferno. Eu. Eu havia quebrado a regra mais importante deste mundo. Eu tomei seu livre-arbítrio e o transformei em minha vontade.

Wrath virou Francesco em direção à catedral, entregou-lhe uma bolsa de moedas e sussurrou em seu ouvido.

Eu encarei as costas do demônio, o coração disparado. Wrath poderia facilmente ter deixado o homem sozinho em seu novo inferno, mas não deixou. Assim como ele poderia ter facilmente exigido que eu negociasse minha alma em troca de justiça para minha irmã gêmea. Ele sabia o que eu

queria e o que eu estava disposta a desistir por isso, e não pediu nada. Eu achava que não existia misericórdia no Inferno. Mas talvez eu estava errada.

Wrath rangeu os dentes.

— O que?

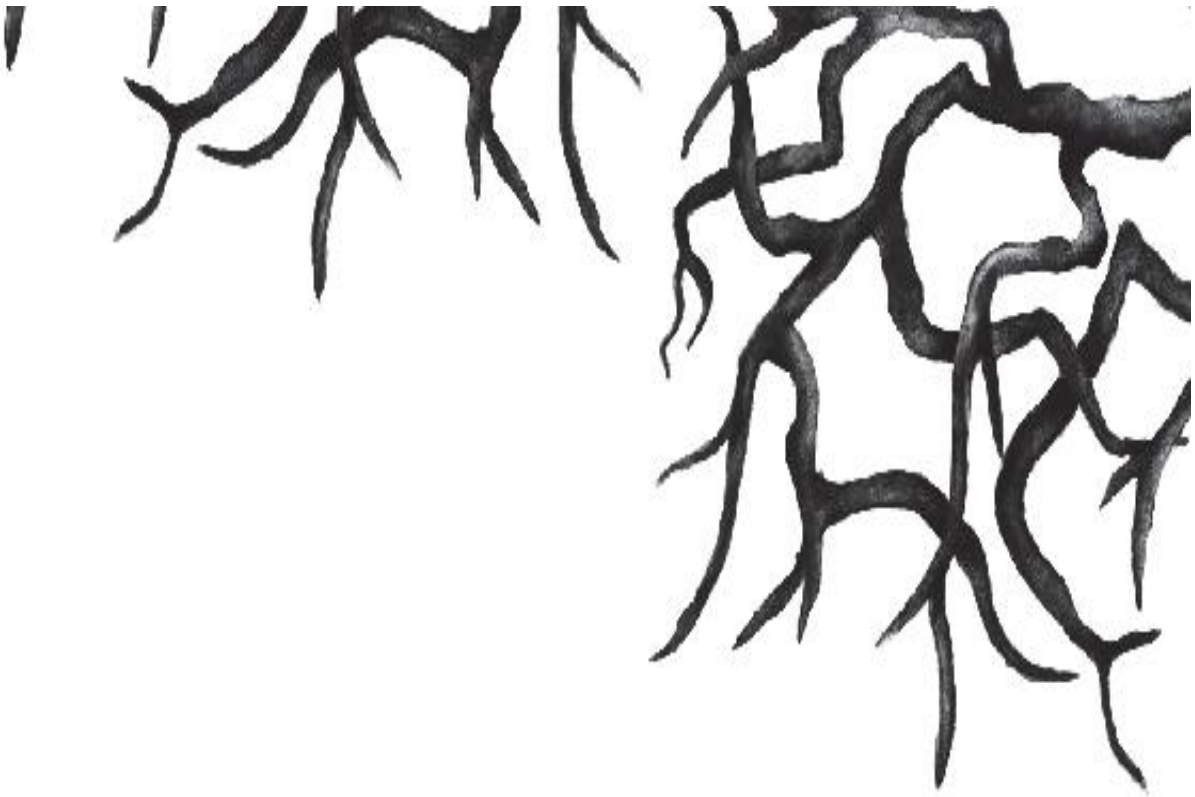
— Você poderia ter matado ele.

— Não faça isso. Eu bati nele e você roubou sua liberdade de escolha. Suas memórias irão eventualmente retornar, mas aquele pedaço de sua alma não. Eu teria obtido nossas informações sem magia. Há um velho ditado sobre os tolos correndo onde os anjos temem pisar. De agora em diante, eu sugiro que você preste atenção ao aviso. Venha. — Ele caminhou para mais fundo nas sombras. — Precisamos chegar ao Quattro Canti.

Se ele não queria discutir a magia proibida que usei para conseguir nossa informação, tudo bem por mim. Eu já sentia como se minha pele estivesse cheia de vermes de túmulos.

— Por quê?

— O verdadeiro mensageiro está nos esperando lá.



VINTE E NOVE

Antes de entrarmos no meio da praça barroca, Wrath nos situou em outro beco abarrotado. Ele alegou que era para ter uma ideia melhor do layout e de quaisquer outras armadilhas que outros demônios — como Greed ou Envy — possam ter armados. Ele educadamente me pediu para esperar enquanto ele caminhava até um jovem com uma cicatriz marcando um caminho em sua bochecha direita. Como ele pediu com educação, eu decidi concordar... temporariamente. Deixá-lo ir em frente me deu a oportunidade de observá-lo, e o novo mensageiro, sozinha.

O humano era intrigante. Sua combinação impressionante de traços marrons e olhos puxados para cima sugeria ancestrais norte-africanos e asiáticos. Ele não tinha me notado espiando das sombras próximas, mas eu o vi claramente.

Ele estava encostado em um prédio, limpando sujeira imaginária das unhas curtas com uma lâmina de aparência morta. Ele projetava uma sensação de tédio, mas seu olhar rastreava os movimentos de tudo ao seu redor com o foco de um predador. Até mesmo o príncipe demônio.

Wrath marchou sem hesitação, e infelizmente eu estava um *pouco* longe demais para entender sua conversa. Julgando pela quantidade de revirar de olhos que o humano deu, eu imaginei que Wrath estava dando alguma lição. Eu silenciosamente me aproximei.

— .... suspeita da verdade, Anir. Tenho certeza que os outros também com o tempo.

— Muito tarde para arrependimentos agora — o humano, Anir, disse. Sua voz era familiar, eu simplesmente não conseguia identificá-la. — Com tudo acontecendo... pode ser uma coisa boa. Quero dizer, você escolheu fazer o ritual. Certo? É realmente *tão* ruim assim?

— Ela é uma maldita *bruxa* com sangue de demônio. O que você acha?

Eles estavam falando sobre *mim*? Eu fechei minhas mãos em punhos, minhas unhas criando pequenas luas crescentes em minhas palmas. Ele era um demônio do Inferno arrogante. Mas eu não estava insistindo em suas qualidades nada atraentes, certo? Não. *Eu* era madura o suficiente para deixá-las de lado para trabalharmos juntos para impedir que um assassino massacrasse mais bruxas.

— Parece uma garota adorável. Você vai nos apresentar adequadamente? Você apenas...

Wrath puxou Anir pelo colarinho, seus pés balançando a alguns centímetros do chão. Eu respirei fundo. Não parecia que levantar um homem adulto exigiu algum esforço do príncipe demônio.

— Termine essa frase e vou deixar uma cicatriz no outro lado do seu rosto também.

— Perdão. Assunto sensível? — Anir ergueu as mãos em falsa rendição, sem se importar em esconder o sorriso.

Não continha nenhum medo e pouco humor. Decidi que se não estivesse tão irritada, poderia gostar dele. Ele era muito corajoso ou muito tolo para insultar o demônio da guerra. — Não fiquei irritado. No momento, é apenas temporário. E ela está...

— Atrás de nós. — Wrath soltou o humano e ele graciosamente recuperou o equilíbrio para não tropeçar. — Emilia, este é Anir, meu associado de maior confiança. Ele sabe quem é a próxima que concordou em se casar com Pride.

Saí das sombras e inspecionei o jovem.

— Você estava lá na noite em que fui atacada pelo Viperidae.

— Sim. — Anir parecia inseguro sobre o que mais podia ou não compartilhar.

Eu me virei para Wrath.

— Ele é humano.

— Você é muito astuta.

Respirei fundo e contei até que a vontade de mandá-lo de volta para o círculo de osso passou.

— O que eu quis dizer é, se você tem um humano como seu associado, por que ele não pode ser sua âncora? Se alguma coisa acontecesse comigo, você ficaria bem.

Wrath abriu a boca, então fechou. Eu ergui uma sobrancelha, esperando.

— Anir não reivindica mais o mundo humano como seu, portanto, ele não pode prover os mesmos...benefícios que você pode.

Anir bufou e rapidamente tentou sufocar o resto de sua risada quando Wrath voltou seu olhar ardente para ele.

— Essa é certamente uma maneira de ver as coisas.

— Do que ele está falando? — Eu perguntei, olhando fixamente para o demônio. — O que você não está me dizendo?

Wrath me lançou um olhar que dizia “muitas coisas”, mas não se incomodou em responder em voz alta. Em vez disso, ele disse:

— Anir estava indo embora. Ele estava esperando para ver se a figura encapuzada chegava, mas não apareceu. Agora ele tem negócios sobre a Casa para cuidar em casa.

— Quem é a pobre garota?

— Valentina Rossi.

Meu corpo inteiro ficou dormente enquanto eu deixava essa informação afundar. Valentina era a prima de Claudia. Se alguém quisesse concordar prontamente em se tornar a Rainha do Inferno, Valentina assumiria esse manto sombrio com orgulho. Ela não era má; ela parecia régia e destinada a um papel maior do que de uma tecelã na nossa pequena ilha. Eu não fiquei surpresa ao saber que ela ficou intrigada com um acordo com o diabo.

Caminhei em direção ao bairro dela. Tínhamos que avisá-la antes que fosse tarde demais.

Wrath entrou em meu caminho, parando meus passos.

— O que?

— Eu conheço ela.

— E? — Ele pressionou.

— Estou me perguntando por que ele está escolhendo bruxas ligadas à magia sombria.

— Bom — Anir disse — isso é por causa da...

Wrath o interrompeu.

— Hora de ir.

Enquanto ele olhava entre o príncipe demônio e eu, o sorriso de Anir era o de um lobo que encontrou um lanche que queria enfiar garganta abaixo.

— Na verdade, eu prefiro ficar aqui por um tempo. Casamentos demoníacos não são para os fracos de coração. Além disso, você vai precisar de olhos e ouvidos extras quando for falar com a garota. Talvez a figura encapuzada nos siga.

Ele piscou para mim como se fossemos velhos amigos compartilhando um segredo. Wrath viu o olhar e encarou até que seu “associado” deu de ombros e começou a caminhar pela praça. Eu esperei até que ele estivesse fora do alcance da voz antes de me virar para Wrath.

— Você vai tentar convencer Valentina de ir para o submundo com você?

— Eu jurei que não faria nada a não ser oferecer a barganha. E vou cumprir minha palavra. No entanto, assim que a deixarmos segura, eu gostaria de ver se ela estaria disposta a nos ajudar a atrair o assassino.

— Você gostaria de usá-la como isca.

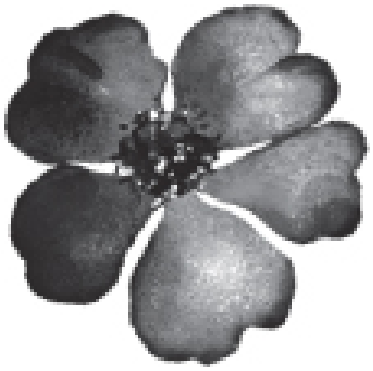
— Sim. Alguém está dando o seu melhor para garantir que Pride não quebre a maldição. Eu pretendo descobrir quem e por quê antes que mais alguém morra. Então, vou oferecer um pouco de retribuição de minha parte.

Eu estremeci. Não era exatamente o que eu esperava que ele dissesse, mas apreciei sua honestidade.

— Eu conheço a família de Valentina muito bem. Vou dizer a ela para recusar a barganha de Pride— eu admiti. — Espero que entenda.

O olhar de Wrath se chocou com o meu.

— Faça o que precisa. A decisão final vai ser dela.



Enquanto nos apressávamos para a casa de Valentina, Anir me contou sobre sua vida antes de deixar este mundo para o que ele chamou de Reino dos Perversos. Ele era filho

único de um pai tunisiano e mãe chinesa — e brincava em uma oliveira próxima durante a matança brutal de seus pais. Seu pai testemunhou um crime e ia contar às autoridades o que viu. Antes que ele pudesse fazer isso, eles foram mortos.

Anir disse que a cicatriz veio depois, quando ele cresceu e se tornou o tipo de jovem que os outros temiam. Wrath o encontrou viajando pela América do Sul, lutando em ringues clandestinos, machucado e ensanguentado. Algumas lutas eram até a morte e pagavam bem. Anir era o campeão reinante por mais de um ano, quando lhe foi oferecido emprego na Casa Wrath.

Eu parei de ouvi-los discutir sobre quantos anos se passaram — aparentemente o tempo se movia diferentemente no reino dos demônios — quando viramos a próxima rua e chegamos em um beco mais escuro e estreito. O puxão estranho que eu senti antes assumiu o controle dos meus sentidos, puxando-me para uma segunda rua lateral.

Eu olhei ao redor, reconhecendo a vizinhança, e uma sensação terrível se instalou. Eu dei mais alguns passos e parei, sem me surpreender com o corpo. Eu comecei a suspeitar antes de dobrarmos a esquina, e a silhueta caída era toda a confirmação que eu precisava.

Eu examinei a área.

A roupa limpa estava pendurada de um edifício abarrotado a outro sobre nossas cabeças, e estalava com a brisa como dentes. Podia ter atingido o medo em meu coração antes, mas agora parecia o disfarce perfeito para um crime. Não havia evidências. Nada para perder tempo tentando descobrir. Era um trabalho direcionado — o assassino entrou e saiu, deixando nada além do corpo para trás.

Wrath parou de andar abruptamente.

Anir notou a vítima um momento antes de tropeçar nela. Ele lançou ao demônio um olhar irritado e evitou o crescente lago de sangue.

— Da próxima vez, um aviso seria bom.

— Um pouco menos de insubordinação pode me tornar mais receptivo à cortesia comum no futuro.

Anir estreitou seus olhos escuros. O movimento fez a cicatriz em sua bochecha se destacar mais. Wrath deu um passo ao redor do corpo quando seu associado o puxou para parar. Eu observei tudo acontecer como se a cena estivesse se desenrolando em um palco, longe de onde eu realmente estava. Eu não conseguia acreditar que outro corpo estava brutalizado aos nossos pés. A bile subiu lentamente. Wrath parecia totalmente natural, como se encontrar corpos mutilados fizesse parte de seu cotidiano.

O demônio girou nos calcanhares, o olhar fixo na mão do humano.

— O que?

Anir apontou um dedo em direção ao corpo que esfriava.

— Não vamos pedir ajuda?

— O que você propõe que façamos? Chamar as autoridades humanas? — Wrath não deu a Anir chance de responder. — Se você fosse eles, você acreditaria na nossa palavra de bons samaritanos e nos deixaria seguir nosso caminho? Ou você olharia para sua lâmina forjada por demônio, e meu comportamento diabólico, e nos jogaria em alguma cela cheia de merda e jogaria fora a chave? — Anir franziu os lábios, mas não disse nada. —Você tem mais sugestões nobres, ou podemos ir embora?

— Às vezes você realmente é um bastardo sem coração.

Wrath olhou para mim, as sobrancelhas franzidas.

— Você está bem?

Não, eu certamente não estava bem. O corpo de outra vítima de assassinato estava deitado aos nossos pés. E eu acabei de dar uma olhada em seu rosto. Ela era a prima da minha melhor amiga. Eu encarei em silêncio horrorizado seu corpo quebrado. Eu ainda não conseguia entender como essa cena era real. Minha cabeça girava de choque. Claudia não era próxima da prima, mas ainda assim sentiria muito sua perda. Eu enfiei as palmas das mãos nos olhos.

— Emilia?

Eu me afastei do toque de Wrath.

— Essa é...era Valentina Rossi.

— Eu presumi isso.

Eu não conseguia acreditar que outra bruxa teve seu coração arrancado. Isso elevava o número de mortas para cinco. Eu lutei contra a bile que subia pela minha garganta novamente. Ver algo tão horrível.... Eu nunca me acostumaria.

Francesco, o mensageiro humano traiçoeiro, não sabia o nome da próxima noiva, apenas o local de encontro de Anir. E eu duvidava que Anir trairia Wrath, o que significava que a informação tinha vazado de alguma outra maneira. Eu estava enjoada por um novo motivo — eu torturei um homem por nada.

— Deve haver um espião no reino — Anir disse, colocando meus pensamentos em palavras.

Eu imaginei que ele tivesse visto sua cota de coisas horríveis, mas ele ainda parecia chocado. Ele puxou o cabelo escuro para trás e amarrou-o com uma tira de couro que arrancou do pulso.

Wrath caminhou ao redor do beco, com cuidado para evitar pisar no sangue. Desviei o olhar do sangue coagulado. Nós precisávamos avisar as autoridades. Valentina não podia simplesmente ficar ali deitada, fria e

sozinha. O demônio parou perto de onde eu estava, protegendo minha visão do corpo.

— O que significa que algum dos meus irmãos *é* o responsável. De alguma forma.

Meus encontros anteriores com seus irmãos me vieram à mente.

— Greed e Envy estão aqui.

Wrath balançou a cabeça.

— Envy não arriscaria uma luta comigo. Greed... ainda não consigo imaginá-lo colocando em risco sua Casa. Não depois que ele construiu uma fortaleza formidável.

— De qualquer forma, as implicações de uma traição dentre os Sete... esqueça a maldição, vossa alteza — Anir disse. — Deixando de lado os sentimentos pessoais sobre as bruxas, termine o vínculo matrimonial com Emilia e proteja sua própria Casa antes que a guerra comece. Você precisará de todo o seu poder. Quem quer que esteja organizando isso deve ter matado a esposa do Pride.

Parecia que eu tinha levado um banho de água fria.

— Que vínculo matrimonial?

Anir não percebeu a nota de pânico em minha voz.

— Aquele que você começou quando ligou o príncipe a você.

Wrath parou de se mover. Parei de respirar enquanto ficava boquiaberta de horror. O tempo pareceu congelar enquanto eu silenciosamente repetia o que Anir disse. Eu

queria gritar que não era verdade, mas a reação de Wrath dizia o contrário. O príncipe demônio não desviou o olhar.

— Como?

— Deixe-nos. — Wrath falou em um tom mal acima de um sussurro, mas Anir saltou para obedecer ao comando. Depois que ele se foi, o demônio acenou em direção às nossas tatuagens correspondentes. — Seu feitiço de proteção não foi um vínculo de proteção como um guardião para sua protegida. A tradução de *aevitas ligati* significa “presos para sempre” como em matrimônio sagrado. Não era necessário para o sucesso da invocação.

— Nós estamos... você está dizendo que estamos *noivos*? — Eu esperei, o coração batendo forte, mas Wrath não disse nada. Ele não precisava. A verdade estava em seus olhos. Ele sabia o tempo todo o que eu tinha feito. Não admira que ele tenha parecido tão horrorizado naquela noite. Eu basicamente o arranquei do Inferno e o forcei a um noivado. Para sempre. — Quando você ia me dizer?

Sua voz saiu suave.

— Isso não muda nada...

— Tudo mudou. — Um estremecer violento me rasgou enquanto o demônio continuava segurando meu olhar firme. Isso era demais. O corpo da prima da minha melhor amiga. Meu noivado acidental com Wrath. — O que acontece se eu não quiser casar com você? Você vai me forçar a governar ao seu lado no Inferno?

— Emilia...

— Não se *atreva*. — Eu balancei a cabeça. — Eu vou ser forçada a ir para lá?

— Não.

Certo. As leis dos demônios eram baseadas na civilidade. Forçar alguém em casamento provavelmente quebrava todas as suas regras estranhamente rígidas. Mas aposto que ele faria uma barganha perversa para mim e a faria tão boa, tão tentadora, que eu nunca diria não. Especialmente se o vínculo matrimonial ajudasse a dar a ele mais poder como Anir afirmou que faria. Eu prendi minha mão ao meu lado.

— O que Anir quis dizer com proteger sua Casa antes da guerra?

Um músculo em sua mandíbula pulsou.

— Não posso compartilhar essa informação com você.

— Então terminamos. — Eu agarrei o amuleto de minha irmã. — *Te libero.* Eu liberto você de qualquer vínculo que tenhamos. Quando eu me casar, vai ser por amor. Não é amor ao poder ou qualquer outra coisa depravada que você deseja. E amor é algo sobre o qual vocês, criaturas desprezíveis e sem alma, *nada* sabem!

Se ele me chamou, ou recuou, eu não saberia. Eu me virei e fugi para o mais longe do príncipe demônio e da mais nova vítima de assassinato que pude. Eu não queria

mais nada com as criaturas amaldiçoadas que trouxeram esse sofrimento para minha família e minha cidade.

Daqui em diante, eu descobriria quem matou minha irmã sozinha.

E Wrath poderia simplesmente rastejar de volta ao Inferno e apodrecer com o resto deles.

TRINTA

Sentei-me em uma mesa de frente para o mar, bebendo água com uma rodela de limão. Eu deixei um bilhete anônimo para a polícia com a localização do corpo de Valentina, e ainda não havia superado o horror da noite. Eu queria correr para a casa de Claudia, mas tinha que esperar até que a família contasse a família de sua prima primeiro. Se eles já estivessem de luto quando as autoridades chegassem, eles começariam a fazer perguntas. A espera atraía todos os tipos de pensamentos nos quais eu não queria pensar. Nem agora, nem nunca.

Eu não podia acreditar que tinha sido tão estúpida a ponto de acidentalmente noivar com Wrath, e ele não tinha deixado escapar o segredo antes. Ele deve ter absolutamente detestado. Especialmente com o que Anir disse sobre ele odiar bruxas. Eu lutei contra a vontade de enterrar o rosto nas mãos. Saber que ele estava totalmente ciente do meu erro enquanto eu pensava que estava no controle...era humilhante. Eu não queria considerar outros passos em falso que ele tinha sido educado demais para apontar.

Assim que avisei a polícia, percebi que não tinha para onde ir. Eu não podia voltar para casa e colocar minha família em risco. E enquanto eu *podia* ficar no palácio com Wrath, precisava de tempo e espaço para organizar meus pensamentos e sentimentos. Muita coisa tinha acontecido

em um curto período de tempo. Mais dois assassinatos. Um noivo secreto do Inferno. O ataque a Nonna. Meu amuleto roubado. O Viperidae. Parecia que os socos continuavam sendo dados, e eu estava ficando maltratada e machucada no processo.

Quanto mais eu me agarrava à normalidade, mais meu mundo girava em caos. Já que no momento eu me recusava a ver Wrath novamente, decidi tirar tudo da minha cabeça e continuar procurando por respostas sobre a morte de Vittoria sozinha. Se eu pudesse solucionar o assassinato de minha irmã, poderia evitar que mais alguém morresse. Sempre que tentava me colocar no lugar de Vittoria, continuava voltando ao diário dela. Não revelou tantos segredos quanto eu esperava. E os que foram revelados ainda eram enigmáticos o suficiente para me manter adivinhando.

Eu estava repassando uma lista mental de tarefas a cumprir quando o assento à minha frente foi puxado. Wrath se jogou nele, me olhando com cautela. Eu o encarei por alguns momentos. Nenhum de nós disse nada. Parecia que o meu quase-marido estava me dando tempo para me recompor. Ou talvez ele estivesse esperando que eu o banisse de volta para o círculo de ossos.

Eu respirei fundo algumas vezes.

— Como você sabia onde eu estava? — Ele me lançou um olhar longo e calculado, então olhou incisivamente para

a tatuagem no meu braço. Eu definitivamente iria matá-lo.
— Você disse que só podia me encontrar se eu aceitasse a barganha de sangue. Você nunca mencionou a tatuagem.

— Se eu te contasse que a tatuagem era parte de um vínculo matrimonial, você teria corrido imediatamente. Eu precisava de tempo para você confiar em mim.

Eu fui discutir, mas fechei a boca. Era verdade. Se eu soubesse o que a tatuagem significava na primeira noite que o invoquei, eu o teria mandado direto de volta para o seu reino.

— A confiança geralmente é conquistada porque ambas as partes são honestas.

— Eu não menti para você.

Suspirei.

— Não tecnicamente, não.

Uma garçonete apareceu e recitou alegremente o cardápio. Wrath parecia cético, mas me deixou fazer o pedido sem reclamar. Trinta minutos de silêncio tenso depois, ela trouxe nossa comida. Wrath considerou como se fosse uma equação complicada que ele estava resolvendo.

Um prato fumegante de scampi, um pouco de arancini, um prato de antipasto — com prosciutto, peperoncini, sopressata, provolone, azeitonas marinadas e alcachofras temperadas com azeite, vinagre, orégano e manjericão — e uma cesta de pão grelhado enfeitava nossa mesa.

Fiquei esperando que o demônio puxasse a garçonete de lado e pedisse por sangue quente ou vísceras cruas, mas ele parecia contente com minhas escolhas e certamente não seria eu quem colocaria a ideia de miudezas cruas em sua cabeça.

Wrath me surpreendeu ao pedir uma jarra de vinho tinto com rodelas de laranja e serviu uma quantidade generosa para cada um de nós. Eu tomei um gole do meu vinho, apreciando a doçura dele, apesar de tudo. Eu queria escapar dos meus pensamentos sombrios por um tempo, e o jantar e o vinho estavam ajudando. Eu não tinha dormido a noite toda e era bom apenas me recompor. Wrath empilhou um prato com comida e o deslizou na minha frente antes de se servir. Precisei de toda a minha concentração para não cair da cadeira com o choque.

Ele pegou meu olhar e fez uma careta.

— Boas maneiras são difíceis de quebrar, não importa o quão desagradável seja a companhia que sou forçado a manter. Além disso, você me serviu a sobremesa. É justo retribuir o favor.

Eu sorri, o que pareceu irritá-lo ainda mais, e comecei a comer.

Depois de alguns minutos observando ele cutucar o scampi, espetei um com o garfo e o estendi para ele. Sua suspeita se aprofundou.

— O que você está fazendo?

— Isso é lagostim. É como uma lagosta bebê. Tenho certeza que você vai gostar. A não ser que esteja com medo...

Wrath aceitou o marisco como se tivesse sido desafiado. Ele deve ter gostado, porque seu foco mudou para o prato e ele não ergueu o olhar novamente até ter provado um pouco de tudo.

Enquanto ele experimentava as maravilhas da comida humana, eu comi meu scampi, apreciando o limão fresco que eles usaram para cortar a riqueza da manteiga. O deles era um pouco mais pesado com frutas cítricas do que o nosso, e eu decidi experimentar um dia em breve.

Talvez se eu cortasse um limão ao meio e grelhasse com a face para baixo...

Eu parei, o garfo na boca. Eu estava me divertindo tanto que quase esqueci a razão pela qual estava sentada lá, com um dos Malvagi, comendo. Um mês. Minha irmã gêmea tinha morrido há pouco mais de um mês, e eu estava sonhando acordada sobre receitas para o Mar & Vinha enquanto estava na companhia de nosso pior inimigo. A comida virou pedra no meu estômago.

Afastei meu prato, sem fome.

Wrath me observou de uma forma que um humano poderia estudar uma mosca zumbindo durante seu jantar.

— Enfrentando um dilema moral, bruxa?

Eu não consegui reunir um pingo de raiva ou aborrecimento. Uma lâmina dura da verdade entalhada em mim; eu não fazia ideia do que estava fazendo. Eu tinha certeza que minha irmã tinha invocado um demônio, mas não sabia qual. Eu sabia sobre o Chifre de Hades, mas não sabia como nos tornamos suas guardiãs.

Então, havia as pistas enigmáticas no diário de Vittoria sobre sua habilidade de ouvir objetos mágicos e a possibilidade de o primeiro livro de feitiços estar neste mundo. Eu sabia que minha irmã tinha concordado em ser a noiva do diabo, mas ainda não tinha descoberto *por que* ela fez essa escolha terrível, ou por que ela não confiou em mim ou em nossa avó.

Eu tinha mais perguntas do que respostas, e ninguém que pudesse confiar totalmente. Nonna quase morreu por causa da minha busca por justiça, e eu me recusava a colocar qualquer outra pessoa da minha família em perigo, indo até eles por qualquer coisa relacionada ao assassinato. Embora Wrath pudesse ter me salvado, ele era um príncipe do Inferno, e mesmo que ele tenha jurado não forçar uma bruxa em uma barganha, eu ainda não sabia como ou por que ele foi escolhido para esta missão.

Eu me inclinei para frente e abaixei a voz.

— Eu quero saber tudo sobre a maldição.

Eu encarei ele, e seus olhos dourados — salpicados de preto — olharam de volta.

— Você já pensou em morar comigo até encontrarmos o assassino?

Um desvio muito inesperado.

— Já.

— Onde estão seus pertences?

— Em casa.

Ele girou seu vinho e me perguntei o que, exatamente, ele estava pensando.

— Você gostaria que eu a acompanhasse até lá para pegá-los?

— Eu não disse a você o que decidi. — Eu olhei para ele. — E eu quero que você responda minha pergunta. Se Pride é o amaldiçoado, como isso afeta você?

— Nós deveríamos voltar ao palácio e conversar lá.

— Não até que você me dê algumas respostas.

Wrath parecia estar considerando maneiras diferentes de me amarrar usando minhas entranhas.

— Eu vou. Mais tarde.

— *Agora.* — Eu me recusava a ceder. Ele olhou para o céu e eu me perguntei, se ele estava orando, por que não olhou para baixo em vez disso.

— Tudo bem. Se eu responder às suas perguntas, você vai concordar em ficar no palácio?

— Não. Mas vai me ajudar a decidir. Que tal?

Ele inspirou fundo e lentamente exalou. Eu esperei. Depois de travar uma batalha interna, eu vi o momento

exato em que ele decidiu confiar em mim.

— Para que a maldição seja totalmente quebrada, uma consorte precisa se sentar no trono e ajudar a governar a Casa Pride.

— Anir disse que a última consorte foi assassinada. Como?

— O coração dela foi arrancado do peito. — Ele olhou para mim, mas tive a sensação de que ele não estava mais realmente me vendo. — Junto com algumas de suas damas reais.

— A Primeira Bruxa realmente amaldiçoou Pride?

— Sim.

Eu permiti que essa informação se encaixasse em todos os outros contos que eu me convenci que eram apenas histórias. La Prima Streghe era antiga — ela havia começado a primeira linhagem de bruxas. Ou assim contavam as velhas histórias. Supostamente, ela era a fonte de nosso poder e pertencia apenas a ela mesma. Sem magia de luz, sem magia sombria. Apenas o poder bruto ligeiramente diluído da deusa que a deu à luz. Ela era a antecessora de La Vecchia Religione humana — e a Antiga Religião era *antiga.*

Às vezes, La Prima era idolatrada e, em outras, temida. Filha da deusa do sol e de um demônio, ela foi criada como o equilíbrio perfeito entre a luz e as trevas. Disseram que ela era imortal, mas eu nunca vi ela e também não

conhecia ninguém que viu. Sempre acreditei que ela não passava de um mito ou lenda da criação.

— Por que ela o amaldiçoou?

Wrath hesitou.

— Foi um castigo pelo que ela pensou que aconteceu entre sua primogênita e ele.

Eu me endireitei. Claudia mencionou isso.

— Então, o que, ele roubou a alma dela e La Prima se vingou?

— As bruxas acreditam nisso, não é? — Wrath zombou. — Pride não roubou nada. Ele não precisou. A filha dela escolheu se casar com ele de boa vontade. Eles se apaixonaram, apesar de quem eram.

Eu pensei no que Nonna começou a me dizer sobre *Stelle Streghe*, sobre como elas foram incumbidas de serem as guardiãs dos Perversos.

— Ela era uma bruxa das estrelas?

Wrath assentiu.

— Era para ela ser uma guardiã entre os reinos, pense nelas como guardiãs da prisão de condenação. Sua filha deveria saber mais, ela deveria ser uma soldada primeiro. La Prima, como você a chama, ordenou que sua filha abandonasse o trono e voltasse ao coven, mas ela se recusou. La Prima usou o tipo mais sombrio de magia para remover o poder de sua filha e bani-la do coven. Teve

efeitos imprevistos para outras bruxas também. É por isso que algumas dão à luz a filhas humanas.

Eu mentalmente resolvi a história.

— O que você está dizendo é....

Verdade. Eu encarei ele. Nossas vidas inteiras nos contaram histórias sobre os Perversos e suas mentiras. Ainda assim, Wrath não podia mentir diretamente para mim por causa da magia de invocação. Eu testei e sabia que era um fato. O que ele estava dizendo, não importa o quão impossível parecesse, tinha que ser verdade.

Ou pelo menos ele acreditava que era.

— Por que você está ajudando ele a quebrar a maldição? Se ele está preso no submundo, não vejo por que isso preocupa você ou qualquer outro príncipe.

— Vários anos humanos atrás, alguma coisa quebrou os portões do Inferno. Disseram que era parte de uma profecia. Pride, sendo quem ele é, riu disso. Então sua amada esposa foi assassinada. Seus poderes diminuíram. Ele estava preso no Inferno, e os demônios menores começaram a nos testar tentando escapar pelas fendas dos portões.

Além da maldição, eu não conseguia acreditar que o segundo maior problema do Inferno era uma porta velha e frágil. Eu semicerrei os olhos para Wrath. Eu tinha uma suspeita crescente de que ele não tinha revelado a pior parte.

— E?

— Criaturas que não querem enfrentar as provações nos Portais dos Mil Medos escaparam. Os portões continuam a enfraquecer, apesar de nossos melhores esforços. É apenas uma questão de tempo até que quebrem completamente. Tentamos mantê-los afastados, mas algumas coisas já chegaram neste mundo.

— Como?

— Alguns demônios menores.

— O Viperidae?

— Improvável. Eles são invocados.

Não era exatamente reconfortante. Demônios estavam começando a invadir nosso mundo. E eu tive a sensação terrível de que iria piorar antes de melhorar.

— Há algo com que devemos nos preocupar em particular, então?

— *Você* deveria se preocupar com o demônio Aper, para começar.

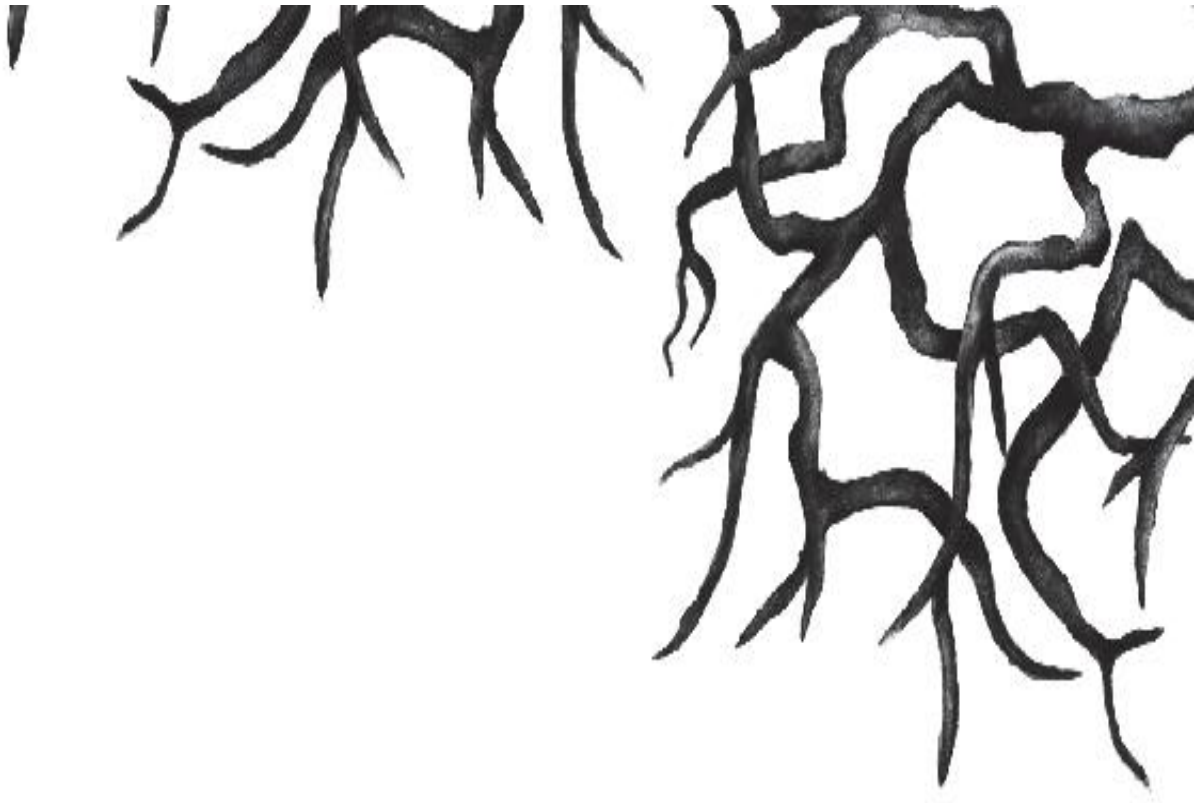
— O.... o quê?

— Demônio Aper. Cabeça de javali, presas de elefante. Enormes corpos reptilianos, cascos fendidos. Estúpidos como um boi, mas eles têm um gosto particular por sangue de bruxa. Mil dentes minúsculos em fileiras duplas os tornam perfeitos para drenar rapidamente um corpo.

O sorriso crescente de Wrath era positivamente perverso quando ele olhou por cima do meu ombro. Uma

fungadela molhada perto da base do meu pescoço me fez suar instantaneamente. Um casco bateu nos paralelepípedos, seguido por outro. O chão vibrou sob o que quer que tenha dado aqueles dois passos gigantescos. Uma sombra caiu sobre a mesa. Doce deusa acima, eu *realmente* não queria me virar.

— O quer que faça, bruxa, não corra.



TRINTA E UM

Não há maior ameaça para uma bruxa do que um demônio que anseia por seu sangue. Uma vez que sua sede seja provocada, ele perseguirá implacavelmente a causa de seu vício, parando apenas quando a fonte secar. Para se proteger dessa energia sombria, coloque um sachê de milefólio seco dentro de suas roupas a cada lua nova.

—Notas do grimório di Carlo

O aviso de Wrath veio um segundo tarde demais. Quando eu não estivesse concentrada em correr pela minha vida, mais tarde me perguntaria se foi intencional da parte dele. Eu levantei minhas saias e mergulhei nas ruas coloridas pelo crepúsculo, o som de perseguição soando ao meu redor.

Eu corri de um beco estreito para o próximo, pulando sobre cestas de produtos. Eu não olhei para trás com medo de perder o ímpeto. De jeito nenhum eu acabaria sem sangue porque fiquei curiosa. Enquanto esquivava de portas fechadas e me abaixava sob varais, o barulho de passos fendidos nunca vacilou ou diminuiu.

Eu não estava apenas apavorada comigo mesma, estava preocupada com qualquer humano desavisado, infeliz o suficiente para estar em meu caminho enquanto eu liderava um demônio faminto através das ruas apertadas. Quase tropecei quando a realidade se chocou

contra mim. Um demônio estava me perseguindo pelas ruas de minha cidade. De alguma forma, ele violou os portões do Inferno. E, se isso fosse apenas o começo.... Eu não conseguia terminar o pensamento.

Eu bati em um barril vazio e o joguei no caminho da besta. Meu atacante sobrenatural parou por um segundo antes da madeira quebrar. Não é bom. Meu sangue de bruxa me dava um pouco mais de força do que um humano, mas a criatura rasgou o barril como papel.

Meu pé ficou preso em um paralelepípedo e não pude evitar que a curiosidade mórbida assumisse o controle quando me apoiei contra um prédio e lancei um olhar por cima do ombro. Eu estava pronta para congelar de horror implacável quando a Morte me encurralou, sua boca, pronta para devorar meus ossos e tudo, mas nada estava lá. Eu cautelosamente olhei ao redor. Nenhum demônio espreitava atrás de roupas esvoaçantes. Nenhuma fungadela de nariz molhado quebrou o silêncio. O silêncio *sobrenatural* completo e absoluto.

Sangue e ossos.

Calafrios surgiram do nada. Como na primeira noite em que ouvi a voz sem corpo de um demônio Umbra, todos os sons de vida desapareceram ao meu redor. Eu não estava sozinha — eu só não conseguia ver nenhum perigo chegando. Mas eu sentia que estava se fechando — uma mão com garras se estendendo no escuro. Os demônios

devem ter a habilidade de se disfarçarem com algum tipo de feitiço. O que era *perfeito.*

Eu me virei e corri o mais rápido que pude, e dei de cara em um corpo que era gelado ao toque. Eu caí e andei como um caranguejo para trás, lentamente arrastando o olhar para a minha destruição. Aparentemente, eu estava errada sobre o encanto. Não estava se escondendo de forma alguma — apenas se moveu rápido demais para que eu pudesse ver. Não estava se movendo agora. O demônio Aper era tudo o que Wrath descreveu e pior. Sua cabeça enorme parecia quase perfeitamente a de um javali, exceto por seus olhos vermelhos brilhantes. Fendas pretas esculpidas no meio das írises, me lembrando de um gato saído do Inferno.

Eu fechei os olhos com força. Contei até dez e depois os abri novamente. O demônio estava realmente lá, e era ainda pior do que a primeira vez que olhei para ele.

Santa deusa.

Gotas grossas de baba preta escorreram por seu focinho enquanto seus dentes estalavam em antecipação. Seu hálito cheirava a pântano fétido em um dia quente de verão. Eu me levantei sobre pernas instáveis e lentamente me afastei daqueles violentos instrumentos de morte. O demônio seguiu.

Todo instinto que eu tinha gritou para eu fugir, mas me recusei a quebrar o contato visual com ele. Eu tinha a

sensação de que se virasse as costas, ele atacaria. Não importa o que eu tivesse que fazer para sobreviver, eu viveria para ver minha família novamente. O demônio se moveu rapidamente quando virei à esquerda, então me movi na direção oposta.

Mantivemos a mesma dança lenta até ficarmos presos em um beco sem saída. À minha direita, havia uma porta de aço grossa com uma pegada segurando o talo de alguma coisa pintado no metal. O demônio Aper estava diante dela, farejando o ar. A sede de sangue brilhava em seus estranhos olhos vermelhos.

Finalmente, lembrando-me do giz abençoado pela lua em meu bolso, eu lentamente me abaixei. Em um segundo estava de pé, no próximo estava no chão com dentes mordendo meu pescoço. A dor me atravessou, mas foi eclipsada por uma ameaça mais imediata. Milhares de dentes estavam prontos para sugar meu sangue. Uma respiração quente tocou minha pele, e um gemido baixo do demônio se seguiu. O pânico se instalou. Eu não morreria assim. Eu não podia.

Eu lutei descontroladamente, mas o demônio era muito forte. Ele recuou, pronto para cravar seus dentes e então...gosma cinza explodiu da besta.

Uma lâmina atravessou onde o coração do demônio costumava estar e sombras se contorceram como cobras do ferimento. Eu me encolhi e me afastei, observando a

adaga puxar as sombras e aparentemente absorver a força vital do demônio. A ponta parou a centímetros de perfurar meu peito. Eu prendi a respiração, esperando que a Morte desafiasse quem quer que tivesse roubado seu prêmio e me reclamasse de qualquer maneira.

Eu ergui os olhos, não para o rosto da Morte, mas para o demônio da guerra.

Wrath empurrou o gigante morto para longe e jogou sua carcaça de lado. Ele embainhou sua adaga matadora de demônios, então se ajoelhou. Sua expressão era tão dura quanto seu tom. O que foi útil — eu precisava de algo em que me concentrar, além do terror avassalador que me percorria.

— Lição número um: ao lutar contra um demônio, sempre tenha alguma arma à mão. Seja um giz de feitiço ou um encanto defensivo. Se você não tem magia defensiva, agora é a hora de se familiarizar com essa parte da sua linhagem. Demônios são predadores de ponta. Eles são mais rápidos e mais fortes do que você. Seu único propósito é matar, e eles são muito bons nisso.

Eu me inclinei contra o prédio, ofegante, esperando o tremor passar. Se Wrath não tivesse chegado naquele momento exato, minha família teria enterrado outra criança. Bom, se tivesse sobrado alguma coisa de mim para enterrar. Lágrimas pinicaram meus olhos. Eu fui

forçada a um jogo do qual nada sabia e estava perdendo. Seriamente.

— Consegue ficar de pé?

Eu mal conseguia respirar. Mas isso não tinha nada mais a ver com terror, agora eu estava pronta para atacar. E eu tinha meus olhos postos no príncipe demônio que pairava sobre mim. Eu me sentei e bati em sua mão estendida.

— O quê, você é meu professor agora?

— Uma oportunidade de transformar isso em um exercício ensinável surgiu por conta própria. Lições nunca foram parte da nossa barganha, então de nada.

Eu olhei para ele, sem palavras com o flash de preocupação que ele foi muito lento em esconder. Ele ficou genuinamente preocupado comigo. Eu estava tão chocada que me esqueci de retrucar.

Eu esperei mais um minuto antes de me levantar. O olhar de Wrath viajou sobre mim uma segunda vez.

Eu olhei para baixo para os fluidos cinza gelatinosos que assumi que eram as entranhas do demônio. Agora *eu* cheirava a um pântano fétido. *Fantástico.* Eu nunca pensei que sentiria saudades dos dias em que fedor de alho e cebola eram minhas maiores preocupações.

— Você reconhece esse símbolo? — Ele acenou com a cabeça em direção à porta com a pegada.

— Eu... — Tentei limpar a gosma de demônio do meu vestido. — Preciso de um minuto.

— Se serve de alguma coisa, eu não teria deixado o demônio matar você. Talvez uma leve mordida.

— Reconfortante como sempre.

Eu me aproximei dele e olhei para a porta. Eu estava apavorada com o ataque do demônio Aper, irritada com Wrath sobre a lição improvisada e agora o medo fez residência em meus pensamentos outra vez. Eu não tinha ideia de qual de seus irmãos usava uma pegada e não estava ansiosa para descobrir.

— Essa pegada é o símbolo da Casa Envy? — Perguntei. Wrath balançou a cabeça. — Algum dos seus irmãos exige um talo de trigo para suas invocações?

— Acredito que isso na verdade é um caule de erva doce.

Eu balancei a cabeça. Eu não queria saber como ele extraiu isso do símbolo bruto na porta. Mas isso forçou as peças do quebra-cabeça a se encaixarem em minha mente. Eu tinha visto esse símbolo recentemente, mas não conseguia me lembrar quando ou onde. Possivelmente em algum lugar na cidade enquanto perambulávamos pelas ruas. Ou talvez no diário de Vittoria? Ela fez muitos esboços e símbolos estranhos nas margens. Eu mal tinha dormido e os últimos dias afetaram minha memória. Assim que saíssemos daqui, eu iria direto para casa e pegaria o diário.

Wrath me lançou um olhar de soslaio.

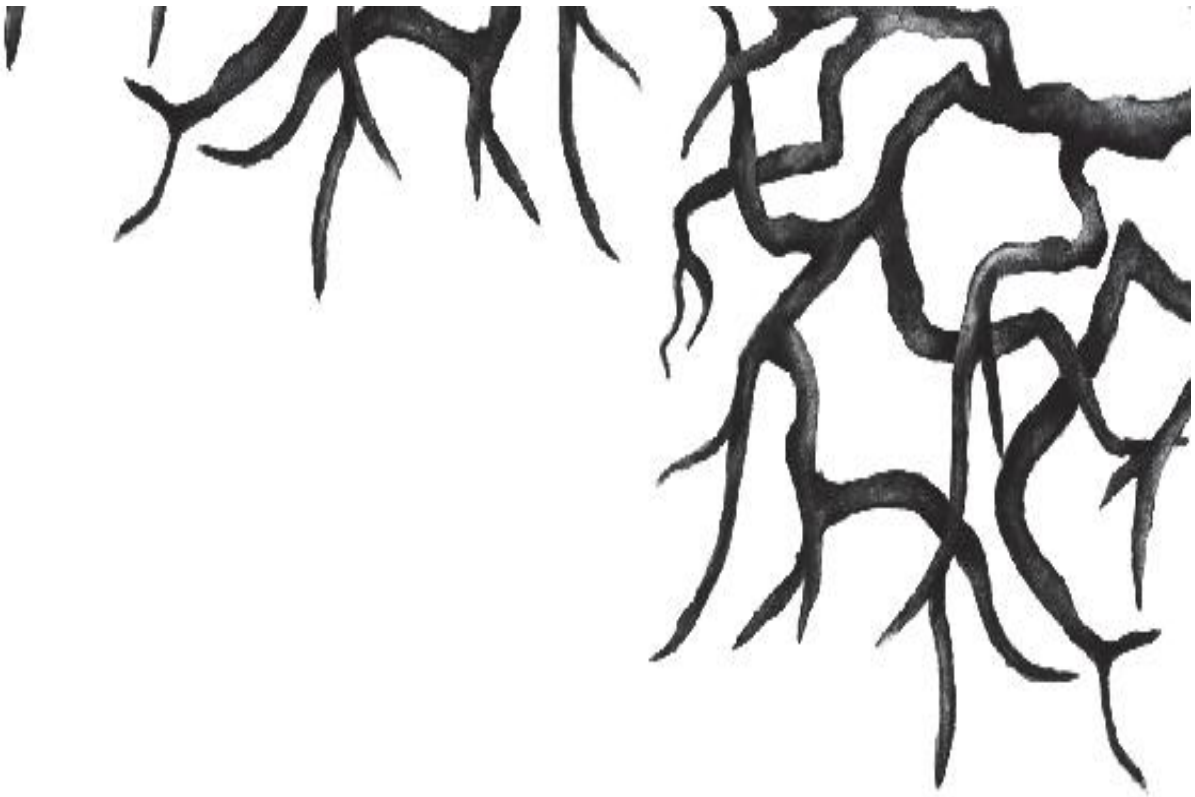
— Quer ver o que tem dentro?

Eu definitivamente não queria. Eu não conseguia escapar de uma sensação lenta e assustadora de pavor. Talvez tenha sido simplesmente uma coincidência que acabamos aqui, ou talvez seja parte de um projeto maior e mais sinistro. De qualquer forma, eu senti como se estivéssemos prestes a entrar na cova de um leão, e eu estava tão animada quanto um cervo sendo conscientemente levado a um abate. Eu engoli em seco.

— Sim.

Wrath balançou a cabeça uma vez antes de empurrar a porta, abrindo para nós.

— Mentirosa.



TRINTA E DOIS

Entramos em uma sala grande que estava cheia de caixas e armadilhas de pesca. Cordas penduradas em pregos enferrujados nas paredes. O piso de madeira rangia a cada passo. Eu não costumava me sentir desconfortável com edifícios, mas havia algo perturbador no espaço. Um zumbido leve e estranho deixou meus nervos ainda mais tensos. Partículas de poeira giravam ao luar.

Eu esperava que tivéssemos causado perturbação e que alguns demônios não estivessem à espreita. Eu realmente não queria enfrentar mais nenhuma criatura como o demônio morto lá fora. Wrath estava irritantemente inalterado. Ele caminhou pela sala com a facilidade de saber que era o predador mais letal. Ele inspecionou o equipamento de pesca e chutou uma âncora enferrujada que havia sido descartada perto de uma saída nos fundos.

— Parece que este local não é usado há algum tempo — ele disse.

— Você acredita que foi só uma coincidência que o demônio Aper me trouxe aqui?

Ele ergueu um ombro.

— Alguma coisa parece familiar?

— Eu...

Examinei o espaço. Redes de pesca, cordas, vários anzóis em formas estranhas pregadas na parede oposta e armadilhas de arame. Tudo parecia normal. Exceto pela

sensação que eu não conseguia nomear. Parecia familiar de uma maneira. Eu lentamente andei ao redor do perímetro, parando em cada peça do equipamento de pesca. Tem que ter alguma razão para termos acabado aqui. E eu estava tão perto de descobrir...

Eu peguei um gancho enferrujado e deixei cair novamente contra a parede. Era perfeitamente normal.

Suspirei. Eu não queria perder tempo tocando em cada gancho velho. Principalmente quando talvez eu tenha uma pista muito melhor esperando por mim em casa no diário de Vittoria. Ainda assim... eu não conseguia acalmar o puxão insistente em meu centro. Fiz outra varredura na sala, mas nada se destacou. Parece que o ataque do demônio Aper e este prédio vazio não tinha relação.

— Bom? — Wrath perguntou. — Você reconhece alguma coisa?

Nada além do símbolo que eu tinha *quase* certeza de que minha irmã havia esboçado em seu diário. Eu balancei a cabeça, querendo correr para casa para recuperá-lo.

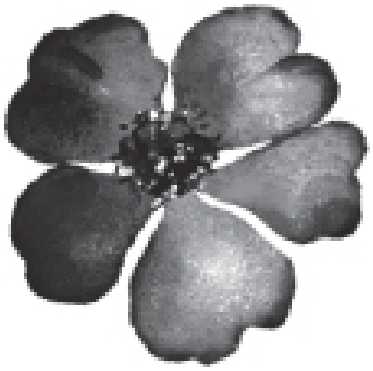
— Não.

— Muito bem. Vamos para casa.

Eu não disse que seu palácio roubado e arruinado não era minha casa e nunca seria.

— Tenho que ir buscar minhas coisas — eu disse. — Te encontro lá em breve. Você devia se livrar do demônio lá fora.

Antes que ele pudesse discutir, saí pela porta e me dirigi para casa.



Me apoiei contra o batente da porta do meu quarto e observei a carnificina. As tábuas do assoalho foram arrancadas e quebradas. Lascas de madeira cobriam o pequeno tapete de nós que Nonna fez para mim e Vittoria quando éramos pequenas. As penas flutuavam com a brisa que soprava da janela quebrada. Alguém foi *muito* agressivo com meu colchão.

Ou alguma coisa. Wrath disse que os príncipes do Inferno tinham que ser convidados para a casa de um mortal, mas, como eu descobri recentemente, essa regra não se aplicava a *todos* os demônios. Criaturas de castas inferiores do Inferno pareciam fazer o que bem entendiam. O Umbra passou por nossos feitiços de proteção e nenhum convite formal foi enviado. Wrath também mencionou que magia não funcionava com eles da mesma forma que funcionava com os seres corpóreos, então o problema

provavelmente era esse e não com nossos feitiços de proteção.

O que ainda não era reconfortante.

Mesmo sem entrar totalmente no quarto, eu sabia que o diário de minha irmã se foi há muito tempo, levando seus muitos segredos. Um demônio Umbra era o provável autor desse roubo. E isso trazia Greed de volta ao topo da minha lista de suspeitos. Ele era o único príncipe do Inferno, até agora, que eu sabia que os usava para cumprir suas ordens.

Eu me perguntei sobre aquelas noites em que pensei ter sentido alguém observando enquanto eu caía no sono. Era perturbador e invasivo, ter momentos privados se tornarem um espetáculo para olhos curiosos. Todas as vezes que eu me vesti ou tive um colapso de luto. Emoções cruas e descontroladas porque pensei que estava sozinha. Olhei pela janela, me perguntando se havia alguém lá fora agora, observando esse último horror se desenrolar.

Esfreguei minhas mãos nos braços, tentando me livrar dos arrepios repentinos. Se meu quarto não fosse no segundo andar, e eu não tivesse que passar pela casa inteira para chegar aqui, eu pensaria que o lugar inteiro tivesse sido saqueado. Além do meu quarto destruído, o resto da nossa casa estava intocado. E meus familiares também. De alguma forma, Nonna não deve ter ouvido nada incomum, porque ela estava dormindo pacificamente

em seu quarto no térreo. Todos os outros estavam no Mar & Vinha até terminarem o serviço de jantar. Graças à deusa.

Apenas para desencargo de consciência, atravessei os escombros e espiei o antigo esconderijo de Vittoria. As páginas do grimório que enfiei de volta lá depois que invoquei Wrath foram rasgadas. Os perfumes dela foram quebrados. Os bilhetes de amor estavam faltando, junto com seu diário.

Uma lágrima atingiu o chão. Seguida por outra. Eu senti como se estivesse caindo também. Escorregando entre as rachaduras e me perdendo no luto novamente. Ver as coisas de Vittoria amassadas e quebradas... era demais.

Cruzei os restos do que costumava ser nosso porto seguro e desabei sobre o que restou da minha cama. Afundou com meu peso, ficando torta e errada. Como tudo no meu mundo.

Um soluço se soltou. Quanto mais eu tentava lutar contra, mais incontrolável meu choro ficava. Que tolice pensar que não tinha mais nada a perder. Os demônios vieram e provaram que eu estava errada. Mesmo se eu arrumasse nosso quarto, nunca seria o mesmo novamente.

Os pertences da minha irmã e tudo que ela amava foram destruídos.

Vittoria tinha sido finalmente apagada do meu mundo. E agora eu não tinha certeza se sabia como continuar. Deitei de lado, puxei meus joelhos até o queixo e chorei. Eu

não me importava se havia um demônio incorpóreo assistindo. Eu não me importava se havia um caçador de bruxas, ou um príncipe do Inferno, ou um monstro humano sádico se deliciando com minha dor. Eu perdi algo que nunca recuperaria e chorei.

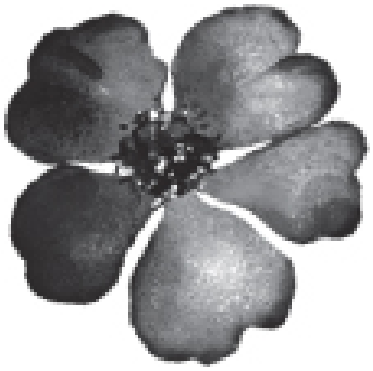
Se o demônio Aper fosse apenas uma pequena amostra do que estava por vir, minha cidade passaria muitas noites chorando pelos entes queridos roubados. Eu me senti tão impotente. Tão perdida e sozinha. Como eu poderia parar seres tão poderosos? A situação toda parecia impossivelmente desesperadora. Eu estava me iludindo pensando que eu tinha chance de solucionar os assassinatos e salvar outras vidas. Eu queria ajudar, mas isso não era o suficiente. Eu chorei até não ter mais nada. Eu odiava o quão alterado este mundo estava.

Demorou um pouco mais, mas finalmente sequei as lágrimas. Os demônios roubaram a vida da minha irmã e continuariam tirando e tirando até que fossem impedidos. E daí se eu não tivesse todas as respostas? Eu faria tudo o que pudesse para impedir que os portões do Inferno se abrissem. Era o suficiente.

Eu me levantei, me agarrei a raiva e fui pegar minha caneta e um pote de tinta. Eu escrevi um bilhete rápido para minha família, dizendo que os amava e prometi que ficaria bem, mas não podia mais ficar aqui. Eu jurei mantê-los à salvo, não importa o quê.

Ninguém mais que eu amava seria tomado de mim.

Eu usaria a magia mais sombria para ter certeza disso.



— Como vai você? — Eu perguntei a Claudia. O rosto dela manchado e seus olhos inchados.

— Por favor, entre. — Ela abriu a porta de casa e eu entrei. As cortinas estavam todas fechadas. Velas pretas brilhantes queimavam e tremeluziam em quase todas as superfícies, exalando um perfume apimentado. Um altar cheio de ossos de animais e ramos de ervas secas adornavam o topo de uma pequena arca na sala de estar. Um espelho estava na parede atrás dela, refletindo a cena macabra para mim. Quase tinha me esquecido de que a pobre Valentina tinha sido assassinada.

Parecia que foi há um ano, não apenas um dia.

— Está bem?

— Não tenho certeza. Sinto uma mistura estranha de emoções. — A voz de Claudia estava baixa. Ela fez sinal para que nos sentássemos em um sofá surrado diante do altar de luto. — No começo, senti como se alguém tivesse

arrancado meu coração também. Depois me senti entorpecida. E agora... — ela fungou, balançou a cabeça. Ela não encontrou meu olhar.

— Agora você quer vingança.

Ela ergueu os olhos bruscamente e limpou o nariz.

— Isso é errado?

— Não. Eu costumava achar que era, mas não mais. — Eu me virei e agarrei suas mãos. — Você tem um feitiço para fazer uma barreira que seja poderosa o suficiente para matar um demônio se ele tentar cruzá-la?

O aperto de Claudia aumentou e ela endureceu a mandíbula.

— Acho que sim.

— Mesmo um invisível?

— Sim.

— Bom — eu disse. — Eu quero que você lance uma barreira ao redor de sua casa imediatamente e na minha, se você puder, também. Você precisa de sangue para o feitiço? — Ela abaixou o olhar novamente e assentiu. Eu imaginava. Magia sombria exigia pagamento. Eu soltei suas mãos e puxei para trás uma das mangas transparentes do meu vestido. — Eu só preciso de uma faca, dois frascos, um pouco de óleo de lavanda e uma bandagem.

— Emilia, você não pode...

— Eu posso — eu disse, firmemente. — Quero ajudar de qualquer maneira que puder.

— Tudo bem. — Minha amiga se levantou. Sua tristeza foi substituída por algo mais agudo, mais raivoso. Algo que reconhecia em mim agora também. — Vou buscar a lâmina.

TRINTA E TRÊS

Wrath não pronunciou uma palavra quando entrei em seu palácio roubado e subi as escadas. Eu imaginei que ele sentiu minhas emoções furiosas e foi cortês o suficiente para me dar um amplo espaço.

Ele me observou em silêncio, uma sobrancelha irritante levantada, enquanto eu puxava a bandagem no meu braço e desaparecia de vista. No terceiro andar, no final de um corredor elegante, encontrei um quarto que era cinco vezes maior que o quarto que eu dividia com Vittoria.

Eu provavelmente deveria odiá-lo por ser tão bonito, mas não podia.

Tinha paredes azul gelo com uma tapeçaria da cor do sol e uma cama de dossel — bem no meio — que eu poderia rolar pelo menos três vezes e não cair. Uma sala de banho de azulejos com uma banheira embutida ao chão e um espelho de corpo inteiro anexado e, mesmo com algumas rachaduras e lascas, decidi que definitivamente serviria.

Porém, dada a cama e a tapeçaria novas, talvez eu não tivesse sido a primeira pessoa a pensar que eu gostaria deste quarto. Eu queria ficar aborrecida por Wrath ter adivinhado certo, mas estava exausta e não estava com a capacidade de sentir muita coisa. Foi um dia longo e terrível.

Eu retirei meu próprio cobertor, joguei-o sobre o colchão e alisei-o. Em seguida, joguei o travesseiro e, embora não fosse muito, me senti um pouco mais em casa. Especialmente porque minha casa não parecia um lar depois que meu quarto foi invadido e destruído. Antes de começar a chorar de novo, entrei na câmara de banho e abri a torneira.

Depois de limpar meu rosto e escovar meu cabelo, decidi que minha próxima tarefa seria tirar uma soneca. Entrei em meu quarto e parei. Wrath estava deitado esparramado em minha cama confiscada, um braço

envolto em seu torso, o outro dobrado atrás de sua cabeça escura.

Sua posição foi forçada ao casual, mas seu olhar afiado denunciava sua tensão. Ele estava vestido de preto novamente e parecia o tipo de homem que usava a cor da cabeça aos pés. Eu me perguntei quem ele planejava espancar hoje à noite, dada as suas razões para gostar tanto da cor.

— Você está bem?

Cruzei os braços e olhei para ele sem emoção.

— Não.

Ele estreitou os olhos, sua atenção fixa na minha bandagem.

— O que aconteceu?

Ergui um ombro. Eu não estava com vontade de responder às suas perguntas. Mas eu queria que ele respondesse algumas das minhas.

— Greed e Envy querem o Chifre de Hades. Você deve querer também. Por que não tira essa metade de mim?

Wrath não mordeu a isca, mas sua expressão endureceu assim como seu tom.

— Por que você simplesmente não faz a pergunta que está realmente interessada em saber?

— O diário da minha irmã foi roubado. Alguém destruiu nosso quarto e as coisas dela.

— E você acredita que eu tenho alguma coisa a ver com isso? — Seus olhos me avaliaram. — Não é apenas um diário, é?

— Não. — Eu soltei um suspiro frustrado. — Ela colocou algum feitiço de bloqueio nele, usando magia demoníaca. Eu consegui quebrar, mas não me deu as respostas que estava procurando.

Wrath silenciosamente considerou a informação que compartilhei. Era uma oferta de paz por ter brigado com ele e parecia que ele entendera isso.

— Eu teria ajudado você a quebrar o feitiço se tivesse me pedido.

Eu atravessei o quarto e me joguei na cama ao lado dele, ignorando o olhar indignado que ele atirou em minha direção quando ele saltou no lugar. Eu estava cansada até os ossos e só queria que o dia acabasse. Depois da revelação sobre o enfraquecimento dos portões do Inferno, minha próxima prioridade era encontrar meu amuleto. Se eu tivesse o Chifre de Hades inteiro, poderia ser capaz de trancar os portões antes que qualquer outro demônio saísse. Mas eu precisava dormir um pouco para pensar direito.

— Temos algo planejado hoje à noite?

— Sim.

— Alguém mais fez o acordo com Pride?

Ele assentiu.

— Isabella Crisci.

— Quando saímos?

— Ao crepúsculo.

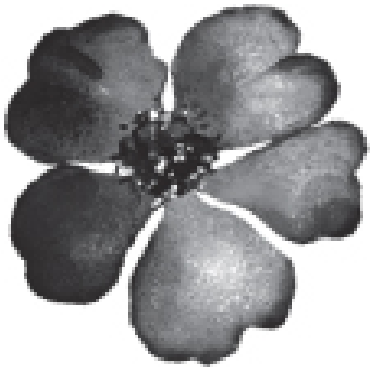
Eu puxei o travesseiro de trás dele, enfiei debaixo da cabeça e fechei os olhos. Uns sólidos trinta segundos de abençoado silêncio se passaram antes dele me cutucar nas costelas. Eu abri um olho.

— Faça isso de novo, e eu vou te esbofetear com um feitiço de contenção.

— O que você está fazendo?

— Me preparando para a guerra. Agora vá embora.

Ele murmurou alguma coisa baixinho que eu não entendi. Nem me importei. Eu não fui inteiramente sarcástica. Eu precisava estar bem descansada e esperta para encontrar meu *cornicello* e me preparar para qualquer outro pesadelo infernal que a noite traria.



Quando acordei várias horas felizes depois, Wrath tinha ido embora. Graças às estrelas. Às vezes, especialmente quando eu estava exausta, eu tinha a tendência de me mexer muito e falar durante o sono. Vittoria costumava me

provocar sem parar, o que era bastante embaraçoso, mas seria dolorosamente estranho se acontecesse na frente do príncipe demônio.

Eu me sentei e o cobertor que havia sido colocado cuidadosamente sobre mim caiu. Eu olhei para ele, franzindo a testa. Eu tinha quase certeza de que tinha adormecido em cima dele.

— Olá?

Examinei o quarto silencioso e vazio. Wrath não estava se escondendo. Não que eu esperava que ele estivesse. Demorei um pouco para perceber o porquê. Estava quase escuro lá fora, e ele disse que precisávamos sair ao anoitecer. Pulei para fora da cama e desci correndo as escadas, gritando o nome do demônio.

Tudo estava tão quieto quanto as catacumbas.

— Sangue e ossos. — O príncipe malvado me deixou para falar com a bruxa sozinho. Eu marchei ao redor do palácio vazio, fervendo. Ele deveria ter me acordado. Eu tinha tanto direito de estar lá, quando ele estivesse conversando com Isabella, quanto ele. Wrath obviamente não queria que eu potencialmente a dissuadisse de aceitar a barganha do diabo. Achei que éramos parceiros. Eu estava com tanta raiva que poderia gritar.

Depois do dia que tive, precisava liberar minha frustração. Eu não podia simplesmente ficar sentada, esperando que outra pessoa se movesse. Especialmente

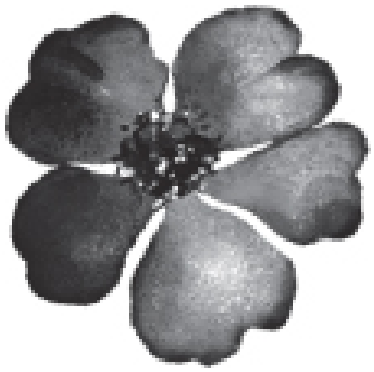
agora que eu sentia mãos invisíveis marcando o tempo que restava antes que os portões do Inferno quebrassem totalmente. Eu não podia gastar energia ficando com raiva. Eu tinha que sair e ver se encontrava meu *cornicello*. Voltei para o meu quarto e notei um vestido em cima de uma cadeira no canto.

Eu peguei. Era preto da cor da meia noite com raízes douradas costuradas no corpete, semelhantes às páginas do grimório que usei para invocar Wrath. Pequenas serpentes também foram tecidas. Extraordinário não estava nem perto de descrevê-lo.

— *Testa di cazzo.* — Contudo, somente um idiota pensaria que um vestido bonito compensava uma promessa quebrada.

Eu o vesti mesmo assim. É adequado às minhas necessidades esta noite.

Sussurrei uma oração para a deusa da boa sina e esperava que ela me abençoasse com um pouco de sorte.



Eu não sabia para onde estava indo, mas sutilmente segurei o *cornicello* da minha irmã e segui um sussurro de sentimento. Funcionou quando eu precisei encontrar o antro de jogos de Greed, então decidi pensar em meu amuleto e ver o que acontecia. Eu não tinha certeza do que estava sentindo agora, mas segui a sensação conforme ela ficava mais forte.

Eu marchei por ruas íngremes agarradas a penhascos e finalmente parei para olhar para o mar. Barcos de pesca multicoloridos balançavam perto da costa.

Era pacífico, mas eu não tinha que parar para admirar o mundo mundano do qual não fazia mais parte. Não que eu realmente já tenha pertencido. Mas antes disso tudo, eu podia pelo menos fingir.

Dei alguns passos além do penhasco e o sussurro que me chamava parou. Eu voltei os passos e ele voltou também. Eu examinei a área, observando uma fogueira que começou a brilhar abaixo de mim. Havia algo aqui que a magia queria que eu encontrasse. Um grupo sombrio de pessoas começou a se reunir em uma enseada escondida em um espaço entre dois penhascos elevados, quase totalmente escondido de vista. Eu invejei as pessoas lá embaixo por sua ignorância de todas as criaturas da noite.

Segurei o *cornicello* de Vittoria em meu punho e fechei os olhos com força, silenciosamente ordenando-o que me conduzisse ao meu próprio amuleto. Não havia tempo para

festas ou frivolidades. Eu levantei o pé para começar de novo, mas alguma coisa não me deixou ir.

Eu abri os olhos e encarei a festa. Se minha irmã estivesse viva, ela estaria lá embaixo com eles, dançando. Eu quase podia vê-la lá agora, dançando e rindo. Seus braços erguidos para louvar a lua cheia. Eu queria tanto que ela estivesse aqui que meus olhos arderam. Eu soltei seu amuleto e respirei fundo. Vittoria teria me arrastado até lá para dançar, beber e viver.

E agora ela estava morta e eu estava aqui de pé, sozinha.

Uma magia poderosa e brilhante encheu minhas veias. Eu estava com mais raiva do que já estive há algum tempo. E talvez tenha sido essa raiva feroz que me fez decidir esquecer sobre encontrar meu *cornicello*. Havia outras doze famílias bruxas vivendo secretamente em Palermo. Qualquer uma delas poderia tentar impedir que os demônios invadissem nosso mundo. E ainda assim, nenhuma delas tentou. Talvez eu *deveria* ter sido mais como minha irmã gêmea. Eu teria dançado, rido e esquecido que o mundo era um lugar solitário e assustador por algumas horas. Ainda haveria pesadelos para lutar amanhã e outras batalhas para travar. Hoje à noite, eu queria fingir que as coisas estavam normais.

Mesmo que fosse uma mentira. Todos os outros pareciam contentes em viver em um mundo de fantasia.

Eles não podiam me culpar por querer experimentar isso por uma hora também. E quem sabe? Talvez se eu encontrasse uma maneira de liberar um pouco do estresse, seria capaz de pensar com mais clareza.

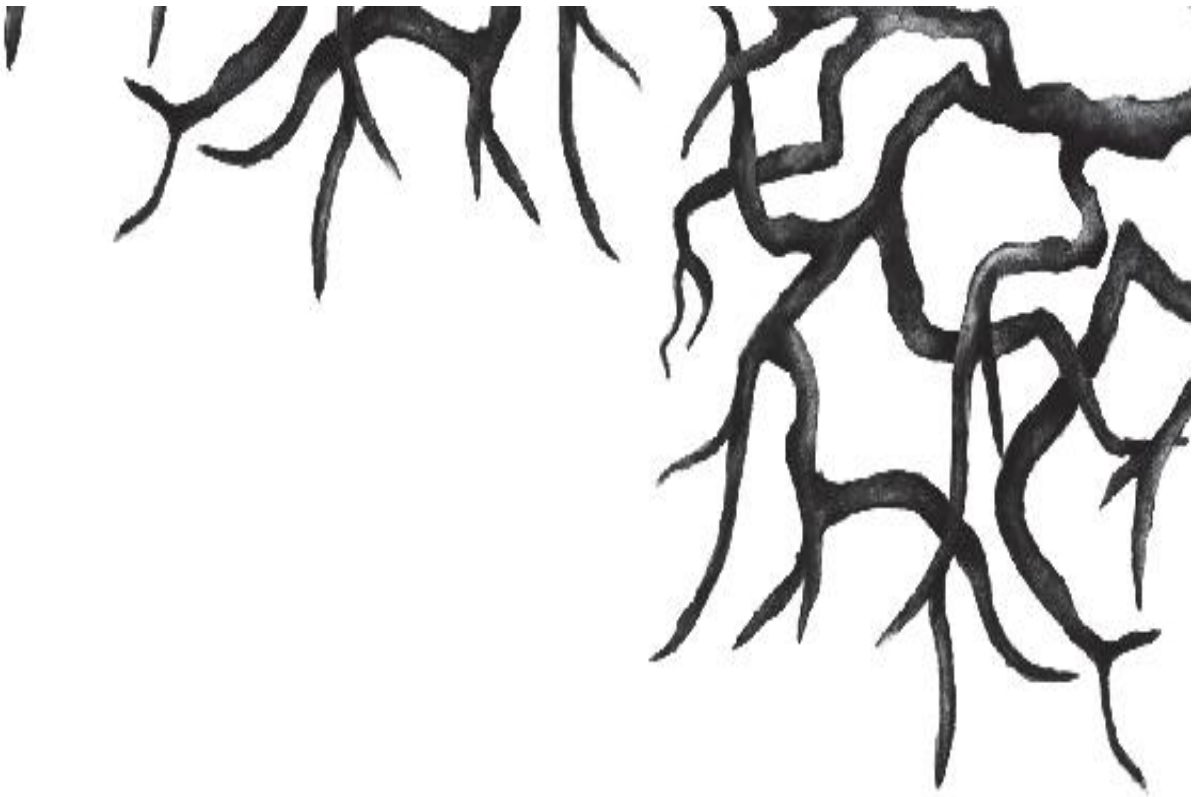
Decisão tomada, eu segui o caminho íngreme e estreito para a água e sons de alegria. Eu corri os dedos sobre a grama alta, descendo cuidadosamente as escadas entalhadas no penhasco.

À distância, os pescadores gritavam sobre conchas marinhas. O mar sussurrava, suave e feroz. As ondas atingiam a costa. Gaivotas grasnavam. Sussurros me seguiam, provocavam, muito baixos para eu escutar.

A deusa gritou em advertência.

Presa em meus pensamentos, eu não ouvi os sinais. Uma sensação avassaladora de medo me atingiu quando meus pés tocaram a areia, mas então já era tarde demais.

Eu já tinha alcançado a fogueira furiosa.



TRINTA E QUATRO

Os Rituais da Filha da Lua devem ser observados durante cada lua cheia. Para liberar o que não serve mais a você, você precisará de uma vela azul claro, uma tigela de água, caneta, papel e um punhado de sálvia para queimar.

—Notas do grimório di Carlo

Começou inocentemente, como se o Prazer tomasse forma humana e arrastasse um dedo frio pela minha espinha, traçando pequenos círculos sobre minha pele corada. Eu levantei meus braços e arqueei com a sensação. Felicidade, pura, radiante e consumidora, me encheu.

Se eu fiquei com raiva um momento antes, de pé no alto dos penhascos, era uma memória esquecida no segundo em que eu andei pela areia. Se eu estive preocupada com a invasão de demônios, não conseguia mais me lembrar por quê. Tudo o que eu conhecia era êxtase.

Eu estava tão preocupada com a felicidade que só queria dançar; balançar meus quadris e sentir outro corpo se movendo no mesmo ritmo que o meu. Rítmico, alegre, sem restrições. Como se meu desejo tivesse convocado um parceiro, mãos invisíveis percorreram meu corpete, descendo pelo meu torso, agarrando minha bunda.

Eu arfei. Não dei um tapa em meu parceiro ousado. Eles me deram o que eu queria no segundo em que o pensamento entrou em minha mente. E eu *gostei*.

Música e risos tamborilavam por toda parte. A batida era vida. Atraente. Ela chamava meus instintos de bruxa mais primitivos. Eu me movia sem pensar, entregando-me completamente à natureza e aos meus sentidos. Eu girei para longe do meu parceiro invisível de dança, e minha saia e meus cabelos voaram.

O vestido de serpentes e raízes que vesti mais cedo me lembravam de um lugar selvagem — eu joguei a cabeça para trás e absorvi os raios de sol que morriam. Talvez eu tivesse deixado meu corpo e fosse uma nuvem. Era tão bom apenas ser livre, mover-se e esquecer. Aqui, perto do fogo crepitante e das pessoas invisíveis dançando, eu não pensava em assassinatos, ou em maldições, ou em criaturas do submundo, e chifres do diabo.

Eu não pensava em amuletos e diários roubados.

Dançando, aqui na praia, eu só conhecia paz, alegria e prazer. Eu não precisava me preocupar com nada. Eu podia ficar aqui, passando de uma sensação boa para a próxima, para sempre. Ele estava vindo para mim. Meu rei. Minha maldição. Não sei como soube, mas eu sabia.

Equilíbrio. Luz e escuridão. O sol e a lua. Bem e mal. Uma cobra serpenteando por um canteiro de flores silvestres. Oferecendo o sabor do fruto mais proibido. As

balanças de justiça foram derrubadas; uma escolha pendurada lá para eu decidir. Para consertar um erro ou condenar todos nós.

Uma vozinha gritou em advertência, isso estava terrivelmente *errado*, mas foi silenciada quando a música e o movimento varreram ao meu redor, através de mim. Os sussurros ficaram mais altos, mais frenéticos. Eu os empurrei para longe.

Devo ter tirado minhas sandálias, as solas dos meus pés escorreram pela areia quente e fui dominada pela sensação. Tudo parecia tão *bom*. Tão intenso. Como se todos os meus receptores de prazer tivessem sua taxa normal aumentada em cem vezes. Eu não sabia que era capaz de *sentir* tanto.

Eu mexi os dedos dos pés, rindo enquanto grãos de areia deslizavam entre eles, fazendo cócegas e provocando. Alguém me entregou uma taça de vinho e eu bebi profundamente. O gosto era doce, forte. Maçãs mergulhadas em mel e abençoadas pelas estrelas. Era uma das coisas mais deliciosas que já provei. Vittoria teria amado. Eu bebi mais — talvez para esquecer, talvez porque eu queria.

Então meu copo se foi e fui puxada para outra dança.

Eu queria ficar aqui pela eternidade, perdida nesses bons sentimentos. E parecia que eu tinha. Aqui eu não

estava de luto. Eu não tinha que chorar. Aqui eu podia simplesmente viver.

Minutos se passaram, talvez horas ou dias; o tempo não tinha sentido. Eu me movia e balançava, fechava os olhos e ouvia os sons encantadores da água, os murmúrios das vozes que pertenciam a pessoas que eu não conseguia ver. Aquelas mãos invisíveis de mais cedo se tornaram exploradoras ousadas, mapeando o território desconhecido que era meu corpo. Elas deslizaram para baixo, mais baixo...

— *Lembre-se.* — Uma voz estranha sussurrou para mim. — *Inferus sicut superus.*

Assim como acima, também abaixo. Havia uma memória enterrada lá, contornando a minha mente por fora.

Alguma coisa penetrando em meu braço, fria e afiada, me sacudiu do meu transe. Meus olhos se abriram. O medo me alcançou com seus tentáculos gelados novamente, mas tão rapidamente quanto aconteceu, se foi. Substituído por prazer. Êxtase. Liberdade total e completa de todos os pensamentos. Eu gostava daqui, no fundo de um casulo de esquecimento.

Então eu vi ele.

Ele cortou caminho entre a praia lotada como uma lâmina, sua raiva deixando a alegria pacífica em chamas. Meu parceiro de dança invisível desapareceu, mas eu mal

percebi. Havia uma criatura muito mais interessante se aproximando. A mais assustadora e selvagem. Vagamente, senti que deveria correr na outra direção. Que ele era uma besta carnívora e eu era um cordeiro, tropeçando cada vez mais perto do perigo. Em meio a um grupo de figuras sombrias, ele ardia intensamente — a única forma que não estava escondida.

Eu pensei em fogo, em nuvens de fumaça e chamas lambendo o ar. O que me fez pensar em arrastar minha língua sobre *ele*, ver se ele era tão quente quanto a energia que emanava dele. Batidas de bateria. Meu coração disparou. Queria sentir prazer em todos os níveis.

Eu queria um feitiço para engarrafar esse sentimento e beber quando quisesse.

Magia era vida, e a vida era feita fazendo amor e se sentindo bem, e nossos corpos tentavam constantemente nos lembrar de *viver*. Eu havia passado as últimas semanas consumida pela morte e destruição — eu precisava de equilíbrio. Eu merecia. Assim como acima, também abaixo.

Ele parou diante de mim, sua expressão cautelosa.

— Hora de ir, bruxa.

Dificilmente. Eu girei para longe, mas ele agarrou minha mão, me girando de volta até que bati contra seu corpo. O calor saiu dele e me envolveu. Tive a mais estranha das sensações de que deveria odiar.

— Olá, demônio. Vamos dançar.

— Você precisa sair daqui. Imediatamente.

— Por quê?

— Porque você está arrancando suas roupas e olhando para mim como se as minhas fossem as próximas.

Eu olhei para baixo e ri de surpresa. Eu estava *tentando* desfazer o espartilho do meu corpete, mas ele frustrou meus esforços. Sua mão tatuada cobriu a minha. Eu olhei para ele, a testa franzida.

— Você não quer me ver nua?

— Eu já vi.

— E?

— Se você ainda quiser arrancar suas roupas quando chegarmos em casa, podemos discutir isso então.

Uma explosão de gelo em meu braço apagou as chamas do desejo. Então eles voltaram com força total. Eu desisti de tentar remover meu vestido e me concentrei nele. Eu fui para o botão da sua calça, e ele habilmente recuou. Ele era uma criatura difícil. Coloquei minhas mãos em seu peito e as arrastei para baixo em vez disso. O poder vibrou sob meu toque. Respondeu a mim. Era intoxicante.

— Para a personificação viva do pecado, você não é muito pecador.

Eu o puxei para perto. Batidas de bateria. A paixão despertou. Ele fechou os olhos. Eu pressionei mais perto, e ele não me impediu desta vez. A música ficou abafada. Eu

balancei automaticamente contra ele. Eu queria que ele me tomasse em seus braços e nos dançasse através do céu.

O demônio teimoso não se moveu.

— Por que você não me toca? — Passei meu polegar sobre seus lábios e ele gentilmente mordeu, segurando meu dedo no lugar. Se ele quis fazer isso como impedimento, não funcionou. Ele abriu os olhos e fiquei impressionada com a beleza deles. — É porque eu sou uma bruxa?

Ele arrastou as mãos grandes pelos meus braços. Me inclinei, esperando que ele esmagasse seus lábios contra os meus. No fundo da minha mente, me lembrei dele dizendo que um dia eu imploraria para ele me beijar. Que eu amaria ou detestaria, mas ainda assim desejaria. Ele não estava errado. Eu o odiava... por me negar. A expectativa estava crescendo a um ponto que era quase doloroso. Quando ele finalmente trouxe suas mãos para meus pulsos, em vez de me puxar para mais perto, ele gentilmente me empurrou, me segurando com o braço esticado.

— Existem muitas razões. Uma delas é porque você está sob a influência do meu irmão. — Ele olhou por cima do meu ombro, sua expressão proibitiva. — Lust.

Intrigada, eu lentamente me virei. O desejo queimou cada pensamento consciente que já tive. O Príncipe da Lust tinha pele dourada, cabelos escuros e um corpo que

Michelangelo provavelmente usou como inspiração para suas esculturas. Eu não apenas o queria, eu *precisava* dele. Eu ansiava por sua atenção tanto quanto ansiava por seu toque.

— Olá, Signorina di Carlo. Você é absolutamente deliciosa, não é?

Sua voz era sobrenatural. Prazer misturado com dor. Fiquei extasiada e apavorada. O gelo formigou em meu braço. A mesma sensação insistente que continuava me assombrando. Entorpeceu minhas emoções por tempo suficiente para eu compreender totalmente o horror do que estava acontecendo. O que ele estava fazendo.

Lust usou sua influência sobre mim. E foi muito pior do que Envy. Ele me fez me sentir tão bem, tão feliz, que esqueci quem eu era. O que eu queria. E o que eu odiava acima de tudo. Ou talvez eu não tenha esquecido totalmente do meu ódio, mas certamente não me importei. Chamas apaixonadas arrasaram meu pensamento consciente, e fui mais uma vez dominada por pura necessidade animalesca. Eu tinha desejo pela vida, por diversão, por...

O príncipe demônio me rodeou. Ele usava um paletó prateado desbotado — sem uma camisa — e calças combinando que caíam tão baixo em seu quadril que eu poderia morrer. Um círculo de chamas pousava em sua cabeça. Seus olhos eram carvão. Penetrantes. Neles eu vi

uma piscina sem fundo de desejo. Eu queria arrancar minhas roupas e mergulhar.

Comecei a me mover em direção a ele, mas alguém me agarrou pela cintura. Eu parei de tentar escapar, me concentrando no calor atrás de mim. A forma sólida. O poder. Eu quase tinha esquecido o quanto eu queria *ele*.

Lust deve ter sentido minha mudança de emoções. Ele olhou de mim para seu irmão, sua expressão indescritível. Ele começou a falar, mas eu estava distraída por muitas sensações. Sua voz, a brisa quente, o cheiro de Wrath e a fricção de seus braços fortes enquanto ele me segurava no lugar. Lust continuava falando. Minha mente tentou se concentrar em suas palavras, não no formato de seus lábios.

Ele se aproximou de onde estávamos. Os braços de Wrath eram faixas de aço ao meu redor.

— Você sabe o que isso significa, bruxa? — Eu juntei minhas sobrancelhas. Seu sorriso era feito de belos pesadelos. — Vá, dance. Aproveite a festa. Esta é uma rodada prática antes da Festa do Lobo.

Um cheiro familiar flutuou em minha direção, acenando. Lavanda e sálvia branca. Vittoria! Ela estava aqui... se eu fosse dançar, encontraria...

Pare, a mesma voz sussurrou no fundo da minha cabeça. Era um truque. Vittoria estava morta.

— Não.

Fiquei tão surpresa com a minha recusa quanto Lust. Sua expressão mudou de desejo para fúria.

Ele estalou os dedos e sua influência sobre mim desapareceu. Meus joelhos se dobraram. Se Wrath não estivesse me segurando, eu teria caído. Toda a felicidade e êxtase que senti foram arrancados, me deixando vazia e trêmula. Terror me atravessou. O que ele fez... as coisas que senti. Eu queria arrancar minha pele. Ou talvez eu quisesse afundar minhas unhas nele, a criatura que violou minhas emoções. Que me fez esquecer e querer coisas que eu deveria temer. O vinho que eu tomei repentinamente apareceu; eu me inclinei, jogando tudo para fora. Wrath não me soltou.

— Por que você está aqui? — A voz de Wrath era calma, baixa. Um arrepio desceu pela minha espinha.

— Para entregar uma mensagem, querido irmão. Você é necessário em casa. Imediatamente. — Seu olhar foi para mim. — Não se preocupe. Vou cuidar da sua amiguinha. Eu tenho muito a dizer a ela. Histórias de demônios e bruxas. Vilões e heróis. Maldições e a vingança de um rei.

— Não. — Meus dedos se cravaram no antebraço de Wrath. — P-por favor.

Não sei se foi a maneira como minha voz falhou, ou se ele estava esperando por uma oportunidade por seus próprios motivos, mas um segundo Wrath me tinha em seus braços, e no próximo eu estava atrás dele e sua

lâmina estava enterrada profundamente no peito de Lust. Ossos se esmagaram. Ele torceu a adaga, sangue escuro escorrendo do ferimento.

— Não volte aqui novamente. Eu vou para casa quando estiver pronto. — Ele puxou a adaga, limpou-a nas calças. E esperou. — Vejo você no Inferno, irmão.

Eu não tinha certeza do que me perturbou mais — a indiferença fria no rosto de Wrath enquanto ele assistia seu irmão morrer, ou a eficiência brutal do ataque.

Eu sabia que ele era perigoso, mas ver isso....

Lust tossiu, olhou para sua ferida mortal. E sumiu de repente. Assim, desapareceu completamente de vista, como se nunca tivesse estado aqui.

Eu desabei na praia, encarando o espaço que o príncipe demoníaco uma vez ocupou. Lágrimas escorreram pelo meu rosto. Eu vomitei novamente e Wrath observou impassivelmente. Depois que parei, ele se ajoelhou ao meu lado. Eu não conseguia olhar nos olhos dele.

— Ele está morto?

— Não. Ser atingido por uma lâmina da Casa apenas corta os laços com este reino. Ele está de volta ao reino e não será capaz de usar seus poderes por um tempo.

Uma pequena benção em meio à maldição.

— Que bom.

Wrath me deu um pano para limpar meu rosto. Não sei de onde ele tirou, e não me importei.

— Lust pega as emoções agradáveis que você tem e as infla. Você pode experimentar um vazio agora. Imagine como um poço, a influência dele esgota rapidamente o estoque. Onde antes você era extremamente feliz, você sentirá um grande contraste. É um inferno à sua maneira. Dar a alguém o melhor prazer, apenas para arrancá-lo antes que o agarre totalmente. Feito com bastante frequência, enlouquece os mortais. No entanto, você deve ficar bem em breve.

— Ele não teria... — Fechei minhas mãos em punho ao meu lado. — Me feito...

Wrath balançou a cabeça.

— Não.

— Mas eu senti... havia mãos invisíveis. — Eu também não esqueci o quanto estava me esforçando para tentar tirar minhas roupas na frente de Wrath. Ou o quanto eu queria que ele me tocasse.

— Manifestações do seu desejo. Elas eram uma parte de você, não outra pessoa ou outra coisa.

Havia pouco conforto nisso. Lust pode não ter me violado fisicamente, mas a manipulação emocional era igualmente ruim. Ele distorceu a bondade até que ela foi envolta em maldade. Wrath estava certo. Parecia que eu tinha caído — como se estivesse voando alto, e o vento parou abruptamente e eu mergulhei nas profundezas do mar gelado abaixo. Um vasto abismo de nada me engoliu.

Eu queria me enrolar no chão e dormir pela eternidade. Eu não me importava com a maldição. Ou a sensação incômoda de que aprendi algo importante. Não me preocupava mais com o assassinato de minha irmã. Ou vingança. Nada mais importava.

Eu devo ter dito essa última parte em voz alta.

Wrath estendeu a mão e roçou levemente os nós dos dedos sujos de sangue contra a lateral do meu pescoço. O lugar exato em que pensei que ele me beijou na noite em que me salvou do Viperidae. Eu estremeci e ele abaixou a mão.

— *Valeas.* — Seja forte. — Vai voltar em breve.

TRINTA E CINCO

“Em breve” se transformou em uma semana. Eu mal notei a passagem de tempo. Fiquei na cama, bloqueei a luz do sol e me recusei a tomar banho. Eu tinha pouca energia e motivos para me importar, menos ainda. Eu não visitei minha família ou o restaurante. Não procurei meu amuleto nem pensei sobre os portões do Inferno. Eu mal dormia. Quando dormia, continuava ouvindo uma voz estranha. Quando eu acordava, a mensagem urgente era esquecida.

Eu não me importava. Não importa.

O mundo parecia estar desabando ao meu redor, e às vezes eu arfava pelo que pareciam horas, incapaz de respirar o suficiente. A vida dói. Todo o prazer se foi. Qualquer coisa que uma vez teve sentido foi esquecido há muito tempo, enterrado profundamente em um vazio que eu não podia romper. Minha irmã era uma memória distante. A vingança estava enraizada na paixão e, portanto, eu também não tinha mais nada disso.

Se Wrath estava zangado ou irritado com minha incapacidade de se livrar dos últimos vestígios do poder de seu irmão, ele não deixou transparecer. Pelo menos não da maneira que eu esperava.

Ele não era a babá mais graciosa ou paciente. Mas ele nunca estava longe, sempre rondando perto do meu quarto emprestado no palácio arruinado. Às vezes, quando eu estava naquele lugar nebuloso entre o sono e o despertar,

eu via ele acampado em uma cadeira ao lado da minha cama. Seu cabelo e roupas amarrotados. Uma vez, pensei que ele segurou minha mão. Mas quando me levantei daquela nebulosidade quase impenetrável, ele se foi. Ele trazia comida três vezes ao dia e quando eu me recusava a comer, ele sentava lá, carrancudo, até eu comer. Lutar contra ele exigia muita energia. Então eu comia.

Às vezes, eu olhava para as linhas cuidadosas de suas tatuagens. De perto, a cobra metálica que começava em sua mão direita e se enrolava em volta de seu ombro era uma obra prima — cada escama cintilava. Era mais do que ouro, havia pedaços de prata e carvão — sombras e luz. Eu olhava fixamente para ela quando ele trouxe minha próxima refeição. Eu me perguntei se nossas tatuagens combinando iriam evoluir com detalhes intrincados ao longo do tempo. Eu parei de me importar.

Ele estendeu mais comida.

Globos de uvas vermelhas rechonchudas. Pedaços de queijo duro. Leite quente adoçado com mel e especiarias. Carnes curadas e outras coisas nas quais parei de prestar atenção. Ele era um caçador poderoso que trazia despojos da guerra para casa. Eu me perguntei quando ele desistiria e me deixaria em paz.

— Quando você começar a fazer por conta própria.

Eu não achei que perguntei em voz alta. Eu não me importava se ele leu minha mente. Afastei seu punhado de

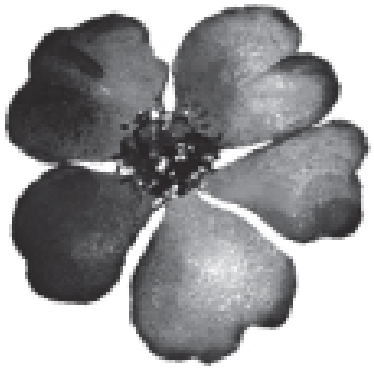
uvas e rolei para o lado. E deixei o mundo ao meu redor desaparecer.

Em algum lugar, à distância, pensei ter ouvido Wrath falando. Ele estava me contando uma história sobre uma bruxa. Um dia, seu coração foi arrancado dela, não fisicamente, mas emocionalmente. O vazio só era preenchido quando ela saía em busca de vingança, e mesmo assim sua dor nunca estava longe. Então, quando ela estava perto de descobrir algum segredo há muito esquecido, ela conheceu um príncipe terrível. Ele se deliciava em obter o pouco prazer ao qual ela se agarrou, deixando-a vazia e vulnerável.

Eu desliguei o som da voz de Wrath. Eu não me importava com essa história. Eu conhecia o final.

Vittoria se foi. Eu estive lutando contra a dor da sua perda com tudo o que tinha, agarrando minha busca por justiça como se fosse minha única corda para o mundo.

Agora que minha vontade de me agarrar a ela se foi, não havia mais nada.



Duas semanas, foi quando sua paciência acabou, aparentemente. Em uma manhã ou noite — eu parei de prestar atenção — fui retirada da cama e jogada, sem cerimônias, em uma banheira, com roupas e tudo. Saí da água, tirei os fios de cabelo do rosto e olhei com raiva para o demônio. Ele me encarou de volta e uma pequena faísca de raiva finalmente acendeu.

— Você perdeu completamente sua maldita...

Minha repreensão morreu quando observei a cena peculiar ao nosso redor.

Velas colocadas em círculo no chão gotejavam lágrimas cerosas, suas chamas oferecendo um brilho suave contra o crepúsculo que fluía. Eu não sabia dizer se era anoitecer ou amanhecer. As janelas foram abertas, permitindo que o ar fresco deslizasse ao redor do quarto de banho. Em algum ponto, durante minha convalescença, Wrath pendurou coberturas de janela. Lindos painéis de tecido transparente flutuavam ao vento.

Ele não tinha parado de redecorar.

Uma linha de areia circundava a banheira junto com dezenas de flores de laranjeira perfumadas e jasmim-manga. Minhas flores favoritas. Meu olhar disparou para ele em acusação.

— O que é isso?

— Representações de cada elemento. — Ele acenou com a cabeça para os itens em questão. — Terra, ar, fogo e

água. Acho que não preciso explicar mais.

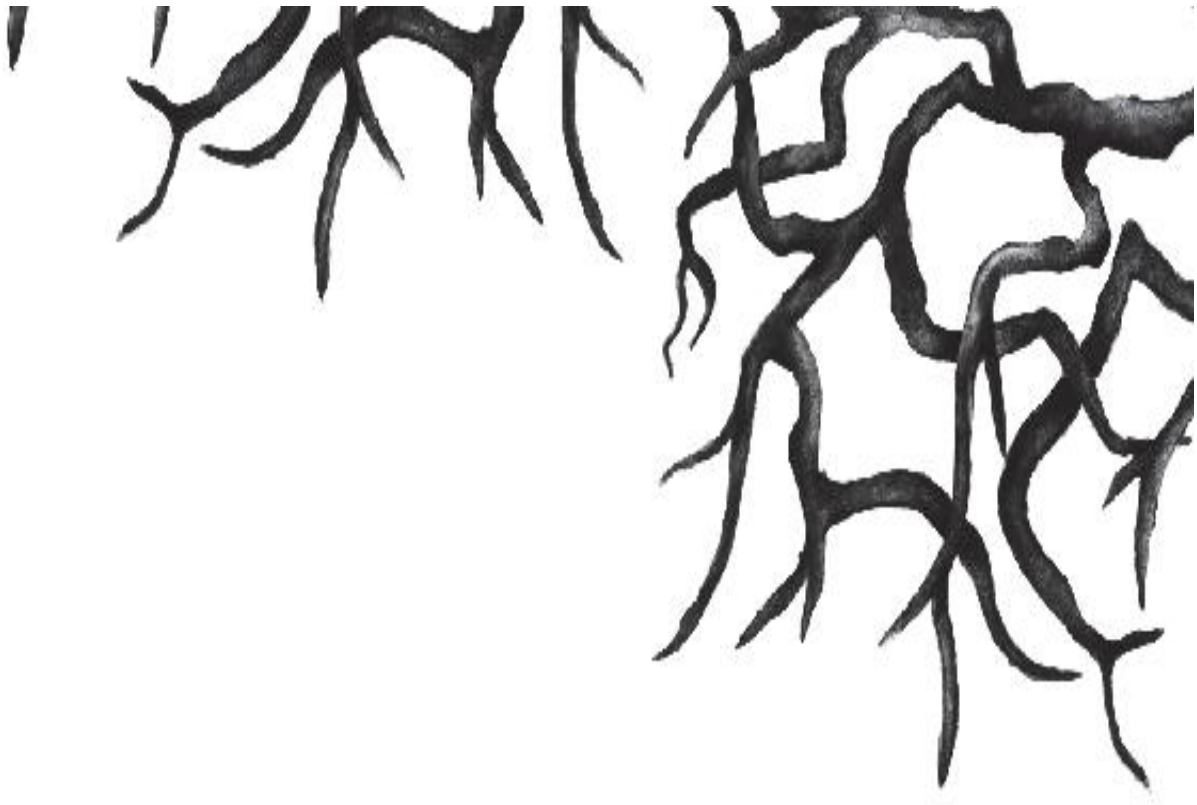
Ele não precisava. Eu sabia exatamente o que significava. Eram oferendas para as deusas ajudarem a guiar uma filha da lua de volta da escuridão. Eu olhei ao redor da câmara novamente, minha pulsação acalmando. Adicionar flores de laranjeira e jasmim-manga foi um pouco demais — a areia teria servido bem para a porção de terra do ritual. Eu não apontei isso, no entanto. Eu estava....surpresa que o demônio até mesmo conhecesse nossos costumes. Eu relaxei contra a borda da banheira e fechei os olhos, deixando a magia dos elementos se infiltrar em minha alma. Uma paz sonolenta se estabeleceu dentro de mim.

Eu ouvi passos recuando e esperei até que ele tivesse quase ido embora.

— Obrigada.

Ele deve ter me ouvido. Eu não sussurrei e — mesmo com as janelas abertas — não havia nenhum outro barulho vindo das ruas. Mas a única resposta que ele ofereceu foi o estalo suave da porta se fechando atrás dele. Eu inalei o cheiro agradável de flores de laranjeira e adormeci. Mais tarde, eu pegaria algumas delas e as teceria em meu cabelo. Quando entrei mais fundo na água, finalmente entendi por que ele trouxe as flores. Não eram para o ritual. Eram para mim.

A fragrância delas foi o primeiro pedaço verdadeiro de prazer que senti depois que este me fora roubado.



TRINTA E SEIS

— Existem vencedores e vítimas. Decida quem você quer ser. Ou a escolha será feita por você, bruxa. E eu duvido que você vai gostar.

Eu joguei a cabeça para trás e gemi.

— É um jogo de escopa, não uma batalha entre a vida e a morte. Você é sempre tão dramático?

Wrath fez uma careta por trás de suas cartas pintadas à mão.

— Muitas lições valiosas são aprendidas com jogos de estratégia. Só os tolos os desacreditam.

— E apenas uma criatura teimosa do Inferno leva a sério um simples jogo de cartas.

Eu peguei outro cannoli do prato que Wrath colocou na minha cama. Quando saí do banho envolta em meu novo robe de seda, ele estava esperando com sobremesa e cartas. Ele sutilmente observou enquanto eu devorava outro, parecendo satisfeito por ele ter feito um trabalho aceitável ao lembrar o tipo de comida humana que eu amava. Eu erroneamente assumi que mais relaxamento fazia parte de seu plano mestre para restaurar minha saúde e bem-estar ideais.

Eu não fazia ideia de que estaríamos jogando jogos de guerra. Subitamente, desejei o banho novamente.

A bênção elemental fez maravilhas para minhas emoções. Eu estava pronta para voltar e solucionar o

mistério em torno do assassinato de minha irmã. E encontrar meu amuleto perdido. Pelo menos, em teoria. Na verdade, estava petrificada de encontrar outro príncipe do Inferno. Cada um que conheci até agora foi pior do que o anterior.

— Quanto tempo leva para um príncipe demônio se restaurar depois de...

— Ser estripado?

— Na verdade, pensei que você mirou no coração dele.

— Eu perfurei um pulmão. Talvez quebrei algumas costelas. — Seu tom estava cheio de decepção. — Imagino que ele já esteja quase curado. — Ele me examinou. — Ele não vai te incomodar novamente.

— Certo. Um príncipe do Inferno que se delicia em atormentar os outros removendo toda a felicidade e prazer, vai de repente criar consciência, e nunca tentará *aquele* truque asqueroso novamente.

— Oh, ele definitivamente tentará de novo. Mas você vai impedi-lo.

Engoli a última mordida do meu terceiro cannoli, de repente me sentindo enjoada.

— Existe um feitiço ou encanto que mitiga influência demoníaca? Os irlandeses esculpem cruzes com madeira de tramazeira e as usam para manter as fadas afastadas. Vocês devem ter objetos que ofereçam proteção contra vocês também.

Ele ficou em silêncio por um tempo desconfortavelmente longo. Eu ergui os olhos e lutei contra a vontade de recuar. Estava se tornando muito fácil esquecer o que ele realmente era. Então, havia vislumbres como este, que me deixava preocupada sobre quando *ele* exerceria sua influência sobre mim.

— Eu e os meus deixamos os monstros cautelosos, bruxa. Eu não tenho medo, eu *sou* o medo. Galhos, frutas e ferro prendem os fracos. Você acha que eu sou fraco? — Eu balancei a cabeça e Wrath mostrou os dentes em um sorriso que era absolutamente petrificante. — Está assustada?

Eu engoli em seco.

— Não.

Ele me encarou por um minuto, mas não apontou a mentira.

— Meu mundo é dividido em um princípio simples: *eu acredito que sou poderoso, logo sou*. Se eu estou convencido de minhas habilidades, os outros vão captar minha confiança. Isso faz com que parem, mesmo que por um segundo, enquanto reavaliam uma ameaça potencial. Qualquer vantagem que você possa se dar será útil quando lidar com meus irmãos. O lema deles sempre será “conheça seus inimigos”. Torne isso difícil. Portanto, para responder à sua pergunta, não, você não precisa de um feitiço, encanto ou bugiganga de proteção falsa. Você

precisa confiar em si mesma e em seu poder. Ou eles vão torturar e provocar você pela eternidade.

Assim que meu coração parou de bater violentamente, eu lancei a ele um olhar cético.

— Você acha que posso conseguir isso tudo jogando cartas?

— Sim.

— Tudo bem, digamos que você está certo. Como um jogo de escopa pode me preparar para lutar com sucesso contra um príncipe do Inferno?

— A vida muitas vezes oferece uma mão que você não escolheu. — Wrath se acomodou de novo, a tensão no quarto liberando com ele. Ele estudou suas cartas cuidadosamente, então colocou uma na mesa. Um valete. Eu praguejei. Era a terceira vez consecutiva que ele fazia isso. — É como você acaba jogando a seu favor que conta.

Eu zombei.

— Isso foi sorte, não estratégica.

— Os dois são necessários. Mas pode-se argumentar que a sorte melhora com uma estratégia bem pensada. — Ele ergueu os olhos. — Você vive por noções arcaicas de magia da luz e das trevas quando o poder não é bom nem ruim. É a intenção que realmente importa. Por não estudar *todo* o poder, você fechou opções. Não aperfeiçoar cada arma em seu arsenal é uma estratégia ruim de sua parte.

— Nonna amaria esse conselho.

Seu olhar endureceu.

— Se sua avó é contra você aprender a se defender, eu começaria a fazer perguntas. — Wrath respirou fundo, seu tom se tornando mais agradável. — Se você quer se tornar uma verdadeira jogadora neste jogo de assassinato e engano, comece estudando seus oponentes. Saiba quem eles são, o que querem e observe-os de perto. Quando estiver bem familiarizada com seus hábitos, você facilmente identificará mentiras. — Um lado de sua boca se ergueu quando eu perdi outra mão e amaldiçoei o diabo. — Trabalhe suas emoções. Você é governada pelo fogo, e fica facilmente irritada e excitada. Qualidades que não são ruins em certos casos, mas são prejudiciais ao enfrentar seu inimigo. Não torne fácil para eles lerem você. Eles certamente farão tudo o que puderem para frustrar seus esforços em descobrir a verdade deles.

— Já considerou dar aulas no Inferno? Você certamente adora lecionar.

— Zombe de mim o quanto quiser. Isso não nega o fato de que estou certo.

— E, oh, tão humilde sobre isso.

— O mundo e seus habitantes estão constantemente mudando, portanto, nós, príncipes do Inferno, continuamos a afiar nossas mentes e habilidades. É a ausência de arrogância que nos permite continuar sendo os mais temidos. Não acreditamos que sabemos de tudo,

acreditamos na adaptação. Adote esses mesmos princípios ou vai acabar extinta.

— Eu acredito que você ama o som da própria voz. Talvez você devesse me deixar ensiná-lo a experimentar uma gama mais ampla de emoções.

— Um dia, talvez eu deixe.

Ele colocou suas cartas de lado e me estudou. Eu não sabia dizer se o brilho sombrio em seus olhos era o de um predador circulando sua presa, ou o sinal de leve interesse por outros propósitos. Ou talvez... talvez ele estivesse me admirando daquela forma que alguém faz quando notam você pela primeira vez sob uma luz diferente. Mais estranho ainda, eu não tinha certeza de qual esperava mais.

Um lampejo dos meus desejos na praia passou pela minha cabeça.

Minha pulsação ficou mais forte quando ele lentamente se inclinou para frente, seu olhar queimando no meu. Por um momento, pensei que ele fosse me beijar. Ele se recostou abruptamente. Eu soltei um suspiro.

— Quando você pisou na praia pela primeira vez, imagino que sentiu influência demoníaca. Estar ciente é a chave para lutar contra isso. Nosso poder está em sentir suas emoções, inflando aquelas nas quais prosperamos. Quando perceber isso, você tem o poder de mudar seu foco e sentimentos para outro lugar. A qualquer momento você

poderia ter se afastado do encontro de Lust. Você só precisava acreditar que podia.

— Você está sugerindo que o que ele fez foi *minha* culpa?

Wrath se levantou. Eu não tinha percebido como ele estava vestido com elegância, ou o cuidado que ele teve arrumando o cabelo. Ele usava uma jaqueta preta como tinta com cobras douradas bordadas nas lapelas, calça preta e botas que brilhavam com polimento recente. Ônix e dourado, suas cores favoritas. Ele estava... bonito. Ele percebeu para onde minha atenção havia mudado e um lado de sua boca se ergueu.

— Estou sugerindo que você tem um poder inexplorado, Emilia. Distorça minhas palavras, distorça os significados o quanto quiser. Esse é o jeito mortal.

— Não estou distorcendo e não sou humana. Seus irmãos são sádicos.

— Príncipes do Inferno não são bons nem maus. Simplesmente *somos*.

— Sim. Eles simplesmente *são* monstros maliciosos.

— E ainda assim, você continua dizendo “eles” e não me inclui em sua avaliação dos meus irmãos. — Wrath balançou a cabeça. — Por que isso?

— Eu... — Inalei profundamente. — Porque até agora, Greed, Envy e Lust fizeram coisas terríveis. Você não. Mas

isso provavelmente é apenas por causa do feitiço que usei em você.

Wrath não parecia mais divertido.

— Pratique ler as pessoas, especialmente quando suas expressões parecerem frias ou distantes. Observe sua boca contraindo, os olhos desviando. Qualquer estremecimento ou sinal de seus verdadeiros sentimentos quando você está fazendo perguntas desconfortáveis.

— Alguma outra dica, senhor adaptável?

— Você vive em um reino de livre arbítrio, aceite isso e você já derrotou seus inimigos. Você *sempre* tem o poder da escolha, mesmo quando essas escolhas parecerem limitadas. Nunca se esqueça disso.

— Ah, sério? *Sempre*? — Minha raiva acendeu. — A minha irmã teve a escolha de viver ou morrer? Porque tenho certeza de que outra pessoa decidiu isso por ela.

— Existem destinos piores, bruxas.

— Tais como?

— Viver em meu mundo. — Ele se virou e foi para a porta. — Volto logo. Se você ficar entediada, verifique a cômoda ao lado da sua cama. — Ele parou no corredor e olhou por cima do ombro. — Não sugiro deixar o palácio hoje à noite.

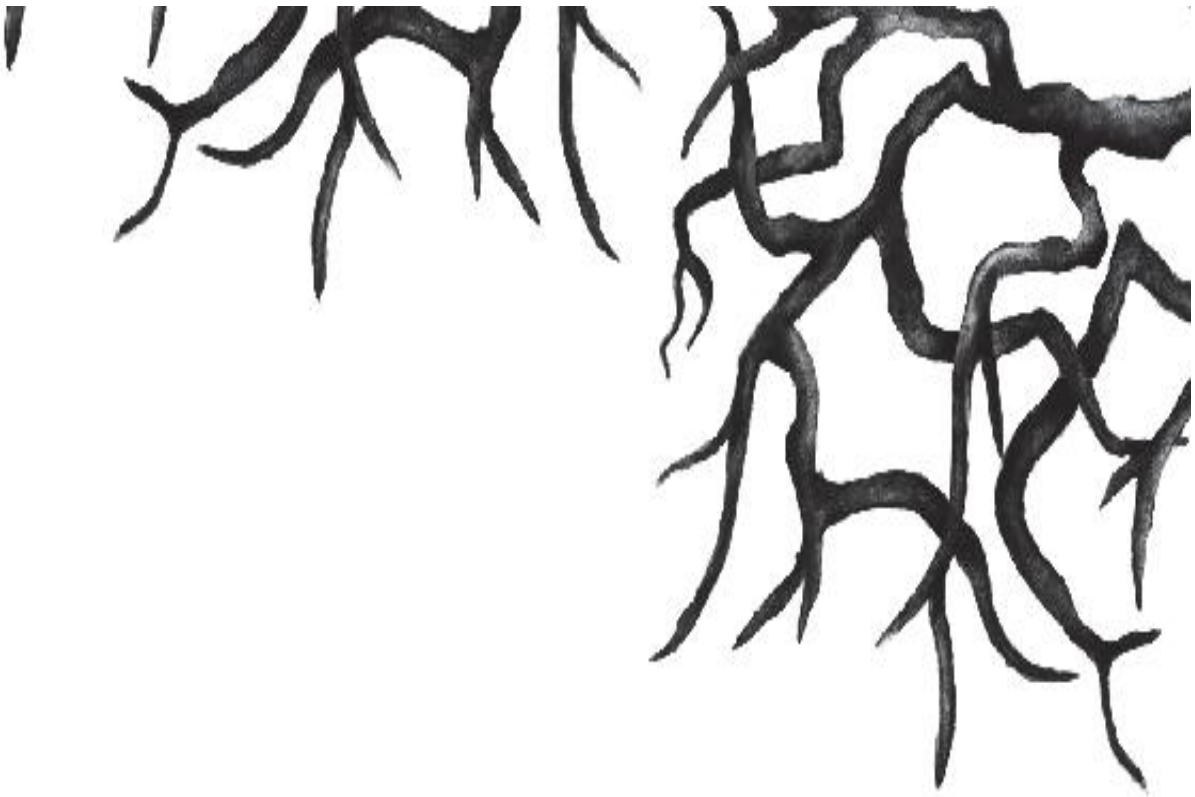
— Por que não? — Chamei atrás dele.

Ele não se incomodou em responder, já havia partido. Eu me perguntei sobre suas roupas, sobre a maneira como

ele penteou o cabelo. Parecia querer causar uma boa impressão.

Me levantei e comecei a andar pelo quarto, olhei pela janela e me joguei de volta na cama. Eu distraidamente torci uma mecha do cabelo, pensando em tudo que ele disse sobre vencedores e vítimas. Então comecei a pensar sobre livre arbítrio e escolhas. E *então* comecei a ficar chateada por ele estar sendo um hipócrita infringindo o meu livre arbítrio.

Eu fiquei sentada por vinte minutos, contemplando por que, se eu tinha livre arbítrio, estava ouvindo ele. Eu tinha coisas importantes para fazer e havia perdido muito tempo. Eu vesti um vestido cinza escuro simples sem mangas que ele deve ter adquirido recentemente e me esgueirei para a noite que caía rapidamente.



TRINTA E SETE

Velas das Trevas só devem ser usadas sob as mais terríveis circunstâncias. Acenda uma vela azul marinho ou roxa, espalhe um punhado de pó de nitro ao redor de sua base e invoque o mal dos confins do norte e do sul.

—Notas do grimório di Carlo

A luz da lua se espalhava como sangue prateado pelos telhados e pingava nas ruas. Ainda era cedo o suficiente para que poucas pessoas pudessem sair. Algumas carregavam pacotes do mercado, outras se apressavam, parecendo cansadas e desgastadas depois de um dia duro de trabalho.

Graças à natureza de recarga do banho elemental, eu não estava mais cansada ou esgotada, mas as últimas semanas haviam cobrado seu preço. Quando coloquei flores de laranjeira no cabelo antes de sair, notei a agudeza do meu olhar e o brilho de suspeita que não existiam antes. Eu ainda era a mesma Emilia, apenas mais um pouco cautelosa e nervosa. Eu pensei nas últimas semanas de minha irmã e me perguntei como, se ela se encontrou com algum dos príncipes do Inferno, ela escondeu isso de nós.

Talvez ela tenha *ficado* nervosa, instável. E talvez fosse por isso que Nonna apontava todos os sinais das deusas. Ela sabia que a tempestade estava vindo. Eu estive muito focada em refutar afirmações fantásticas para notar.

Eu me apressei pelas ruas, grata por não estar sozinha. Eu não queria encontrar nenhum demônio, real ou não. Permanecer no palácio magicamente protegido era sem dúvida sábio, mas eu não poderia me esconder de meus muitos inimigos para sempre. Ficar lá também não me ajudaria a aprimorar minhas habilidades em observar as pessoas falando e ver se estavam mentindo. Cada dia que ia e vinha poderia trazer um novo assassinato de bruxa. Quando eu finalmente consegui me livrar do meu desespero induzido por demônio, pensei em algo que tinha perdido antes. Alguma coisa que pode não significar nada ou pode ligar tudo. O mosteiro.

Eu não conseguia parar de me perguntar por que minha irmã esteve lá duas noites seguidas. Depois que Vittoria foi preterida para preparar os corpos dos mortos, ela quase nunca pisava lá. Eu pensei sobre o círculo de invocação localizado na câmara onde minha irmã gêmea morreu. Se não foi ela quem fez, então significava que foi outra pessoa. Alguém que pode ser responsável por invocar Greed e Envy. Talvez eu pudesse pegá-lo no ato de fazer outro círculo. Não era muito, mas era alguma coisa.

Graças à influência demoníaca de Lust, eu perdi as últimas duas semanas e...

Claudia caminhava pelo pequeno pátio que separava o dormitório do mosteiro. Lágrimas escorriam por seu rosto. Ela puxava o cabelo, resmungando. Suas saias estavam

sujas e rasgadas, manchas escuras e desbotadas estavam respingadas por seu corpete. Eu corri para o lado dela; ela não pareceu me notar. Ela estava uma bagunça absoluta — o que não era surpreendente, considerando o assassinato de sua prima duas semanas atrás.

— Claudia? — Eu cuidadosamente estendi a mão para ela. Ela se recusou a erguer os olhos. — Você está bem?

— Eles disseram para nunca usá-los. Nunca usá-los.

— Usar o que?

— Ossos e espelhos pretos. Espelhos pretos e ossos. Pilhas de corpos e cinzas dos caídos. Ossos dos mortos, e os mortos são pó porque eu vi as asas do corvo batendo contra a lua crescente. A lua é uma presa, esperando para afundar seus dentes em todos nós. Devorando. Devorando sangue e osso até virar pó.

Ela caiu de joelhos, tentando sem sucesso arrancar pedras da rua. Sangue seco cobria suas unhas. Elas estavam rachadas e quebradas.

— Eu ouço. Sussurra para mim e às vezes é tão alto que mal consigo pensar.

Fiquei olhando para baixo, horrorizada ao notar que o chão estava marcado com várias linhas longas e finas, como se ela estivesse o arranhando há algum tempo.

— Claudia, por favor. — Eu me inclinei para colocar minhas mãos sobre as dela, mas ela se esticou e sibilou

como uma criatura selvagem, seus olhos vazios de reconhecimento. Eu me afastei. — O que aconteceu?

— Pó. Pó. Somos espelhos em pó. Somos crânios sem carne, ossos sem medula. Morte. A morte seria bem-vinda. Nenhum é bem-vindo. E você... — seu olhar escuro disparou para o meu — você vai queimar e queimar, e a lua terá sua vingança, e o sol vai nos engolir e não vai sobrar nada. Estrelas. As estrelas estão aparecendo e caindo como penas arrancadas do poderoso corvo porque ele deseja a carne deles e ela deseja alimentá-lo até que ele se empanturre, mas ele nunca ficará satisfeito. Ele é o pecado e está feliz por isso.

Espelhos pretos eram usados para a vidência, e algumas pessoas também usavam ossos de animais, embora Nonna tenha alertado contra o uso de itens tocados pela morte. Ela argumentava que o futuro apenas deveria ser visto pelos vivos, que as coisas que apodreciam nas profundezas do solo haviam se transformado em outra coisa e saído deste reino, e, portanto, não estavam mais preocupadas com o que estava por vir.

Pelo que eu sabia, Claudia usava apenas um punhado de pedras preciosas ou velas de feitiço.

Ela balançou para frente e para trás, sussurrando. Suas palavras eram apressadas e misturadas com um pânico frenético. Ela não estava mais falando exclusivamente em italiano, e eu não entendi metade do que ela disse. Eu não

pude evitar, mas temia que ela estava repetindo mensagens de criaturas que eu não gostaria de encontrar pessoalmente. Eu tentei alcançá-la novamente, não querendo deixá-la sozinha nesse pesadelo.

Ela lutou para fugir, mas passei meus braços em volta dela, alisando o cabelo úmido de sua testa.

— Shh. Shh. As estrelas não estão caindo. Estamos seguras.

— Seguras. Seguras com correntes e fechaduras e espelhos pretos sem chaves. — Claudia balançou em meus braços. — Eu ouço a coisa, ou alguém. É difícil de dizer. Todos estão falando ao mesmo tempo, os ossos dos mortos e a poeira das estrelas e a lua devoradora com seu sorriso malicioso. A deusa que é e não é, é vingança.

Uma terrível suspeita se formou em meu estômago.

— Você usou ossos humanos?

— Dizia que eu saberia. Que eles me contariam. Os mortos não deveriam se importar. Os mortos não têm mente, não têm vontade. Sem memória. Nossas mentes foram feitas para esquecer. As fechaduras não cabem nas chaves. Apenas usei os ossos porque me disse. Estrelas lindas deveriam iluminar o caminho, me levar até eles. Eu deveria ajudar. Eles não vão parar de gritar... faça eles pararem de gritar!

— Quem está gritando?

— Os condenados! Eles pensam que queimam, mas há destinos piores do que fogo e cinza.

Era irritantemente soa semelhante ao que Wrath disse mais cedo.

Claudia jogou a cabeça para trás e gritou, levantando um exército de arrepios no meu corpo. As luzes se acenderam nos dormitórios do mosteiro. Eu a segurei com força, tentando impedir que ela se debatesse. Ela precisava ficar quieta antes que a irmandade chegasse.

— Está tudo bem. Tudo está bem. Respire.

— Espelhos pretos. Olhos queimando. A morte vem trazendo amizade. *Inferus sicut superus*. O livro precisa de sangue. Ele anseia por isso. O sangue o quebra. — Ela me empurrou para longe e se virou. — Esconda seu coração. Esconda antes que... — Ela bateu no meu peito, balançando a cabeça. Lágrimas escorriam por seu rosto. — Tarde demais. Eles pegaram o relógio e o enfiaram embaixo de rocha e terra. Morte. Ossos e pó e gritos. Se foi. A mudança está aqui.

— Que mudança você viu?

— *Angelus mortis.* Ele está indo e vindo, e é um ladrão astuto que roubou as estrelas e as bebeu até secar. Ele vai pegar você. Você já se foi. No final, você escolhe. Mas ele também é escolhido. Eu vou ficar de luto. Estou de luto. Como folhas ao vento. — Claudia arrancou o que eu só poderia supor que fossem folhas imaginárias do chão e as

soprou de sua palma. — O anjo da morte reclamou você. Mudou você. Você está aqui, mas não lá, lá é onde você vai estar, sua vida acabou. A mesma, mas diferente. Pela eternidade.

Eu sabia o suficiente de adivinhações para saber que seus avisos não eram simplesmente reclamações ou sinais de loucura. Imaginei que isso fosse similar ao que aconteceu com a velha Sofia Santorini quando sua vidência deu errado dezoito anos atrás. Parecia que minha amiga estava presa entre reinos e realidades, ouvindo milhares de mensagens diferentes de uma vez. Eu não conseguia imaginar o quão apavorada ela deve estar, perdida na prisão de sua mente sem esperança de escapar. Eu esperava que isso não fosse resultado do feitiço que eu pedi a ela para fazer. Se fosse...

Eu gentilmente peguei a mão de Claudia na minha.

— Vamos levar você para a Nonna.

— Eles estão todos falando ao mesmo tempo. É difícil entender. Ouvir. A mesma voz fala acima de todas as outras, cruel, suave como seda e doce como mel. Escolha, ela diz. Eu queria provar. Foi veneno. Não era para eu saber. Ele está vindo. Não, não, não. Ele está aqui, não está mais lá, mas aqui. Ele anda entre nós, escondido nas sombras. Como a morte.

— Nonna vai saber o que fazer para ajudar. Devemos ir até ela imediatamente.

Ela enfiou as unhas nos meus braços com força o suficiente para me fazer estremecer e sussurrou:

— Corra.

TRINTA E OITO

— Você não deve demorar; ele está procurando por você. — Por um momento, Claudia pareceu perfeitamente lúcida. Então seus olhos se arregalaram o suficiente para mostrar a parte branca, e os gritos começaram de novo pra valer. Foi terrível; horripilante e implacável. Como um animal preso em uma armadilha enquanto o predador se aproximava.

Eu lutei contra a vontade de tampar os ouvidos. Ou começar a chorar.

Respirei rapidamente algumas vezes e me recompus — um feitiço de limpeza era o que ela precisava, pelo menos temporariamente. Mas requeria quartzo rosa, sal, água e raiz de alcanena. Que estavam todos em casa e não nos ajudavam aqui.

A porta do dormitório se abriu e alguns membros da irmandade correram para fora. Eu levantei a mão para impedi-los, e eles relutantemente pararam a vários metros de distância. Estremeci internamente quando vi o Irmão Carmine emergir do fundo do grupo. Eu não o via há anos.

Memórias da infância há muito enterradas ressurgiram. Quando éramos mais novas, alguns anos depois que a velha Sofia Santorini usou magia das trevas, ele ficava de pé em uma caixa no mercado, gritando sobre o diabo. Precisávamos ir embora. Imediatamente. Se ele visse Claudia assim, ele acreditaria que ela estava possuída.

O medo transformava os homens em monstros.

Antonio se separou do grupo, sua expressão cheia de horror reprimido quanto mais perto ele chegava de onde estávamos sentadas juntas. Ele examinou o cabelo bagunçado de Claudia, o vestido rasgado e as manchas de sangue.

— Ela foi atacada? O que aconteceu?

Eu não podia exatamente dizer a verdade a ele — que ela brincou com forças místicas nos corredores sagrados do mosteiro, possivelmente usou os ossos dos mortos em um ritual de vidência por razões que eu ainda não sabia, e pagou um preço alto.

— Eu.... Eu não tenho certeza.

Estava perto o suficiente da verdade pelo menos.

Claudia fez um som agudo e alto. Antonio se ajoelhou ao lado dela. Ela cambaleou para frente e agarrou sua túnica.

— Eu não deveria ter olhado. Mas ela me disse para fazer. Precisávamos saber. Por Valentina. Ratos entram e saem correndo, e há muitos entre nós. Eles ajudaram. Pequenos vermes estranhos, revelando segredos como excrementos. Agora não vai embora. Ele começou, seu ódio e maldade o convidaram. Ela me disse que precisávamos ter certeza. Ele é o escolhido. Ele é a morte. Ele não deveria ser capaz de sair, são as regras. Mas regras são

feitas para serem quebradas. Como ossos. Ele ama quebrar ossos. Acho que é a medula que ele procura.

— *Quem?* Quem disse para você olhar? — Eu perguntei. Antonio ergueu as sobrancelhas e me olhou. Obviamente, ele deve pensar que eu poderia estar sofrendo da mesma aflição se considerasse alguma coisa que Claudia dizia como verdade. Eu não me importava com o que ele pensava. Eu tinha uma suspeita crescente de que já sabia de quem ela falava com base na menção de Valentina, mas queria mais provas. — Foi sua tia Carolina?

— Ela girava histórias como açúcar, e eram fofas e doces até que queimaram, e agora vamos todos queimar porque ele está aqui e está com raiva, e os portões...os portões... ela disse para proteger os portões. Mas ele não está mais acorrentado a ele, está? O veneno era doce, eu ainda sinto o gosto. Persistente. Prego, prego, pregado na minha garganta, asfixiando. Ele tem segredos. Ele quer devorar. Copos vazios se enchem dele. Não, não. Copo vazio. Como ele fez isso? Um cálice ou jarra. Recipientes vazios até ficarem cheios. Ele tem o livro. O coração. Ele precisa do corpo para roubar a alma.

Um lampejo de movimento chamou minha atenção. Eu olhei para cima. Vários outros membros da irmandade se juntaram a nós. Eles silenciosamente formaram um semicírculo, bloqueando-nos do mosteiro. Alguns seguravam longos rosários de madeira em punhos com os

nós dos dedos brancos. Outros pareciam preparados para a violência, suas atenções fixadas em minha amiga. Claudia precisava ficar em segurança antes que eles tentassem exorcizar um demônio dela que não existia.

— Que loucura é essa? — Irmão Carmine perguntou, sua expressão dura. Meu coração batia descontroladamente. — Ela está possuída pelo mal?

— Não, não. Ela está bem. — Antonio acenou para ele. — Só bebeu mais do que deveria.

Não achava que membros da ordem sagrada contavam mentiras, mas fiquei feliz que ele contou. Antonio ainda estava do nosso lado, não importava o que seus irmãos pensassem.

— Leva ela para minha casa? Acho que ela foi exposta a…. alguma coisa. Ela precisa de descanso e chá. Diga para Nonna que ela deve dar a ela um pouco de raiz de alcanena se tiver.

Antonio mordeu o lábio inferior, parecendo em dúvida sobre a probabilidade desse remédio popular funcionar, mas não discutiu. Ele ofereceu a mão para ela.

— Você vem comigo, Claudia? Vamos caminhar. Vai ajudar a clarear sua cabeça. Ar fresco sempre faz isso.

Ela se virou com um olhar preocupado para mim e eu sorri.

— Ele está certo. Uma caminhada vai fazer você se sentir melhor. E também um pouco de chá de ervas e

descanso. Está pronta para ir?

— Sim. Mas Domenico não está. — Claudia deslizou sua mão na de Antonio, então se encolheu. — Ele disse que não está pronto e não vai se mover. O tempo está escorregando como água por suas mãos. Mas ele ainda espera. Ele espera e espera. Ele quer que ela escolha. Ele sabe que ela vai. Logo. Então ele tomará seu coração também. E sua alma. Ele quer matar novamente. O prêmio final.

— Domenico? — Eu perguntei, me virando para Antonio quando minha amiga recuou de volta para seu próprio mundo dividido. — Ele estava aqui mais cedo?

— Eu... Eu acho que sim, mas não me lembro com certeza. Ele está aqui quase todos os dias. Você não acha.... — Ele deslizou sua atenção para Claudia, que começou a resmungar naquela língua estranha novamente. A preocupação encheu sua expressão. — Você não acha que ele machucou ela, acha?

— Está escuro. Escuro e mofado, e a morte está à espreita. Provou e anseia por mais. — Claudia piscou rapidamente, de repente parecendo mais com ela mesma. — Ele ainda está aqui?

— Não — Antonio disse — Domenico foi embora.

— Mas não se preocupe. — Eu ajudei ela a se levantar. — Eu vou encontrar ele. — Olhei para Antonio. — Você sabe onde ele mora? — Ele balançou a cabeça. Claro que as

coisas não seriam fáceis; nunca eram. — Vou verificar a barraca de arancini deles, caso eles estejam trabalhando até tarde.

— Sozinha? — A boca de Antonio se pressionou em uma linha tensa de preocupação. Cabelo castanho caiu sobre sua testa. Ele parecia tão jovem e inexperiente em comparação com Wrath. — Se ele fez algo... talvez devêssemos ir juntos.

Juntei o que eu esperava que fosse um sorriso tranquilizador. Embora eu adoraria tê-lo comigo quando confrontasse Domenico, havia perguntas que eu precisava fazer e que ele não poderia saber. E não só porque ele era humano. Eu não seria capaz de mencionar as artes das trevas, ou lançar acusações de brincar com príncipes demônios na frente de um membro da irmandade sagrada.

— Eu vou ficar bem. Não acredito que Domenico tenha feito algo sinistro — eu menti. — Ele pode saber se ela ingeriu alguma comida ou bebida estranha. Quem sabe? Talvez houvesse algum mofo ou outra toxina presente em uma de suas dissecações. Ou talvez ela bebeu uma garrafa de vinho ruim. A morte de Valentina provavelmente é a culpada se ela bebeu demais. O assassinato não é fácil de aceitar.

Isso pareceu apaziguar Antonio. Era perfeitamente lógico. E os humanos amavam a lógica, especialmente quando explicava o inexplicável.

— Ela reclamou que as folhas de louro estavam apodrecendo mais cedo. Eu acho que ela as queimou na sala de preparação.

— Viu? — Eu sorri. — Tenho certeza de que é só isso. Ela inalou mofo, ou algo igualmente ruim. Isso vai passar com um pouco de ar fresco e sono, você vai ver.

Com um aceno educado de adeus, ele escoltou Claudia para fora do pátio. Eu esperei até que eles estivessem em segurança na rua e longe da irmandade remanescente antes de sair também. Tentei não pensar na acusação abrasadora no olhar do Irmão Carmine enquanto me afastava com pressa.

Como eu ainda não sabia onde morava a família de Domenico e tinha quase certeza de que sua barraca de arancini já havia fechado há muito tempo, confrontá-lo teria que esperar até de manhã.

No entanto, eu sabia onde encontrar a tia de Claudia, Carolina. E ela e eu íamos trocar algumas palavras. Eu entendia como o luto levava uma pessoa a fazer coisas que normalmente nunca faria — eu rezei para a deusa da morte e da fúria e convoquei um demônio — mas pedir para outra pessoa fazer quando ela poderia ter feito sozinha... Eu esperava controlar meu temperamento antes de ver Carolina.

Eu saí pisando duro na direção de seu bairro, incapaz de compreender o que ela convenceu sua sobrinha a fazer,

e como isso tinha sido perigoso. Pedi a Claudia que usasse um feitiço poderoso para proteger nossas casas porque não sabia como e porque poucas coisas poderiam dar errado. O que Carolina fez era muito mais perigoso.

Virei a esquina e senti uma pontada de energia entre minhas omoplatas. Eu continuei andando, acelerando meu ritmo. A sensação continuou, o que significava que eu estava sendo seguida. E quem quer que fosse, estava furioso. Eu podia pensar em pelo menos um demônio que deixei com muita raiva.

Wrath provavelmente voltou de sua visita com quem ele estava tentando impressionar mais cedo do que o esperado, e não estava feliz por eu ter escapado de minha linda jaula. Que bom. Talvez sua noite também não tenha saído como planejado. Eu me virei e olhei para as sombras. Eu realmente odiava a estúpida tatuagem mágica que nos conectava, permitindo que ele me encontrasse quando eu não queria ser encontrada. Eu presumi que quando eu quebrasse o feitiço que nos unia, a tatuagem desapareceria.

Aparentemente, alguns presentes não podem ser devolvidos.

— Pare de se esconder, está abaixo de você. Se você tem algo a dizer, diga.

— Ousada para uma bruxa. — A voz não era familiar e seu sotaque era difícil de identificar, quase inglês, mas não.

Olhei para a rua, o pulso acelerado. A alguns passos de distância, uma figura sombria se afastou do prédio. Eu instintivamente recuei. Ele seguiu, seus movimentos suaves e rápidos. — Seu sangue cheira a vinho com especiarias. Me dê uma provinha?

— Quem é você? — Procurei meu giz abençoado pela lua, esquecendo que este vestido era um presente de Wrath e não um de casa com bolsos secretos. — O que você quer?

O homem deu um passo ao luar. Ele usava um casaco comprido que parecia ter sido cortado da fatia mais grossa da noite. Anéis brilhavam em cada uma de suas juntas. Davam boas armas.

Meu olhar subiu lentamente. Cabelo loiro-gelo, olhos que pareciam ter sido arrancados de uma geleira e um boca cruel torcida para um lado. De aparência humana até que ele sorriu mais, expondo um conjunto de presas afiadas. *Vampiro.* Parei de me mexer. Parei de respirar. Como uma bruxa, eu *realmente* precisava parar de pensar que algumas criaturas eram meros mitos e lendas.

— V-você é... — Eu fechei a boca, odiando a gagueira que delatou minhas emoções. Não adiantou nada ter trabalhado tanto para mantê-las escondidas de meus inimigos. Wrath se golpearia na cabeça com o cabo de sua adaga se me visse agora.

— Faz muito tempo desde que bebi de uma de sua espécie. — Seu olhar viajou para meu pescoço. Ele estava diante de mim em um instante. — O veneno é prazeroso. Pelo menos se eu decidir conceder tal presente. Você gostaria de um presente, bruxinha? Êxtase indescritível enquanto me alimento de você.

Engoli em seco.

— N-não, obrigada.

Ele me circulou, a brisa noturna soprando sua longa jaqueta. Meu corpo inteiro estava tenso.

— Muito bem. Talvez da próxima vez.

Eu sinceramente esperava que nunca houvesse uma “próxima vez” que encontrasse um vampiro sozinha em um beco escuro. Uma vez era o suficiente para me dar pesadelos pelo resto de minha vida mortal. Sua jaqueta roçou a parte de trás da minha panturrilha e eu respirei fundo. Os cantos de seus lábios se ergueram. Ele se aproximou. O medo parecia encantá-lo.

— Desculpas. Posso ver que minha proposta de prazer assustou você.

Ele esboçou uma reverência simulada, mas nunca tirou sua atenção da minha garganta. Eu pensei rapidamente nas histórias de infância. Nas lendas que Nonna compartilhou conosco, vampiros não eram conhecidos por controlar seus impulsos. Eu senti minha veia latejar e desejei que parasse, o que só fez com que pulsasse com

mais força. Eu não queria que uma pequena tentação se transformasse em necessidade animalesca.

— Meu nome é Alexei. O Príncipe Envy pede uma audiência com você. Sua Alteza tem muito a discutir. Mas, primeiro, vamos dar um passeio, você e eu. Isso deve dar a eles tempo suficiente. — Ele ofereceu o braço como um perfeito cavalheiro. Eu não me movi para pegá-lo.

— Dar a quem tempo suficiente para o quê? Envy? — Eu perguntei, perdendo a paciência. — Pare de falar em enigmas.

As presas do vampiro brilharam ao luar.

— *Mare e Vitigno.* Um nome tão lindo. Rola direto pela língua.

Mar & Vinha. Eu fiquei imóvel. Sangue rugia em meus ouvidos. Envy sabia sobre nosso restaurante. Ele torturaria meus pais e — me forcei a me acalmar. Não havia razão para entrar em pânico. Claudia havia protegido nossa casa contra demônios. Já estava tarde e o restaurante estava fechado. Graças à deusa, minha família já estava em casa e protegida. Um sorriso sombrio tocou os cantos dos meus lábios. Eu gostaria muito que o demônio testasse a magia morta.

— Diga ao Príncipe Envy que recuso sua oferta. E eu o desafio a tentar entrar na minha casa.

— Meu príncipe disse que eu deveria mencionar que feitiços, como ossos de bruxa, são facilmente quebrados.

Se souber onde aplicar a pressão correta. Ou, no caso, a quem visar.

Fiquei gelada.

— Do que você está falando?

— Você achou que poderia enganar um príncipe do Inferno, bruxinha? Você realmente acredita que Envy não tinha espiões observando sua casa? — Seu sorriso era cheio de malícia. — Escudos e proteções demoníacas são complicados, mas podem ser quebrados. Especialmente pela bruxa que os lançou.

— Isso é mentira. — Eu recuei, balançando a cabeça. Claudia estava segura. Antonio a levou para minha casa, meu estômago embrulhou. Eles poderiam ter sido interceptados ou atacados no caminho. O medo invadiu meu coração. — Isso não pode ser verdade. A barreira...

— Caiu. — Ele ofereceu seu braço novamente. — Sua família deve estar com príncipe agora; quanto mais você luta, mais difícil será para eles. Ele não gosta de esperar. O tédio é uma aflição terrível no Reino dos Perversos.

— Envy está... ele está no Mar & Vinha com a minha família agora?

Alexei assentiu.

Eu não iria simplesmente acreditar na palavra de um vampiro. Eu ofereci a ele um sorriso odioso enquanto sussurrava um feitiço da verdade proibido. Alexei não era

mortal, então ignorei a noção de algo errado que senti ao invocar um poder proibido.

— Envy fez com que Claudia quebrasse a barreira na casa da minha família?

Ele rangeu os dentes quando a verdade foi arrancada dele.

— Sim.

— Eles estão no restaurante da minha família agora?

— Sim.

Larguei o amuleto de minha irmã como se queimasse. Recordei a forma como Envy me forçou a levar a adaga de Wrath ao meu coração, pronta para arrancá-lo. Então imaginei ele fazendo a mesma coisa com minha família e amigos. Na verdade, ele já deve ter começado seus jogos. Nossa cozinha tinha cutelos, facas e todos os tipos de ferramentas que poderiam ser usadas como armas ou instrumentos de tortura pendurados na parede. Imagino que foi por isso que ele escolheu como nosso ponto de encontro.

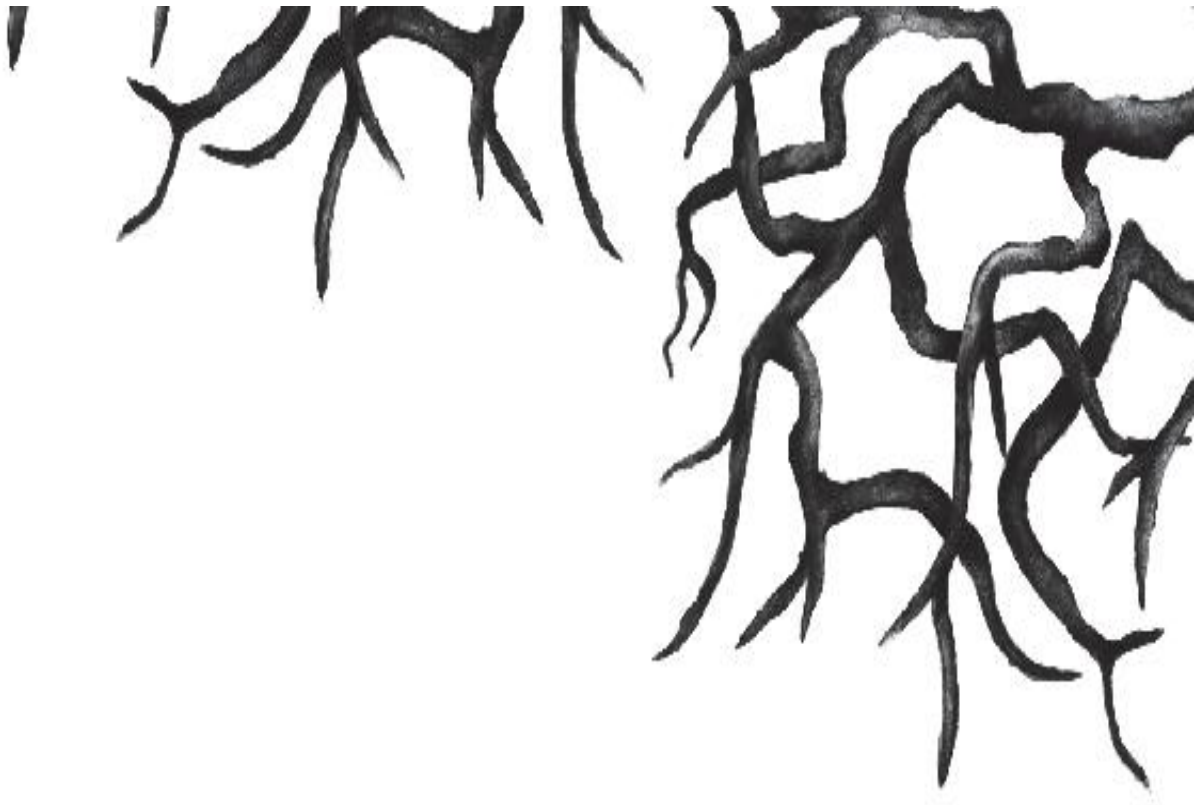
Sem perder mais um minuto, corri.

Tropecei nas minhas saias, e o som provocador da risada do vampiro me seguiu pelas estradas escuras. Eu o ignorei. Ele não importava mais. Chegar ao Mar & Vinha era meu único foco. Eu corri por becos estreitos e ruas irregulares, pulei por baldes de lixos e empurrei amantes de mãos dadas passeando sob a luz do luar.

Corri pelos últimos quilômetros que pareceram momentos e irrompi pelas portas da frente, ofegante. Eu rapidamente examinei o aposento, procurando por sangue, sangue coagulado e sinais de luta.

Meu foco pousou no príncipe demônio.

— Eu adoro pontualidade. — Envy fechou relógio de bolso com um estalo audível. — Você está dentro do cronograma, querida. O show está prestes a começar.



TRINTA E NOVE

— É realmente uma pena sobre sua avó. — O Príncipe da Envy estava sentado a uma mesa de canto, de costas para a parede, observando a fartura de comida posta diante dele. O aposento estava vazio, exceto por nós dois. Eu não conseguia decidir se isso era reconfortante ou mais assustador. — Todo aquele poder se foi.

Talvez eu tivesse chegado tarde demais, e meus pais, Nonna, Claudia e Antonio estivessem todos mortos na cozinha. Tão rápido quanto o pensamento apareceu, eu o bani. Ele disse que o show estava prestes a começar. Me agarrei à esperança de poder fazer algo para impedir qualquer coisa sinistra que ele planejava.

— Onde estão minha família e amigos?

Ele agiu como se eu não tivesse falado nada. Envy pegou sua taça de vinho e girou o líquido, sentindo o cheiro antes de tomar um gole cuidadoso. Seu terno esta noite era de um verde floresta profundo. Samambaias forravam as lapelas e os punhos. O cabo de sua adaga cravejada de esmeraldas brilhava em uma alça que ele usava por cima do paletó.

— Ouvi dizer que sua avó pode não ser capaz de falar novamente. Destino difícil para uma bruxa. Imagino que seja difícil lançar feitiços sem voz. Ervas e pedras preciosas tudo bem, mas esses encantamentos poderosos não são nada sem palavras para incendiá-los. Não é verdade?

Então ele que estava por trás do ataque a Nonna, não Greed. Eu pensei sobre o mensageiro humano e na misteriosa figura encapuzada para quem ele vendeu segredos. Envy era o traidor que estávamos procurando. Eu apostaria toda a minha magia nisso. Wrath estava tão convencido de que Envy nunca se voltaria contra eles, que ele nem mesmo olhou para a ameaça. O que abriu uma oportunidade para o demônio invejoso. Uma que Envy não resistiu em tomar.

Eu queria gritar e gritar e gritar. Eu considerei um presente da deusa ser capaz de manter alguma aparência de dignidade. Eu ergui o queixo.

— Eu *disse*, onde estão meus pais?

— Trancados na cozinha.

— E minha avó?

— Deixei ela na sua casa. Ela não tem utilidade para mim em seu estado atual.

— E meus amigos?

— Seguros, por enquanto.

— O que você quer?

— Sente-se. — Ele gesticulou para o assento em frente a ele. — Jante comigo. — Quando não pulei para obedecer seu comando, ele se inclinou para frente, sua voz soando ameaçadora. — Eu juro torturar pessoalmente sua família, seus amigos e qualquer um que se aventurar neste bom estabelecimento se você rejeitar minha oferta civilizada,

querida. Então vou fazer Alexei caçar aqueles que você ama e drená-los até secar. Agora seja uma boa garota e sente-se.

— Ou não. — Alexei apareceu atrás de mim, sorrindo quando recuei para longe dele. Não ouvi ele se aproximar. — Gostaria de um banquete antes do nascer do sol.

Olhei entre o príncipe demônio e o vampiro. Não tinha certeza de qual deles era a maior ameaça. O príncipe serviu uma segunda taça de vinho. Seu cabelo na altura do queixo estava penteado para trás esta noite, colocando em evidência o tom incomum de seus olhos, sua mandíbula afiada.

— Não me diga que você está escolhendo um banho de sangue em vez de uma taça de vinho e uma conversa agradável.

Eu olhei com raiva para ele. Eu posso estar desamparada, mas não tinha que parecer estar.

— Vou sentar quando você prometer poupar meus amigos e família, e sair daqui quando terminarmos. E por "daqui" quero dizer esta cidade.

— Você não está em posição de fazer exigências. Mas respeito seu esforço. Agora *sente-se*. Beba.

Com pouca escolha, juntei-me à Envy na mesa. Ele acenou com a cabeça em direção à taça de vinho. Eu a peguei e fingi tomar um gole. Eu não confiava nele para não ter mexido nisso antes de eu chegar. Se ele estava

planejando me levar ao Inferno, ele teria que me levar à força.

— Você é quem está trabalhando contra Pride — eu disse.

Ele não negou. Ele me observou de uma forma irritantemente próxima — como se ele estivesse vendo através das camadas de pele e osso, e encontrou o coração de quem eu era e tudo que aspirava ser.

— Eu entendo por que Wrath está intrigado por você.

Intrigado era provavelmente a última coisa que Wrath sentia por mim.

— Você pediu ao seu vampiro me trazer aqui apenas para discutir sobre seu irmão?

— Ele ama um bom desafio. É a guerra nele; o faz querer conquistar e ganhar a qualquer custo. — Ele tomou outro gole de vinho, sua atenção se voltando para meu pescoço. — Vai ser difícil para ele desistir de você quando a hora chegar. Mas ele vai. Não se iluda pensando que você é importante para ele. Nós, príncipes do Inferno, somos criaturas egoístas. Não sofremos a mesma gama de sentimentos que os mortais e os nascidos neste reino peculiar. Você está entre ele e algo que ele busca há muito tempo. No final, ele escolherá a si mesmo. Assim como todos nós.

Coloquei a taça na mesa, seu conteúdo espirrando na mesa de madeira gasta.

— Se você veio de seu reino perverso para dizer isso, é lamentável. Você não está me dizendo nada que eu já não saiba. Nem está me dizendo nada que particularmente me interesse.

Eu vi o momento exato em que entrei na armadilha que ele cuidadosamente preparou para mim. Ele cortou uma sardinha recheada com modos impecáveis. Depois que ele engoliu a comida com mais vinho, ele me deu um sorriso preguiçoso, embora seu olhar fosse afiado o suficiente para cortar.

— Se você entendeu meu irmão tão bem, por que não me diz o que ele realmente quer? Tenho certeza que uma garota esperta como você já sabe e não precisa da minha humilde ajuda nesse assunto.

Envy queria que eu precisasse dele. Implorar por conhecimento usando a curiosidade mortal. Então ele trocaria por algo que ele queria de mim. E ele deve querer muito algo se fez isso tudo. Tive uma sensação doentia de satisfação por ser uma decepção para o demônio.

— O que você quer, Envy? Por que estou realmente aqui?

— Na primeira noite em que nos conhecemos, suspeitei que você estava com posse de algo que preciso. Você sabe o que é?

Eu pensei naquele primeiro encontro. Eu enfiei meu amuleto dentro do meu corpete antes que ele emergisse

das sombras. Naquela época, fiquei preocupada que ele estivesse atrás do diário de minha irmã. Sabendo o que eu sabia agora, aposto que ele podia sentir o poder do amuleto.

— Você quer meu *cornicello*.

— Quase. Eu quero o seu amuleto e o da sua irmã. E você vai entregá-los para mim.

— Por que eu faria isso?

— Porque tenho em minha posse algo que você quer.

Eu estremeci. Eu sabia o que ele quis dizer; ele tinha meus pais. Meus amigos. Nonna podia estar em casa agora, mas isso não significava que ela estava segura. Fiquei imóvel, esperando que ele desse o golpe. Ele terminou a refeição e exalou, parecendo imensamente satisfeito. Ele empurrou o prato e estalou os dedos.

Um demônio que tinha a cabeça de um carneiro — completa com chifres arredondados acima das orelhas — e o corpo de um humano arrastou meus pais pelos colarinhos e os jogou no chão. Seus olhos estavam turvos, seus movimentos lentos. Eles não pareciam estar cientes do que estava acontecendo.

Eu pulei da minha cadeira, mas Envy balançou a cabeça.

— Sente-se, querida. Nós não terminamos. Tem mais.

Sem outra opção disponível, voltei ao meu assento.

— Bom. Você está finalmente levando isso a sério. Já esperei o suficiente. Me dê o Chifre nas próximas vinte e quatro horas e seus entes queridos não serão mutilados. Diga a alguém ou não cumpra minhas exigências, e eles virão ficar comigo na Casa Envy com o resto das minhas curiosidades. E as coisas vão terminar muito piores para você. Isso, posso prometer, não é uma ameaça trivial. Fui perfeitamente claro?

Olhei para minha mãe e meu pai novamente. Eles não se moveram de onde o demônio com chifres os largou sem cerimônia, e olhavam fixamente para o nada. De certa forma, era uma bênção da deusa que eles não estavam inteiramente conscientes disso.

Meus olhos queimaram com lágrimas não derramadas.

— O que você fez com eles?

— Você deve se preocupar com o que vai acontecer com eles, se não me der o que estou pedindo.

— Eu não tenho o outro amuleto. — Mantive o foco em meus pais, tentando pensar em uma maneira de sair disso. — Minha metade foi roubada na noite em que minha avó foi atacada.

— Então eu sugiro que você comece a procurar por ela. Metade não serve.

— Se você atacou minha avó, você já não tem meu amuleto?

— Deixe-me dar um conselho: acusações sem evidências não valem nada. — Envy serviu-se de outra taça de vinho. — A esta hora amanhã, espero estar na posse de ambos os amuletos. Eu vou transferir sua família e amigos para sua casa hoje à noite. Me encontre lá quando tiver o outro amuleto e faremos a troca. Sua família e amigos pelo Chifre de Hades.

Fui remover o *cornicello* de minha irmã do pescoço, mas ele ergueu a mão para me impedir.

— Por que não ficar com esta metade agora?

— Se eu tocá-lo agora, vai... alertar aqueles que desejo manter no escuro. Não quero chamar atenção até que possua todo o Chifre de Hades.

— Wrath não se importou com o Chifre antes. Por que não posso pedir sua ajuda?

Envy me lançou um olhar estranho.

— Wrath nunca vai ser o herói da sua história. Ele é esculpido em outra coisa. Na verdade, ele pode ser o maior mentiroso entre todos nós. — Eu zombei, o que só pareceu diverti-lo. — Se você não acredita em mim, então pergunte a Wrath sobre a alma final que ele tem que coletar. Aquela que vai lhe garantir a liberdade do submundo, independentemente da maldição.

Eu encarei o príncipe demônio presunçoso. Eu diria que era mentira, mas no fundo suspeitava que não era. Eu sabia que Wrath tinha seus próprios motivos, e essa

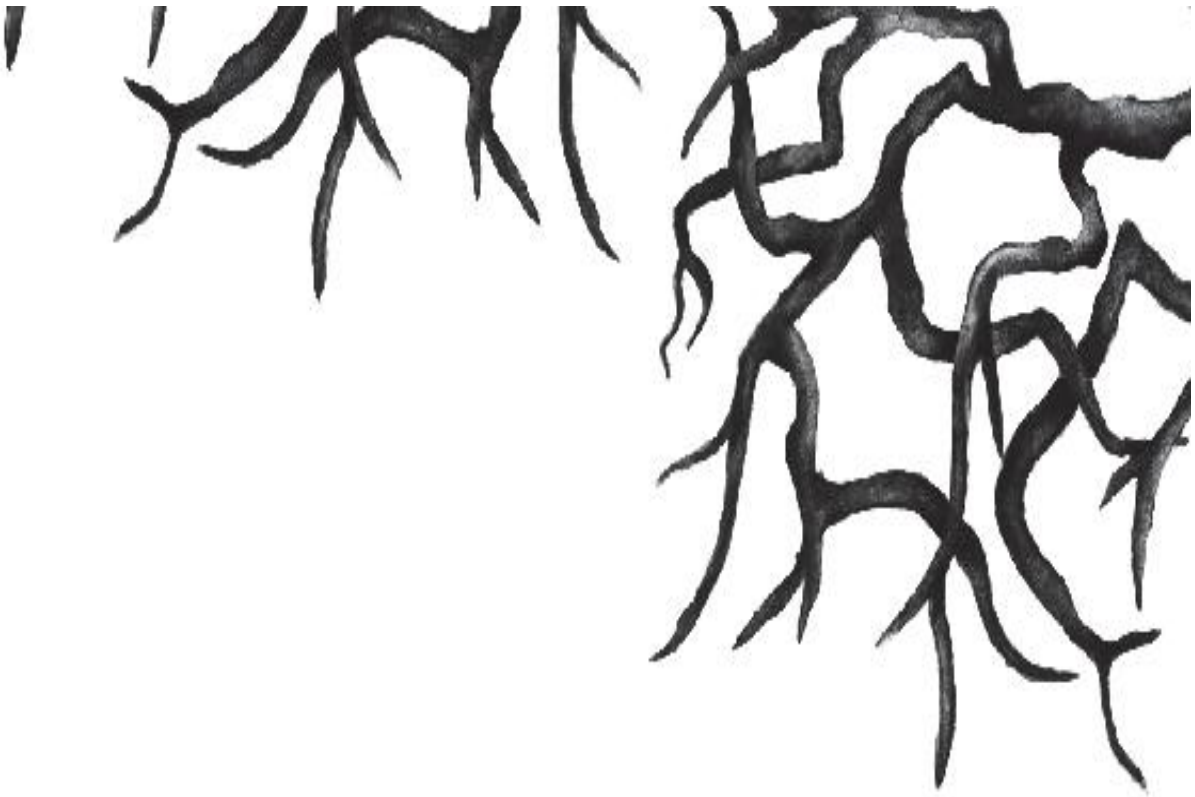
parecia ser a peça final que eu estava perdendo. Mas uma alma? Eu balancei a cabeça. Ele me salvou quando fui atacada pelo Viperidae. Se fosse verdade, ele poderia ter barganhado comigo então. Ou talvez... talvez ele não tenha me contado porque queria usar isso a seu favor quando chegasse a hora certa. Eu exalei. Estava ficando paranoica.

— Você está mentindo.

— Estou? Pensei que você soubesse mais. Por que você acha que ele, o poderoso demônio da guerra, se preocupa em escoltar com segurança uma bruxa para o submundo?

— Porque ele quer quebrar a maldição do diabo. — Ao dizer isso, ouvi a dúvida se aproximando.

— Eu tenho um segredo, querida. — Envy se inclinou sobre a mesa, seu olhar venenoso aceso com triunfo. — Quando ele coletar a sua alma final, a maldição não importará para ele. Ele terá poder total e a habilidade de andar livremente por este reino sem uma âncora. Ele pode escolher ficar nos Sete Círculos e governar sua Casa real ou pode vagar pela terra até o final dos dias. A escolha é poderosa. E nós, príncipes, amamos nosso poder. — Ele me ofereceu um sorriso lento e cruel. — Você não pensou que no fundo ele poderia ser redimido, pensou?



QUARENTA

O maior prazer de um príncipe do Inferno é causar discórdia. Antes de um ataque, suas íris ficam mais escuras do que uma noite sem estrelas com manchas vermelhas, um sinal de sua ímpia sede de sangue. Não os envolva em uma batalha; você nunca vai ganhar.

—Notas do grimório di Carlo

A porta alta em arco se fechou atrás de mim. Mal fez um som, mas Wrath emergiu da escuridão do palácio abandonado, seu rosto meio escondido na sombra. Ele havia descartado o paletó de serpente e sua camisa escura estava desabotoada e amarrotada. Muito parecido com seu cabelo.

Pensei em correr os dedos por seu cabelo e meu batimento cardíaco acelerou. Eu não queria acreditar em Envy. Wrath esteve lá por mim, mesmo quando disse que não estaria. E mesmo assim...

— Está ferida? Você parece... — sua voz foi sumindo enquanto eu caminhava lentamente até onde ele estava. Ele não se mexeu, mal parecia respirar enquanto eu o empurrava contra a parede, sua camisa amontoada em minhas mãos. Seus olhos dourados se fixaram nos meus, queimando. Eu me perguntei se ele sentia minhas emoções. Se elas de alguma forma afetavam as dele também. Eu o segurei lá, prendendo seu corpo com o meu.

Ele poderia escapar do meu alcance a qualquer momento. Mas ele não escapou.

Eu aliviei meu aperto em sua camisa e lentamente passei as mãos sobre seu peito. Ele olhou para o meu rosto, sua expressão cautelosa, mas intensa. Ter toda a sua atenção voltada para mim era inebriante.

— Eu quero confiar em você — eu disse baixinho, segurando seu olhar. Seu coração batia forte sob meu toque. — Por que você não me diz o que realmente quer? Me deixe entrar.

Seu olhar caiu para minha boca antes de desviar um segundo depois. Eu não achava que o lampejo de desejo que vi fosse falso. Eu sabia que a emoção que despertou em mim também não era.

Eu sempre imaginei que ele obedientemente levaria um inimigo para a cama se significasse que ele ganharia algo disso. Agora eu não tinha certeza se era assim que ele se sentia. Havia uma carga cada vez maior entre nós. E Wrath parecia preparado para deixá-la explodir. Porque ele queria. Talvez eu quisesse também.

Eu movi a mão dentro da sua camiseta, mantendo contato próximo com sua pele. Seu coração batendo fortemente traía a resposta que ele estava tentando desesperadamente esconder. Minha mão avançou mais para baixo. O calor dele, a solidez... de repente, eu queria que isso fosse real.

Em um segundo eu estava lá, e no próximo minha boca estava na dele, punindo com força. Era danação e salvação em um só. Eu queria beijá-lo até que parasse de estar com raiva e apavorada. Até que eu parasse de pensar sobre minha família sendo mantida contra a vontade deles. Até que o mundo demoníaco se derretesse e tudo o que me restasse era esse momento de puro esquecimento.

Wrath ficou parado por um instante antes de encontrar meus lábios com uma fome igual. Suas mãos deslizaram até meus quadris, me ancorando no lugar. Não era perto o suficiente. Eu me pressionei contra ele. Ele foi gentil no começo, então eu coloquei minha língua em sua boca e ele se desfez.

Ele me beijou de volta com força, então seus dentes estavam em minha garganta — no lugar exato em que ele passou a língua durante a noite em que usou o feitiço para me trazer de volta da beira da morte. Eu não tinha certeza se realmente tinha acontecido, agora eu sabia que tinha. Por um momento alarmante, eu o imaginei rasgando minha garganta. O medo passou rapidamente e foi substituído por desejo puro.

Eu arfei com a sensação inesperada. Jurei que senti o estranho calor daquele primeiro encontro fervendo sob minha pele agora. Eu queria que ele me devorasse.

Ou talvez eu quisesse devorá-lo.

Eu odiava que me sentia tão bem com ele. Como parecia tão certo. Eu já beijei garotos antes — bêbada e em desafios. Beijos castos e beijos apaixonados, mas nenhum assim. Poderoso. Selvagem. Doce.

Comecei a calcular. Quanto mais eu dava, mais ele retribuía. Trocávamos beijos como golpes. E se isso fosse uma luta, eu não saberia quem estava ganhando. Eu entendia porque alguns achavam que beijar um dos Perversos era viciante. Cada vez que sua língua tocava a minha, parecia que o chão sob mim estremecia. Como se fôssemos um evento cataclísmico que não deveria acontecer.

Isso só me fez beijá-lo mais forte, mais rápido. Puxei sua camisa, querendo tirá-la. Não queria nada entre nós. Botões acertaram o chão quando puxei o material. Passei meus dedos pelos cumes de seu estômago duro. Suas mãos no meu corpo pareciam mágica. Era mais intenso, mais sedutor do que qualquer feitiço. De alguma forma, estávamos agora contra uma coluna. Não me lembro de me mover. Talvez porque só conseguia me concentrar na maneira como ele estava atualmente movendo-se contra mim, me levantando. Eu queria arrancar o resto de suas roupas e ver o que mais ele podia fazer. Descobrir quais outras sensações ele podia despertar em mim. Sua mão deslizou até minha panturrilha, depois subiu lentamente,

puxando minha saia. Ele não parou, e eu não queria que ele parasse.

Inclinei a cabeça para trás, dando acesso à minha garganta novamente quando ele parou com sua mão na minha coxa. Inclinei-me para seu toque, querendo-o tanto que estava quase ficando louca. De alguma forma, mantive minha mão em seu peito e me afastei de beijá-lo por tempo suficiente para perguntar:

— Envy estava mentindo quando disse que você precisa entregar mais uma alma para ganhar sua liberdade?

Ele se assustou e se afastou, mas não antes que eu recebesse minha resposta na forma de uma batida singular em seu coração. A compreensão apareceu em seu rosto antes que ele fechasse sua expressão e se movesse para fora do meu alcance. A raiva preencheu o espaço ao nosso redor, queimando mais resplandecente e furiosa do que nossa paixão.

— O que é isso, bruxa? Você se rebaixou a beijar alguém que odeia, afinal?

Eu o encarei, sem piscar. Era verdade. Eu não consegui fazer nada além de um leve aceno de cabeça. Meus olhos ardiam com lágrimas não derramadas. Envy não mentiu — Wrath *estava* atrás de uma alma. A compreensão me atingiu como um golpe físico. Eu me senti tola quando descobri que acidentalmente tinha nos noivado, mas isso?

Eu estava enjoada.

A raiva de Wrath pareceu se dissipar quando ele percebeu o olhar em meu rosto. Ele deu um passo à frente, a mão estendida, parando apenas quando balancei a cabeça novamente. Ele deixou seu braço cair.

— Emilia, eu...

— Não.

Ele parecia pronto para discutir, mas ouviu. Longos segundos se passaram. Eu me concentrei em firmar minha respiração, deixando meus sentimentos se desemaranharem. Eu estava com raiva dele, mas estava com mais raiva de mim. Eu percebi que *queria* confiar em Wrath. Mais do que admitia para mim mesma.

Mesmo sabendo mais, eu queria que ele fosse o príncipe encantado nesse pesadelo. Eu tinha caído sob seu feitiço e embora houvesse momentos em que o detestasse, também comecei a desfrutar de sua companhia.

Ele me distraiu da dor de perder minha irmã, me deu algo a qual me focar. Ele era alguém que eu poderia atacar que me atacaria de volta. E agora... era como se Lust ressurgisse e arrancasse até a última gota de felicidade de mim novamente. Só que desta vez, eu era a única culpada. Eu o deixei entrar. E eu deveria saber mais.

— Emilia.

— Não posso...

Wrath fechou suas mãos em punho.

— Envy sussurra em seu ouvido e tudo que fiz é apagado de seu registro mental. Diga-me, Emilia, o que *ele* fez por você? Além de tentar arrancar seu coração. Que coisa honrosa ele fez para merecer sua confiança? Derramar o sangue daqueles que você ama? Talvez você goste de ameaças. Talvez eu devesse fazer algumas.

O chão parecia tremer com a força de sua raiva.

Ele queria que eu estudasse meus inimigos de perto, e eu fiz exatamente isso.

— Me diga que não é verdade, então — eu disse, surpresa quando minha voz saiu dura, e não implorando. — Que Envy estava mentindo, que você não precisa coletar mais uma alma para ganhar sua liberdade. Me diga que parte da razão pela qual você aceitou essa missão não foi para usar uma bruxa em seu benefício. Melhor ainda, me diga que você não considerou usar a *minha* alma. Você pode fazer isso, ou nosso vínculo de invocação torna isso impossível porque é mentira?

Pela primeira vez, Wrath não parecia ter uma resposta. Ele parecia pronto para destruir o resto do palácio arruinado. Fiquei surpresa quando ele não fez isso.

— Envy é muitas coisas — eu disse, a voz baixa. — Desprezível. Egoísta. Conivente. Mas ele não esconde essas coisas. Ele me disse o que queria e o que faria se eu não ouvisse. Ele fez ameaças terríveis, agiu de acordo, mas nunca me enganou ou fingiu ser outra coisa.

E aí estava.

O desespero se abateu sobre mim, com força. Wrath *tinha* mentido. Talvez não diretamente, mas ele mentiu por omissão. O que ainda era mentir. Eu queria atacá-lo, fazê-lo sofrer da mesma forma que eu. Em vez disso, me virei e comecei a me afastar.

Nonna tentou nos alertar sobre as mentiras dos Malvagis. Eu deveria ter ouvido.

Ele entrou no caminho, movendo-se quase mais rapidamente do que meus sentidos podiam detectar.

— As minhas ações não lhe disseram a verdade? Esqueça as últimas semanas. Salvar sua vida do Viperidae. O palácio impenetrável. O banho elemental. Você acha que eu preciso dormir em um lugar protegido por magia? Eu, que não posso ser morto?

— Não tenho tempo para isso. — Passei por ele em direção às escadas. — Vou voltar para casa para ficar com a minha família. Envy os está mantendo cativos. Outra coisa que ele disse que é verdade.

Ele correu atrás de mim.

— Não.

— Não me lembro de ter pedido permissão, demônio.

— Envy enfiará uma adaga nas suas costas no segundo que ele conseguir o que está procurando.

— Sou sua prisioneira agora?

— Não, mas ficaria feliz em jogá-la em uma masmorra, se é isso que gostaria.

Eu o ignorei e vasculhei por novos vestidos que apareceram magicamente em uma cômoda quebrada em algum momento nas últimas horas. Wrath tinha uma obsessão séria em prover roupas para mim.

Eu achei um vestido simples cor de carvão que seria fácil para correr e o coloquei sobre a cama. Eu não conseguia acreditar que agora tinha que escolher meu guarda-roupa baseado em se eu poderia fugir facilmente de um demônio, vampiro ou outro agressor desagradável.

Wrath cruzou os braços e ficou de pé. Se ele pensou que eu hesitaria em trocar de roupa na frente dele, ele tinha muito a aprender comigo. Tirei meu vestido atual e o material sedoso se amontoou aos meus pés. Wrath observou impassivelmente enquanto eu deslizava para o novo traje.

Agora que eu sabia que Envy queria o Chifre de Hades, *precisava* localizar meu amuleto. Imediatamente. Antes de entregá-lo, faria uma barganha com ele. Eu o faria jurar trancar os portões do Inferno antes que mais demônios passassem por eles, e então ele poderia ir para a guerra com todo o submundo. Contanto que nosso mundo estivesse protegido, eu não me importava com o que acontecia no deles.

Amarrei meu cabelo comprido com uma fita, prendi um pequeno cinto com uma bolsa ao redor de minha cintura e adicionei giz abençoado pela lua e milefólio seco. Era o melhor que podia fazer para me proteger. Saí do quarto e desci as escadas.

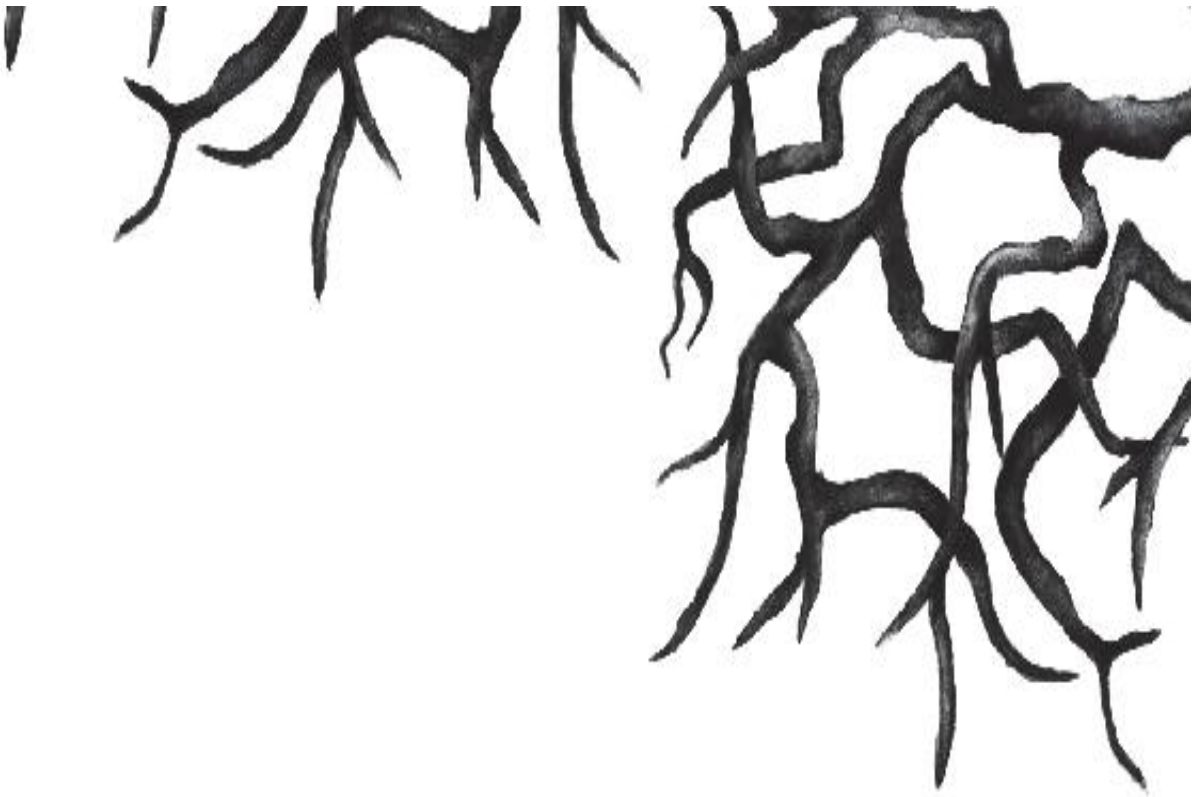
Wrath me seguiu pelo corredor e parou perto da porta para os jardins. Eu estendi o braço e o impedi de cruzar a soleira.

— *Não* venha atrás de mim, estou falando sério.

— Emilia, por favor. Não...

— Juro pelo meu sangue, se você me seguir, cortarei nosso vínculo de invocação e mandarei você direto para o Inferno.

Wrath pressionou os lábios — a única indicação externa de que não estava nada satisfeito, mas não discutiu ou fez menção de vir comigo novamente. Me sentindo aliviada, escapei pela saída do jardim, empurrei um emaranhado de vinhas e arbustos altos, e disparei para a noite.



QUARENTA E UM

À duas portas de distância da minha casa, fiquei ciente dos passos quase silenciosos atrás de mim. Depois da noite que tive — com a vidência da minha melhor amiga do Inferno, vampiros sedentos e demônios tortuosos sequestradores — eu não tinha certeza do que esperar.

Havia um grande número de nojentos atrás de sangue de bruxa. Talvez o demônio Umbra estava de volta, ou outro demônio Aper estivesse caçando. Por alguma razão, pensei em Envy e Greed se unindo para coletar o Chifre de Hades antes de me esfolar, e estremeci.

Eu não estava nada preparada para Fratello Carmine. Suas vestes escuras sibilavam pelas pedras, como pequenos sussurros de advertências para correr e se esconder.

Eu rapidamente me coloquei entre dois prédios ao lado da minha casa, o coração batendo forte enquanto o som de sua perseguição se aproximava. Ele manteve um ritmo constante, a cabeça virando de um lado para o outro, ao passar por mim. Não tinha certeza de quem ele estava procurando. Talvez ele estivesse tentando descobrir onde Antonio havia trazido Claudia. Eu deveria saber que ele não deixaria minha amiga ir embora sem ter certeza de que o diabo não estava nela.

Esperei alguns segundos antes de espiar pela lateral da casa. Ele parou perto do fim da rua e estava tendo uma

conversa apressada com outro membro da irmandade. Fragmentos foram levados até onde me escondi.

— Antonio... noite...

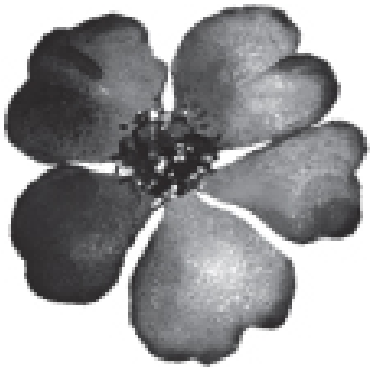
— ... profano.

— ... ausente.

— Encontrou....sinais?

Encostei-me no prédio e respirei fundo algumas vezes. Antonio estava desaparecido porque um príncipe do Inferno o mantinha como refém. E era tudo minha culpa por ter pedido para ele levar Claudia para casa. Eu precisava consertar isso antes que mais alguém se machucasse. Irmão Carmine dificilmente precisava de uma razão para começar uma caça às bruxas. O mero fato de ele ter sido chamado de volta de onde quer que a igreja o tivesse enviado era um sinal de que eles acreditavam que o diabo estava à espreita.

Eu saí das sombras e corri para minha casa.



Havia três demônios amontoados dentro da cozinha com minha família. Um era o demônio com cabeça de

carneiro que Envy ainda tinha vigiando meus pais. O outro não era nada além de uma sombra densa pairando sobre Nonna e Claudia curvada e sedada — o demônio Umbra. Antonio não estava entre o grupo, e meu estômago se revirou de preocupação. Eu não tinha certeza de como os demônios se sentiam sobre os humanos que se devotavam à Deus, mas não era um bom presságio para meu amigo de infância. Eu também não via o vampiro em lugar nenhum. Eu esperava que isso não significasse que ele estava se banqueteando em Antonio.

O último demônio no cômodo era o próprio príncipe traidor, Envy.

— Onde está Alexei? — Perguntei, não querendo outras surpresas.

— Ele está de volta ao reino, cuidando da Casa Envy até eu retornar. — Envy estava recostado na cadeira de balanço de Nonna, com as botas em cima da nossa ilha. Tinha sujeira respingada no topo de pedra. O mesmo lugar onde minha irmã costumava trabalhar em poções e bebidas. Alguma coisa sombria e perversa acendeu dentro de mim com a visão. Envy não parecia preocupado. — A não ser que você tenha o outro amuleto, querida, esta visita é muito indesejável.

Talvez fosse a raiva latente que eu tentei sufocar após meu encontro com Wrath, ou a visão de meus entes queridos amontoados no chão em nossa própria casa, ou

pura imprudência, mas eu tive. Eu marchei e empurrei as botas de Envy para fora de nossa ilha.

— Mostre um pouco de respeito, vossa alteza. Pode ser assim que você trata as coisas no seu buraco do inferno, mas esta é a nossa casa.

A lâmina de Envy estava em minha garganta antes que eu tivesse tempo de piscar.

— Você perguntou a Wrath sobre a alma, não foi? Imagino que você não gostou do que ele disse. — Ele pressionou a adaga com um pouco mais de força. Eu senti uma leve picada quando perfurou minha pele. Fiquei parada, sem ousar respirar. — Não desconte sua própria ira em mim ou soltarei essa lâmina na sua avó. Não há nada tão satisfatório quanto assistir uma bruxa sangrar. Especialmente uma que...

— *Silentium.*

O feitiço ecoou pela sala como se as palavras de Envy tivessem sido cortadas com um lampejo de uma faca. Nonna levantou-se do chão, um leve brilho púrpura a rodeando. Eu não conseguia acreditar. Ela forçou o príncipe demônio ao silêncio. Ela agarrou seu *cornicello* e começou a entoar um feitiço que eu nunca tinha ouvido. Eu encarei, sem piscar, enquanto sua voz ficava mais forte. Eu não sabia que ela tinha se curado. Os demônios também pareciam não ter percebido, um erro que estavam prestes a pagar. Nonna desenhou uma imagem no espaço à sua

frente, e um feitiço *cimaruta* brilhante e sobrenatural apareceu lá.

Fiquei tão atordoada com sua demonstração de poder que não percebi o portal preto e brilhante se formando atrás de Envy. Minha boca se abriu em choque. Santa deusa acima...

A luz roxa ao redor de Nonna terminava em pontas prateadas agora. Envy, pela primeira vez, parecia preocupado. Ele deu um pequeno passo para trás, os olhos se virando na direção de seus demônios, mas Nonna puxou um punhado de erva-doce seca do bolso da saia e sussurrou um encantamento que prendeu seus pés no lugar.

Um movimento de seu pulso e fios pretos giraram no ar diante do príncipe do Inferno, então escorregaram em direção a seus pés como serpentes. Os outros dois demônios se moveram em direção a Envy, apenas para serem rechaçados por sombras pretas derivadas do feitiço. Eu mal podia ouvir sobre as batidas do meu coração quando vi o que minha avó tinha feito. Ela tinha magicamente costurado os pés dele no chão. Agora ele não podia falar nem se mover. Seus olhos se arregalaram o suficiente para mostrar as partes brancas.

Nonna voltou ao seu feitiço.

— Uma chave para trancar, uma lua para guiar.

Minha atenção voou de volta para a imagem mágica de um galho de arruda enquanto cada uma das cinco hastes começou a se mover e a se estender em diferentes formas. Uma chave e uma lua cheia formadas no final de dois ramos. De repente, soube exatamente o que Nonna estava fazendo. Ela chamou minha atenção.

— Agora, Emilia!

Eu segurei o *cornicello* de Vittoria e me concentrei na *cimaruta* brilhante, alimentando o feitiço de Nonna com meu poder.

— Uma adaga para matar, uma cobra para morrer.

Mais duas imagens apareceram no feitiço brilhante.

Nonna acenou com a cabeça em aprovação, e dissemos a parte final do feitiço juntas, nossas vozes ecoando enquanto um turbilhão de vento uivava dentro do portal.

— Bendita coruja vá em frente e voe.

A última imagem estourou no final da *cimaruta*. Agora os cinco feitiços pulsavam com luz roxa. Nonna andou até onde Envy estava congelado, se inclinou, e sussurrou alguma coisa que fez seus olhos se arregalarem ainda mais.

Então ela plantou as duas mãos em seu peito e o mandou direto para o Inferno. Os dois demônios restantes mergulharam pelo portal atrás dele. Nonna largou seu amuleto e desabou contra a ilha. A *cimaruta* desapareceu.

Um momento depois, o portal fechou. O silêncio cobriu a sala. Eu meio que tive vontade de cair de joelhos ou vomitar.

Minha atenção se voltou para meus pais, que ainda estavam naquele estado nebuloso e quase inconsciente. Claudia também estava caída, seus olhos fechados como se estivesse dormindo. Qualquer que fosse a magia que Envy usou neles, precisava de tempo para passar. Nonna atravessou a pequena cozinha e se deixou cair em sua cadeira de balanço.

— Pegue o vinho da caixa de gelo e sente-se, bambina. Temos muito a discutir e pouco tempo. Esse feitiço não vai durar muito tempo. Tenho a sensação de que ele vai voltar.

Encarei minha avó. Ela apenas desenhou uma *cimaruta* brilhante e baniu um príncipe do Inferno para o submundo. E em vez de parecer esgotada, seus olhos estavam acesos. De fato, se eu olhasse de perto, poderia jurar que pequenas estrelas cintilantes brilhavam em suas írises.

— Que tipo de magia foi essa?

— Do tipo que exige pagamento. Agora me traga o vinho. — Servi duas taças e entreguei uma a Nonna. Ela deu um gole longo e exalou. Enquanto ela bebia de sua taça novamente, eu afastei a minha e puxei meu cabelo para trás. O feitiço que usamos me deixou suada. A atenção de Nonna se voltou para meu pescoço, sua cor se esvaindo. — Você foi Marcada.

— Pela lâmina de Envy? — Eu esfreguei o local em meu pescoço onde ele pressionou sua adaga. — Não achei que ele me cortaria tão profundamente.

— Não, bambina. Você foi Marcada de uma maneira diferente por um príncipe do submundo. É supostamente uma grande honra entre suas Casas. Muito poucos as recebem.

Ela tinha que estar enganada. Em vez de discutir, entrei em nossa pequena câmara de banho. Eu coloquei o cabelo para o lado e me inclinei. Não notei nada incomum, muito menos uma marca especial.

— Viu? — Nonna apareceu atrás de mim e traçou a área. Ela deve ter usado algum feitiço porque de repente um minúsculo e cintilante *S* brilhou para mim. Eu apertei os olhos. Ou era uma cobra?

Eu fiquei lá, imóvel. Era o local onde a língua de Wrath se moveu por mim na noite em que quase morri no ataque do Viperidae. Ele também traçou novamente no início desta noite. Eu hesitantemente ergui a mão e passei os dedos por ela. O frio invadiu minha pele. Franzi a testa.

— O que isso faz?

Nonna não parecia nada satisfeita.

— Ela permite que você invoque o demônio que a colocou sem o uso de um objeto que pertence a ele. Enquanto o príncipe do Inferno respirar, nada o impedirá de atender à convocação.

— Você quer dizer... eu posso simplesmente invocá-lo sem sua adaga?

Nonna assentiu lentamente. Ela parecia prestes a dar uma lição, então rapidamente soltei o cabelo.

— É uma coisa perigosa, Emilia. Quem colocou isso em você?

Não havia sentido em mentir.

— O Príncipe Wrath.

— Tem certeza? — Ela perguntou. Eu assenti. Wrath foi o único que me tocou. Tentei não pensar em seus lábios no meu pescoço mais cedo. Ou como isso me fez sentir. Nonna apenas encarou por mais um minuto. — Suponho que não há como negar agora.

— Negar o quê?

— A profecia. Quando eu era jovem, recebi a incumbência de ser uma das guardiãs do Chifre de Hades.

Eu estava sem palavras. Repassei sua confissão e de alguma forma consegui formular algumas perguntas decentes.

— Guardiãs? — Perguntei. — Quantas existem? E que profecia?

— Paciência. Vou chegar lá, bambina.

Minha mão se moveu para o amuleto de minha irmã.

— Você já os usou?

— Não, nunca. Em cada geração, desde quando La Prima os entregou, uma bruxa é escolhida para protegê-los.

Fomos informadas de uma profecia antiga envolvendo bruxas gêmeas. Quando elas nascessem, na noite de uma terrível tempestade, só então os amuletos poderiam ser usados.

Eu respirei fundo. Era muita coisa para absorver de uma vez.

— Como você sabe que Vittoria e eu somos as envolvidas? Talvez haja outras gêmeas...

— Não há bruxas gêmeas, ambas com magia, nascerem nestas condições.

— Nunca? — Perguntei. Nonna balançou a cabeça. — Sobre o que é exatamente a profecia?

Nonna deu outro longo gole em seu vinho, sua expressão triste.

— As gêmeas sinalizariam o fim da maldição do diabo e seriam forçadas a fazer grandes sacrifícios para manter os portões do Inferno intactos. Se elas escolhessem não fazer nada, o Inferno reinaria na Terra. As gêmeas devem trazer equilíbrio entre os dois reinos. Assim como acima, também abaixo.

Meu coração disparou. Havia algo sobre essa frase, algo enterrado profundamente... eu já ouvi isso antes, duas vezes. A primeira vez quando eu estava sob a influência de Lust. E depois quando eu estava me recuperando com Wrath.

— O que essa parte significa exatamente?

— Ninguém sabe ao certo — Nonna disse, com a atenção voltada para onde meus pais estavam se mexendo. — Tem sido uma discussão constante entre as treze famílias bruxas em Palermo. Alguns acreditam que se refere ao uso da magia da luz e das trevas. Poucos pensam que significa que um príncipe vai se apaixonar por uma bruxa. Outros acreditam que significa que uma gêmea vai governar o Inferno para impedir que este mundo seja destruído. E há outros que pensam que as gêmeas devem se sacrificar para salvar os dois reinos. Uma para o paraíso e a outra para o Inferno.

— Como ser Marcada se encaixa em...

— Se a profecia for verdadeira, não resta muito tempo. Os portões estão quebrando. — Nonna subitamente me empurrou para fora da pequena sala e pelo corredor. — Você deve correr, Emilia. Deixe-nos aqui e vá. Vamos esperar mais ou menos um dia e depois iremos nos esconder também. Vamos achar uma maneira de nos encontrar novamente um dia. Por enquanto, você deve sair daqui e não chamar a atenção de outro príncipe do Inferno. Entendeu? Não confie neles, em nenhum deles. Encontraremos uma maneira de enfeitiçar temporariamente os portões. Você se concentra em ficar escondida.

— Não posso...

— Você vai. Você vai porque você *deve*. Saia daqui antes que o demônio volte. Vamos encontrar uma maneira de impedir a profecia, só precisamos de um pouco de tempo. — Nonna segurou meu rosto com ternura, seus olhos castanhos lacrimejando. — O amor é a magia mais poderosa. Acima de tudo, lembre-se disso. Sempre vai guiá-la para onde você precisar ir. — Ela me soltou e recuou. — Agora vá, bambina. Vá ser corajosa. Seu coração conquistará as trevas. Confie nisso.

QUARENTA E DOIS

Saí cambaleando de nossa casa para a rua. O amanhecer pintava listras vermelhas e douradas no céu. Eu olhei para cima, tentando me orientar em minha nova realidade. O mundo era o mesmo de sempre, mas parecia irrevogavelmente mudado. Uma profecia prevendo um desastre... eu respirei fundo novamente. Não conseguia acreditar que ninguém nos contou sobre isso antes. Saber que minha existência poderia sinalizar o fim dos tempos da Terra era um tipo grande de segredo para esconder, especialmente se não sobrou muito tempo antes que os portões do Inferno se abrissem.

Eu também não podia acreditar que Nonna havia enfrentando um príncipe do Inferno e vencido. E ser Marcada por Wrath.... Tudo estava acontecendo muito rápido. Eu mal conseguia processar tudo. Eu olhei por cima do ombro para minha casa, ouvindo o leve murmúrio de vozes. Meus pais estavam totalmente acordados. Graças à deusa. Eu corri de volta escada acima e parei, a mão pairando sobre a maçaneta. Eu queria mais do que tudo entrar e abraçar meus pais, dizer que os amava, mas não podia. Lágrimas pinicaram meus olhos enquanto corria para longe. Eu não queria deixá-los, mas se o que Nonna disse sobre a profecia era verdade, todos estariam mais seguros sem mim.

Eu rapidamente andei pelas ruas, tentando formular um plano. Eu me perguntei se minha irmã descobriu a profecia. Se ela tinha, explicava porque ela pensou que aceitar a barganha do diabo era necessário. Talvez ela estivesse tentando me salvar. Entre os portões do Inferno e a profecia, as opções de como impedir que mais caos chegasse estavam diminuindo.

Passei pela praça do mercado, evitando as tendas de vendedores que conhecia, contornei a multidão e acabei em uma rua íngreme de frente para o mar.

Eu estava pensando muito no que a Nonna disse. Sobre o amor ser a magia mais poderosa. Eu não tinha certeza se isso era verdade em seu sentido literal, mas o amor pela minha gêmea me fez mais forte. Nos meses que se seguiram ao assassinato de Vittoria, eu deixei meu conforto para trás em detrimento de ajudar a dar paz para ela.

Eu invoquei um demônio e encontrei quatro príncipes do Inferno. Eu lutei contra um demônio gigante em forma de cobra, fui perseguida e quase mordida por outro, e sobrevivi a tudo. Eu enganei Greed para ganhar informações, aprendi astúcia com Wrath. Eu não sabia que era uma lutadora antes de tudo isso. Agora eu sabia que podia e faria qualquer coisa pelas pessoas que amava.

Eu peguei o amuleto de Vittoria, querendo me sentir conectada a ela. Eu queria que ela tivesse visto Nonna lutando contra um príncipe demônio. Quando meus dedos o

apertaram, alguns pequenos detalhes vieram à tona. Não sei como a conexão foi feita, mas subitamente lá estava.

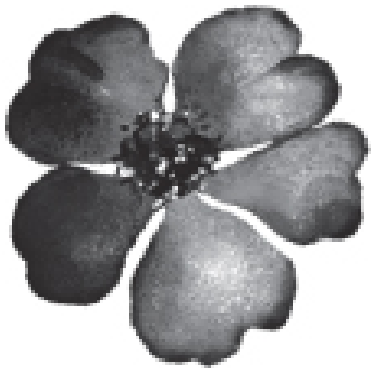
Erva-doce. Nonna havia usado erva-doce seca em Envy. E não foi a primeira vez que eu vi erva-doce conectada à luta contra os Perversos. Wrath apontou que a imagem pintada na porta do antigo prédio de armazenamento de pescadores tinha uma pata segurando um talo de erva-doce, não trigo como eu havia originalmente pensado.

O que significava.... Meu pulso acelerou. Pensei em mais histórias da nossa infância. Eu conhecia aquele símbolo — não estava no diário de Vittoria e também não pertencia a nenhum príncipe demônio. Muito pelo contrário. Eu não pensava nas lendas desde a noite no mosteiro quando Antonio as mencionou, mas simbolizava uma antiga ordem de metamorfos que diziam que lutavam contra o mal.

Quase todo mundo no Reino da Itália ouviu histórias dos poderosos metamorfos enquanto crescia. A conversa acabou transformando-os em mitos, mas isso não significava que não fossem reais e que não existiam mais. Os aldeões com quem Antonio havia falado pareciam pensar que eles estavam muito vivos, bem e se reunindo novamente. Excitação vibrou por mim. Se uma seita antiga de guerreiros estava vivendo em Palermo, talvez fosse hora

de ver se eles gostariam de ajudar a livrar a cidade dos demônios que estavam invadindo.

Independentemente de tudo, eu senti algo sobrenatural naquele cômodo com o equipamento de pesca. E agora eu descobriria exatamente o que havia sentido.



Dentro do prédio abandonado com o símbolo de metamorfos pintado, tudo estava assustadoramente parado e quieto; como se o próprio aposento estivesse esperando, com a respiração presa, que seus segredos fossem descobertos. Havia alguma coisa aqui que eu precisava descobrir. Eu sabia. Eu *sentia*.

Agora, eu examinei os itens diversos cuidadosamente, arrastando minha atenção sobre cada tábua no chão, cada canto e cada item que eu pudesse ver. As redes e equipamentos de pesca ainda estavam empilhados da mesma forma. Desta vez, entretanto, decidi ver se meu *luccicare* localizaria o objeto mágico da maneira que minha irmã era capaz de ouvi-los sussurrando para ela.

Eu segurei o *cornicello* de Vittoria e me concentrei com força no meu talento, tentando forçar a manifestação da aura lilás. Isso não aconteceu, mas outra coisa estranha aconteceu. Quanto mais eu tentava me concentrar no *luccicare*, mais sintonizada ficava com os sons. Eu fechei os olhos, ouvindo um leve zumbido que me chamava. Havia algo familiar nele que eu não conseguia identificar.

Abandonei o pensamento racional e me entreguei completamente aos meus sentidos.

Eu dei um passo para a direita e o som desapareceu. Eu inalei profundamente, re-centralizei o foco e me movi para a esquerda. O zumbido voltou. Eu avancei em direção a ele, parando e focando novamente cada vez que começava a desaparecer. Quanto mais perto eu chegava, mais alto e estável ficava.

Dei um último passo à frente e parei.

Abri os olhos. Fui guiada até a parede oposta, onde os anzóis de pesca estavam pendurados em fileiras organizadas. Eu me lembrei de ter examinado essa parte no dia que Wrath e eu nos aventuramos aqui dentro. Eu fui atraída para cá, mas não confiei em meus instintos. Corri os dedos sobre os ganchos. Alguns eram brilhantes, outros embaçados pelo uso e ferrugem. Cheguei ao fim da parede e parei. Um gancho de aparência muito comum parecia zumbir conforme eu me aproximava. Eu recuei e o som desapareceu.

Eu foquei novamente e ele retornou. Eu soltei um suspiro e deixei de lado as perguntas para as quais não tinha resposta. Eu não tinha certeza do que fazer, mas estendi a mão para remover o velho gancho da parede. Quando puxei, uma porta secreta se abriu atrás dele. Santa deusa acima. Eu não esperava isso.

Olhei bruscamente por cima do ombro, preocupada que houvesse um espião invisível espreitando atrás de mim, esperando para relatar para quem trabalhava. Eu examinei a sala lentamente, mas a menos que houvesse vários demônios Umbra na cidade, aquele contratado por Envy se foi.

Eu afastei os calafrios e me virei de volta para a porta secreta. Jurei ter ouvido sussurros distantes de muitas vozes vindo de dentro da passagem escondida. Pensei no diário de Vittoria, sobre as linhas que ela tentou decifrar e que haviam sido misturadas com a sessão de vidência de Claudia.

Eu segui o zumbido de vozes para uma caverna, bem acima do mar...

.... eu o encontrei lá, enterrado nas profundezas da terra. Consegui entender uma fala antes que se transformasse em caos.

Pensei na “coisa” que ela mencionou. Se nós duas usamos partes do Chifre de Hades a vida toda, então essa não poderia ser a “coisa” misteriosa a que ela se referia.

Então, o que ela ouviu sussurrar para ela bem acima do mar? O que Vittoria desenterrou e decidiu esconder de novo, em algum lugar longe dos Malvagi?

Olhei para a porta secreta, me perguntando se eu seria corajosa o suficiente para ver aonde ela levava. Sussurros me chamaram, um pouco mais alto, um pouco mais insistente. Minhas palmas suaram.

Talvez usar o *cornicello* de Vittoria me dava acesso à sua magia. O que significava que o quer que tenha atraído minha irmã para aquela caverna acima do mar, agora estava me chamando.

Se eu realmente queria descobrir o que aconteceu com Vittoria, eu precisava ver o que estava atrás daquela porta. Com uma oração rápida para a deusa, segurei seu *cornicello* com força e entrei na passagem secreta.

QUARENTA E TRÊS

Uma escadaria antiga e em ruínas me cumprimentou. Hesitei no primeiro degrau, olhando para a escuridão abaixo. Não havia tochas ou luzes para me guiar quando descesse. Apenas teias de aranha e o desejo inconfundível de correr na direção oposta. Os sussurros eram muito mais altos e animados aqui, e encobriam outros ruídos. Se alguém ou alguma coisa me seguisse, eu não saberia até que estivesse quase em cima de mim.

Esfreguei o polegar na superfície lisa do *cornicello*. Eu era uma bruxa abençoada pela deusa usando um dos chifres do diabo. Certamente eu encontraria uma maneira de lançar um pouco de luz. Me concentrei com força no

cornicello da minha irmã, imaginando as vezes que aquela estranha luz roxa emergiu e o mais ínfimo brilho apareceu. Não era muito, mas seria o suficiente para iluminar meu caminho. Eu exalei e comecei a longa caminhada para baixo.

Eu mantive uma mão no amuleto e a outra contra a parede, certificando-me de não perder o equilíbrio e cair para a morte. Demorou um ou dois minutos, mas finalmente cheguei ao final. Eu olhei ao redor, garantindo que não estava prestes a ser atacada. Eu estava em um túnel que me lembrou da localização do ninho do Viperidae. Lutei contra um tremor. Eu esperava sinceramente que não o encontrasse novamente. Evitando que esses medos se enraizassem, segui em frente.

Alguns metros à frente, o túnel se bifurcou. O caminho à minha esquerda parecia inclinar-se continuamente, bloqueando minha visão. O da minha direita parecia continuar por um tempo antes de virar à direita. Honestamente, nenhum dos dois parecia uma viagem divertida, mas eu não estava aqui para me divertir. Fechei os olhos e ouvi a magia me conduzindo. Os sussurros estavam mais altos à direita. E o leve puxão no meu centro me puxou para esse caminho. Então foi essa a direção que escolhi.

Perdi a noção de quanto tempo havia passado quando parei abruptamente. O amuleto da minha irmã tinha

passado de um leve brilho roxo para uma luz forte e pulsante. Eu nunca vi nenhum dos nossos amuletos agirem assim antes, e imediatamente fiquei desconfiada. Eu olhei em volta, procurando a causa e vi uma cruz grosseira pintada na parede. Devo estar embaixo de uma igreja. Fui desviar o olhar, mas algo chamou minha atenção.

Lá, enterrado um pouco pela sujeira, havia um brilho prateado. Os sussurros chiavam animadamente.

Com o pulso acelerado, me aproximei e me inclinei para limpar a sujeira. Meu amuleto perdido brilhou em boas-vindas. Eu o peguei e fui colocá-lo em volta do meu pescoço, então parei. Nonna disse que eles nunca deveriam se tocar. Eu não tinha certeza se isso importava mais, mas não queria arriscar outra catástrofe. Eu tirei o amuleto da minha irmã e o coloquei no bolso secreto da minha saia. No momento em que meu *cornicello* encostou na minha pele, meus ombros relaxaram. Eu não tinha percebido quanta tensão estava carregando. Pode ser um dos chifres do diabo, mas agora pertencia a mim.

Eu me levantei e olhei ao redor. Eu estava esperando achar um local de encontro secreto dos metamorfos, mas não havia portas ou ramificações. Estava considerando minhas opções quando ouvi um som que não era resultado de objetos mágicos sussurrando. Alguém estava aqui embaixo. Pode ser quem pintou aquele símbolo na porta, ou pode ser algo muito pior.

Pensei em correr, mas isso não seria sensato. Qualquer que fosse a grande criatura má, provavelmente adoraria me perseguir. Olhei para a frente, feliz em ver o desvio a poucos metros de distância. Se eu corresse, eu poderia despistar o que quer que estivesse me seguindo. Não perdi outro segundo considerando, corri em direção ao próximo túnel.

Eu dobrei a esquina e corri para as sombras, desenhei um rápido círculo de proteção, então me pressionei em um recuo úmido, escondida da vista.

Um leve deslocamento de pedras indicou que meu perseguidor não desistiu. Eu prendi a respiração, preocupada que o menor inalar ou exalar pudesse me denunciar. Meu perseguidor parou perto o suficiente para que eu pudesse ver suas feições, e engoli uma série de maldições.

— Você está completamente....

A mão de Wrath disparou e cobriu minha boca antes que eu terminasse minha frase. Ele atravessou o meu círculo de proteção sem mostrar qualquer indicação de que o havia afetado. O que deveria ser impossível porque estava ligado ao meu poder. Eu estava atordoada demais para fazer algo inteligente, como mordê-lo.

— Agora que você possui o Chifre, há três dúzias de demônios Umbra se aproximando. Duas dúzias dos quais têm seguido você desde que você deixou sua casa. — Ele

removeu a mão. — Se eles atacarem, quero que corra. Não olhe para trás nem demore. Entendeu?

— *O que?* — Quase quarenta assassinos invisíveis estavam me seguindo, mas essa nem era a parte mais assustadora. Imaginar esse tanto de demônios invadindo este mundo, e o dano que eles poderiam causar...era demais. — Como eles chegaram aqui?

— Tenho dois palpites. Ou os portões estão exponencialmente se enfraquecendo. Ou alguém invocou todos eles. — Wrath nos pressionou com mais firmeza contra a pedra; seu corpo enorme, engolindo qualquer partícula de luz do meu amuleto que pudesse nos denunciar. — Se você concordar, posso nos *transvenio* de volta para o palácio. Você vem comigo?

Um leve puxão de advertência deteve minha língua. O que era estranho considerando que eu queria muito que ele nos afastasse do perigo com um passe de mágica. Mas também era muito conveniente que eu só tivesse a *sua* palavra sobre os mercenários invisíveis. Envy teve sucesso em uma coisa; ele criou dúvidas.

— Como isso funciona, exatamente?

— Simplificando, você viaja através das dimensões comigo e é depositada em um lugar de minha escolha.

— Você disse que eu tenho que concordar... isso acontece todas as vezes?

— Depois de dar permissão, é eterno.

Apesar do perigo se aproximando, ainda havia aquele sentimento incômodo que eu não podia ignorar. Prefiro me arriscar com mercenários do que fazer uma barganha eterna.

— E o que mais?

Ele hesitou agora. O que me preocupou.

— Essencialmente, parece que você está sendo incinerado enquanto mudamos o tempo e espaço. Não dura mais do que um ou dois segundos.

Eu o encarei. Fogo e bruxas se misturavam tão bem quanto demônios e anjos. Estava resolvido. Eu tentaria minha sorte com os assassinos.

— Tem que haver...

— Corre, Emilia!

Ele girou e deu um chute forte no que só poderia ser um demônio Umbra. Eu não o vi voar, mas ouvi um som estranho. Se era incorpóreo, não tinha certeza de como Wrath fez contato com ele. Ele atacou outro, e outro. Foi só quando caíram que entendi a anomalia. A adaga demoníaca de Wrath cortava suas cabeças. Talvez segurar a arma permitia que ele os acertasse também.

Ao morrer, perdiam sua invisibilidade. Eu queria correr, mas não conseguia me mover. Encarei para os rostos pálidos com profundos círculos pretos ao redor de seus olhos fundos e dentes esculpidos em minúsculas pontas,

presos em gengivas pretas a apodrecidas. Pareciam cadáveres e tinham o mesmo cheiro.

Eu não conseguia decidir se não saber suas verdadeiras faces era melhor ou pior.

— Pegue os chifres e vá! — Wrath se esquivou adiante, golpeou, cabeças rolaram. Ele era a violência em pessoa. Assistindo ele atacar e mutilar demônio após demônio, imaginei que ele era invencível. Ele golpeava, desviava, chutava e então cabeças rolavam. Partes do corpo voavam. Sangue escuro espirrava. Não havia nada que pudesse detê-lo.

Envy emergiu da parte mais profunda das sombras, seus olhos brilhando como esmeraldas.

— Agarre ele.

Ele estalou os dedos uma vez, e vi as formas sombrias dos demônios Umbra quando eles enxamearam como uma colmeia de vespas cruéis. Wrath lutou, se debateu e conseguiu acertar mais alguns, mas não adiantou. Mesmo algo tão poderoso quanto um demônio da guerra não podia conter a maré de corpos invisíveis que continuava vindo para ele. A não ser que ele liberasse toda a sua magia.

Estranhamente, nenhum deles chegou perto de mim.

Eventualmente eles seguraram Wrath no lugar. Seu poder retumbou, rolou pelos túneis, mas Envy apenas riu enquanto as pedras choviam. Eu consegui me esquivar de

uma grande pedra que caiu onde eu estava um segundo antes.

— Vá em frente. Use todo esse poder, irmão. Você vai enterrar a sua bruxa. — O murmúrio nas profundezas da terra cessou. Envy olhou em minha direção, sorrindo. — Não se preocupe. Ainda não tem nada a ver com os sentimentos dele, querida. Você é um meio para um fim. Não é verdade, irmão?

— Se você fizer isso, você estará se condenando também. — Mesmo preso, cercado por inimigos, Wrath não parecia intimidado. — É realmente isso o que você quer?

— Talvez eu goste de ser condenado. — Envy limpou a sujeira imaginária de suas lapelas. — Talvez você deva se lembrar como é, querido irmão. Ter algo que você cobiça levado embora. Pena que você não se lembrou que eu também sou algo a ser temido. Permita-me lembrá-lo.

Se não fosse pela *pancada* úmida nauseante e o gemido abafado de Wrath, eu poderia não saber que algo — além de estar cercada por demônios mercenários invisíveis — estava errado. Eu assisti com horror silencioso quando a adaga de Envy se aprofundou na virilha de Wrath e ele a arrastou através de seu corpo, abrindo-o pelos dois lados do quadril. As entranhas se derramaram quando Wrath se curvou, seus olhos arregalados.

— Vá — ele tossiu. O sangue espirrou de seus lábios.

Eu encarei, sem piscar. Acho que gritei.

Os sons ao meu redor foram substituídos por um som agudo e lamentoso na minha cabeça. Meu rosto ficou quente, depois frio. Todo o abdômen de Wrath foi aberto. Em um segundo ele estava de pé, lutando, e depois...depois...havia tanto sangue. Eu caí de joelhos e vomitei.

Envy riu, o som rebatendo nas paredes.

— Faz muito tempo que quero fazer isso, irmão. Não posso te dizer como é bom ver você sangrar. — Ele olhou para mim, seu lábio superior curvando. — Observe de perto, querida. É assim que trato a família. Imagine como é ser meu inimigo. Não pense que esqueci o que você e sua avó fizeram comigo.

Ele torceu a adaga e Wrath tossiu sangue de cor escura. Eu me forcei a assistir, a ficar de pé. Eu não podia cair em pedaços agora. Os demônios Umbra que estavam segurando o demônio da guerra devem ter o soltado; Wrath deslizou para o chão, olhando para a brutalidade de seu ferimento.

Envy ergueu sua lâmina novamente, mas eu não podia suportar.

— Pare! — Engasguei com um grito quando Envy ignorou meus apelos e o esfaqueou mais uma vez para garantir. Ele deu um passo para trás para examinar o dano. Wrath se contorceu para olhar em minha direção, mas não

conseguiu. Ele nunca se contorcia. Não achei que fosse da natureza dele.

— Por favor...Emilia. Eu... — Ele engasgou; o som rouco e difícil. Ele estava morrendo. Morrendo de verdade.

Alguma coisa se agitou em mim.

Eu corri para seu lado, as mãos atrapalhadas e tentei estancar o sangramento.

— Está tudo bem. Vai dar tudo certo. Você só tem que se curar.

Mais uma vez, eu não tinha feitiço, nenhuma magia para invocar para curar seu ferimento. Eu estava abalada demais para pensar com clareza. Eu só tinha minhas mãos e a esperança de que ele pudesse se curar rápido o suficiente. Ele lentamente se virou para mim, a luz deixando seus olhos antes que ele encontrasse meu olhar suplicante. Isso não podia estar acontecendo. Eu precisava dele.

— Não. — Agora, mais do que nunca, ele tinha que se levantar e ficar bem. Eu o balancei um pouco. Ele estava estranhamente imóvel, as pupilas fixas. Eu sabia o que isso significava e não podia... ele não podia estar morto. Esse demônio estúpido e arrogante deveria ser imortal. — Levanta.

Ele precisava se curar. Ele só precisava de um pouco de tempo. Eu podia segurar sua ferida por mais alguns

minutos. Era tudo o que ele precisava. Alguns minutos. Eu posso fazer isso. Posso ficar aqui até que ele se cure.

Eu ainda estava ajoelhada ali, com as mãos cheias de sangue, quando seu corpo desapareceu deste reino.

Eu encarei o sangue em minhas palmas. Havia muito. Demais. Nenhum mortal sobreviveria a esses ferimentos. Wrath sempre se curava instantaneamente antes.

Ele estava ferido, mas não morto.

Assim como Lust quando ele foi atingido pela lâmina de Wrath. Ele *não podia* estar morto. Esse era o ponto da imortalidade. Mas... eu vi a vida deixando os olhos do demônio. Lust não ficou assim. Ele ainda estava respirando quando ele desapareceu de volta para o Inferno. De repente, *eu* não conseguia respirar. Sem ele, eu...

Estendi as mãos; estavam tremendo. Eu olhei para baixo e observei de uma maneira estranha e desligada enquanto meu corpo inteiro tremia violentamente. Ver o corpo mutilado da minha irmã foi horrível, mas ver alguém sendo eviscerado.... Esfreguei as mãos nas minhas saias, mas o sangue não saía. Eu esfreguei e esfreguei e...

— Chega disso. — Envy envolveu longos dedos em volta do meu pulso, fazendo os ossos se encostarem. Um pouco mais de pressão e ele quebraria algo. — Todo esse desagrado poderia ter sido evitado se você tivesse ouvido. Você não tem ninguém para culpar a não ser você mesma.

— E-ele.... e-ele v-vai viver?

Envy se ajoelhou ao meu lado e pressionou o lado achatado de sua lâmina sob meu queixo. A lâmina ainda estava escorregadia com o sangue de Wrath.

— Você deveria rezar à sua deusa para que não. Agora me dê o Chifre de Hades e posso considerar acabar com você rapidamente.

Arrastei meu olhar para longe da mancha de sangue onde Wrath caiu. Ele lutou por mim. Ele se colocou entre seu irmão e eu, e pagou por isso. A raiva de repente tomou conta, clareando minha cabeça do luto. Olhei com raiva para Envy e coloquei minha mão no bolso da saia. Eu rapidamente coloquei o amuleto de Vittoria, finalmente reunindo o Chifre de Hades.

Um estalo semelhante a um chicote cortou o silêncio quando os chifres do diabo se reuniram. Poder surgiu dentro de mim,

— Saia. Saia antes que eu *faça* você sair.

— Você está cometendo um erro terrível. — Envy não cambaleou para trás nem correu, mas me obedeceu. — E não vou esquecer tão cedo sua desobediência, querida. E você também não deveria. Não é pouca coisa ter um príncipe do Inferno como inimigo. Venham.

Ele reuniu seus assassinos invisíveis e deixou o túnel úmido. Eu esperei até que ele fosse embora antes de cair no chão. Depois daquela demonstração de poder, eu não conseguia me mover. Puxei os joelhos para o peito. As

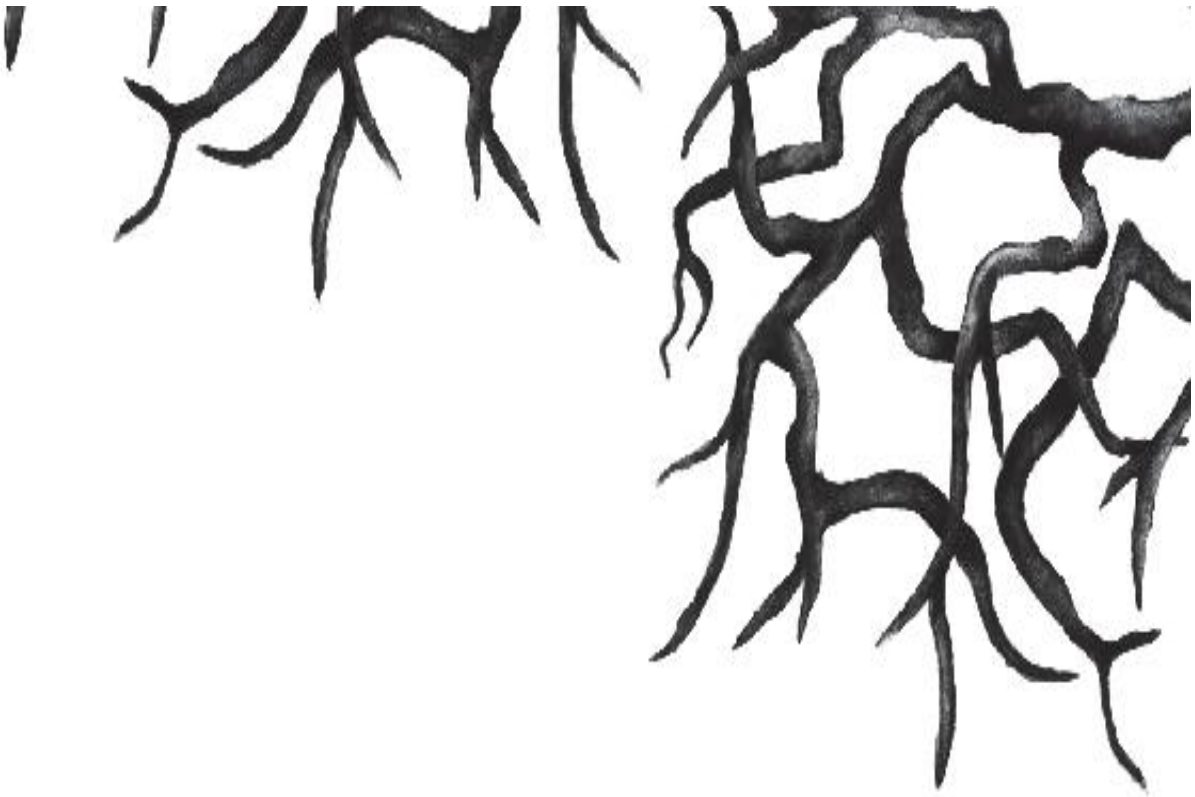
coisas deram muito errado e, desta vez, não tinha ideia de como seguir em frente. Wrath se foi. Minha família estava se escondendo, e vencer os príncipes do Inferno sozinha parecia mais impossível do que nunca. Ver Wrath rasgado de lado a lado chacoalhou algo em mim. Eu pensei que ele era invencível, então que chance *eu* realmente tinha?

Eu queria ser corajosa, ousada e inteligente, e vencer meus inimigos com astúcia. Admitir que tinha muito a aprender parecia derrota. Eu tinha magia e o Chifre de Hades, mas não havia tempo para aprender truques mais sombrios para equilibrar o campo de jogo. Nonna disse que tentaria retardar a abertura dos portões do Inferno, mas quem sabe se ela conseguiria antes que nosso tempo acabasse.

Ser realista não significava ser derrotista. Talvez as coisas *seriam* melhores se eu parasse de lutar, e esperasse para ver se o diabo queria me reivindicar.

Ou talvez agora que eu tinha seus chifres eu devesse invocá-lo, fazer uma barganha e impedir mais destruição. Minha atenção se voltou para onde Wrath havia caído. Tive a sensação de que sabia o que ele faria. E eu sabia o que Vittoria escolheu. Mas ainda não tinha certeza do que eu queria.

Então eu sentei lá, ao lado do sangue seco do meu pior inimigo, e chorei.



QUARENTA E QUATRO

Os feitiços de ressurreição fazem parte das artes das trevas e das artes proibidas. Se você tentar roubar a vida de volta, a Morte receberá sua retribuição em outro lugar, equilibrando a balança. Assim como acima, também abaixo.

—Notas do grimório di Carlo

Uma hora depois, eu estava do lado de fora do palácio em ruínas. Eu não tinha nenhum outro lugar para ir que fosse seguro, e esperava que a magia de Wrath ainda estivesse protegendo a construção. Eu cheguei ao térreo e tinha acabado de fechar a porta quando um pequeno pico de frio roçou meu pescoço. Estava para ignorar quando lembrei do que Nonna disse sobre ser Marcada por um príncipe do Inferno.

Wrath me deu uma maneira de invocá-lo.

Eu subi as escadas e peguei suprimentos de uma bolsa extra que trouxe dias antes. Velas pretas, alguns ossos de animais do restaurante, meu próprio grimório pessoal que comecei e...

Sangue e ossos! Sem a adaga de Wrath, eu não tinha nenhum ouro, que era o ingrediente principal que eu precisava para invocar um demônio da Casa Wrath. Eu andei pelo quarto e praguejei.

Por um maldito momento, desejei que algo simplesmente fosse fácil.

Empurrei as velas para fora do caminho e afundei na minha cama, piscando para conter as lágrimas. Estava tão brava com Wrath depois do nosso beijo, tão devastada por sua omissão sobre o que ele realmente queria, que eu quis machucá-lo de volta, mas nunca assim.

Assistir alguém que você conhece morrer, mesmo se é alguém que você *não deveria* gostar, não era pouca coisa. Depois a ameaça de Envy, a perda da minha família... Não sabia como proceder a partir daqui. Deitei e encarei as pequenas linhas no teto, pensando que eram como as pequenas fissuras que quebraram minha vida em um milhão de pedaços. Cada linha representava outro caminho, outra escolha, outra tentativa de corrigir os erros cometidos. Eu mentalmente refiz meus passos nas últimas semanas, tentando adivinhar onde posso ter tomado o caminho errado.

Quando nenhuma resposta inteligente veio, eu desisti e rolei para o lado. A pequena cômoda ao lado da cama tinha uma garrafa de prosecco e duas taças. Uma pequena tigela com fatias de laranja cobertas com chocolate também estava lá. Não me lembrava de ter visto nada disso antes, mas Wrath pode ter trazido as guloseimas enquanto jogávamos escopa.

Não sabia o que fazer com isso, então bani esses pensamentos e estourei a rolha, observando as bolhas borbulharem e estalarem suavemente enquanto eu enchia

minha taça. Se o mundo que eu conhecia estava acabando, eu merecia uma bebida antes de fazer um acordo com o diabo. Levei a taça aos lábios e fiz uma pausa. Wrath disse para olhar na cômoda se eu estivesse entediada. Eu não estava entediada, mas *estava* intrigada.

Eu coloquei a taça na mesa e abri a gaveta de cima.

Um pequeno anel de ouro em formato de ramos de oliveira repousava sobre uma cama de veludo achatado.

Era simples, mas lindo. Eu o peguei e coloquei no meu dedo indicador. Serviu perfeitamente. Meu coração se torceu. Eu sabia exatamente por que ele deixou para mim. Durante a Roma Antiga, um ramo de oliveira era dado por um inimigo como um gesto de paz. Uma lágrima escorreu pela minha bochecha enquanto eu pensava nele chamando isso de um galho da verdade. Wrath, provavelmente presumindo que eu não tinha muito ouro próprio, meu deu a peça final que eu precisava para invocá-lo. Ele se preparou para tudo. Tático em sua essência.

Me sentindo esperançosa pela primeira vez no que pareciam séculos, coloquei as velas em um círculo e as acendi, coloquei samambaias recém-cortadas e ossos, e comecei a invocar. Eu usei um pouco do meu próprio sangue na oferenda e alimentei o círculo com algumas gotas.

— Pela terra, sangue e ossos. Eu te convido. Venha, entre neste reino dos homens. Junte-se a mim. Preso neste

círculo, até eu te mandar para casa.

Eu me ajoelhei lá, esperando a fumaça reveladora da chegada de Wrath. Segundos se passaram. Mantive a esperança sob controle. Da última vez, segundos depois que o encantamento foi feito, os primeiros sinais de sua chegada ocorreram. Talvez, por estar gravemente ferido, ele precisava de uma oferenda maior. Espremi mais algumas gotas de sangue no círculo. Nada aconteceu.

— Vamos, demônio.

Repassei o ritual novamente. Ajustando as samambaias, ossos e velas até formarem um círculo perfeito. Coloquei meu anel dentro da área de contenção e pinguei mais sangue.

— Pela terra, sangue e ossos. Eu te convido. Venha, entre neste reino dos homens. Junte-se a mim. Preso neste círculo, até eu te mandar para casa.

Eu deixei de fora o latim novamente, visto que da última vez terminou em um noivado não planejado e Wrath disse que não era necessário. Quando tudo permaneceu em silêncio, tentei uma última vez, e usei o mesmo encantamento que nos uniria em matrimônio profano se Wrath aceitasse.

— Pela terra, sangue e ossos. Eu te convido. Venha, entre neste reino dos homens. Junte-se a mim. Preso neste círculo, até eu te mandar para casa. *Aevitas ligati in aeternus protego.*

Uma brisa forte soprou uma das velas. Eu esperei, a respiração presa, que o poderoso demônio da guerra se levantasse. Imortal. Furioso. De tirar o fôlego. Me preparei para uma lição que certamente viria. Momentos se passaram, mas não havia fumaça, ou sinais de que invoquei algo. Eu esperei e esperei. Pássaros começaram a chamar uns aos outros do lado de fora; a manhã não estava longe. E o feitiço de Wrath só poderia ser lançado à noite.

Ainda assim, tentei de novo, esperando que conseguisse desta vez.

Eventualmente, o resto da minha esperança se extinguiu. Nonna disse que enquanto ele vivesse, Wrath viria. O fato de ele não ter aparecido me encheu de pavor. Pensei no começo, quando rezei para a deusa da morte e da fúria, e não pude deixar de me perguntar se ela finalmente exigiu a vingança que eu não queria mais contra ele.

Observei as velas tremeluzirem, desejando que elas colocassem fogo na cama e no palácio inteiro. Seria apropriado que o resto do meu mundo explodisse em chamas. Wrath realmente se foi. E levou com ele o resto da minha esperança.

O Chifre de Hades estava em minha posse, mas eu não tinha certeza de como usá-lo para fechar os portões do Inferno. Minha família fugiu, Antonio foi sequestrado por

Envy e a mente da minha melhor amiga ainda estava presa entre reinos. Os demônios Umbra haviam se infiltrado nesta cidade e eu não tinha ideia de como me livrar de todos eles.

Eu apaguei as velas de invocação, uma por uma, até que fiquei completamente no escuro.

QUARENTA E QUATRO

Quando o sol espalhou seus primeiros raios pelo mar, eu já estava vestida para a batalha. Parei na frente do espelhou e terminei de trançar metade do meu cabelo como um diadema, e a outra metade solta em ondas. Prendi a parte superior com duas grandes presilhas em formato de ramos de oliveira incrustados com diamantes que — com exceção das pedras preciosas — combinavam com meu anel novo. Pintei meus lábios com cor de vinho e passei kohl em minhas pálpebras.

Dei um passo para trás e admirei meu trabalho; eu parecia perigosa. Meu vestido era de um vermelho profundo com mangas feitas de escamas douradas. Era escuro o suficiente para esconder sangue, mas não era um traje todo preto. Eu não me importava com a cor — mas parecia demais com o luto.

E eu estava completamente farta de me sentir triste.

Wrath disse que eu tinha uma escolha — eu poderia ser uma vítima ou uma vencedora. E, por mais que eu detestasse admitir, ele estava certo. Outros sempre estariam lá fora, tentando me derrubar, me dizer quem eu era ou quem eles achavam que eu deveria ser. As pessoas entalhavam palavras em armas frequentemente, mas elas só tinham poder se eu as escutasse em vez de confiar em mim mesma.

Se meus inimigos queriam criar dúvidas em mim, eu acreditaria ainda mais em minhas próprias habilidades. Mesmo se eu tivesse que fingir até que parecesse real.

Saí do Zisa e fui para o coração da cidade.

Dei a volta ao redor da Cidade Velha e fui para o Mercado Ballarò, onde barracas de comida eram erguidas ao redor do palácio real. Não estava surpresa ao ver que os Nuccis já tinham pessoas reunidas esperando por seu arancini e panelle. Tanto bolinhos de arroz fritos quanto panquecas salgadas de grão-de-bico eram comidas de rua populares.

Domenico Pai enxugou a testa com um pano e entregou um saco de comida. Fiquei feliz em vê-lo longe do antro de jogos de Greed. Isso tornou uma parte do meu plano mais fácil.

Observei enquanto sua fila lentamente diminuía e as pessoas iam embora com seus sacos de comida. Meu estômago roncou com a visão e os cheiros, e decidi que comprar algo era uma boa desculpa para conversar. Eu precisava comer mesmo.

— *Buongiorno*, Signorina di Carlo. O que você gostaria hoje?

— Panelle com rodelas de limão extras, por favor.

O Nucci mais velho fritou as panquecas planas com perfeição, colocou algumas pitadas de sal marinho e as adicionou a um saco de papel com uma rodela extra de

limão. Entreguei minhas moedas e me movi para o lado, onde seu toldo fornecia um pouco de sombra.

— Como está o Domenico Filho?

— Ele está com problemas?

Não tinha certeza de como responder a isso, então usei um dos truques favoritos de Wrath e ignorei.

— Minha irmã havia mencionado ele, e ouvi dizer que ele tem passado muito tempo no mosteiro. Deve ter sido difícil para ele, perder alguém que gostava.

O olhar de Domenico Pai se desviou para a pessoa que estava atrás de mim antes que ele entregasse um pedido de arancini e colocasse mais alguns na cesta da fritadeira.

— Ele está bem. Foi para Calabria esta manhã ajudar seu primo.

Parei de mastigar minha panelle. De todas as vezes que Domenico Filho podia sair de casa, era estranho que ele escolhesse esse momento. Mudei de tática.

— Você já passou algum tempo naquela sala de jogos? — Perguntei, esperando que não fosse muito rude. — Eu preciso encontrar o mais rápido possível.

Ele balançou a cabeça.

— Receio não poder te ajudar. Eu ouvi dizer que o dono foi embora.

Internamente, gritei e amaldiçoei a deusa das oportunidades perdidas. Estava prestes a ir embora quando notei uma tatuagem estranha em seu antebraço. Uma

pegada segurando o que parecia ser um caule de erva-doce. Meu olhar foi para a lateral de seu carrinho de comida — o mesmo símbolo estava pintado lá. Eu estava errada. Eu nunca tinha visto no diário da minha irmã. Eu tinha visto no dia em que Wrath e eu tentamos nos aproximar para investigar o assassinato de Giulia Santorini. Prendi a respiração quando finalmente encaixou no lugar. Signore Nucci era um metamorfo.

Eu engoli em seco e lentamente ergui os olhos. Domenico Pai percebeu que eu estava olhando para sua tatuagem e desenrolou rapidamente a manga, apesar do calor do dia.

Sua reação disparou sinais de alerta.

Pensei novamente no diário da minha irmã. Tudo o que dizia era Domenico Nucci. Nunca houve menção de filho ou pai...

— É você — eu disse, deixando cair meu saco de panelle. — Vittoria escreveu seu nome no diário. Nunca foi Domenico Filho. Você a machucou? Ela descobriu o que você é?

— Não é.... não grite esse tipo de acusação por aí. Me dê um segundo.

Domenico virou a placa do estande para FECHADO e fez sinal para que eu o seguisse virando a esquina onde havia menos tráfego de pedestres. Eu não queria deixar a

multidão, e ele parecia saber disso. Ele parou onde ainda estávamos cercados, mas não podíamos ser ouvidos.

— Sua irmã servia bebidas no antro de jogos de Greed.

Meu coração bateu descontroladamente. Finalmente, depois de todo esse tempo, eu tinha outra dica sobre o que Vittoria andava fazendo antes de ser morta.

— E? Ela sabia o que você é? — Ele assentiu. — Você já a viu com Greed?

— Sim. Ela veio até ele uma noite com uma ideia. Eles estavam trabalhando em um plano com o qual ambos se sentiam confortáveis.

— Como você se envolveu em tudo isso? — Ele não parecia inclinado a responder, então puxei a faca que escondo em meu corpete e deixei o sol brilhar na lâmina. Aprendi muitos truques com o demônio da guerra. — De um jeito ou de outro, vou conseguir minha informação, signore. A escolha é sua sobre como faremos isso.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele engoliu em seco e olhou ao redor. — Você sabe sobre os benandanti.

Eu assenti. Todo mundo sabia.

— Metamorfos, em certo sentido. Seus espíritos se transformam em formas animais para viagens astrais quatro vezes ao ano. Eles também lutam nas Batalhas Noturnas.

— Bom, isso é o que os benandanti são. Nós não somos eles, mas eles assumiram o nosso símbolo, por isso somos

frequentemente confundidos. Podemos mudar de forma fisicamente sempre que quisermos. Somos chamados de Lobos da Brasa. Os benandanti são humanos, nós não. Ao menos não totalmente. A maioria diria que somos lobisomens.

— Lobisomens — repeti. — Você fisicamente se transforma em um lobo?

Domenico Pai assentiu.

Precisei de um momento para me recuperar. Eu nunca tinha ouvido falar de um Lobo da Brasa, mas havia muitas histórias sobre lobisomens. De acordo com velhas histórias que me contaram, os lobos ficavam com sua matilha e eram leais apenas uns com os outros. Eu não entendia como ou por que ele se associaria com demônios.

— Por que você estava com Greed?

Seu olhar caiu para o chão.

— Fizemos uma barganha.

Uma memória de vê-lo com pilhas de fichas de jogo passou pela minha cabeça. Tinha a suspeita de que sabia para onde isso estava indo.

— Ele prometeu perdoar suas dívidas se você o ajudasse?

Ele assentiu.

— Pensei que era uma barganha tola para ele. Então descobri que não foi ideia dele, para começar. Ele disse que tudo o queria era que os lobos lutassem ao lado do diabo

quando a hora chegasse. Não nos transformamos em quase duas décadas, então não achei que a barganha tivesse valor.

— Por que vocês não se transformam?

Ele ergueu um ombro.

— Ninguém tem certeza. Um dia podíamos, no próximo não.

— Mas isso mudou recentemente, não foi? — Perguntei. — Alguém se transformou?

— Quando um garoto comemora seu vigésimo ano, ele geralmente se transforma pela primeira vez.

E eu apostaria qualquer coisa que Domenico fez aniversário recentemente, e ficou muito surpreso quando se transformou em um lobo.

— Você não contou ao seu filho o que você é?

Ele lentamente balançou a cabeça.

— Fazia tanto tempo.... Não pensei que aconteceria. Quando Dom se transformou, eu sabia que estávamos com problemas. Eu disse a ele o que tinha prometido. — Ele limpou uma lágrima de sua bochecha. — A decepção nos olhos do meu filho foi o suficiente para acabar comigo. A vergonha que trouxe ao nosso legado, nossa família. Lobos não lutam por ninguém fora de nossa matilha. Agora Dom reza no mosteiro por mim e por si mesmo, esperando que todos perdoem meus pecados.

— Como minha irmã descobriu o que você é?

Ele considerou isso por um momento.

— Não tenho certeza. Mas foi ela quem disse a Greed para barganhar comigo. Quando o acordo foi fechado, ela me fez prometer manter minha palavra com ele.

— Vittoria arranjou a barganha entre você e Greed? — Perguntei, o coração martelando. — Tem certeza de que foi ideia dela e não dele?

— Positivo — Signore Nucci disse. — Era parte de seu plano maior. Mas ela nunca me disse o que era, então receio não poder te ajudar com isso. Disseram-me apenas para estarmos prontos quando nos chamassem.

Soltei um suspiro lento. Vittoria encontrou uma maneira de forçar dois inimigos a trabalharem juntos. Uma frente unida para lutar contra o verdadeiro inimigo. Que ainda era desconhecido. Eu considerei essa nova informação cuidadosamente. Minha irmã acreditou em Greed. Eu acreditei em Wrath. E Envy ainda era o assassino óbvio, exceto que…ele não se gabava de ter arrancado corações do corpo de ninguém, e ele não tinha meu amuleto. O que significava que nosso assassino ainda podia estar por aí.

— Domenico não está realmente no continente, está?

— Não — Signore Nucci admitiu, fungando. — Ele está no mosteiro.

Todos os caminhos continuavam levando ao mosteiro. E eu não acreditava mais em coincidências.

O corpo da minha irmã foi encontrado lá.

A sessão de vidência de Claudia deu terrivelmente errado lá.

Domenico rezava lá quase todo dia, mas, segundo Claudia, ele também falava com os membros da irmandade. Eu apostaria qualquer coisa que ele pode ter confidenciado seus problemas para a pessoa errada, especialmente por causa da forma como eles agiram na noite em que encontrei Claudia.

Me despedi do Signore Nucci e corri para caçar minha próxima pista.

Antes de Vittoria ser assassinada e meu mundo ir para o Inferno, Nonna disse que havia caçadores de bruxas ativamente procurando por presas na ilha. Eu os descartei depois de invocar Wrath e encontrar três outros príncipes do Inferno vagando pela terra. Mas talvez eu tenha me precipitado

Se alguém queria matar bruxas, a ordem sagrada era a suspeita perfeita. Quem melhor para erradicar o mundo do mal do que aqueles ordenados por Deus?

Pensei na noite em que encontrei Claudia, no Irmão Carmine, que tinha um brilho assassino nos olhos. Ele deu um passo à frente, parecendo faminto por sangue. Eu sabia que ele desprezava bruxas, e ele não fazia um de seus discursos mordazes no mercado há anos. Eu só podia

imaginar o quanto ele amaria subir em sua caixa de sabão e vomitar mais ódio.

Seu desprezo aberto pelos usuários de magia o tornava o principal suspeito de um caçador de bruxas.

Hoje, de uma forma ou de outra, eu descobriria os segredos que a santa irmandade estava guardando.

QUARENTA E SEIS

Um grupo de figuras vestidas com mantos estava reunido no pátio. A tensão entre a irmandade era tão densa quanto o calor do verão. Um de seus membros estava desaparecido e várias jovens mulheres estavam mortas. Não fiquei surpresa que eles estivessem culpando o diabo. Me escondi perto da parede do prédio principal e meu olhar varreu a multidão, procurando por um membro que eu sabia que não encontraria.

O Irmão Carmine estava no centro, sua mão dando socos no céu com cada palavra apaixonada que saía de sua boca. Aparentemente, eu havia chegado no ápice de seu discurso.

— Nosso Deus é um Deus poderoso e não vai tolerar uma infestação do mal — ele disse. — Devemos ser guiados por Seu exemplo nestes tempos difíceis e sombrios. A hora do julgamento está sobre nós. Devemos parar o diabo antes que ele semeie as sementes de seus maus caminhos! Venha, vamos falar a Boa Palavra ao nosso próximo. Vamos conduzi-los à Salvação.

— Amém! — Todos eles gritaram em uníssono.

A multidão se dispersou em direção à cidade, para salvar almas humanas. Virei a esquina e soltei um suspiro tenso. O Irmão Carmine não estava falando sobre o diabo quebrando a maldição, mas o que ele disse foi um pouco alarmante em sua exatidão. Pela primeira vez, as almas

humanas realmente estavam em perigo. Minha suspeita sobre ele se aprofundou. Se um misterioso grupo de caçadores de bruxas se formou, era muito, muito provável que eu acabei de localizá-los. Eu estava contemplando se deveria ou não segui-lo quando senti o chamado da magia vindo de dentro do mosteiro. Foi como na noite em que encontrei o corpo de Vittoria.

Se não mais poderoso.

Talvez eu apenas fosse melhor em sentir isso agora. Ou talvez tenha algo a ver com o conjunto completo de chifres em minha posse. Tirei o *cornicello* de minha irmã de onde o escondi em meu vestido e o segurei. Mesmo para uma bruxa não humana, parecia sacrilégio usar os chifres do diabo em um espaço sagrado. Mas não havia como eu entrar sem proteção. Coloquei o *cornicello* dela junto com o que já estava usando, sentindo uma pontada de magia em minhas veias.

Antes de entrar, dei uma última olhada ao redor. Tudo estava quieto agora. A irmandade se foi. Atravessei o pequeno pátio e abri a porta. Enquanto eu corria pelo corredor vazio, a não ser pelas múmias, eu senti... alguma coisa observando.

Eu me virei e examinei o corredor que costumava fazer meu coração acelerar e minhas mãos tremerem. Desta vez, quando meu pulso disparou, não era porque eu estava com

medo do que encontraria. Eu *queria* que alguém tentasse me atacar.

— Apareça.

Ao contrário dos romances que Vittoria adorava ler, nenhum vilão emergiu com uma risada sombria para tornar poético os planos malignos de seu mestre. Ninguém apareceu. Eu estava realmente sozinha. Fechei os olhos, peguei o Chifre de Hades, respirei fundo e me concentrei. Quando olhei para o aparentemente vazio corredor dos mortos novamente, ouvi sussurros fracos.

Não eram deste mundo.

Me desliguei de tudo ao redor, exceto o som das vozes abafadas. Eu segui, indo para mais fundo nas catacumbas. Observei cada curva e corredor novo que entrei, esperando encontrar o caminho de volta se tivesse que correr. Nunca fui tão longe no mosteiro antes; eu nem sabia que *havia* tantos corredores labirínticos que se retorciam e se aprofundavam, bem no centro da terra.

Conforme eu continuava silenciosamente, o zumbido das vozes ficou mais alto. Meus nervos formigaram. Algo mágico estava perto. E era poderoso. Parte de mim queria ignorar e fugir. Mas muita coisa estava em jogo. Eu continuei, me forçando a enfrentar meus medos.

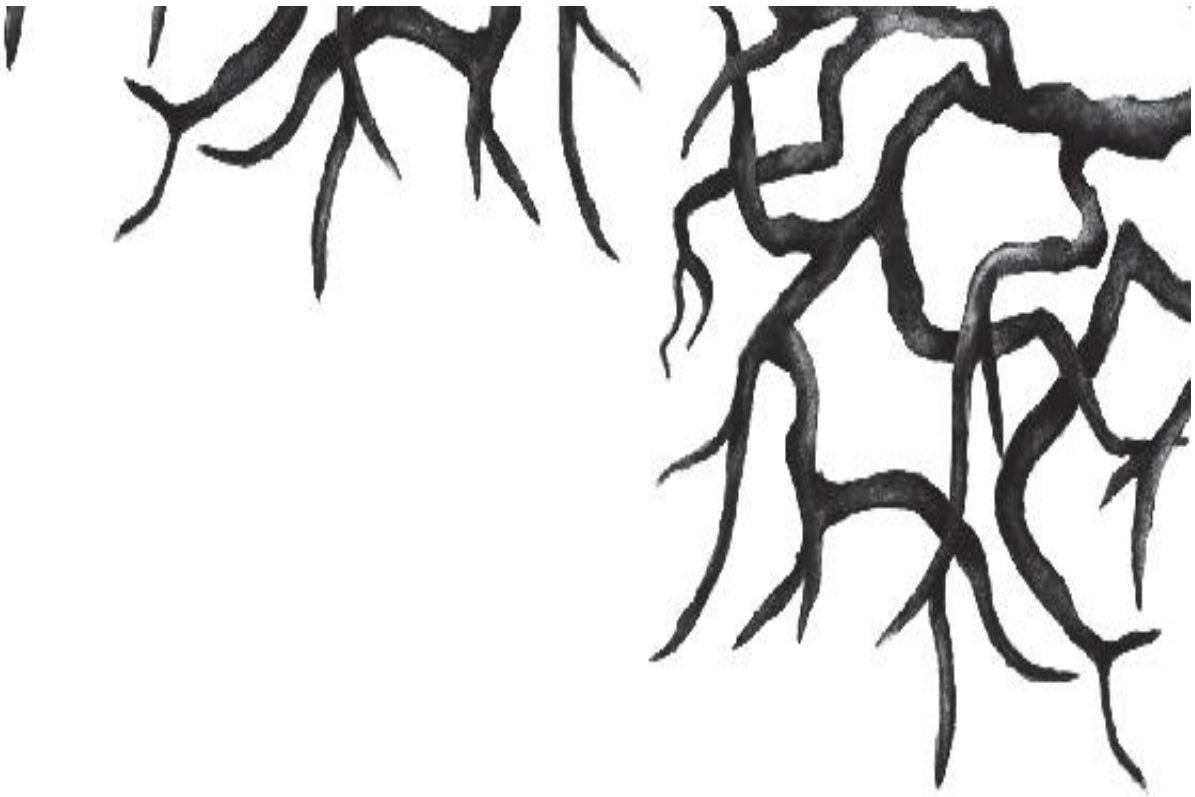
Vários minutos depois, parei em um corredor úmido esculpido em pedra calcária com uma tocha solitária em uma arandela. A luz tremeluzia ameaçadoramente, como o

rabo de um gato irritado. Eu não precisava de um sinal da deusa para saber que algo perigoso estava por perto. Eu não sabia se meu estômago se revirou de receio ou de ansiedade. De um jeito ou de outro, alguma coisa estava para acontecer.

Uma porta perto do final do corredor estava entreaberta em um convite. Eu dei os últimos passos e parei ao lado dela. Poderia muito bem ser uma armadilha, mas os sussurros tornaram-se frenéticos agora.

Eu precisava ver o que estava lá. Eu me aproximei mais, o pulso acelerado e abri um pouco mais a porta. Do lado de fora, o cômodo parecia vazio. As aparências muitas vezes enganavam. Antes de entrar, olhei ao redor apenas para ter certeza de que não era uma armadilha. Partículas de poeira giravam em círculos. Tudo estava quieto. Ilusão é um tipo de magia enganosamente fácil — muitas vezes projeta o que você espera encontrar.

Eu deveria saber disso.



QUARENTA E SETE

No momento em que cruzei a soleira, soube que havia cometido um erro. Parecia que o ar era uma faixa que se soltou e me prendeu no lugar. Eu empurrei querendo voltar para a porta, mas era inútil. Eu ficaria nesta sala até quem quer que tenha feito o feitiço de contenção decidisse me libertar.

Os sussurros que eu estava ouvindo se transformaram em uma conversa completa. Havia tantas vozes, tantas conversas, que eu mal podia ouvir meus próprios pensamentos.

— Está aqui.

— Ela chegou.

— Abra a capa do livro.

— Liberte-a.

Eu cobri meus ouvidos e procurei por qualquer saída possível ou meios para quebrar o feitiço. Eu queria que o barulho parasse. *Agora*. O feitiço sumiu abruptamente, como se estivesse em sintonia com meus desejos. Meu olhar passou pela verdadeira versão do cômodo. As paredes eram cobertas em latim. Linhas e mais linhas — algumas palavras maiores, outras menores — preenchiam cada centímetro das paredes do chão ao teto. Alguém esteve muito ocupado. Eu nunca tinha visto magia usada assim antes.

As letras brilhavam e pulsavam suavemente como se fossem parte de uma entidade viva e respirando. Eu queria cair de joelhos; um feitiço tão poderoso não seria facilmente quebrado. Mas eu não desistiria ainda. Procurei por sinais de uma emboscada. Eu estava sozinha, exceto por um livro.

Meu batimento cardíaco desacelerou. Isso tinha que ser a “coisa” que Vittoria descreveu em seu diário.

Quando voltei minha atenção para o livro, as vozes começaram novamente, mais suaves, mais atraentes. Eu hesitantemente tirei as mãos das orelhas. Eu mal podia respirar. Esse era o segredo que minha irmã morreu para manter. Eu sabia no fundo dos meus ossos.

Um único feixe de luz iluminava o velho livro encadernado em couro, que estava fechado em um pedestal esculpido em um pedaço sólido de obsidiana. Eu nunca tinha visto uma pedra preciosa tão grande antes, e cautelosamente avancei até que parei sobre o livro misterioso. As vozes se aquietaram.

Um símbolo de lua tripla moldado em estanho adornava a capa, mas não havia título para indicar o que continha. Era definitivamente mágico, dada a quantidade de poder que emanava de suas páginas. Uma luz suave lavanda o cercava. Isso me lembrou do *luccicare* que eu via ao redor dos humanos e era do mesmo tom de roxo da minha tatuagem. Eu não sabia o que significava, mas tinha

uma boa ideia do que era — o primeiro livro de feitiços. Impossivelmente, Vittoria *havia* encontrado o grimório de La Prima.

Era tão evidente, tão simples. E, mesmo assim, custou muito à minha irmã.

De repente, tive vontade de queimá-lo.

Não era maior do que qualquer outro livro antigo, mas o poder era diferente de tudo que já senti. A capa estava desgastada em lugares onde parecia que tinha sido aberto e fechado um milhão de vezes.

Como na noite em que encontrei o corpo da minha irmã, havia um puxão silencioso e insistente no meu centro. Desta vez, implorava para mim abrir o livro, para vislumbrar os feitiços que eu sentia derramando dele. Eu lentamente estendi a mão e abri no lugar que havia sido marcado com uma fita.

Um papel preto familiar com raízes douradas nas laterais me cumprimentou. Eu examinei a página — era uma invocação da estrela da manhã. Eu fechei o livro e me afastei.

Alguém havia invocado o diabo. Ou queria.

Eu respirei algumas vezes, a mente acelerada. Este era o misterioso grimório do qual minha irmã havia rasgado as páginas. De alguma forma, sua magia a levou para o primeiro livro de feitiços, e então ela removeu os feitiços para invocar demônios. Eu sabia com certeza que ela não

tinha escondido o texto em nosso minúsculo quarto, eu o teria sentido no momento em que entrasse na nossa casa e a Nonna também, o que significava que Vittoria deve tê-lo escondido aqui. Mas por que ela pensaria que estaria seguro dentro das paredes da irmandade... havia uma conexão, eu só tinha que *pensar*.

— Finalmente.

Pulei para trás quando uma figura encapuzada entrou no aposento, e peguei o meu giz abençoado. Essa tinha que ser a pessoa para quem o mensageiro vendeu seus segredos. Aposto que era o Irmão Carmine. É irônico que um caçador de bruxas tenha armado uma armadilha usando magia. A figura puxou o capuz para trás e eu congelei, pronta para o irmão que odiava bruxas atacar. Em vez disso, Antonio se moveu mais rápido do que eu pensava ser possível e tirou o giz de minhas mãos como se pudesse crescer garras e me machucar. Eu o observei quebrar no chão, e então voltei para a realidade. O alívio inundou meu sistema.

— Antonio! Você está vivo. Eu pensei... — Ergui o olhar e percebi a expressão e seu rosto. A preocupação não estava presente. O ódio que estava. Meu coração bateu forte quando dei um passo para trás. — O-o que aconteceu? Envy machucou você?

— Um anjo de Deus nunca me machucaria. — Seus lábios se puxaram em um sorriso que era muito distante

dos doces e tímidos que eu me lembrava. — Diferente de você.

Eu mal podia respirar enquanto tudo se encaixava. Envy não o machucou ou o manteve cativo. Pelo contrário. Antonio entregou Claudia de boa vontade direto nas mãos dos meus inimigos. Ele sabia que ela era uma bruxa e...

— É você. *Você* matou minha irmã. — Minha voz tremeu. — Por quê?

— É realmente tão difícil de acreditar? Que eu, um homem de Deus, gostaria de livrar o mundo do mal?

— Você soa como o Carmine. — Fechei as mãos em punho, precisando sentir a picada das minhas unhas para não atacar. — Matar mulheres inocentes não é um ato de maldade?

— Os melhores anjos de Deus são guerreiros ferozes, Emilia. Às vezes, para realizar o bem maior, devemos primeiro nos tornar a lâmina da justiça e cortar nossos inimigos. Você não entenderia. Não é algo que você seria capaz de fazer, *bruxa*.

O pouco controle que eu consegui manter, me deixou.

— Você não sabe *nada* do que posso fazer.

— Talvez não. Mas se você usar magia em mim agora, vai provar que estou certo. — Ele apontou com o queixo para meus amuletos. Eles estavam brilhando ferozmente. — *Todas* as bruxas nascem más.

Meu temperamento e mágoa cresciam. Eu dei um passo à frente e liberei a ira reprimida que estava segurando desde o assassinato da minha irmã gêmea.

— Você está errado. Não nascemos más. Algumas de nós se tornam assim. Através do ódio.

Fios do meu cabelo se levantaram como se de repente houvesse uma brisa. Uma tempestade estava se formando e não era deste mundo. As palavras brilhantes que nos cercavam pulsaram mais rápido. Magia chamuscava o ar e encantamentos que eu não conhecia giravam em minha mente. Talvez os chifres do diabo estivesse me alimentando, ou o primeiro livro de feitiços.

Talvez fosse simplesmente minhas próprias trevas escapado. Eu não me importava.

Eu segurei o Chifre de Hades e sussurrei um feitiço tão condenável que as palavras queimaram quando deixaram meus lábios. Eu levantei o braço, então deixei cair como um arco. Garras invisíveis cortaram em tiras as vestes de Antonio.

Desta vez, poupei sua carne.

O medo entrou em seus olhos. Ele lentamente recuou, as mãos erguidas. Como se isso fosse me impedir.

— Assustado? — Eu dei um passo em direção a ele. — Você deveria estar. Eu apenas comecei.

Eu levantei o braço e ele se encolheu. Sua voz estremeceu.

— M-misericódia, Emilia. P-por favor.

— Agora você quer misericórdia? — Uma raiva pura e incandescente queimava em minha alma. — Diga-me, minha irmã implorou?

Eu pensei em seu peito, o buraco onde seu coração esteve. Ele fez isso com ela. Nosso amigo. Eu joguei o braço para trás e abri o peito *dele.* Olho por olho. Justiça. Ele pressionou os dedos nas feridas, viu o sangue e tropeçou. Não foi nada mais do que um arranhão.

Fúria me impulsionou para frente.

— Você ofereceu misericórdia a Vittoria quando ela implorou por sua vida? Ou Valentina? Quantas mulheres imploraram para você poupá-las? Onde estava sua misericórdia então?

Ele caiu de joelhos e começou a rezar. Eu esperei. Mas Deus não apareceu. A deusa da morte e da fúria sim. Eu ajoelhei com os olhos brilhando e o forcei a olhar para mim. Eu queria que ele visse o rosto da minha irmã também. Lágrimas escorriam por seu rosto. Eu lutei contra a vontade de esmagar seu crânio contra o chão e observar a vida deixar aqueles olhos cheios de ódio.

Morte seria uma gentileza. E eu não estava me sentindo particularmente gentil.

— Quando eu finalmente te matar, você vai implorar pela doce libertação da morte, Antonio. — Olhei para meu dedo, me concentrei em uma lâmina invisível espetando-o.

Um minúsculo rubi de sangue brotou. — Eu juro pelo meu sangue, você nunca conhecerá felicidade verdadeira novamente. Seu coração será amaldiçoado e quebrado cada vez que você esquecer os pecados que cometeu. E toda vez que você rir, eu estarei lá, esperando, para lembrá-lo.

Eu estava prestes a selar o juramento com a gota de sangue, quando o cheiro de urina encheu o espaço ao nosso redor, despertando uma memória em mim. Eu tinha assustado Antonio a ponto dele urinar. Assim como Wrath fez quando ele espancou para conseguir informações de.... Eu me assustei e deixei minha mão cair ao meu lado.

Wrath, um príncipe do Inferno, mostrou misericórdia.

Sabendo o tipo de poder que ele tinha, não sei como ele conseguiu se conter. E eu gostaria de ser um pouco mais como ele agora. Mas eu não era.

— Novas regras. Você vai me contar a verdade sobre tudo que eu perguntar e só então pensarei em poupar sua vida. Entendeu?

— S-sim. — Ele balançou a cabeça várias vezes e inalou profundamente. — O-o que v-você quer saber?

— Antes de você conhecer esse “anjo da morte”, algo deve ter provocado isso. Me diga o que ficou tão destorcido em você. Tão sujo.

— E-eu não... — Ele balançou a cabeça. — T-tudo bem. Uma semana antes de minha mãe morrer, eu a levei para

uma mulher que pensava que usava apenas magia popular e orações para curar. Acontece que ela era uma bruxa. — Sua risada era vazia. Eu dei a ele um olhar monótono e ele a sufocou. — Ela causou a morte da minha mãe. Eu jurei, naquele momento, fazer as pazes com Deus. Eu prometi que se conhecesse outra bruxa, iria mandá-la direto para as masmorras do Inferno, onde ela pertence. Então minhas orações foram atendidas.

— Como?

— Um anjo veio até mim, pouco depois, falando sobre a maldição do diabo. Ele disse que para quebrá-la, o diabo precisava se casar com uma bruxa. O anjo me disse que isso não poderia acontecer, senão o diabo seria libertado. Ele disse que forneceria os nomes das noivas em potencial, e tudo o que eu tinha que fazer para nos salvar do verdadeiro mal, era matar bruxas.

Meu olhar se desviou para o primeiro livro de feitiços. Pensei em minha irmã novamente.

— Esse anjo deu a você o nome da minha irmã?

Seu olhar caiu para o chão.

— A morte da sua irmã foi.... Eu não queria.... Eu até pedi ao anjo para poupá-la, mas ele disse que deixar uma semente do mal faria mais crescer. Eu lutei por um tempo. Eu até argumentei que ela não era uma bruxa, que ele estava enganado. Então ela.... — Ele se recusou a encontrar meus olhos. — Então ela começou a falar sobre

invocar o diabo naquela noite no mosteiro, e eu não podia negar a verdade. Ela teve que ser parada.

Segurei minha fúria. Vittoria sempre brincou sobre invocar o diabo, ou azarar alguém, ou outras coisas bobas que ela dizia na frente de humanos. Eles normalmente riam, pensando que ela estava brincando. Eu ficava preocupada que um dia alguém pudesse começar a questioná-la. Nunca pensei que seria alguém próximo a nós.

— Você a traiu. Me traiu.

— E você não fez o mesmo comigo? — Ele perguntou, sua voz ficando momentaneamente afiada antes que se contivesse. — Você lançou um feitiço para que eu me apaixonasse por você. Você mentia na minha cara todos os dias, escondendo a verdade do que você é. — Apesar da minha demonstração anterior de poder, seu rosto se contorceu de raiva. — Você pertence ao Inferno com as outras almas amaldiçoadas e malditas. Você não é nem humana. Você me enoja.

— Eu *nunca* usei um feitiço de amor em você.

— Você pode honestamente dizer, antes de hoje à noite, que nunca usou magia em mim sem meu consentimento? Você é uma exceção à regra?

— Claro que nunca usei, eu... — Fechei a boca. Eu usei um feitiço proibido da verdade nele quando éramos crianças. Eu violei seu livre-arbítrio. O que eu fiz foi errado,

mas não dava a ele o direito de assassinar mulheres em retribuição. — Como você planejava impedir o diabo de encontrar uma bruxa em uma cidade diferente?

— Invocando ele.

— Você, um homem de Deus, fazendo o trabalho de supostos anjos, queria invocar o diabo?

— Oh, eu não quero fazer isso, Emilia. Mas farei o que for preciso. Eu quero que ele assista enquanto destruo seus chifres.

Minha mão foi para o meu amuleto.

— Como...

— Como eu sabia que você está usando os chifres do diabo? — Ele zombou. — Meu anjo da morte. Veja, primeiro destruiríamos todas as bruxas vivas. Então, invocaríamos o diabo e passaríamos uma lâmina através dele.

— Qual é o nome desse anjo?

Antonio ergueu um ombro.

— Ele não quis me dizer. Mas havia alguma coisa... poderosa sobre ele. Eu sabia que ele não estava mentindo. Somente algo enviado do céu poderia inspirar tanta glória.

Quer Antonio soubesse ou não, eu apostava minha alma que ele foi influenciado por um príncipe do Inferno. E acho que sei exatamente quem orquestrou tudo: Envy O demônio traidor. Eu só precisava de provas, e então o destruiria.

— Como os corações influenciam?

Ele me deu um olhar estranho.

— Corações?

Como se ele não soubesse. Claramente, sua cooperação estava acabando. Ou talvez houvesse partes de seus atos bestiais que ele não conseguia enfrentar. Eu parei de prestar atenção em Antonio e comecei a pensar em meu próximo movimento. Pensei em minha irmã, sobre seu plano de invocar o diabo. Ela queria barganhar com ele.

Talvez ela soubesse que Envy, ou algum outro príncipe do Inferno estava cutucando as mãos do destino, e que o único jeito de detê-lo era ajudar Pride a quebrar a maldição. O que explicaria por que ela queria que os lobisomens e Greed se unissem. Quaisquer que fossem suas razões, ela pensava que seu melhor curso de ação era ir para o submundo. Antonio pode ser o instrumento da morte, ele pode ter escolhido cometer esses atos atrozes, mas ele não agiu sozinho.

Agora eu queria descobrir quem mais ajudou a matar minha irmã.

Uma ideia selvagem e maluca se formou em minha cabeça. Se Antonio realmente conseguisse invocar o diabo agora, eu poderia usar isso a meu favor. Minha irmã acreditava que governar no Inferno era sua melhor escolha.

Talvez também fosse a minha.

— Se você vai invocar o diabo, por que esperar?

— *Você* vai invocar ele. — Antonio sorriu. — E eu vou matá-lo quando você fizer isso.

Eu gostaria de vê-lo tentar. Apontei para o círculo de invocação semiacabado e agarrei os amuletos.

— Acenda as velas.

Ele fez o que pedi e rapidamente terminou de montar o círculo. Em vez de usar ossos de animais, ele colocou acônito florido entre cada vela. Encarei as pétalas azuis e roxas em forma de capacete. Não era o que eu pensaria que alguém usaria para invocar Pride.

Quando o último pedaço de acônito estava no lugar, ele recuou e murmurou um convite para eu repetir em latim. Seu "anjo" o ensinou bem.

Como na vez em que invoquei Wrath, fumaça encheu o círculo. Um raio ricocheteou ao redor, a atmosfera estalando como se estivéssemos presos no meio de uma tempestade terrível. Eu esperava ver um homem bonito diante de nós. Eu não esperava ver Antonio. Seus olhos eram piscinas de azul prateado; a única indicação de que ele não era o jovem que cresceu na casa ao lado.

Ele olhou ao redor, seus movimentos não muito naturais. Eu segurei minha posição enquanto ele me olhava. Pride tomou posse do corpo de Antonio. Antes que eu pudesse forçar minha expressão em uma máscara de tédio, ele se aproximou. Segurei a respiração. Sua atenção

permaneceu nas presilhas incrustadas de diamante em meu cabelo.

— Tenho um presente para você, *Stella Streghe.*

Sua voz era linda. Depois do que aprendi recentemente sobre o bem e o mal, não sei por que esperava que fosse com múltiplos tons e estridente.

— E o que vai me custar esse presente?

Seu sorriso era tudo menos terno.

— Apenas sua alma, é claro.

Eu sorri de volta, meu novo noivo. Ele não tinha ideia de que uma tempestade logo se aproximaria do Inferno.

— Você tem minha atenção, Pride. Me impressione.

Ele correu o olhar sobre mim lentamente e estalou os dedos. Uma carga de magia encheu o ar. Algo estalou e um vestido apareceu.

Estava pendurado em uma fonte invisível, saias flutuando. A parte de cima era um espartilho metálico coberto inteiramente com trepadeiras espinhosas. Camadas pretas se juntavam nos quadris e fluíam para o chão em ondas espumantes de meia noite. A cada camada havia minúsculas jóias esfumaçadas costuradas, me lembrando de uma hematita esmagada. Cobras pretas brilhantes enroscadas em nós estavam intrincadas na cintura como um cinto.

Eu não esperaria nada menos dramático para a futura rainha do Inferno.

Estava satisfeita por meu plano estar funcionando e também apavorada. Não tinha como voltar agora.

O vestido balançava e girava sozinho, como se usado por algum ser invisível, chegando cada vez mais perto de onde eu permanecia imóvel. Roçou contra mim e correu ao redor do meu corpo, girando descontroladamente até que fechei os olhos. Eu não gostei de como me lembrou da festa invisível de Lust. Na verdade, odiei.

Tudo parou imediatamente. Olhei para baixo, surpresa ao ver que meu vestido cor de vinho tinha sumido, e em seu lugar a beleza escura abraçava minhas curvas.

Arfei quando me apertou com mais força.

O diabo inclinou a cabeça.

— Todos saúdem a nova consorte.

Meu coração disparou.

— Ainda não recebi uma coroa.

— Oh, mas você vai. — De repente, ele puxou uma adaga com a cabeça de um leão que rugia e mirou no coração dele, de Antonio. — Ouvi falar da vingança que você busca. Aceite esse sacrifício humano como um presente da Casa Pride, Vossa Alteza.

— Não!

A palavra singular saiu em uma estranha voz de vários tons que era ao mesmo tempo minha, e completamente desconhecida. A lâmina pairou contra a pele de Antonio, mas não perfurou.

Eu respirei fundo.

— Vou encontrar você, ou seu representante, em uma hora na caverna onde invoquei Wrath pela primeira vez. Tenho algo que preciso fazer antes de dar minha resposta final.

O foco do diabo mudou para mim.

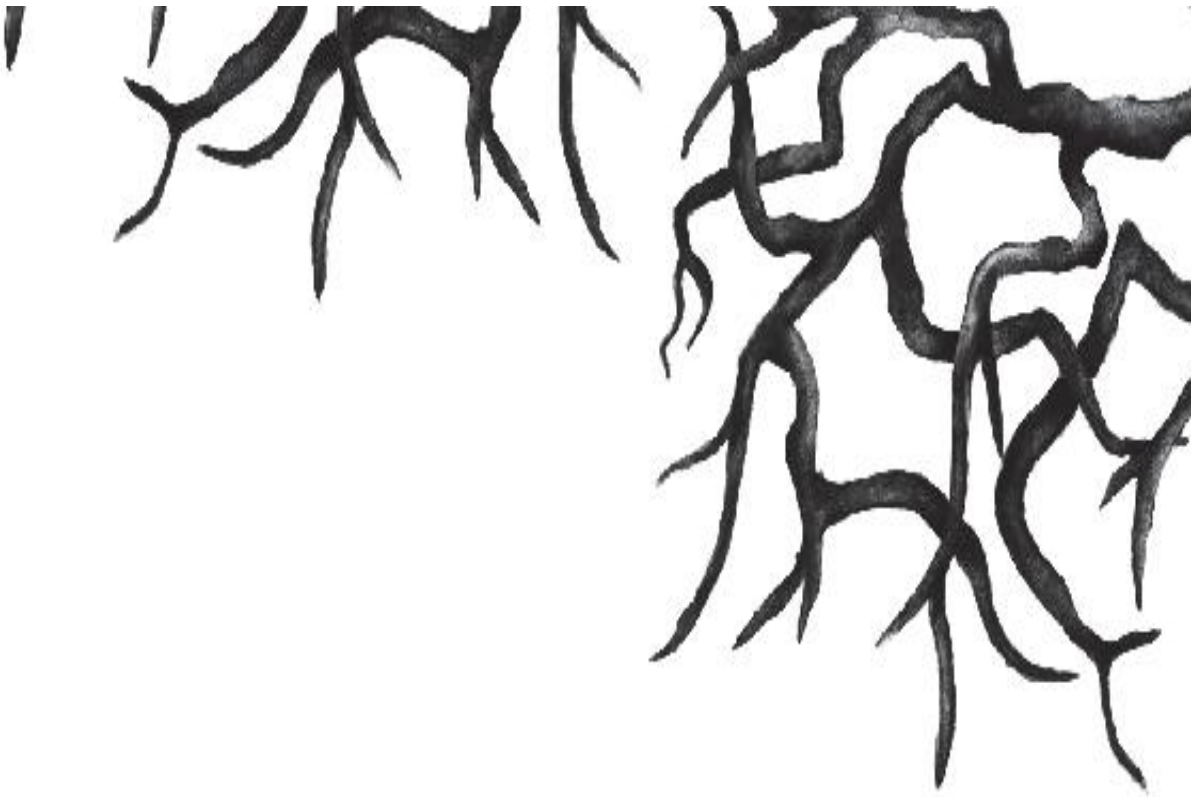
— Feito.

— *Somnus* — sussurrei, colocando o corpo de Antonio em um sono encantado. Se alguém se vingaria dele, seria minha mão que o puniria.

Com o coração martelando, olhei em direção ao primeiro livro de feitiços. Eu queria alguns minutos para ler e recolher qualquer magia de última hora antes de escondê-lo dos Perversos, mas ele se foi.

Não importa. Eu faria isso de outra maneira. Sem olhar para trás, deixei a câmara usando os chifres do diabo e meu novo vestido sinistro, sentindo meu pulso acelerar a cada passo. Antes que a noite acabasse, eu faria um acordo com Pride que, com sorte, seria a ruína de seu reino.

Eu silenciosamente jurei para minha irmã que não descansaria até que *todos* os responsáveis por sua morte encontrassem seu fim.



QUARENTA E OITO

O diabo não chegou montado em um corcel cuspidor de fogo ou no meio de uma tempestade violenta. Na verdade, não foi o rei dos demônios que veio me buscar.

Wrath entrou na luz bruxuleante, parecendo frio como o gelo e perigoso. Eu inconscientemente me movi em direção a ele, então congelei. Um rosnado baixo varreu a caverna. Não veio dele, mas de algum animal escondido nas sombras. Um aviso da deusa, sem dúvida.

Algo estava muito errado...

Inspecionei Wrath de uma distância segura. Não havia nada familiar nesse demônio. Essa criatura deixava poucas dúvidas sobre onde ele governava. Ele era o mais perverso dos Malvagi.

Uma parte traidora de mim ficou aliviada por ele estar vivo. Mesmo sabendo que ele era imortal, eu não acreditava totalmente que ele tinha sobrevivido ao ataque brutal de Envy. Outra parte de mim, mais sábia, lutou com a negação de que foi ele quem veio coletar minha alma. A traição queimou dentro de mim.

Não sei porque esperava outra coisa de um príncipe do Inferno desprezível.

Lágrimas de raiva picaram meus olhos. Nonna estava certa sobre tudo. Os Perversos eram mentirosos habilidosos. Wrath certamente me enganou com seu ato. Ele me fez pensar que estava morto. E que ele se importava. Deve tê-lo divertido muito — me ver cair sob seu feitiço. Uma bruxa ingênua e

solitária que estava desesperada o suficiente para buscar ajuda de seu inimigo mortal...

E nosso beijo. Pensei que senti paixão, calor. Outra ilusão lançada pelo meu inimigo.

Eu lutei contra um calafrio enquanto ele corria seu olhar sobre mim. Onde antes queimava com intensidade, agora estava coberto de gelo. Era impossível discernir qualquer um de seus pensamentos. Eu desesperadamente queria acreditar que *esse* era o ato, que ele não era realmente frio e cruel assim. Ele não disse nada e expressou ainda menos. Envy, Greed e Lust pareciam totalmente humanos se comparados a esse ser sobrenatural diante de mim.

Ele usava um terno condizente com sua posição real, as mãos casualmente enfiadas nos bolsos. Uma coroa preta com rubis nas pontas dos espinhos pousava em sua cabeça. Se virada de cabeça para baixo, pareceria como se estivesse pingando sangue. Sua roupa tinha camadas de carvão e obsidiana com costuras de ouro. Seda e veludo. Se eu não olhasse muito de perto, ele parecia mais um anjo do que um príncipe das trevas.

Levantei mais o queixo, dando a ele uma visão clara dos amuletos em volta do meu pescoço.

— Demônio.

— Bruxa.

— Pensei que estava morto.

— Lamento desapontar.

Sua atenção se voltou para o círculo de contenção, onde Antonio flutuava em uma espécie de animação suspensa. As sombras ao longo do teto formavam garras. Eu quase podia ouvir o arranhar áspero de suas unhas contra a pedra. A expressão de Wrath permaneceu vazia, mas imaginei que ele não esperava ver um humano magicamente aprisionado. Não me incomodei em esconder meu sorriso provocador. Deixe-o ver o que eu posso fazer.

Ele voltou seu olhar entediado para mim.

— Está pronta para vender sua alma?

Eu encarei por um momento, absorvendo essa versão dele. Não tinha percebido quantas vezes Wrath havia me olhado com fogo ardente até que foi substituído por indiferença gelada. Quem quer que estivesse diante de mim agora, não era o mesmo demônio que eu achei que conhecia. Queria me afastar dele, fugir.

— Bem? — Seu tom foi cortante. Havia vitória no olhar do demônio. Sem frustração, nem lampejo de desejo, nem respeito conquistado duramente. Eu era um meio para um fim. Outra rainha bruxa em potencial para adicionar à lista daquelas que foram massacradas antes mesmo de caminhar para o altar. Eu tentei não pensar em meu próprio destino incerto. Mesmo que se resumisse a viver por despeito, jurei sobreviver não importa quem, ou o quê, viesse em busca do meu coração. Tinha poucas dúvidas de que minha vida estava em perigo. Wrath me disse que monstros viriam por mim, e

nisso eu acreditava. Um estava diante de mim agora. — Decidiu?

— Quase.

Ele me avaliou, formando uma pequena carranca. Talvez ele tenha ficado desapontado por eu não ter sido intimidada por sua presença real e autoridade. Recusei-me a fingir que entendia qualquer coisa do que ele sentia ou desejava. Eu não era tola o suficiente para pensar que ele se apaixonou por mim, mas eu poderia jurar que nós dois mudamos de uma animosidade fria para algo um pouco mais quente. Eu agarrei o Chifre de Hades enquanto considerava minhas opções cada vez menores. O leve zumbido de magia era reconfortante — como um abraço de minha avó. Se eu ficasse, os portões do Inferno se enfraqueceriam e se abririam, destruindo tudo que me era querido. Eu já encontrei os demônios Umbra e Aper, o Viperidae semelhante a uma cobra e quatro dos terríveis sete príncipes do Inferno.

Tive sorte de ter escapado com vida e eu era mais difícil de matar do que a maioria. O mundo humano não estava equipado para lidar com a carnificina que hordas de demônio trariam se os portões se abrissem. Imaginei a Nonna usando outro colar de sangue vermelho rubi, os olhos leitosos e sem vida. Tive visões de minha mãe e meu pai massacrados em nosso restaurante. Todos os humanos inocentes em nossa cidade — jazendo em montes podres, fedendo ao sol escaldante.

Eu já perdi minha irmã; não ia perder mais ninguém.

— Eu concordo. Sob duas condições.

Uma nova faísca iluminou seu olhar. Junto com raiva, inteligência e astúcia brilhando para mim.

— Muito bem. Vamos ouvir sua contraoferta.

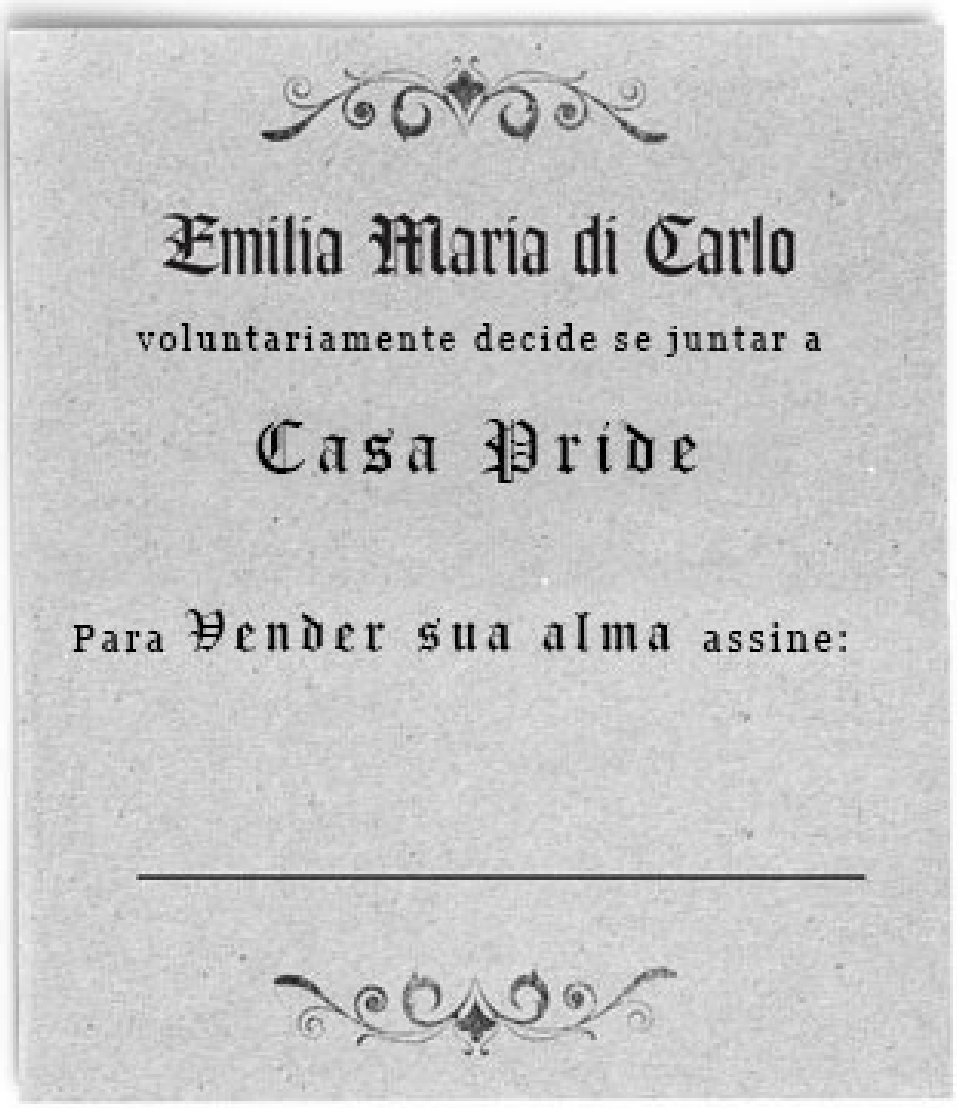
Fiquei orgulhosa de como minha voz não vacilou.

— Deste ponto em diante, nenhuma outra bruxa será caçada, nenhum humano será atacado. Eu quero que cada príncipe do Inferno fique fora deste mundo. E Antonio será meu prisioneiro e farei o que quiser com ele. Caso contrário, não me juntarei à Casa Pride.

— Falou como uma verdadeira princesa do Inferno. — Seu sorriso era afiado. Ele parecia presunçoso, como se soubesse um segredo. — Tem certeza de que é isso que você quer? É isso que você escolhe? — Assenti. Wrath olhou por um momento muito longo, como se estivesse tentando me incinerar. — Feito.

Um pergaminho se materializou junto com uma pena de um corvo, a ponta mais como lâmina do que caneta. Quando nenhum pote de tinta apareceu, eu imediatamente percebi o porquê. Meu coração batia descontroladamente. Se eu não fugisse agora, não haveria como desfazer isso. Alguns laços nunca poderiam ser desfeitos.

Li cuidadosamente o pergaminho.



Era bastante simples. Não tinha muitas maneiras de trapacear. O que me preocupou mais. Vender a alma não deveria ser fácil. Tive mais dificuldade em pechinchar com vendedores no mercado sobre roupas. Uma parte de mim queria rir. Mas havia pouco humor a ser encontrado nesta caverna.

Antes que pudesse correr gritando, espetei meu dedo e assinei a venda de minha alma com sangue, a magia me

ligando ao diabo por toda eternidade. Quando terminei, o pergaminho desapareceu em uma fiapo de fumaça. Fiquei olhando até que o cheiro de enxofre se dissipou, lutando contra uma onda crescente de pânico.

— Mais alguma coisa? — Perguntei quando uma sensação estranha de formigamento caiu em torno de mim como uma capa. Wrath acenou com a cabeça para meus dois amuletos. Claro. O diabo queria seus chifres de volta. Eu os arranquei do meu pescoço e os joguei no chão da caverna, sua ausência já um estranho tipo de tortura.

Eles desapareceram.

Respirei fundo. Eu não precisava mais me preocupar em me esconder dos Malvagi — Os Perversos me encontraram. Mas estava tudo bem; eu encontrei eles também. E eu esperava que eles se arrependessem do dia em que vieram atrás de mim e dos meus. Logo, eu estaria profundamente dentro de seu reino, e estaria perfeitamente posicionada para descobrir os verdadeiros jogadores por trás dos assassinatos, e o que realmente queriam.

Então, eu começaria a destruí-los. Se não me matassem primeiro.

Passei por Wrath, caminhei até a borda da caverna e olhei para baixo. Pode ser a última vez que vejo este mundo e quero memorizá-lo. Uma onda furiosa bateu nas rochas, espalhando-se para cima em sussurros ásperos. Encarei as ondas da cor de tinta, tentando acalmar meu pulso acelerado. Pareciam lâminas de prata brilhando ao luar. Nonna diria que era um

sinal de que coisas traiçoeiras estavam por vir. Desta vez, não pude discordar.

O chão tremeu de repente, pedras se espalharam, morcegos voavam para fora da caverna. Me preparei contra a onda inesperada de magia, temendo que a caverna desabasse.

Eu me virei, o foco disparando para Antonio, ou onde ele estava. O assassino de Vittoria havia sumido. Em seu lugar, o poder de Wrath girava como a cauda de uma poderosa serpente. Ele sorriu, um rápido lampejo de dentes. Não estávamos mais ligados e seu poder era avassalador, infinito. Eu me recusei a deixar meu medo aparecer.

O sorriso do demônio desapareceu e ele silenciosamente estendeu a mão.

— Você vem comigo?

Eu sabia que ele estava apenas perguntando educadamente por causa da etiqueta demoníaca. Eu não queria concordar, não queria tocá-lo novamente, mas sabia que não conseguiria encontrar meu caminho para o submundo sem sua magia sombria.

— Sim.

Envolvi meus dedos em torno dos dele antes que minhas emoções me traíssem. Havia um poder crepitante em nossa conexão. Pequenas correntes faiscaram sobre nossa pele. Antes que eu pudesse pensar sobre isso, a fumaça nos envolveu. Uma dor lancinante seguiu. Parecia que meu corpo inteiro estava queimando. Eu engasguei com um grito. Os dedos de Wrath apertaram os meus. Não havia terra, nenhuma

conexão com o mundo natural, nada tangível; exceto meu aperto no príncipe, que agora odiava mais do que o resto combinado.

A dor durou apenas um momento antes que uma nova sensação provocasse um medo ainda maior. Pisamos em terra firme novamente. O que significava...

Deusa acima, eu mal conseguia respirar. Eu queria fechar meus olhos para sempre.

Em vez disso, olhei para frente, endireitei os ombros e esperei a fumaça se dissipar.

Eu esperava que o reino dos perversos estivesse pronto para uma rainha vingativa.

Notas

[←1]

Irmão em italiano

[←2]

Prosecco é um vinho branco italiano, produzido nas variantes espumante, frizzante e tranquillo, dependendo do grau de perlage. É produzido a partir da uva glera, uma casta de videira, anteriormente conhecida por prosecco, originária da região de Veneto, Itália.

[←3]

Xingamento em italiano que consiste mandar que a outra pessoa tenha relações sexuais com os seus familiares mortos.

[←4]

Wrath significa *ira* em inglês e é um dos sete pecados. Também é o nome de um dos sete príncipes do Inferno…

[←5]

Capisce: “entendeu” em italiano.

[←6]

Como Wrath em inglês significa ira, por isso é dito que ele é a personificação viva da

mesma.

[←7]

Ganância em inglês, e um dos sete pecados.

[←8]

Variedade de jogo de cartas.

[←9]

É um molho italiano feito de alho, tomate e pimentão vermelho seco cozido em azeite de oliva.

[←10]

Os abetos são árvores perenifólias (ou sempre-verdes), da família do pinheiro, valorizadas por sua madeira e pelas essências extraídas de suas folhas. São populares como árvores de Natal.

[←11]

Em termos de botânica, uma planta perene é uma cujo tempo médio de vida pode chegar aos três anos ou mais. Também é característica das plantas que possuem folhas durante o ano todo.

Table of Contents

Table of Contents
PRÓLOGO
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
QUATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA
TRINTA E UM
TRINTA E DOIS
TRINTA E TRÊS
TRINTA E QUATRO
TRINTA E CINCO
TRINTA E SEIS
TRINTA E SETE
TRINTA E OITO
TRINTA E NOVE
QUARENTA
QUARENTA E UM
QUARENTA E DOIS
QUARENTA E TRÊS
QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E SEIS
QUARENTA E SETE

QUARENTA E OITO

Table of Contents

Table of Contents
PRÓLOGO
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
QUATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA
TRINTA E UM
TRINTA E DOIS
TRINTA E TRÊS
TRINTA E QUATRO
TRINTA E CINCO
TRINTA E SEIS
TRINTA E SETE
TRINTA E OITO
TRINTA E NOVE
QUARENTA
QUARENTA E UM
QUARENTA E DOIS
QUARENTA E TRÊS
QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E SEIS
QUARENTA E SETE

QUARENTA E OITO